

JEAN SASSON

A VIDA SECRETA DAS
PRINCESAS
ÁRABES

UMA
HISTÓRIA
REAL



JEAN P. SASSON

SULTANA

A VIDA DE UMA PRINCESA ÁRABE

TRADUÇÃO de MARIA LUISA SANTOS

TITULO ORIGINAL: PRINCESS

Este livro é dedicado a Jack W. Creech

Ele teve a certeza, desde o primeiro instante, de que era importante contar a história de Sultana. Só ele conheceu a angústia por que eu passei ao reviver a minha velha amizade com Sultana escrevendo este livro, e foi ele, mais que qualquer outra pessoa, que me ofereceu generosamente a

sua amizade e apoio emocional nos tempos difíceis durante os quais este livro se foi transformando, lentamente, em realidade.

A história da princesa Sultana é verdadeira. Embora as palavras sejam da autoria da escritora, a história é da princesa. As chocantes tragédias humanas aqui descritas são factuais.

Os nomes foram mudados e procedeu-se a uma ligeira alteração de vários acontecimentos, tendo em vista a protecção de indivíduos identificáveis.

Nem a escritora, ao contar esta história, nem a princesa tiveram a menor intenção de denegrir a religião Islâmica.

Agradecimentos:

Assim que me decidi a escrever este livro, li e reli os apontamentos e diários de Sultana que esta me confiara. Ao seleccionar as aventuras da sua vida espantosa que retrataria neste livro, senti a excitação de um detective. E, no entanto, sentia sobre mim o peso da responsabilidade solene que

era ter de pôr cuidadosamente de parte os acontecimentos que pudessem trazerlhe problemas. As

palavras são minhas mas a história é de Sultana.

Estoute grata, Sultana, por teres a coragem de partilhar a tua história com o mundo. Ao assumires essa posição temerária, contribuíste para humanizar os árabes, um povo mal compreendido pelo Ocidente. Tenho a esperança de que, ao revelar os pormenores íntimos da tua vida na condição de mulher árabe, em todo o seu sofrimento e glória, a tua história possa ajudar a desmistificar

os numerosos estereótipos negativos que se têm, por toda a parte, em relação ao teu povo. Quem

ler a tua história não poderá deixar de compreender que, tal como em qualquer país do mundo,

existem coisas boas e más. Nós, no Ocidente, ouvimos falar só mal da Arábia Saudita. Eu sei, tal

como tu, que apesar dos costumes primitivos que, cruelmente, cerceiam a liberdade da mulher na

tua terra, existem muitas árabes, como tu, merecedoras do nosso respeito e admiração pela sua luta contra séculos de opressão.

Agradeço ainda, aqui mais perto de mim, a Liza Dawson, a minha editora na William Morrow,

que se apaixonou pela história de Sultana mal leu o manuscrito pela primeira vez. Os seus comentários e sugestões contribuíram para enriquecê-la.

Também desejo agradecer a Peter Miller, o meu agente literário. Apreciei o entusiasmo inabalável que demonstrou em relação a este livro.

O meu obrigado muito especial para Pat L. Creech, licenciada em Filosofia, que, desde o início ajudou-me a dar forma a este livro.

Eu teria achado a narração da história de Sultana muito mais difícil se não fossem o amor e o

apoio da minha família. Fico particularmente grata a meus pais, Neatwood e Mary Parks. Esse amor e

esse apoio foram ainda mais profundamente sentidos no decorrer da redacção deste livro tão pessoal.

FACTOS NACIONAIS

NOME OFICIAL: Reino da Arábia Saudita.

SUPERFÍCIE: 2149690 quilómetros quadrados.

POPULAÇÃO: Aproximadamente 14 milhões de habitantes.

GOVERNO: Monarquia absolutista dominada pela família Saud. O rei nomeia um Conselho de Ministros para o assistir na formulação da política.

RELIGIÃO: Islamismo; 95 % da população professa o islamismo sunita, e 5 % o islamismo xiita, concentrando-se esta na Província Leste.

LÍNGUAS: Árabe. O inglês é muito falado nos círculos comerciais.

CLIMA: Quente e seco. As temperaturas podem chegar aos 54 C nos verões quentes. Durante os meses de Inverno, podem variar entre os 10 C e os 27 C.

MOEDA: Real saudita. Dólar = 3,73.

ECONOMIA: A riqueza baseia-se nas exportações petrolíferas. A Arábia Saudita é o maior produtor dentro da OPEP. Um sexto do total mundial de petróleo é produzido neste país.

ARÁBIA SAUDITA E PAÍSES VIZINHOS

Mar Mediterrâneo

Israel

Iraque

Irão

Egipto

Kuwait

Qatar

Emirados Árabes Unidos

Sudão

Etiópia

Arábia

FACTOS SOBRE PAÍSES VIZINHOS DA ARÁBIA SAUDITA

EGIPTO: População: 54 milhões; Religião: islamismo sunita (90%); cristianismo copta (10%)

ISRAEL: População: 4,7 milhões; Religião: judaísmo (82%), islamismo sunita (14%), cristianismo (2,5%), outras (1,5%);

JORDÂNIA.: População: 3,2 milhões (apenas na Area Leste); Religião: islamismo sunita (93%), cristianismo (5%), outras (2%);

IRAQUE: População: 17,9 milhões; Religião: islamismo xiita (54%), islamismo sunita (43%), cristianismo (3%)

KUWAIT: População: 2 milhões; Religião: islamismo sunita (63%), islamismo xiita (28%), cristianismo (7%), hinduísmo (2%)

BAHREIN: População: 510000; Religião: islamismo xiita (48%), islamismo sunita (38%), cristianismo (7%), outras (7%)

QATAR: População: 450000; Religião: islamismo sunita (93%), cristianismo (5%), outras (2%)

Emiratos Árabes Unidos: População: 1,9 milhões; Religião: islamismo sunita (74%), islamismo xiita (21%), cristianismo (5%)

IRÃO: População: 56,7 milhões; Religião: islamismo xiita (92%), islamismo sunita (7%), outras (1%)

OMÃ: População: 1,5 milhões; Religião: islamismo ibadi (69%), islamismo sunita (18%), hinduísmo (13%)

IÉMEN: População: 11,8 milhões; Religião: islamismo sunita (53%), islamismo xiita (47%)

ETIÓPIA: População: 54 milhões; Religião: ortodoxismo etíope (53%), islamismo (32%), tradicional (15%)

SUDÃO: População: 28,6 milhões; Religião: islamismo sunita (74%), tradicional (16%) cristianismo (8%), outras (2%).

INTRODUÇÃO

Sou princesa numa terra onde os reis ainda governam. Devem conhecerme apenas por Sultana. Não posso revelar o meu nome verdadeiro, pois receio que possa acontecer algo de mal a mim e à minha família pelo que vos irei contar.

Sou uma princesa saudita, membro da família real da Casa de AISaud, os actuais governantes do Reino da Arábia Saudita. A minha qualidade de mulher num país governado por homens não me permite falarvos directamente. Pedi a uma amiga e escritora americana, Jean Sasson, que me ouvisse e, posteriormente, contasse a minha história.

Nasci livre, no entanto hoje estou presa por grilhões. Invisíveis, mantiveram-se lassos e passaram despercebidos até a idade da razão reduzir a minha vida a um estreito segmento de medo.

Não me restam recordações dos primeiros quatro anos. Imagino que tenha rido e brincado como todas as outras crianças pequenas, abençoadamente alheia ao facto de o meu valor, dada a ausência de um órgão reprodutor masculino, não ser significativo na minha terra natal.

Para compreenderem a minha vida, é necessário conhecerem aqueles que vieram antes de mim. Nós, os AISaud do presente, somos a sexta geração que descende dos primeiros emirados do Nadj, as terras beduínas que hoje fazem parte do Reino da Arábia Saudita. Os primeiros AISaud eram homens cujos sonhos não os levaram além da conquista de terras desérticas circunstantes e da aventura que eram os ataques nocturnos a tribos vizinhas.

Em 1891, a calamidade abateu-se sobre o clã AISaud quando este foi derrotado em batalha e se viu obrigado a abandonar o Nadj. Abdul Aziz, que um dia seria meu avô, era uma criança na altura. Foi com dificuldade que sobreviveu às agruras daquela fuga pelo deserto. Mais tarde, recordaria a profunda vergonha que sentira quando o pai lhe ordenara que se enfiasse num alforge grande que depois foi pendurado na sela

do seu camelo. Nura, sua irmã, ia encolhida num alforge pendurado no outro lado do camelo que transportava seu pai. Amargurado por ser demasiado jovem para combater e ajudar, assim, a salvar o seu lar, o jovem espreitou, irado, pela abertura do saco, enquanto ia balançando ao ritmo das passadas do animal. Humilhado pela derrota sofrida pela família, ao ver desaparecer de vista a beleza assombrosa da sua terra natal, contaria, mais tarde, que aquele momento representara um ponto de viragem na sua jovem vida. Após dois meses de travessia nómada do deserto, a família dos AISaud encontrou refúgio no

país do Kuwait. A vida de um refugiado era tão detestável para Abdul Aziz que este jurou, ainda muito novo, reconquistar as areias do deserto que outrora haviam sido o seu lar.

Assim, em Setembro de 1901, Abdul Aziz, então com vinte e cinco anos, regressou à

nossa terra. A 16 de Janeiro de 1902, depois de meses de grandes provações, ele e os seus homens derrotaram estrondosamente os Rashid, seus inimigos. Nos anos que se seguiram, a necessidade de consolidar a lealdade das tribos do deserto levou Abdul Aziz a desposar mais de trezentas mulheres, as quais, a seu tempo, deram à luz mais de cinquenta filhos varões e oitenta filhas. Os filhos das esposas favoritas foram honrosamente distinguidos; esses filhos, agora adultos, constituem o próprio centro do poder na nossa terra. A mais amada de todas as esposas de Abdul Aziz foi Hassa Sudairi. Os filhos de Hassa estão hoje à cabeça das forças combinadas dos AISaud e governam o reino formado pelo pai. Fahd, um desses filhos, é hoje o nosso rei.

Muitos filhos e filhas desposaram primos dos ramos proeminentes da nossa família, tal como os AITurki, os Jiluwi e os AIKabir. Os príncipes que resultaram destas uniões e chegaram aos nossos dias encontram-se entre o número dos AISaud mais influentes. Presentemente, corre o ano de 1991, a nossa numerosa família é formada por cerca de vinte e um mil membros. Deste número, aproximadamente mil são príncipes e princesas que descendem directamente do nosso grande líder, o rei Abdul Aziz.

Eu, Sultana, sou uma dessas descendentes directas.

A minha primeira recordação nítida é de violência. Tinha eu quatro anos de idade quando fui esbofetada no rosto pela minha mãe, uma mulher que, normalmente, era meiga. Porquê? Porque imitara o meu pai nas suas orações. Em vez de orar a Meca, filo ao meu irmão de seis anos, Ali. Tomeio por um deus. Como poderia imaginar que não era? Já lá vão trinta e um anos e não esqueci ainda a dor pungente que aquela bofetada me provocou e o início das dúvidas na minha cabeça: se o meu irmão não era um deus, porque o tratavam como tal?

Numa família de dez filhas e um filho, o medo imperava na nossa casa: medo de que a morte levasse o único varão vivo; medo de que não viessem mais filhos varões; medo de que Deus tivesse amaldiçoado a nossa família com filhas. A minha mãe vivia cada gravidez aterrorizada, rezando por um filho macho, receando que viesse uma filha. Estas foram nascendo, umas atrás das outras, até perfazerem dez.

O maior receio da minha mãe tornou-se realidade quando o meu pai procurou uma esposa mais jovem com a finalidade de esta lhe dar mais filhos preciosos. A nova esposa Presenteou com três rapazes que nasceram mortos, antes de ele se divorciar dela. Finalmente, no entanto, a quarta esposa ofereceu a meu pai uma abundância de varões.

O meu irmão mais velho, porém, seria sempre o primogénito e, como tal, o chefe supremo. Eu, à semelhança das minhas irmãs, fingia venerá-lo, mas a verdade é que o odiava

como só os oprimidos sabem fazer.

A minha mãe casou com o meu pai aos doze anos. Ele tinha vinte. Estavase em

1946 o ano em que a Segunda Guerra Mundial interrompera a produção petrolífera, O petróleo, a força vital da Arábia Saudita do presente, ainda não trouxera, na altura, grande riqueza à família de meu pai, os AISaud, no entanto o impacto que tinha sobre os seus membros faziase sentir em pequenos pormenores. Os chefes das grandes nações haviam começado a prestar vassalagem ao nosso rei. Winston Churchill, o primeiroministro inglês, presenteara o rei Abdul Aziz com um luxuoso Rolls Royce. Verdemetalizado, com um banco traseiro que fazia lembrar um trono: o automóvel refulgia como uma jóia ao sol. Apesar de imponente, algo no automóvel o desiludiu nitidamente, pois o rei ofereceu, depois de o inspeccionar, a Abdullah, um dos seus irmãos preferidos. Abdullah, que era tio e amigo chegado de meu pai, colocoulhe o automóvel à disposição para a sua viagem de luademel a Gidá. Ele aceitou, para grande deleite de minha mãe, que nunca conhecera semelhante meio de transporte. Em 1946 deixando para trás séculos incontáveis, o camelo era o meio de transporte habitualmente usado no Médio Oriente. Passarseiam três décadas antes de o saudita médio trocar o dorso de um camelo pelo conforto de um automóvel.

Assim, os meus pais atravessaram alegremente o deserto, durante sete dias e sete noites, até chegarem a Gidá. Malogradamente, o meu pai, na sua pressa em partir de Riade, esquecerase da sua tenda; este descuido e a presença constante de vários escravos levou a que o seu casamento só fosse consumado depois de chegarem a Gidá.

Aquela viagem poeirenta e cansativa tornou-se uma das recordações mais felizes de minha mãe. Depois dela, dividiu sempre a sua vida entre “a altura anterior à viagem” e “a altura a seguir à viagem”. Em certa ocasião, disse-me que a viagem representara o fim da sua juventude, pois era demasiado nova para compreender o que a esperava no final da longa deslocação. Seus pais haviam morrido durante uma epidemia de febre, deixando-a órfã aos oito anos. Aos doze casara com um homem temperamental, propenso a crueldades tenebrosas. Não estava preparada para fazer outra coisa na vida que não fosse servi-lo.

Após uma breve estada em Gidá, meus pais regressaram a Riade, pois era aí que a família patriarcal dos AISaud dava continuidade à sua dinastia.

O meu pai revelou-se um homem impiedoso, e, como não podia deixar de ser, minha mãe tornou-se uma mulher melancólica. A sua união trágica acabou por dar origem a dezasseis filhos, dos quais onze sobreviveram a infâncias perigosas. Hoje, as suas dez filhas levam vidas controladas pelos homens com quem casaram. O único filho sobrevivente, um importante príncipe e homem de negócios saudita com quatro esposas e numerosas amantes, leva uma vida de grande fausto e prazer.

As minhas leituras levaram-me a saber que sucessores mais civilizados de culturas antigas sorriem diante da ignorância dos seus antepassados. À medida que a civilização avança, o medo da liberdade individual é ultrapassado pelo esclarecimento. A sociedade humana apressase, ansiosamente, a ir ao encontro do saber e da mudança. Surpreendentemente, na terra dos meus antepassados pouco mudou desde há um milhar de

anos.

É certo que surgiram edifícios modernos, os cuidados de saúde mais avançados estão à disposição de todos, no entanto a consideração pelas mulheres e pela sua qualidade de vida continua a ser alvo de um encolher de ombros displicente.

É incorrecto, porém, atribuir à nossa fé islâmica a responsabilidade pela posição subalterna que a mulher ocupa na nossa sociedade. Embora o Alcorão determine que a mulher vem a seguir ao homem, muito à semelhança da Bíblia, em que o homem é autorizado a exercer o seu domínio sobre a mulher, o nosso profeta Maomé só preconizou o bem e a justiça para quem pertence ao meu sexo. Os homens que vieram depois de Maomé é que preferiram seguir os costumes e tradições da Idade das Trevas, em vez de seguirem as palavras e o exemplo do Profeta. Este desprezava a prática do infanticídio, um costume vulgar no seu tempo, segundo o qual as famílias se livravam das meninas indesejadas. As próprias palavras do Profeta transmitem veementemente a sua preocupação perante a possibilidade de as mulheres serem alvo de maus tratos e indiferença:

“Que Deus conceda o Paraíso a quem teve uma filha e não a enterrou viva nem a desprezou ou preferiu os filhos varões a ela.”

No entanto, não há nada que os homens não façam nem tenham feito, nesta terra, para assegurar o nascimento de uma prole masculina e não feminina. O valor de uma criança nascida na Arábia Saudita ainda é medido pela ausência ou presença do órgão reprodutor masculino.

Os homens do meu país acham que são o que conseguirem possuir. Na Arábia Saudita, o orgulho da honra de um homem tem por base as suas mulheres, portanto têm de fortalecer a sua autoridade e supervisão relativamente à sexualidade das suas mulheres ou, então, enfrentar a vergonha pública. Convencidos de que as mulheres não têm controlo sobre os seus próprios desejos sexuais, tornase, assim, essencial que o macho dominante guarde cuidadosamente a sexualidade da fêmea. Este controlo absoluto sobre a mulher nada tem a ver com o amor, apenas com o medo de que a honra masculina seja maculada.

A autoridade de um homem saudita não conhece limites; a sobrevivência da sua mulher e filhos depende apenas da sua vontade. Na nossa casa, ele é a autoridade máxima.

Esta situação complexa principia na educação que os nossos rapazes recebem. O rapaz é ensinado, desde muito novo, que as mulheres pouco valem: estas existem apenas para seu conforto e conveniência. A criança testemunha o desdém demonstrado por seu pai em relação à mãe e às irmãs; este desprezo indisfarçado faz com que passe a desprezar todas as mulheres, impossibilitando a amizade com alguém do sexo oposto. Ao ensinarmos o papel de senhor sobre a escrava, é natural que, ao ter idade suficiente para escolher companheira, a encare como um bem pessoal e não em termos de igualdade.

Deste modo, as mulheres do meu país são ignoradas pelos seus pais, desprezadas pelos

irmãos e maltratadas pelos maridos. Este círculo é difícil de quebrar, pois os homens que impõem esta vida às suas mulheres garantem a própria infelicidade conjugal. Que homem poderá sentir-se verdadeiramente satisfeito rodeado de tanta tristeza? É evidente que os homens do meu país procuram satisfazer-se em casamentos sucessivos e arranjando, posteriormente, amantes atrás de amantes. Não devem saber que a sua felicidade pode estar em sua própria casa, com uma mulher que lhes seja igual. Ao tratarem as mulheres como escravas, como propriedade sua, os homens passaram a ser tão infelizes como as mulheres que dominam, e tornaram o amor e o verdadeiro companheirismo inacessível a ambos os sexos.

A história das nossas mulheres está enterrada por detrás do véu negro do secretismo. Nem o nosso nascimento nem o nosso falecimento fica lavrado em qualquer registo oficial. Embora o nascimento de filhos varões seja documentado em registos familiares ou tribais, o das raparigas não consta em lado nenhum. A emoção que vulgarmente se exprime diante do nascimento de uma menina é a de desgosto ou vergonha. Embora os partos nos hospitais e os registos governamentais estejam a aumentar de número, no campo, a maioria das crianças nasce em casa. O Governo da Arábia Saudita não procede ao recenseamento da sua população.

Perguntei muitas vezes a mim mesma se o facto de nós, mulheres do deserto, não sermos registadas nem à nascença nem na hora da morte, significará que não existimos. Se ninguém sabe da nossa existência, não quererá isso dizer que não viemos a este mundo?

Este facto, mais do que as injustiças que sofri na vida, levaram-me a assumir o risco real que é contar a minha história. As mulheres do meu país podem estar escondidas pelo véu e firmemente controladas pela nossa rígida sociedade patriarcal, mas a mudança virá, pois o nosso sexo está farto da restrição de costumes. Ansiamos pela nossa liberdade pessoal.

Com base nas minhas primeiras recordações e auxiliada pelo diário que comecei a escrever aos onze anos, tentarei traçarvos um retrato da minha vida como princesa na Casa de AISaud. Farei por trazer ao de cima as vidas enterradas de outras mulheres sauditas, dos milhões de mulheres vulgares que não nasceram na família real.

A minha paixão pela verdade é simples de explicar, pois sou uma dessas mulheres que foram ignoradas pelo pai, desprezadas pelos irmãos e maltratadas pelo marido. Não estou sozinha nesta situação. Existem muitas mais, igualzinhas a mim, a quem escapa a oportunidade de contar as suas histórias.

É raro a verdade escapar de um palácio saudita, devido ao grande secretismo que reina na nossa sociedade, no entanto o que aqui disse e o que a autora escreveu neste livro corresponde à verdade.

Infância

Ali deume uma bofetada que me atirou ao chão, mas eu recusei-me a entregá-lhe a reluzente maçã vermelha que o cozinheiro paquistanês acabara de me dar. O rosto de Ali começou a contorcer-se de raiva ao verme levar a maçã à boca e engolir, rapidamente e sem mastigar, os pedaços enormes que lhe ia arrancando. Ao recusarme a ceder à sua prerrogativa superior de macho, cometera um acto grave e sabia que em breve sofreria as consequências. Ali deume dois pontapés rápidos e correu em busca de Oniar, um egípcio que trabalhava como motorista para o nosso pai. As minhas irmãs tinham mais medo de Omar do que de Ali ou do meu pai. Desapareceram no interior da villa, deixandome sozinha para enfrentar a ira dos homens da casa.

Momentos depois, Omar, seguido de Ali, entrava apressadamente pelo portão lateral. Eu sabia que sairiam vitoriosos, pois os poucos anos que ainda vivera estavam já cheios de precedentes. Aprendera, desde muito nova, que todos os desejos de Ali tinham de ser satisfeitos. Ainda assim, engoli o último pedaço da maçã e fitei o meu irmão com ar triunfante.

Debatendome, em vão, entre as mãos enormes de Ornar, fui erguida no ar e levada para o gabinete do meu pai. Este desviou, relutantemente, os olhos do livro onde tinha a sua contabilidade e lançou um olhar irritado à filha que, aparentemente, estava sempre a aparecer-lhe pela frente, aborrecendoo, ao mesmo tempo que, em contrapartida, abria os braços à sua jóia mais preciosa: o filho mais velho.

Ali foi autorizado a falar, enquanto a mim proibiram-me que o fizesse. Dominada pelo desejo de conquistar o amor e a aprovação de meu pai, senti a coragem renascer em mim. Gritei o que, na verdade, se passara no incidente. Diante daquela explosão, o meu pai e o meu irmão ficaram a olhar para mim de boca aberta, pois no meu mundo, quem pertencia ao sexo feminino estava habituado a ficar resignadamente calado, sem exprimir opiniões. Todas as mulheres aprendem, desde muito cedo, a manipular as situações em vez de as enfrentar. O fogo que, outrora, ardia nos corações das orgulhosas e impetuosas mulheres beduínas extinguiu-se; no lugar delas vêem-se hoje mulheres submissas que poucas semelhanças apresentam já.

Quando me apercebi de que gritava, senti o medo convulsionar-me as entranhas. Quando o meu pai se levantou da cadeira, as pernas tremeram-me e vi o movimento do seu braço, porém não cheguei a sentir o golpe com que me agrediu o rosto.

Como castigo, todos os meus brinquedos foram dados a Ali. Para me ensinar que os homens eram os meus senhores, o meu pai decidiu que Ali seria a única pessoa a encher-me o prato às refeições. Ali, triunfante, davame as porções mais minúsculas e os piores pedaços de carne. Todas as noites ia deitar-me esfomeada, pois Ali colocara um guarda à minha porta e ordenara-lhe que me proibisse de receber comida da minha mãe

ou das minhas irmãs. Depois tentavame, entrando no meu quarto à meianoite, carregado de pratos fumegantes de galinha cozinhada e arroz quente.

Por fim, Ali cansouse da sua tortura, mas dessa altura em diante, ainda ele tinha apenas nove anos, passou a ser o meu inimigo mais ferrenho. Embora eu ainda só tivesse sete anos, “o incidente da maçã” fez com que me desse conta, pela primeira vez, que eu não passava de uma fêmea ao sabor dos ímpetos masculinos. Via a submissão sofrida da minha mãe e das minhas irmãs, no entanto continuava a manterme optimista e nunca duvidei de que, um dia, triunfaria e o meu sofrimento seria compensado pela justiça autêntica. Esta determinação, que surgiu em tenra idade, tornou-me a ovelhanegra da família.

Contudo, a minha infância também teve momentos agradáveis. Passei as minhas horas mais felizes em casa da tia da minha mãe. Viúva, demasiado velha para despertar a atenção e consequentes complicações por parte dos homens, tornara-se então uma pessoa alegre e cheia de histórias maravilhosas dos seus tempos de jovem, na época das batalhas tribais. Assistira ao nascimento da nossa nação, de modo que nos encantava com as histórias de coragem do rei Abdul Aziz e dos seus seguidores. Sentadas, de pernas cruzadas, sobre tapeçarias orientais, as minhas irmãs e eu mordiscávamos pastéis de tâmara e bolinhos de amêndoa enquanto mergulhávamos no drama das grandes vitórias alcançadas pelos nossos antepassados. A minha tia, ao relatarme as grandes façanhas dos AISaud em batalha, inspirou-me um novo orgulho pela minha família.

Em 1891, a família da minha mãe acompanhara o clã AISaud na sua fuga de Riade, após a derrota sofrida diante do clã Rashid. Dez anos mais tarde, os homens da nossa família regressaram com Abdul Aziz e reconquistaram a terra; o irmão de minha tia lutou ao lado de Abdul Aziz. Esta demonstração de lealdade valeulhe a entrada na família real através dos casamentos das suas filhas. Estava montado o cenário para o meu destino de princesa.

Na minha juventude, a minha família era privilegiada, embora não rica. Os rendimentos provenientes da produção de petróleo asseguravam abundância de alimentos e toda a assistência médica disponível, a qual parecia ser, na altura, o maior dos luxos.

Vivíamos numa villa ampla, feita de blocos de cimento e toda pintada de branco. Todos os anos as tempestades de areia reduziavam o branco a creme, mas os escravos do meu pai voltavam a pintar obedientemente as pedras, substituindo o tom de areia pelo branco. Os grossos muros de dez metros de altura que rodeavam o nosso espaço sofriam o mesmo tipo de manutenção. O lar da infância a que me habituei era uma mansão segundo os padrões ocidentais, no entanto, hoje vejo que, comparada com as actuais exigências da realeza saudita, não passava de uma habitação modesta.

Em criança, achava que a minha casa paterna era demasiado grande para ser acolhedora. Os corredores, compridos, eram escuros e ameaçadores. Destes partiam quartos de diversos formatos e tamanhos, escondendo os segredos da nossa vida. Meu pai e Ali viviam nos aposentos destinados aos homens, no segundo piso. Eu tinha o costume de ir espreitálos, para satisfazer a minha curiosidade infantil. Reposteiros de veludo

vermelhoescuro tapavam a luz do Sol. A atmosfera pesada cheirava a tabaco turco e a uísque. Dava uma olhadela tímida e apressavame a voltar à área das mulheres, no andar térreo, onde as minhas irmãs e eu ocupávamos uma vasta ala. O quarto que eu partilhava com Sara dava para o jardim privado das mulheres. A minha mãe mandara o pintor de amarelo vivo, tendo, por isso, o brilho de vida que tão ausente estava do resto da villa.

Os criados e servos da família viviam em quartos minúsculos e pouco arejados, que faziam parte de um edifício à parte, nas traseiras do jardim. Enquanto a nossa villa dispunha de ar condicionado, as instalações dos trabalhadores não se encontravam equipadas para suportar o clima quente do deserto. Lembrome de ouvir as criadas e os servos falarem do horror por que passavam quando chegava a hora de se deitarem. O único alívio que tinham para o calor era a brisa gerada por pequenas ventoinhas eléctricas.

O meu pai dizia que se lhes pusesse ar condicionado nos quartos, dormiriam o dia inteiro.

Omar era o único que dormia num pequeno quarto situado na casa principal. À entrada da nossa villa estendia-se um longo cordão dourado. Este encontrava-se ligado a

um chocalho no quarto do motorista. Quando este era preciso, tocavam essa campainha a chamá-lo; o seu som pôloia imediatamente de pé, quer fosse dia ou noite, levando-o até à porta do quarto das minhas irmãs. Confesso que não foram poucas as vezes em que puxei pelo cordão em plena sesta de Omar e a meio da noite. Depois, a ofegar violentamente, precipitavame para a minha cama e ficava quieta, qual criança inocente profundamente adormecida. Uma noite encontrei a minha mãe à minha espera quando voltava a correr para a cama. Com uma expressão de desapontamento no rosto diante

das maldades da filha mais nova, puxou-me uma orelha e ameaçou contar ao meu pai. Mas nunca o fez.

Desde o tempo do meu avô que tínhamos ao nosso serviço uma família de escravos sudaneses. A nossa população de escravos aumentava todos os anos, quando o meu pai voltava de Haj, a peregrinação anual que os muçulmanos fazem a Meca, trazendo mais crianças. Os peregrinos que iam do Sudão e da Nigéria vendiam os filhos a sauditas abastados, a fim de poderem arranjar dinheiro para regressar às respectivas pátrias. Uma vez sob os cuidados de meu pai, os escravos não eram comprados e vendidos à maneira dos que eram negociados pelos Americanos; participavam na vida doméstica e nos negócios do meu pai como se fossem seus. As crianças eram nossas companheiras de brincadeira e não sentiam compulsão para a subserviência. Em 1962, quando o nosso Governo libertou os escravos, a família sudanesa que trabalhava para nós implorou ao meu pai que a deixasse continuar a servir. Ainda hoje vive em sua casa.

O meu pai manteve viva a memória do nosso bem-amado rei Abdul Aziz. Falava do grande homem como se o visse todos os dias. Fiquei chocada, tinha então oito anos, ao saber que o velho rei morrera em 1953, três anos antes de eu nascer!

Após a morte do nosso primeiro rei, o reino ficou em grande perigo, pois o sucessor

escolhido pelo velho rei, o seu filho Saud, não possuía, para grande pesar de todos, qualidades de liderança, tendo dissipado a maior parte das riquezas provenientes do petróleo em palácios, automóveis e adornos para as suas esposas. Daí que o nosso país estivesse a resvalar para o caos político e económico.

Recordo uma ocasião, corria o ano de 1963, em que os homens da família reinante se reuniram em nossa casa. Na altura, eu era uma menina curiosa de sete anos. Omar, o motorista do meu pai, irrompeu pelo jardim com ares de grande importância e gritou às mulheres para que subissem ao piso de cima. Agitou as mãos na nossa direcção como se exorcizasse a casa de monstros, empurrandonos escadaria acima qual rebanho, até uma pequena sala de estar. Sara, a minha irmã mais velha, implorou à minha mãe permissão para se esconder no balcão cheio de arabescos, a fim de poder vislumbrar os nossos governantes a trabalhar, o que era raro. Embora víssemos os nossos poderosos tios e primos em ocasionais reuniões familiares, nunca estávamos presentes quando se tratava de assuntos de Estado importantes. Claro que, por altura da menstruação de cada mulher e subsequente recolhimento, o afastamento de quaisquer membros do sexo masculino que não fossem os pais e irmãos era repentino e total.

Levávamos uma vida de tal maneira enclausurada e entediante que até a nossa mãetinha pena de nós. Nesse dia chegou mesmo a juntar-se às filhas no andar do corredor, para, através do balcão, espreitar e ouvir os homens que se encontravam na ampla sala de estar, por baixo de nós. Eu, a mais nova, fiquei no colo da minha mãe. Esta, como medida de precaução, tapou-me suavemente a boca com a mão. Se fôssemos apanhadas, o meu pai ficaria furioso. As minhas irmãs e eu ficámos fascinadas pela imponente parada dos irmãos, filhos, netos e sobrinhos do falecido rei. Eram homens enormes, de túnicas esvoaçantes, que se juntaram com calma, aparentando um ar profundamente digno e grave. O rosto estóico de Faiçal, o príncipe herdeiro, chamounos a atenção. Nem mesmo os meus olhos inexperientes deixaram de notar que parecia triste e terrivelmente acabrunhado. Por volta de 1963, todos os sauditas tinham consciência de que o príncipe Faiçal geria o país com

competência, enquanto o rei Saud falhava rotundamente nessa missão. Sussurravase que o reinado de Saud era apenas um símbolo da unidade da família tão ferozmente defendida. Sentia-se que se tratava de uma situação estranha, injusta para o país e para o príncipe Faiçal, e que não deveria durar muito mais tempo.

O príncipe Faiçal mantinhase afastado do grupo. A sua voz habitualmente tranquila sobrepôs-se ao burburinho, a fim de pedir permissão para se pronunciar sobre questões que eram de grande importância para a família e o país. O príncipe Faiçal receava que o trono, tão difícil de conquistar, em breve se perdesse. Afirmou que o povo estava farto dos excessos da família real e que se falava não só em afastar o seu irmão devido à sua decadência, mas mesmo em desistir de todo do clã AISaud e escolher, em alternativa, um homem de Deus para a liderança.

O príncipe Faiçal fitou duramente os príncipes mais novos ao declarar, em voz clara e segura, que a indiferença destes pelo estilo de vida tradicional dos crentes beduínos faria cair o trono. Disse que se sentia muito triste por serem tão poucos os membros mais jovens da família real dispostos a trabalhar, contentandose em viver com o montante

mensal que lhes vinha dos provendos do petróleo. Seguiu-se uma pausa prolongada, enquanto esperava que os irmãos e parentes se pronunciassem. Como nenhum tinha nada a dizer, acrescentou que se ele, Faïçal, controlasse a riqueza petrolífera, o fluxo de dinheiro para os príncipes seria suspenso e arranjá-los-ia trabalho. Dirigiu um aceno de cabeça a seu irmão Mohammed e sentou-se com um suspiro. Reparei, do balcão, na agitação nervosa que percorreu os vários primos mais novos. Embora a mesada mais alta não ultrapassasse os dez mil dólares, os homens do clã AISaud estavam a enriquecer cada vez mais, graças à terra. A Arábia Saudita é um país grande e a maioria das propriedades pertence à nossa família. Além disso, os contratos de construção não são assinados sem que tragam algum benefício aos nossos.

O príncipe Mohammed, o terceiro irmão mais velho vivo, tomou a palavra e, do que conseguimos perceber, o rei Saud insistia agora no retorno ao poder absoluto que lhe fora retirado em 1958. Corriam rumores de que andaria pelo interior do país a falar contra seu irmão Faïçal. Era um momento devastador para a família de AISaud, pois os seus membros tinham formado sempre uma frente unida diante dos cidadãos da Arábia Saudita.

Lembrei-me de meu pai ter contado a história que explicava o facto de o filho mais velho vivo, Mohammed, ter sido preterido, na sucessão ao trono, em favor de Faïçal.

O velho rei declarara que, se a propensão de Mohammed fosse apoiada pelo poder da coroa, muitos homens morreriam, pois o seu temperamento violento era sobejamente conhecido.

A minha atenção foi de novo atraída pela reunião e ouvi o príncipe Mohammed dizer que era a monarquia em si que estava em perigo; abordou a possibilidade de se destronar o rei e colocar o príncipe Faïçal no seu lugar. Este soltou uma exclamação tão sonora que o som paralisou Mohammed. Faïçal falou calmamente, dando a impressão de que

o fazia chorando. Disse aos parentes que prometera ao seu adorado pai, no leito da morte, jamais se opor à governação do seu irmão. Em nenhuma circunstância poderia

quebrar a sua promessa, nem mesmo que Saud levasse o país à bancarrota. Se o destronamento de Saud se tornasse o cerne da reunião, nesse caso ele, Faïçal, teria de se retirar.

Seguiu-se um burburinho de vozes, enquanto os homens da nossa família concordavam que Mohammed, o irmão mais velho a seguir a Faïçal, devia tentar chamar o nosso rei à razão. Vimos os homens empunhar as xícaras de café e declarar o seu voto de lealdade ao desejo de seu pai de que todos os filhos de Abdul Aziz enfrentassem o mundo como uma força coesa. Quando a tradicional troca de despedidas começou, vimos os homens sair ordeira e silenciosamente da sala, tal como tinham entrado.

Mal eu sabia que aquela reunião era o princípio do fim da governação do rei Saud, meu tio. Assim, a nossa família e os cidadãos do país viram, entristecidos, os filhos de

Abdul Aziz serem forçados a afastar um dos seus da sua terra. O tio Saud ficara tão desesperado que, no fim, enviara uma mensagem ameaçadora ao irmão, o príncipe Faïçal.

Este último acto determinara o seu destino, pois era impensável um irmão insultar ou

ameaçar outro. Não estava escrito em parte nenhuma, mas o certo é que uma das regras de ouro dos beduínos era um irmão jamais virarse contra o outro.

Gerouse uma crise febril no seio da família e no país. Mais tarde, porem, viemos a saber que a atitude ponderada do príncipe Faïçal é que sustivera a revolução pretendida pelo tio Saud. Afastouse e deixou que fossem os seus

irmãos e os religiosos a decidir qual o melhor programa de acção a seguir pelo nosso jovem país. Ao fazêlo, retirou o

dramatismo pessoal ao movimento, de maneira a que o facto de serem homens de Estado a tomar as decisões apropriadas se tornasse menos transitório.

Dois dias mais tarde, soubemos da abdicação de uma das mulheres do tio Saud, pois o nosso pai encontravase ausente na altura, juntamente com os seus irmãos e primos.

Uma das nossas tias preferidas, casada com o tio Saud, veio até nossa casa presa de grande agitação. Fiquei chocada ao vêla arrancar o véu do rosto em frente dos nossos criados do sexo masculino. Acabara de chegar do palácio de Nasriyah, a casa do deserto do tio Saud (um edifício que, na minha mente, mostrava bem as maravilhas que o dinheiro pode comprar, sendo um exemplo ruinoso do que estava errado no nosso país).

As minhas irmãs e eu juntámonos à volta da minha mãe, pois a minha tia descontrolarase completamente e gritava acusações contra a família. Estava particularmente furiosa com o príncipe herdeiro Faïçal, culpandoo pelo dilema em que o marido se encontrava. Contounos que os cunhados tinham conspirado para tirar o trono que fora dado pelo pai ao escolhido, Saud. Disse, chorosa, que o ulemá, o conselho religioso, fora até ao palácio naquela mesma manhã e informara o seu marido de que devia abdicar da coroa.

Fiquei quase em estado de choque pela cena desenrolada diante de mim, pois raramente assistíamos a situações de confronto na nossa sociedade. Temos o hábito de falar suavemente e concordar com quem está diante de nós, enfrentando depois as dificuldades de maneira secreta. Quando a nossa tia, que era uma linda mulher, de longos caracóis negros, começou a puxar pelos cabelos e a arrancar as dispendiosas pérolas que trazia ao pescoço, percebi que o assunto era sério. Por fim, a minha mãe conseguiu acalmá-la, levandoa até à sala de estar para tomar um chá calmante. As minhas irmãs juntaramse em frente da porta fechada e tentaram ouvir o que sussurravam. Eu afastei as mãoscheias de cabelo com o dedo grande do pé e baixeime para apanhar as pérolas enormes

e macias. Deparei com uma quantidade razoável, que, à cautela, fui guardar dentro de um vaso vazio que estava no corredor.

A minha mãe acompanhou a nossa tia em lágrimas até ao Mercedes preto que a aguardava. Todas nós vimos o motorista ganhar velocidade, levando a sua inconsolável

passageira. Nunca mais voltámos a ver a nossa tia, pois esta acompanhou o tio Saud e o seu séquito até ao exílio. Mas a nossa mãe aconselhounos a não pensar menos bem do nosso tio Faïçal. Dissenos que a tia falara daquela maneira por estar apaixonada por um homem bom e generoso, o problema era que um homem assim não tinha de ser, obrigatoriamente, um bom governante. Contounos que o tio Faïçal estava a conduzir o país para uma era estável e próspera e que, ao fazêlo, provocara a ira dos menos capazes.

A minha mãe, apesar de não ser uma pessoa culta, pelos padrões ocidentais, mostrava grande sabedoria e ponderação.

FAMÍLIA

A minha mãe, encorajada por Mat, mulher do rei Faiçal, conseguiu proporcionar alguma educação às filhas, apesar da resistência de meu pai, que, durante muitos anos, se recusou sequer a considerar essa possibilidade. As minhas cinco irmãs mais velhas não receberam outra aprendizagem que não fosse o estudo do Alcorão, com uma professora

particular que ia a nossa casa. Durante duas horas, seis tardes por semana, repetiam as palavras de Fatima, a nossa professora egípcia, uma mulher severa com cerca de quarenta e cinco anos. Esta pedira, certa vez, permissão ao meu pai para incluir ciência, história e matemática na educação das minhas irmãs, porém este respondera com um firme

“não”, de modo que somente a récita das palavras do Profeta e nada mais que as palavras deste continuaram a soar pela nossa villa.

à medida que os anos foram passando, o nosso pai viu que muitas das famílias reais estavam a permitir às suas filhas os benefícios da educação. Com a vinda da grande riqueza petrolífera, que aliviou quase todas as mulheres sauditas, com excepção das que viviam nas tribos beduínas e nas aldeias rurais, de qualquer tipo de trabalho, a inactividade e o tédio tornaram-se um problema nacional. Os membros da família real são muito mais abastados do que a maioria dos sauditas, no entanto, a abundância proporcionada pelo petróleo trouxe servos do Extremo Oriente e de outras regiões pobres a todos os lares.

Todas as crianças precisam de ser estimuladas, porém eu e as minhas irmãs pouco ou nada tínhamos para fazer além de brincar nos nossos quartos ou deambular ociosamente

pelos jardins reservados às mulheres. Não havia aonde ir e pouco que fazer, pois, nos meus tempos de criança, a cidade nem sequer dispunha de um jardim zoológico ou de um parque.

A minha mãe, cansada de cinco filhas estuantes de energia, pensou que a escola ajudaria a expandir as suas mentes, aliviando-a. Até que, por fim, conseguiu, com a ajuda

da tia Mat, levar o nosso pai a aceder, embora pouco convictamente. Foi assim que as cinco filhas mais novas da nossa família, incluindo Sara e eu, usufruímos da nova era em que se aceitava, com relutância, a educação das mulheres.

A nossa primeira sala de aulas foi em casa de um parente real. Sete famílias do clã de AISaud davam trabalho a uma jovem de Abu Dabí, uma cidade vizinha nos Emirados Árabes. O nosso pequeno grupo de alunas, dezasseis ao todo, era conhecido, naquele tempo, como um “Kutab”, um método de ensino em grupo, então popular, para raparigas. Todos os dias nos reuníamos, das nove da manhã às duas da tarde, e de terça a

sábado, em casa da nossa prima real. Foi aí que Sara, a minha irmã preferida, mostrou, pela primeira vez, a sua inteligência rara. Era muito mais rápida do que as raparigas da sua idade. A professora chegou mesmo a perguntar-lhe se já fizera o ensino básico, abanando a cabeça de admiração ao saber que não.

A nossa instrutora tivera a sorte de ter um pai com ideias modernas, que a mandara estudar em Inglaterra. A deformidade de que padecia, um pé boto, fizera com que não encontrasse ninguém disposto a desposá-la, portanto optara por um caminho de liberdade e independência pessoais. Foi com um sorriso que nos disse que o seu pé defeituoso fora uma dádiva de Deus para assegurar que a sua mente também não se deformasse.

Embora estivesse em casa da nossa prima real (na Arábia Saudita ainda era impensável uma mulher viver sozinha), ganhava um salário e tomava as suas próprias decisões sem influências exteriores.

Eu gostava dela apenas porque era gentil e paciente quando eu me esquecia de fazer os trabalhos de casa. Ao contrário de Sara, eu não era do tipo estudioso, de modo que me sentia contente por não ver a professora demonstrar desilusão perante as minhas falhas. Sentia-me muito mais interessada em desenhar do que em estudar matemática, em cantar do que em fazer as minhas orações. De vez em quando, Sara davame um beliscão quando me comportava mal, mas ao ver que eu me punha a uivar, lançando a confusão na classe, desistiu de me corrigir. Não havia dúvida de que a nossa professora fazia jus ao nome que lhe fora dado vinte e sete anos antes Sakina, o que, em árabe, significa “tranquilidade”.

A menina Sakina disse à minha mãe que Sara era a aluna mais brilhante que alguma vez tivera. Depois de eu me pôr aos pulos e gritar “e eu”?, pensou durante um bom bocado antes de responder. Com um sorriso, disse:

E Sultana virá a ser, de certeza, famosa.

Nessa noite, ao jantar, a mãe transmitiu orgulhosamente ao meu pai a observação que Miss Sakina fizera sobre Sara. Este, que ficou nitidamente satisfeito, sorriu à minha irmã. A minha mãe não reprimiu o seu deleite, mas nesse momento o meu pai observou, cruelmente, que nunca nenhuma criança nascida exclusivamente do seu ventre poderia ter tido capacidade para aprender. Tãopouco lhe atribuía a menor contribuição na inteligência de Ali, que era o melhor aluno da sua classe numa moderna escola secundária da cidade. Presumia, assim, que as capacidades intelectuais dos filhos eram herdadas exclusivamente do pai.

Ainda hoje estremeço de constrangimento quando vejo as minhas irmãs mais velhas tentarem somar ou subtrair. Continuo a dirigir pequenas orações de agradecimento à minha tia Iffat por ter contribuído para mudar a vida de tantas mulheres sauditas.

Corria o Verão de 1932 quando o meu tio Faiçal viajou até à Turquia; nesse país, apaixonouse por uma excepcional jovem chamada Iffat ai Thunayan. Ao saber que o jovem príncipe saudita estava de visita a Constantinopla, a jovem Iffat e sua mãe abordaram-no, tendo por motivo a disputa de uma propriedade que pertencera ao seu falecido pai. (Os Thunayan eram, originariamente, sauditas, mas tinham sido levados para a Turquia pelos Otomanos, durante o prolongado tempo em que governaram a área). Extasiado pela beleza de Iffat, Faiçal convidou-a a ir, mais a mãe, até à Arábia Saudita, a fim de aí encontrar solução para o problema da propriedade em questão. Não só lhe deu

a dita propriedade como também a desposou. Mais tarde diria que fora a decisão mais sábia jamais tomada na sua vida. A minha mãe disse que o tio Faiçal saltara de mulher em mulher, qual homem posseso, até encontrar Iffat.

Durante os anos do reinado do tio Faiçal, Iffat tornou-se a força motriz da educação das raparigas. Sem os seus esforços, as mulheres sauditas não poderiam, hoje, frequentar uma sala de aulas. Fiquei encantada com a força do seu carácter e declarei que, quando fosse crescida, seria como ela. Tivera mesmo a coragem de contratar uma preceptora inglesa para os filhos, que eram, de toda a prole real, os que a vasta riqueza menos afectava.

Infelizmente, muitos dos primos reais perderam-se com o súbito acesso aos bens materiais proporcionados pela abundância. A minha mãe costumava dizer que o beduíno sobrevivera ao vazio árido do deserto, mas que nós nunca sairíamos incólumes da enorme riqueza oferecida pelos campos de petróleo. As tranquilas façanhas da mente e as devotas convicções religiosas dos seus pais não atraíam as simpatias da vasta maioria dos AISaud mais jovens. Estou convencido de que a decadência dos filhos desta geração se deveu às facilidades de que gozavam, e que a sua grande fortuna os privou de quaisquer ambições ou satisfações autênticas. Não restam dúvidas de que a debilidade da nossa monarquia na Arábia Saudita é provocada pelo nosso apego à dissipação. Receio que a nossa ruína esteja aí.

A maior parte da minha infância foi passada a viajar de cidade em cidade na minha terra. O sangue beduíno nómada corre nas veias de todos os sauditas, de modo que, mal regressávamos de uma viagem, começávamos a programar a seguinte. Nós, Sauditas, há muito que não pastoreamos rebanhos, no entanto não conseguimos deixar de almejar paragens mais verdejantes.

Riade era a sede do nosso Governo, mas nenhum dos membros da família de AISaud gostou em particular da cidade; queixavam-se constantemente da monotonia da vida em Riade. Era demasiado quente e seca, os homens ligados à religião eram presumidos até mais não, e as noites eram excessivamente frias. A maioria da família preferia Gidá ou Taif. Gidá, com os seus portos antigos, estava mais aberta à mudança e à moderação. Nela, todos nós respirávamos mais facilmente com o ar marítimo.

Geralmente passávamos os meses de Dezembro a Fevereiro em Gidá. Voltávamos a Riade para aí ficarmos Março, Abril e Maio. O calor dos meses estivais levava-nos para as montanhas de Taif, entre Junho e Setembro. Depois regressávamos a Riade para o mês de Outubro e Novembro. Como é evidente, passávamos o mês do Ramadão e as duas semanas de Haj em Meca, a nossa cidade santa.

Por volta dos meus doze anos, corria o ano de 1968, meu pai tornara-se uma pessoa extremamente rica. Apesar da sua abundância, era um dos AISaud menos gastadores.

Mas construiu a cada uma das suas quatro famílias palácios em Riade, Gidá, Taif e Espanha. Os palácios eram exactamente iguais uns aos outros em cada cidade, do tom das carpetas ao mobiliário escolhido. O meu pai detestava as mudanças e queria ter a sensação de estar na mesma casa mesmo quando se deslocava de avião de cidade em cidade.

Lembrome de o ouvir ordenar à minha mãe que comprasse tudo igual para todas elas, incluindo a roupa interior das crianças. Não queria que a família se desse ao trabalho de fazer malas. Eu achava esquisito, sempre que entrava no meu quarto em Gidá ou Riade, encontrar roupas idênticas penduradas em guardafatos iguais. Os meus livros e os meus brinquedos eram comprados aos quatro, sendo cada um colocado em cada palácio.

A minha mãe raramente se queixava, mas quando o meu pai comprou quatro Porsches vermelhos iguais para o meu irmão Ali, que na altura tinha só catorze anos, não pôde deixar de barafustar que era uma vergonha um autêntico esbanjamento quando havia tantos pobres no mundo. Mas, quando se tratava de Ali, não se olhava a despesas.

Ao chegar aos dez anos, Ali recebeu o seu primeiro Rolex de ouro. Eu fiquei particularmente aborrecida, pois pedira ao meu pai que me oferecesse uma grossa bracelete de ouro que vira no souq (mercado), o que me fora recusado com brusquidão. Durante

a segunda semana em que Ali se pavoneou com o seu Rolex, reparei que o deixava esquecido em cima da mesa que ficava ao lado da piscina. Dominada pela inveja, peguei numa pedra e reduzi o relógio a pedaços.

Dessa vez a minha maldade não foi descoberta e tive grande prazer em ver o meu pai repreender Ali por ser descuidado com os objectos que lhe pertenciam. Mas, claro, passada uma semana ou duas já ele recebia novo Rolex, e o meu ressentimento infantil voltava a instalarse dentro de mim com toda a força.

Era frequente a minha mãe falar-me acerca do ódio que eu sentia pelo meu irmão.

Mulher sábia, via bem que, mesmo quando me curvava perante o inevitável, eu não deixava de me sentir revoltada. Eu fora, na qualidade de mais nova da família, a mais mimada das filhas pela minha mãe, irmãs e outros familiares. Ao olhar para trás, é difícil negar que eu tenha sido mimada até mais não. Por ser pequena para a idade, em comparação com o resto das minhas irmãs, que eram altas e de estrutura larga, fui tratada como um bebé ao longo dos anos da minha infância. Todas elas eram caladas e contidas, como ficava bein a princesa§ gauditåg. EU êfã bātufhenía e lindliscipiMada, pouco me importando com a minha imagem real. Como lhes devo ter dado cabo da paciência! Mas, mesmo hoje, não tenho uma única irmã que não fosse capaz de vir imediatamente em minha defesa ao menor sinal de perigo.

Contrastando tristemente com esta realidade, eu representava, para o meu pai, a última de muitas desilusões. Por isso passei a minha infância a tentar ganhar o seu afecto.

Por fim, desesperei de conquistar o seu amor e clamei por qualquer atenção da parte dele, mesmo que fosse sob a forma de castigo pelos meus destemperos. Imaginava que, se o meu pai olhasse suficientes vezes para mim, reconheceria os meus traços específicos e acabaria por dedicar à filha o mesmo amor que tinha por Ali. Mas os meus métodos truculentos acabaram por fazêlo passar da indiferença a uma antipatia indisfarçada.

A minha mãe conformarase com o facto de a terra onde nascêramos ser um lugar destinado ao desentendimento entre os sexos. Ainda criança, com o mundo à minha

frente, faltavame andar muito antes de chegar a essa conclusão.

Ao recordar o passado, imagino que Ali também tivesse qualidades além de defeitos, no entanto erame difícil ultrapassar o maior destes: a crueldade. Viao martirizar o filho deficiente do nosso jardineiro. A pobre criança possuía braços compridos e pernas de formato estranho. Era frequente, quando Ali recebia a visita dos rapazes seus amigos, mandar chamar o pobre Sami e ordenarlhe que “andasse à macaco”. Ali nunca reparou na expressão patética do rosto de Sami nem nas lágrimas que lhe escorriam pela cara.

Quando Ali encontrava gatos bebés, tiravaos à mãe e fechavaos, comprazendose em ouvir os miados aflitivos da gata que tentava, em vão, alcançar os filhos. Ninguém da casa se atrevia a contrariálo, pois o meu pai não via mal nenhum nos actos cruéis do filho.

Depois de uma intervenção particularmente comovente da minha mãe relativamente aos meus sentimentos por Ali, decidi experimentar o método saudita da “manipulação”

em vez da confrontação com o meu irmão. Além disso, a minha mãe utilizava os desejos de Deus como sua plataforma, uma fórmula admirável para convencer as crianças a mudar de atitude. Finalmente convencime, graças à influência da minha mãe, de que os meus modos poderiam trazerme grandes dissabores.

Uma semana depois, as minhas intenções caíam por terra diante do comportamento pusilânime de Ali. As minhas irmãs e eu havíamos encontrado um cachorrinho que se perdera da mãe. O bichinho gania, esfomeado. Excitadíssimas com o achado, corremos a buscar biberãos de boneca, que enchemos com leite de cabra morno. Fazíamos turnos entre nós, para o alimentarmos. Dias depois, o cãozinho já saltitava, gordinho. Vestíamolo com trapos e ensinámolo a sentarse no nosso carrinho de bonecas.

Se bem que a maioria dos muçulmanos não aprecie cães, é rara a pessoa capaz de maltratar um animal bebé seja de que espécie for. Até a nossa mãe, uma muçulmana devota, sorria perante as brincadeiras do cachorro.

Certa tarde, passeávamos nós o Basem, que em árabe significa “cara sorridente, no carrinho, quando encontrámos Ali por acaso, na companhia dos amigos. Ao sentir o entusiasmo destes, Ali resolveu tomar posse do cão. As minhas irmãs e eu chorámos e debatemonos quando ele tentou arrancarnos Basem dos braços. O nosso pai ouviu o barulho e saiu do seu gabinete. Assim que Ali lhe disse que queria o cachorro, ordenounos que lho entregássemos. Nada do que dissemos ou fizemos o fez mudar de ideias. Ali queria o cachorro: Ali teria o cachorro.

Com as lágrimas a correremnos pelo rosto, ficámos a ver Ali afastarse arrogantemente, com o Basem debaixo do braço. A possibilidade de amar o meu irmão perdeuse para sempre, e o meu ódio ganhou contornos inabaláveis quando me contaram que Ali depressa se fartou dos ganidos de Basem e, numa visita aos amigos, atirou o cachorrinho pela janela do carro em movimento.

A MINHA IRMA SARA

Sentime muito triste ao encontrar Sara, a minha irmã preferida, a chorar nos braços da minha mãe. É a nona filha viva dos meus pais, três anos mais velha que eu. Somente o nascimento de Ali a separa de mim. Era o décimo sexto aniversário de Sara e esta devia mostrar alegria, no entanto a minha mãe acabara de lhe transmitir novidades do nosso pai.

Sara usava o véu desde que fora menstruada, dois anos antes. O véu relegara a para o anonimato e em breve deixara de falar nos seus sonhos de infância de grandes feitos.

Distanciou-se de mim, a sua irmã mais nova que ainda não precisava de se preocupar com a obrigatoriedade do véu. A frieza que acompanhara o afastamento de Sara fez-me ter saudades dos bons momentos que partilháramos na infância. De repente percebi que só se dá pela felicidade quando esta nos falta, pois só soube que fomos felizes quando se me deparou a tristeza de Sara.

Sara era linda, muito mais bela do que eu ou alguma das minhas irmãs. A sua notável beleza tornara-se uma maldição, pois muitos homens tinham ouvido falar dela através das suas mães e irmãs e agora desejavam desposá-la. Sara era alta e magra e possuía uma pele clara e acetinada. Os seus longos cabelos negros faziam a inveja de todas as irmãs.

Apesar da sua beleza natural, Sara era genuinamente meiga e adorada por todos os que a conheciam. Infelizmente, Sara não só não fora contemplada com a maldição que acompanha as grandes belezas como também era excepcionalmente inteligente. Na nossa terra, a inteligência numa mulher assegura a sua futura infelicidade, pois jamais terá onde aplicar o seu gênio.

Sara desejava estudar arte em Itália e ser a primeira pessoa a abrir uma galeria de arte em Gidá. Trabalhava nesse sentido desde os doze anos de idade. Tinha o quarto atravancado de livros sobre os grandes mestres. Sara fez a minha cabeça andar à roda com descrições da magnífica arte na Europa. Pouco antes do anúncio dos esponsais, remexia eu à sucapa nas suas coisas quando encontrei uma lista dos lugares que tencionava visitar em Florença, Veneza e Milão.

Foi com enorme tristeza que vim a saber que os sonhos de Sara jamais se concretizariam. Ainda que seja verdade que a maioria dos casamentos na minha terra é orientada pelas mulheres mais velhas da família, na minha, quem tomava todo o tipo de decisões era o pai. Este decidira, fazia muito tempo, que a sua filha mais bonita casaria com um homem de elevada situação social e riqueza.

Pois bem, o homem que ele escolhera para desposar a sua filha mais desejável era um membro de uma família de comerciantes de Gidá com inegável influência financeira na nossa família. O noivo fora eleito em vista exclusiva de negócios passados e futuros.

Tinha sessenta e dois anos de idade; Sara seria a sua terceira esposa. Embora ela nunca tivesse visto o velho, este ouvira falar da sua grande beleza através das mulheres da sua

família e estava ansioso por marcar a data do casamento. A minha mãe tentara intervir a favor de Sara, mas meu pai, como era seu hábito, não mostrara a menor emoção diante das lágrimas da filha.

De modo que Sara soubera, naquele dia, do seu casamento. Minha mãe ordenou-me que saísse do quarto, mas estava de costas; fiz de conta que obedecia, arrastando os pés e batendo com a porta. Esgueirei-me para dentro da porta aberta de um armário e chorei silenciosamente ao ouvir a minha irmã amaldiçoar o nosso pai, a nossa terra e a nossa cultura. Ela chorava tão violentamente que perdi a maior parte das suas palavras, no entanto ouvia declarar, nitidamente, que iria ser sacrificada como um cordeiro.

A minha mãe também chorou, porém não podia consolar Sara, pois sabia que o marido tinha todo o direito de dispor das suas filhas para os casamentos que muito bem entendesse. Seis das dez já estavam casadas com homens escolhidos por ele. A minha mãe sabia que as restantes quatro seguiriam o mesmo destino sombrio; não havia poder na terra capaz de o impedir.

A minha mãe ouvira-me mexer dentro do armário. Olhou-me com severidade e sacudi a cabeça quando me viu, no entanto não fez menção de me expulsar do quarto. Mandou-me ir buscar toalhas molhadas em água fria e depois voltou a focar a sua atenção em Sara. Quando voltei, refrescou a testa a esta e reconfortou-a até adormecer. Ficou a

olhar para a jovem filha durante vários minutos antes de, por fim, se levantar com ar fatigado. Suspirou profunda e tristemente, pegou-me na mão e levou-me até à cozinha.

Embora não fossem horas de comer e a cozinheira estivesse a descansar, preparei um prato com bolo e um copo de leite frio. Eu tinha treze anos mas era pequena para a idade; aninhei-me no seu colo durante muito tempo.

Infelizmente, as lágrimas de Sara só serviram para endurecer o coração do nosso pai.

Ouvia, escondida, suplicar-lhe. O desgosto desequilibrara-a de tal maneira que acusou o nosso pai de odiar as mulheres. Recitou-lhe, raivosamente, um verso de Buda: “A vitória gera ódio, pois os vencidos são infelizes ...” O nosso pai, de costas hirtas pela ira, virou-se e afastou-se. Sara gritou-lhe que mais valia não ter nascido, pois a dor sobrepusera-se sempre à felicidade na sua vida. O nosso pai respondeu, em voz desagradável, que lhe anteciparia a data do casamento para evitar prolongar-lhe a dor da expectativa.

Normalmente, o meu pai vinha até à nossa villa de quinze em quinze dias. Os homens que cultivam o islamismo e têm quatro mulheres, distribuem equitativamente as

suas nobres, de maneira a que cada esposa e respectivos filhos desfrutem de período de tempo igual. Quando um homem se recusa a ir ter com a sua mulher, a situação é grave, funciona como uma forma de castigo. A agitação era tão grande na nossa villa por causa do desespero de Sara que o pai instruiu a nossa mãe, que, na sua qualidade de primeira

esposa, era a mais importante, para informar as suas outras três mulheres de que dividiria o seu tempo entre elas, abstendo-se de estar na nossa casa. Antes de sair da villa,

meu pai ordenou secamente à minha mãe que fizesse desaparecer os ressentimentos febris à filha e que a orientasse tranquilamente para o seu destino, que, nas suas palavras,

era o de uma “esposa obediente e boa mãe”.

Mal me recordo do casamento das minhas outras irmãs. Lembrome vagamente de lágrimas, mas era muito nova e ainda não tomara consciência do trauma emocional que era casar com um desconhecido. Mas hoje sou capaz de fechar os olhos e reviver cada pormenor dos acontecimentos que ocorreram durante os meses que antecederam o casamento de Sara, a cerimónia em si e os tristes factos que tiveram lugar ao longo das semanas que se seguiram.

Eu tinha fama de ser a criança difícil da família, a filha que mais esgotava a paciência dos meus pais. Voluntariosa e indomável, provocava o caos no seio do nosso lar. Fui eu quem deitou areia no motor do Mercedes novo de Ali; tirei, à sucapa, dinheiro da carteira do meu pai; enterrei a colecção de moedas de ouro de Ali no pátio das traseiras; deitava cobras verdes e lagartos horríveis para dentro da piscina da família sempre que apanhava Ali a dormir no seu colchão flutuante.

Sara, com a sua serenidade e obediência, era a filha perfeita, além de ter tido notas excelentes nos estudos. Apesar de a idolatrar, achavaa uma fraca. A minha irmã, porém, surpreendeunos a todos nas semanas anteriores ao seu casamento. Aparentemente possuía uma força interior oculta que lhe dava coragem, pois telefonava diariamente para o escritório do nosso pai e deixavalhe recados a dizer que não se casaria. Chegou mesmo a ligar para o local de trabalho do homem a quem estava prometida e deixar recado à secretária indiana deste, de que o achava um velho nojento e que ele devia desposar mulheres e não raparigas. Ela deve, certamente, ter pensado duas vezes antes de transmitir a mensagem ao patrão, pois os mares não se dividiram e as montanhas não

desabaram. Decidida, Sara telefonou de novo e pediu para falar pessoalmente com o indivíduo! Este encontravase ausente. Sara foi informada de que ficaria em Paris algumas semanas. O pai, farto do comportamento da filha, mandou cortar os nossos telefones.

Sara ficou confinada ao seu quarto.

A realidade que aguardava a minha irmã estava cada vez mais próxima. O dia do casamento chegou. Duas semanas de pranto e lamentações não tinham conseguido diminuir a beleza de Sara. Quando muito, haviamna até acentuado, tornandoa quase translúcida, uma criatura celestial não fadada para este mundo. A perda de peso tomoulhe os olhos ainda maiores e as suas feições quase pareciam talhadas a cinzel. Os olhos de Sara pareciam imensos e as enormes pupilas negras deixavam transparecer o que lhe ia na alma.

O que eu via era medo.

As nossas irmãs mais velhas, assim como várias primas e tias, chegaram às primeiras horas do dia do casamento, para prepararem a noiva para o noivo. A minha presença indesejada escapou à atenção das mulheres, pois mantiveme sentada, completamente imóvel, a um canto de um vasto quarto de vestir que fora adaptado para os preparativos da noiva.

As mulheres que tomavam conta dos vários pormenores relacionados com o casamento eram, nada mais nada menos, do que quinze. A primeira cerimónia, a halawa, foi

levada a cabo pela minha mãe e pela tia mais velha. Todos os pêlos do corpo de Sara tinham de ser removidos, à excepção das sobrancelhas e do cabelo. Na cozinha, uma mistura especial feita à base de açúcar, água de rosas e sumo de limão, que seria espalhada pelo corpo da noiva, fervia em lume brando. Assim que a pasta pegajosa secasse sobre a pele de Sara, seria retirada, levando consigo todas as pilosidades corporais da noiva.

O aroma era adocicado, mas os gritos de dor fizeram-me estremecer de medo.

Preparouse hena para uma última passagem pelos caracóis luxuriantes de Sara; o seu cabelo ficaria a brilhar, cheio de matizes luminosos. As unhas foram pintadas de vermelhovivo, da cor do sangue, reflecti sombriamente. O vestido de noiva, em renda corderosa, estava pendurado ao pé da porta. Sobre o tampo do toucador viam-se, amontoados, o obrigatório colar de diamantes com a pulseira e os brincos a condizer. As jóias, apesar de terem chegado fazia semanas e fossem a prenda do noivo, não tinham merecido um único olhar de Sara.

Quando uma noiva saudita está feliz, o quarto dos preparativos enchese com o som de risadas e da expectativa ansiosa. Os ânimos, para o casamento de Sara, eram sombrios; dava a impressão de que as auxiliares preparavam o seu corpo, antes, para a sepultura. Todas falavam através de sussurros. Sara não reagia a nada. Tendo em conta as suas reacções determinadas nas últimas semanas, eu estava a achá-la estranhamente conformada. Mais tarde, vim a perceber a razão da espécie de estado de transe em que mergulhara.

O pai, receoso de que Sara humilhasse a família declarando as suas objecções em voz alta, ou até mesmo insultando o noivo, ordenara a um dos médicos paquistaneses do palácio que a injectasse com um poderoso tranquilizante que exercesse efeito durante todo o dia. Depois vim a descobrir que o mesmo médico dera ao noivo o mesmo tranquilizante sob a forma de comprimidos, a fim de este os dar a Sara. Disseram-lhe que a noiva estava muito excitada com o casamento, e o remédio destinava-se a aquietar-lhe o estômago sensível. Como o noivo nunca vira Sara, nos dias que se seguiram deve tê-la achado uma jovem invulgarmente dócil e tranquila. Mas o certo é que muitos homens de idade casam, no meu país, com rapariguinhas; tenho a certeza de que estão acostumados ao terror das suas jovens noivas.

O rufar dos tambores assinalou a chegada dos convidados. As mulheres acabaram, finalmente, de preparar Sara. Enfiaram-lhe o delicado vestido pela cabeça, puxaram-lhe o fecho e calçaram-lhe as sandálias rosa. A minha mãe prendeu-lhe o colar de diamantes ao pescoço. Eu declarei, alto e bom som, que era o mesmo que uma corda para se enforcar. Uma das minhas tias deu-me uma pequena pancada na cabeça e outra puxou-me as orelhas, porém Sara não proferiu um som. Ficámos todas a olhar para ela, caladas e cheias de admiração. Nunca víamos noiva tão bonita.

No pátio das traseiras fora erguida uma enorme tenda, para a cerimónia. O jardim encontravase inundado de flores vindas da Holanda. O local, cheio de luzinhas coloridas penduradas, estava espectacular. Deslumbrada pelo esplendor, esqueci, por momentos, o horror da situação.

A tenda já transbordava de convidados. As mulheres da família real, literalmente vergadas

sob o peso de diamantes, rubis e esmeraldas, partilhavam um evento social com a plebe, uma ocasião rara. As mulheres sauditas das classes inferiores são autorizadas a assistir aos nossos casamentos desde que não tirem o véu e não convivam com as da realeza. Uma das minhas amigas contou-me que já tem acontecido homens disfarçarem-se com o véu e juntarem-se a essas mulheres para poderem ver os nossos rostos proibidos. Era suposto os convidados do sexo masculino estarem a confraternizar num dos grandes hotéis da cidade, desfrutando dos mesmos prazeres que as ali presentes: conversando, dançando e comendo.

Na Arábia Saudita, os homens celebram os casamentos num lado e as mulheres noutro. Os únicos elementos do sexo masculino permitidos na celebração feminina são o noivo, o seu pai, o pai da noiva e o religioso que procederá à curta cerimónia. Neste caso, o pai do noivo já não existia, portanto este somente seria acompanhado pelo nosso pai quando chegasse a altura de reclamar a noiva.

De repente, as escravas e servas começaram a destapar a comida. Verificouse uma corrida para o festim. As mulheres veladas foram as primeiras a atirarse à comida; as pobres enfiavam os alimentos na boca, por baixo dos véus. Outras convidadas começaram a provar o salmão fumado da Noruega, o caviar russo, os ovos de codorniz e outras delícias gastronómicas. Quatro mesas enormes balançavam sob o peso da comida: os aperitivos ficavam à esquerda, os pratos principais no meio, as sobremesas à direita e, à parte, estavam as bebidas. Não havia álcool à vista, evidentemente, mas muitas convidadas da realeza levavam pequenos frascos enfeitados com jóias na bolsa. De vez em quando davam uma fugidinha até às casas de banho, às risadinhas, para tomarem um gole. O centro da tenda foi depois ocupado por dançarinas do ventre egípcias. A multidão de mulheres de todas as idades aquietouse e assistiu aos movimentos das dançarinas com graus de interesse variáveis. Era a parte preferida do casamento, no entanto a maioria das mulheres parecia pouco à vontade com a exibição erótica. Nós, Sauditas, encaramonos com demasiada seriedade e olhamos a alegria e as gargalhadas com desconfiança. Mas foi com espanto que vi uma das minhas tias mais velhas saltar do meio da multidão e juntarse aos movimentos de ventre das dançarinas. Dançava optimamente, contudo ouvi o murmúrio de desaprovação de várias parentes minhas.

O som dos tambores encheu, mais uma vez, o ar e eu percebi que chegara a vez de Sara aparecer. Todas as convidadas olharam para a entrada da villa com expectativa.

Pouco depois as portas abriram-se e Sara, escoltada pela nossa mãe, de um lado, e uma tia, do outro, dirigiu-se para a plataforma. Desde que vira a minha irmã pela última vez haviam-lhe colocado um diáfano véu corderosa sobre o rosto, preso por uma tiara de pérolas. O véu fino e transparente apenas servia para lhe acentuar a beleza notável. Ouviuse um murmúrio discreto, através do qual as convidadas exprimiram a sua aprovação diante do ar adequadamente torturado da noiva. Afinal de contas, era assim que uma

jovem virgem devia mostrar-se: assustada até ao mais íntimo do seu ser.

Dezenas de parentes do sexo feminino vinham atrás, enchendo o ar com os sons de excitação e celebração próprias do deserto: o som vibrante e agudo que as mulheres emitem ao fazerem vibrar a língua no céu da boca. Outras mulheres juntaram-se com gritos estridentes. Sara cambaleou mas a nossa mãe segurou-a.

Não tardou que o meu pai e o noivo aparecessem. Eu sabia que este era mais velho que o meu pai, no entanto a primeira visão que tive dele foi decididamente revoltante.

Parecia velho aos meus olhos jovens e lembrou-me uma doninha. Imaginá-lo a tocar na minha irmã, tão sensível, fez-me encolher.

O noivo esboçava um sorriso de esguelha ao levantar o véu da minha irmã. O medicamento tornara esta demasiado entorpecida para reagir, fazendo-a ficar parada a olhar para o seu novo senhor. A verdadeira cerimónia já fora celebrada semanas antes do casamento; nenhuma mulher estivera presente. Somente os homens haviam participado nela,

pois tratar-se-ia de assinar os acordos relativos ao dote e documentação. Naquele dia seriam proferidas as poucas palavras que faltavam para completar o rito do casamento.

O religioso fitou o meu pai ao dizer as palavras simbólicas que declaravam Sara estar agora casada com o noivo em troca do dote acordado. Em seguida, olhou de relance para o noivo, que, em resposta, replicou que aceitava Sara como sua esposa e que esta passaria a estar sob os seus cuidados e protecção, dali em diante. Nenhum dos homens olhou para Sara em algum momento no decorrer da cerimónia.

O religioso abençoou então o casamento da minha irmã, lendo passagens do Alcorão. As mulheres começaram imediatamente a guinchar e a ulular com a língua, como mandava a tradição. Sara estava casada. O homem mirava-a, satisfeito.

Enquanto Sara se mantinha imóvel, o noivo tirou uma bolsinha do bolso da sua thobe (túnica comprida usada pelos homens sauditas) e atirou moedas de ouro às convidadas. Ao vê-lo aceitar, com ar convencido, os parabéns por ter desposado tão linda mulher, estremei. Pegou na mão da minha irmã e apressou-se a conduzi-la dali para fora.

Os olhos de Sara prenderam-se nos meus ao passar; eu sabia que alguém devia socorrê-la, no entanto tive a certeza de que ninguém o faria. De repente, lembrei-me do que

Sara dissera ao nosso pai: “A vitória gera ódio, pois os vencidos são infelizes.” A certeza de que o noivo nunca seria feliz numa união tão desoladoramente aberrante não me trouxe consolo. Nenhum castigo seria suficientemente grande para ele.

DIVÓRCIO

O pai proibiu-nos de visitar Sara nos primeiros três meses a seguir ao casamento.

Segundo ele, esta precisava de tempo para se ajustar à sua nova vida e responsabilidades e ver a família só serviria para atear o seu desejo de regressar a uma existência fútil, cheia de sonhos. Por mais que exprimíssemos o nosso repúdio pela vida de cativo a que Sara estava sujeita, nada mais conseguíamos do que acenos, de cabeça indiferentes. Do ponto de vista do pai, Sara estava a fazer aquilo para que nascem as mulheres: servir e agradar ao homem e gerar os seus filhos.

Sara não levava nada do seu quarto. Talvez compreendesse que a presença dos seus livros e outros objectos de deleite só serviria para tornar a sua actual situação ainda mais desesperante. Para mim, era como se ela tivesse morrido; a sua ausência deixara um vazio negro na minha vida. Lamentei o seu desaparecimento passando horas e horas no

seu quarto, junto dos seus objectos pessoais. Comecei a interessarme pelos passatempos de Sara e senti que assumia facetas da sua personalidade. Lia o seu diário e tinha a impressão de que os seus sonhos se tornavam os meus; chorava com a fúria de quem questiona a sabedoria de um deus que permite que o mal se abata sobre os inocentes.

A minha mãe, depois de um dia me encontrar na cama de Sara, vestida com uma das suas camisas de dormir e a ler os seus livros de arte, deu ordens para que fechassem o seu quarto à chave.

Não tivemos de suportar os três meses de espera que o pai impusera antes de vermos Sara. Cinco semanas depois do casamento, a minha irmã tentou suicidarse.

Eu encontravame no jardim, entretido com alguns dos animais do nosso jardim zoológico particular recentemente construído, quando vi Omar tropeçar nas suas sandálias ao entrar pelo portão da frente, tal era a sua pressa. A sua pele, normalmente de um bronze profundo, parecia esbranquiçada. Despiu atabalhoadamente a sua thobe e sacudi a areia das sandálias contra a parede. Pedi-me que fosse a correr chamar a minha mãe.

A minha mãe era muito sensível em relação aos filhos de modo que, mal viu Ornar, perguntou imediatamente o que acontecera a Sara.

Nenhum árabe conta a verdade a um parente quando o familiar está doente, moribundo ou morto. Somos um povo que, pura e simplesmente, não suporta ser portador de más novas. Se uma criança morre, o azarento que recebe a incumbência de notificar a família começará por dizer que a criança não se encontra bem. Depois de interrogado, concordará que será necessário levá-la ao médico, acabando por admitir que já está no hospital. Depois de muita insistência, da parte da família, por mais informações, o mensageiro confessará, finalmente, que a doença é grave e mais vale a família preparar-se

para ir até à cabeceira do doente. Mais tarde, a pessoa admitirá, penosamente, que a vida do familiar corre sério perigo. Poderão ser precisas várias horas para descobrir o grau exacto de gravidade. Mas ninguém admitirá nunca a morte de um ente querido. O mais

longe que um árabe irá na transmissão de más notícias é preparar a família para notícias ainda piores do médico.

Omar disse à minha mãe que Sara comera carne estragada e se encontrava, de momento, hospitalizada numa clínica particular em Gidá. O meu pai mandara já fretar um avião particular para transportar a minha mãe. Esta cerrou os lábios e foi a correr buscar a sua abaaya (manto) e o véu.

Gritei e esperneei até a minha mãe consentir em que a acompanhasse com a promessa de que não faria nenhuma cena na clínica, se Sara estivesse muito doente. Prometi e corri até ao quarto de Sara, batendo e dando pontapés na porta trancada até uma das criadas encontrar a chave. Queria levar a Sara o seu livro de arte preferido.

Ornar feznos passar pelo escritório do meu pai, pois esquecerase da papelada necessária para a viagem. Na Arábia Saudita, um homem tem de escrever uma carta a dizer que autoriza as mulheres da sua família a viajar. Sem ela, podem fazernos parar na alfândega e impedir que embarquemos. Meu pai também mandou os nossos passaportes, pois, como disse à minha mãe, talvez fosse necessário levarmos Sara até Londres para ser tratada. Carne estragada? Londres? O que ali estava estragado era a história do meu pai. Pensei que o mais provável era a minha irmã ter morrido.

Fomos até Gidá num pequeno avião particular. A viagem correu bem, mas a atmosfera que reinava no interior da cabina era bastante tensa. A minha mãe pouco disse e

manteve os olhos fechados durante a maior parte da viagem. Dera o seu primeiro passeio de automóvel ainda poucos anos antes. Naquele momento viaa mover os lábios e

sabia que rezava a Deus pela concessão de duas graças: primeiro, para que Sara estivesse viva e, segundo, para que o avião nos conduzisse, sãs e salvas, até ela.

O piloto e o copiloto eram americanos e eu sentime imediatamente atraída pelos seus modos abertos e francos. Perguntaramme se queria ir sentarme no cockpit. A minha mãe acenou com a cabeça, concedendo uma permissão relutante aos meus gestos freneticamente implorantes. Era a primeira vez que me sentava num cockpit. Quem o fazia era sempre Ali.

Ao princípio, a visão do céu imenso assustoume, além de me dar conta da fragilidade do avião que nos mantinha entre o céu e a terra. Soltei um pequeno grito de alarme e recuei. Jolin, o mais corpulento dos dois americanos, dirigiume um sorriso tranquilizador e explicou pacientemente as funções dos vários botões e mecanismos. Para minha surpresa, dei comigo inclinada sobre o seu ombro, completamente à vontade. Foi uma das poucas ocasiões, na minha jovem vida, em que me senti descontraída na presença de homens. Para meu desgosto, sentia receio na presença do meu pai e detestava Ali e os meus meiosirmãos. Era uma sensação estranha, no entanto sentiamme inebriada pela verificação de que os homens, que toda a vida eu fora ensinada a endeusar, podiam ser vulgares e amistosos. Era algo de novo em que pensar.

Ao olhar pela janela do avião, percebi qual era a sensação que domina uma águia quando paira no alto, e experimentei uma maravilhosa sensação de liberdade. Os meus

pensamentos desviaram-se para Sara e para a constatação chocante de que as aves e os animais gozavam de mais liberdade que a minha irmã. Jurei a mim mesma ser senhora da minha própria vida, independentemente das acções que tivesse de empreender ou do sofrimento que precisasse de suportar.

Quando o avião aterrou, voltei para junto da minha mãe. Esta manteve-me carinhosamente apertada entre os seus braços enquanto o aparelho se dirigia para o terminal.

Tinha o véu colocado, no entanto eu sabia que expressão tinha e ouvia dar um suspiro profundo e torturado.

Despedime dos americanos simpáticos. Esperava que fossem eles a levarnos de volta a Riade, pois ficara reconhecida àqueles dois homens por terem concedido tamanha importância às perguntas tolas e agitadas de uma criança.

Ao chegarmos à clínica, ouvimos chorar e gemer enquanto percorríamos o longo corredor. A minha mãe acelerou o passo e apertou-me a mão com tal força que tive vontade de me queixar.

Sara encontrava-se viva, mas por pouco. Ficámos aterrorizadas ao saber que tentara suicidar-se metendo a cabeça dentro do forno a gás. Estava muito quieta, mortalmente pálida. O marido não se encontrava presente, mas enviara a sua mãe. A velha começou então a ralhar severamente com Sara por ter embarcado o seu filho e a respectiva família. Era uma bruxa velha e má. Apetece-me arranhar-lhe a cara e vê-la fugir, mas lembrei-me da promessa que fizera à minha mãe. Em vez disso, fiquei quieta, mal respirando de fúria, a afagar as mãos macias e inertes da minha irmã.

A minha mãe atirou o véu para o alto da cabeça e enfrentou a velha. Contara com muitas possibilidades, mas o conhecimento de que sua filha atentara contra a própria vida era inesperado e devastador. Quando a vi voltar-se, furiosa e implacável, para a mãe do genro, apetece-me aplaudir e louvá-la. Calou imediatamente a velha ao perguntar-lhe o que fora que o filho fizera para levar uma jovem a desejar morrer. Ordenou-lhe

que saísse de junto de Sara, pois aquele lugar não era para os maus. A velha retirou-se sem se lembrar de colocar o véu. Ouvimola implorar a ajuda de Deus por tanta desconsideração.

A minha mãe virou-se para mim e reparou no meu sorriso de admiração. Sentia-me maravilhada com a sua ira e achei, por um momento breve e deslumbrante, que Deus não nos abandonaria. Sara salvar-se-ia. Mas sabia que a vida da minha mãe ficaria muito complicada quando o meu pai soubesse das palavras que dirigira à velha. Conhecendo-o como conhecia, tinha a certeza de que ficaria furioso com a mãe por defender a filha.

Na Arábia Saudita, os mais velhos são verdadeiramente venerados. Não importa o que façam ou digam, como se comportem, pois ninguém se atreve a contrariá-los. Ao fazer frente à idosa, a minha mãe agira como um tigre-fêmea a defender a sua cria. Sentia quase a rebentar de orgulho diante da sua coragem. Depois de estar três dias sem dar sinais de vida, o marido de Sara apareceu finalmente na clínica, para reclamar a sua propriedade.

Nessa altura já a minha mãe descobrira o motivo da agonia de Sara. Tratou o genro com

desprezo. O novo marido de Sara era um sádico. Submetera a minha irmã a uma horrível brutalidade sexual, até levá-la a sentir que a única maneira de lhe escapar era a morte. Mas depois de o meu pai se deslocar a Gidá, até mesmo ele ficou indignado ao inteirarse do sofrimento da filha. No entanto, concordou com o genro em como o lugar de uma esposa é junto do seu marido. O marido de Sara prometeu ao nosso pai que as suas relações com ela não ultrapassariam as de uma vida normal.

Quando o meu pai transmitiu a sua decisão à minha mãe, a mão desta tremeu e a sua boca abriuse num uivo. Sara começou a chorar e tentou sair da cama, dizendo que não queria viver. Ameaçou cortar os pulsos se a obrigassem a voltar para junto do marido.

A minha mãe ergueuse diante da filha como uma montanha e, pela primeira vez na sua vida, desafiou o marido. Disselhe que Sara nunca regressaria à casa de um monstro e que ela, a mãe, iria até ao rei e ao Conselho dos Religiosos contar a história, certa de que não permitiriam que tal situação se mantivesse. O pai ameaçou a mãe de divórcio. Ela não vacilou e disselhe que fizesse como entendesse, mas que a sua filha não voltaria para tal antro de malvadez.

O meu pai nem pestanejou. Provavelmente percebera que o mais plausível era os religiosos obrigarem Sara a voltar para junto do marido. A julgar por casos precedentes, aconselhariam este a lidar com a sua esposa de acordo com os métodos aconselhados pelo Alcorão e depois voltariam as costas a uma situação tão desagradável. O meu pai ficou pensativo, analisando a vontade da minha mãe. Olhando com ar desconfiado para a sua aparente determinação, mas querendo evitar a interferência pública numa questão familiar, resolveu, por uma vez na sua vida de casado, ceder.

O marido, como pertencíamos à família real e não queria cortar relações com o meu pai, concordou, relutantemente, em conceder o divórcio a Sara.

O islamismo dá aos homens o direito de se divorciarem sem qualquer inquirição quanto ao motivo. No entanto, a mulher tem muita dificuldade em fazê-lo em relação ao marido. Se Sara tivesse sido forçada a requerer a separação, deparar-se-iam muitas dificuldades, pois as autoridades religiosas poderiam ter determinado que “Repudias algo que Alá te destinou para teu próprio bem” e obrigado Sara a ficar com o marido. Mas este cedeu e proferiu as palavras “Divorciome de ti” três vezes, na presença de duas testemunhas do sexo masculino. O divórcio ficou consumado numa questão de minutos.

Sara ficou livre! Voltou para nossa casa.

Todas as fases de convulsão são transitórias. O meu jovem mundo foise transformando com o casamento de Sara, a sua tentativa de suicídio e o divórcio. Comecei a ter pensamentos e ideias novas; a infância nunca mais voltaria.

Passei horas a reflectir sobre as tradições que rodeavam o casamento na minha terra.

Na Arábia Saudita, a escolha de uma rapariga para o matrimónio é determinada por vários factores: o apelido da família, a fortuna desta, a sua perfeição física e a sua beleza.

Namorar é tabu, portanto um homem tem de depender do olho arguto da sua mãe e irmãs para procurar, constantemente, pares à sua altura. Mesmo depois de a promessa de

casamento e a data marcada, é muito raro uma rapariga conhecer o futuro marido antes do casamento, embora haja alturas em que cada família permite a troca de fotografias.

Se uma rapariga é de boa família e não tem nenhuma deformidade, receberá várias propostas de casamento. Se for uma beleza, muitos homens enviarão a mãe ou o pai a pedir a sua mão, pois a beleza é um grande trunfo para as mulheres, na Arábia Saudita.

Claro que não pode haver nenhum escândalo a macular a reputação de uma beldade, caso contrário a sua vantagem desaparecerá; essa rapariga acabará por casar, como terceira ou quarta esposa, com um velho de alguma aldeia distante.

Muitos homens sauditas deixam a decisão final do casamento das filhas às esposas, cientes de que estas procurarão encontrar o melhor partido possível para a família. Ainda assim, é frequente a mãe também insistir num casamento indesejado, mesmo que a filha proteste. Afinal de contas, ela própria desposou um homem que temia e a sua vida

progrediu sem o esperado horror ou sofrimento. A mãe avisará a filha de que o amor e o afecto não são duradouros, que é melhor casar dentro de uma família conhecida.

E depois há homens, como o meu pai, que baseiam a decisão do casamento das filhas nos possíveis ganhos pessoais ou económicos derivados da união, não havendo autoridade maior com quem questionar o veredicto. Sara, com toda a sua beleza, inteligência e sonhos de infância, acabou por não ser mais do que, um objecto que o pai se serviu para aumentar a sua riqueza.

Esta visão intimidante do destino da minha adorada irmã fez-me tomar uma decisão: nós, mulheres, devíamos passar a ter voz activa na decisão final de actos que viessem a alterar a nossa vida permanentemente. A partir daí, comecei a ter como objectivo máximo da minha vida lutar pelos direitos da mulher no meu país, para que esta pudesse viver com a dignidade e a realização pessoal que constituem o direito inato do homem.

Alguns meses depois do regresso de Sara, Nura, a minha irmã mais velha, convenceu o nosso pai de que Sara e eu precisávamos de conhecer o mundo exterior à Arábia Saudita. Nenhuma de nós conseguira arrancar Sara à sua depressão crónica, e Nura achou que o remédio indicado seria uma viagem. Eu ainda só fora até Espanha duas vezes, mas era tão nova que poucas ou nenhuma recordações conservara.

Nura, casada com um dos netos do nosso primeiro rei, caíra nas boas graças do nosso pai devido ao casamento que fizera e à sua maneira calma e plácida de estar na vida.

Era obediente, não fazia perguntas. O nosso pai chegou mesmo a afeiçoarse muito a ela, com o passar dos anos, pois poucas filhas suas manifestavam a mesma complacência. Desde o divórcio de Sara, o nosso pai apontava sempre o exemplo de Nura às restantes filhas. Casara com um desconhecido e o seu matrimónio revelarase satisfatório.

Claro que a verdadeira razão assentava no feitio delicado e atencioso do marido.

Na cabeça do meu pai, não havia dúvida de que fora Sara a provocar o comportamento criminoso do marido. O homem, no Médio Oriente, nunca é culpado de tal. Mesmo

que assassine a esposa justificará o seu acto com razões “válidas” que serão prontamente aceites pelos outros homens. Vi, no meu país, jornais onde vinham artigos a louvar homens por terem executado a mulher ou a filha pelo crime de “comportamento indecente”. A mera desconfiança de má conduta sexual, como um beijo, poderá decretar a morte de uma jovem. Além disso, os religiosos felicitam publicamente os pais pelo acto “notável” de fazerem respeitar as ordens do Profeta!

Nura e Alinied estavam em vias de construir um palácio e a primeira queria ir até à Europa comprar mobiliário italiano. No caminho, parariam no Egipto, para os jovens filhos de Nura poderem ver as pirâmides.

Era frequente ouvirmos o nosso pai, que tinha vinte e duas filhas de quatro esposas, murmurar por entre dentes: “As mulheres são a maldição de um homem.” O facto de as suas filhas mais novas manterem uma espécie de rebelião contra o poder absoluto do homem não contribuía para melhorar a sua atitude. As nossas palavras e acções não tinham

precedentes e não eram apreciadas. Perfeitamente cientes de que os nossos desejos jamais seriam satisfeitos, as nossas conversas representavam já, só por si, uma espécie de vitória, pois nunca nenhuma mulher saudita abordara sequer o tópico que discutíamos com tanto à vontade.

Nura queria que a minha mãe fosse ao estrangeiro connosco, mas esta andava estranhamente calada desde o regresso de Sara. Era como se a sua grande e única rebelião contra o meu pai a tivesse exaurido das forças. No entanto, encorajou a viagem, desejosa de que Sara conhecesse Itália. Achava que eu era demasiado nova e devia ficar em casa, mas, como de costume, um acesso de mau gênio fez-me conseguir o que queria.

Sara não mostrava grande interesse nem mesmo perante a possibilidade de ver as maravilhosas obras de arte daquele país, porém eu mal conseguia controlar tanta felicidade.

A minha alegria esfumouse ao ouvir Ali anunciar, presunçosamente, que iria connosco. O meu pai achava que eu precisava de um chaperon. A perspectiva de Ali dar cabo das minhas férias com a sua presença indesejável fez-me perder a cabeça, levandome a decidir insultá-lo da pior maneira. Agarrei na sua ghutra e no seu igaal (cordão preto

que assenta no topo da ghutra) novos e corri pela casa, em direcção à minha casa de banho. Não sabia o que iria fazer com aquelas peças de vestuário, mas o homem saudita fica altamente ofendido se alguém lhe mexe no toucado. Eu sentia necessidade de ferir Ali o mais rápido possível.

Quando Ali veio atrás de mim, gritando que contaria ao pai, atireilhe a porta da casa de banho à cara. Como usava sandálias, partiu o dedo grande de um dos pés, além de ferir a mão. Os seus gritos e gemidos levaram os servos a pensar que eu estava a matá-lo, mas ninguém veio em seu auxílio.

Não sei o que me deu, talvez fosse o barulho do grande fanfarrão tirânico a gemer e a implorar ajuda, mas o certo é que enfiei o toucado na sanita. O igaal recusouse a seguir

caminho, por mais que eu o empurrasse freneticamente com o desentupidor de pia.

O cordão encharcado entupira a passagem! Quando Ali viu o que eu fizera, atirouse a mim. Caímos no chão a lutar um com o outro, até eu levar a melhor sobre ele ao torcerlhe o dedo partido. A minha mãe, ao ouvir os gritos de agonia de Ali, interveio e salvou de anos de raiva acumulada por mim.

Eu sabia que estava em maus lençóis. Racionalizei que a minha situação não podia ser pior, portanto, quando a minha mãe e Ornar levaram Ali até à clínica para lhe tratarem do dedo do pé partido, entrei à sucapa no quarto do meu irmão e arrebanheilhe os “tesouros” que tanto a nossa religião como o nosso país proibiam.

Estes “tesouros” eram os objectos habituais que todos os rapazes coleccionam por todo o mundo, mas a sua posse representa uma ofensa grave perante a lei religiosa na

Arábia. Eu já dera pela colecção de Playboys e outras revistas do género que Ali tinha guardadas. Há pouco descobrira nova colecção de fotografias em slides. Curiosa, levavaas para o meu quarto; perplexa, passeias pelo meu projector. Eram de homens e mulheres nus a posarem em toda a espécie de posições; uma série delas mostrava mesmo animais com mulheres. Ali emprestaraas, sem dúvida, a outros rapazes, pois escrevera nitidamente o seu nome em cada um dos artigos proibidos.

Eu era, na altura, demasiado inocente para saber exactamente o significado de tudo aquilo, mas tinha a noção de que aqueles “tesouros” eram maus porque ele tivera sempre o seu esconderijo secreto numa velha caixa usada que tinha o rótulo “apontamentos da escola”. Os seus pertences não tinham o menor segredo para mim, pois já remexia neles há anos. Seleccionei, com todo o cuidado, as revistas e os slides. Também encontrei sete garrafas em miniatura de bebidas alcoólicas que Ali trouxera de uma ida ao Barhein. Enfiei tudo dentro de um saco de papel, sorrindo com o meu plano.

Na Arábia Saudita há mesquitas em todos os bairros, pois o Governo deu prioridade máxima à colocação de centros de oração próximos dos homens muçulmanos. Como as preces são feitas cinco vezes por dia, o homem que está perto de uma mesquita tem mais facilidade em realizálas na totalidade. Embora as orações possam ser feitas em qualquer lugar, desde que a pessoa se volte de frente para Meca, ainda assim é preferível ter acesso a uma mesquita.

Como vivíamos numa das zonas mais abastadas, éramos servidos por uma mesquita enorme, construída em mármore branco opalescente. Eram quase duas horas da tarde, o que significava que as orações do meiodia haviam terminado; levar a cabo o meu plano sem que me vissem não oferecia, portanto, grande risco. O clima quente da Arábia faz com que até os religiosos durmam a sesta.

Abri, temerosa, a porta da mesquita e espreitei cautelosamente antes de entrar. Como ainda não andava velada, era provável que a minha presença despertasse pouca curiosidade. Já tinha uma desculpa preparada para o caso de ser apanhada: se me perguntassem o que andava ali a fazer, responderia que procurava o meu gatinho novo que se escapulira para o recinto da mesquita.

Surpreendentemente, a mesquita estava fresca e convidativa. Nunca entrara no interior do enorme edifício, no entanto já acompanhara, muitas vezes, o meu pai e Ali até às orações. Desde os seis anos que Ali era incentivado a fazer as cinco orações diárias.

Senti a respiração acelerar ao lembrar a dor que sentia ao ver o meu pai pegar na mão de Ali e levá-lo, orgulhosamente, pela imponente entrada da mesquita enquanto eu ficava, na minha condição inferior de membro do sexo feminino, na berma da estrada a olhar para eles com mágoa e raiva.

No meu país, as mulheres estão proibidas de entrar nas mesquitas. Apesar de o profeta Maomé não ter proibido as mulheres de orarem publicamente nas mesquitas, declarou que achava melhor que estas o fizessem na privacidade dos seus lares. Em resultado disso, a nenhuma mulher, na Arábia Saudita, fora jamais permitida a entrada num templo de oração.

Não havia ninguém à vista. Atravessei apressadamente o pavimento de mármore; o bater das minhas sandálias parecia alto e estranho. Coloquei o saco, contendo os objectos proibidos de Ali, na escada que levava à varanda onde estão os altifalantes que espalham a palavra do profeta Maomé pelas nossas cidades cinco vezes por dia. Só de pensar na intensidade dos apelos do muezim, nos gritos que chamam os fiéis às orações, comecei a sentir-me culpada pela minha maldade. Depois lembrei-me do sorriso tolo e desdenhoso de Ali ao dizer-me que pediria ao pai que me açoitasse e que ele, Ali, solicitaria o prazer de o fazer pessoalmente. Regressei a casa com um sorriso de satisfação. Ali que se livrasse daquela.

Nessa noite, antes de o pai voltar do escritório, apareceramnos três mutawas (religiosos) ao portão. Eu e três dos nossos servos filipinos ficámos à espreita por uma das janelas do piso de cima e vimolos gritar a Ornar e gesticular freneticamente para o céu e, em seguida, para alguns livros e revistas que, obviamente, pareciam desagradarlhes. Apeteceume rir, no entanto mantiveme muito séria.

Todos os estrangeiros e a maioria dos sauditas têm medo dos m'utawas por estes disporem de muito poder e andarem sempre à procura de sinais de fraqueza nos outros.

Até os membros da família real evitam chamarlhes a atenção.

Duas semanas antes, uma nossa criada filipina indignara uns mutawas por vestir uma saia pela altura do joelho. Um grupo de religiosos agrediu a pau e pintoulhe as pernas descobertas com tinta vermelha. Ainda que o Governo da Arábia Saudita não permita a entrada de turistas no nosso país, temos muitas mulheres a trabalhar como enfermeiras, secretárias e empregadas domésticas nas nossas cidades principais. Muitas delas sentem a ira daqueles que transmitem a palavra de Deus e que, no entanto, desprezam quem pertence ao nosso sexo. Se uma mulher tem a ousadia de desafiar as nossas tradições expondo braços ou pernas, corre o risco de ser açoitada e aspergida com tinta vermelha.

Esta criada esforçara-se ao máximo por retirar a tinta com diluente, no entanto continuava a tê-las avermelhadas e quase em carne viva. Estava convencido de que a polícia

religiosa arranjava maneira de descobrir o seu rasto até à casa onde trabalhava e estava ali para prendê-la. Correria a esconderse debaixo da minha cama. Tive vontade de lhe contar a natureza da sua visita, mas o meu segredo tinha de se manter secreto, até mesmo para os criados filipinos.

Ornar estava profundamente pálido quando entrou na villa a gritar por Ali. Vi este apressarse pelo corredor fora, caminhando desajeitadamente com a ponta do pé direito no ar, apoiado no calcanhar. Fui atrás dele e junteime à minha mãe e a Ali na sala de estar, onde Omar estava ao telefone, a ligar para o escritório do pai. Os mutawas tinham ido embora, deixando amostras do contrabando incriminador com Ornar; uma revista, vários slides e uma garrafinha de bebida alcoólica. O resto fora guardado como prova da culpa de Ali. Olhei de relance para o meu irmão e reparei que ficara mortalmente pálido ao ver o seu “tesouro secreto” à vista, no colo de Omar.

Ao verme, Ornar disse-me que saísse da sala, mas eu agarreime às saias da minha mãe, que me fez uma festa na cabeça. A minha mãe devia detestar a maneira como

Omar mandava nos seus filhos, de modo que olhou desafiadoramente nos olhos.

O homem decidiu ignorá-la. Ordenou a Ali que se sentasse, pois o pai vinha a caminho de casa e os mutawas tinham ido chamar a polícia. Ali iria ser preso, anunciou com uma certeza inabalável.

O silêncio que se fez na sala fazia lembrar a calmaria antes da tempestade. Por instantes sentime aterrorizada, mas, logo a seguir, Ali recuperou a postura e quase

cuspiu em Omar, declarando: “Eles não me podem prender, eu sou um príncipe. Esses fanáticos religiosos não passam de mosquitos incómodos nos meus tornozelos.” De repente, ocorre-me que a cadeia talvez fizesse bem a Ali.

O chiar dos pneus do carro do pai a travar anunciou a sua chegada. Este entrou precipitadamente na sala, mal controlando a sua ira, pegando depois nos objectos um a um.

Ao ver a revista, fitou Ali duramente. Atirou o uísque para o lado com desprezo, pois todos os príncipes têm bebidas alcoólicas em suas casas. Mas quando ergueu os slides contra a luz do candeeiro, gritou a minha mãe e a mim que saíssemos da sala. Ouvio bater no filho com as mãos.

Fora, de todo em todo, um mau dia para Ali.

Os mutawas deviam ter pensado duas vezes antes de chamar a polícia para prender um dos filhos reais, pois voltaram passadas umas horas trazendo consigo pouco mais do que uma fúria pia. Mas até o meu pai teve dificuldade em arranjar desculpa para os slides que mostravam mulheres a copular com animais.

Estavase no ano de 1968, e o rei Faiçal não se mostrava tão tolerante com os delitos dos jovens príncipes como fora seu irmão Saud. Os mutawas sentiamse numa posição de poder, pois tanto eles como o meu pai sabiam que o rei ficaria extremamente ultrajado

se o conteúdo dos slides passasse a ser do domínio público. Os receios dos mutawas em relação à actual modernização por que a nossa terra passava eram sobejamente conhecidos. O rei Faiçal acautelava sempre os irmãos e primos para que controlassem os filhos, a fim de evitarem que a ira dos religiosos se abatesse sobre a cabeça dos homens que governavam o país. O rei assegurara aos chefes religiosos de que estava a conduzir o país para uma modernização necessária, não para uma ocidentalização degenerada (o melhor, não o pior, do Ocidente). Os mutawas viam no comportamento dos membros da família real a prova de decadência do Ocidente. A colecção de slides de Ali não contribuíra nada para os tranquilizar relativamente à decadência da família real, de que se falava à sucapa.

Ouvimos os mutawas discutir noite dentro sobre um castigo apropriado ao filho de um príncipe. Ali tinha a sorte de pertencer à família dos AISaud. Os mutawas sabiam que só com a autorização do rei é que o sistema judicial do país condenaria um príncipe real. Era muito raro tal acontecimento se dar, se é que alguma vez tivera lugar. Fosse Ali membro de uma família saudita vulgar e não se livraria de uma pesada pena de prisão. A nossa família estava familiarizada com a triste história do irmão de um dos nossos motoristas filipinos. Quatro anos antes, o tal irmão, que trabalhava para uma firma de construções em Riade, fora preso por possuir um filme pornográfico. O pobre homem encontravase, naquele momento, a cumprir uma pena de prisão de sete anos. Não só definhava na prisão como lhe fora destinado receber, todas as sextasfeiras, dez vergastadas. O nosso motorista, que todos os sábados visitava o irmão, chorou ao contar a Ali

que sempre que via o desgraçado irmão o encontrava negro do pescoço aos pés por causa da pancada do dia anterior. Receava que o irmão não sobrevivesse ao ano seguinte.

Infelizmente para Ali, a sua culpa foi estabelecida sem qualquer dúvida o seu nome estava ousadamente escrito em todos os artigos proibidos. Depois de muita discussão, acabaram por chegar a uma espécie de compromisso: o nosso pai daria uma generosa soma de dinheiro à mesquita e Ali estaria presente, cinco vezes por dia, nas orações,

para assim apaziguar os homens de Deus, assim como o próprio Deus. Os mutawas sabiam que poucos dos jovens príncipes reais se davam ao trabalho de rezar sequer, de modo que tal castigo seria particularmente maçador para Ali. Dísseramlhe que, durante os doze meses seguintes, teria de dar a sua presença a conhecer ao mutawachefe da nossa mesquita em cada sessão de orações. A única desculpa que poderia apresentar era estar ausente da cidade. Como Ali dormia, geralmente, até às nove da manhã, só a perspectiva de ter de se levantar ao nascer do Sol fêlo franzir o cenho. Além disso, teria de

escrever um milhar de vezes num bloco de apontamentos a seguinte frase: “Deus é grande e eu desagradeilhe indo atrás de modas corruptas e imorais do Ocidente pagão.” Como condição final, Ali teria de revelar o nome de quem lhe fornecera as revistas e os slides. Quanto às primeiras, Ali trouxeraas, às escondidas, de viagens ao estrangeiro, pois os príncipes passam pelas alfândegas sem sequer um olhar de cortesia. Mas fora um

ocidental, com quem travara amizade numa festa, que lhe vendera os slides e Ali, ansioso para descartar parte da pressão a que estava a ser submetido por causa de um estrangeiro, não se fez rogado e forneceu imediatamente o nome e a morada do local de trabalho do mesmo aos mutawas. Mais tarde, viria a saber que o homem fora preso, açoitado e deportado.

Sentime muito mal. A minha travessura estúpida desgraçara toda a minha família, submetendo-a a uma humilhação aflitiva. Não importava que a lição tivesse prejudicado Ali, mas sabia que os meus pais tinham sido afectados e outras pessoas inocentes prejudicadas. Além disso, tenho vergonha de admitir, tinha um medo terrível de ser descoberta. Rezei a Deus e prometi-lhe que, se me deixasse escapar daquela sem castigo, dali em diante passaria a ser uma criança bemcomportada.

Omar acompanhou os mutawas até à saída. A minha mãe e eu esperámos que o pai e Ali voltassem para a sala de estar da família. O pai respirava agitadamente e trazia Ali agarrado pelo braço, empurrando-o escada acima. Ali olhou para mim e os nossos olhares encontraram-se. Naquela fracção de segundo eu soube que ele percebera que fora eu a culpada. Vi, com tristeza, que ele pareceu ficar mais magoado do que zangado.

Comecei a soluçar, pois senti o peso do acto terrível que cometera. O meu pai fitou-me com pena. A seguir deu um empurrão a Ali e gritou-lhe que perturbara a família inteira, incluindo as crianças inocentes. Pela primeira vez na minha vida, o meu pai aproximou-se de mim, abraçou-me e pediu-me que não chorasse.

Sentime então ainda mais miserável. O toque de afecto por que ansiara toda a vida não tinha o sabor com que contara e a alegria que tantas vezes imaginara ficara destruída pelo prémio ilusório tão enganadoramente ganho.

A minha travessura atingira, apesar de tudo, o alvo. Não houve a menor menção ao dedo partido do pé de Ali, tão pouco ao toucado enfiado na sanita. Um pecado sobrepusera-se de tal maneira ao outro que tinham acabado por se anular mutuamente.

A VIAGEM

Apesar das complicações recentemente vividas pela família, a viagem a Itália e ao Egito continuou de pé, no entanto eu já não sentia a mesma alegria. Fiz a minha mala

e organizei as minhas listas, enquanto via Ali passar penosamente em frente do quarto.

No passado, Ali prestaram pouca atenção. Era desprezada por ser rapariga, alguém a quem antagonizar ou empurrar quando calhava uma pessoa pouco importante. Agora olhavam de maneira diferente, pois fizera a surpreendente descoberta de que, afinal de contas, eu, um membro do sexo feminino inferior e o membro mais novo da família, era uma oponente perigosa e a ter em consideração.

No dia da nossa partida, foram precisas seis limusinas para nos transportar até ao aeroporto. Onze de nós viajaríamos por um mês: Nura, Alinied e três dos seus cinco filhos, duas das suas criadas filipinas; Sara e eu; e Ali e Hadi, seu amigo.

Hadi, dois anos mais velho do que Ali, estudava no Instituto Religioso, uma escola masculina, em Riade, destinada aos jovens que aspirassem a tornarem-se mutawas. Hadi impressionava os adultos citando o Alcorão e agindo de modo muito piedoso na sua presença. O meu pai achava que o rapaz exerceria boa influência sobre os seus filhos. Hadi

declarava a quem o ouvisse que, na sua opinião, as mulheres não deviam sair de casa; disse a Ali que estas eram a causa de todo o mal na Terra.

Saltava à vista que a presença de Ali e Hadi iria tornar a viagem muito agradável...

A minha mãe não nos acompanhou ao aeroporto. Andara ausente e triste nos últimos dias; calculei que as extravagâncias de Ali a tivessem preocupado. Despediuse de

nós no jardim e ficou a acenarnos do portão da frente. Tinha o véu posto mas eu sabia que as lágrimas lhe corriam pelo rosto. Algo não estava bem com a minha mãe, porém a

perspectiva da viagem que tínhamos pela frente não me deu tempo para reflectir sobre as possíveis razões.

Alinied comprara um avião novo há pouco, portanto o nosso voo era estritamente familiar. Fui ver se os pilotos eram os mesmos que haviam levado minha mãe e eu até Gidá; desiludida, vi que não. No cockpit estavam dois pilotos ingleses, de ar moderadamente simpático. A família real tinha um vasto número de pilotos americanos e ingleses

ao seu serviço particular. Alimed foi falar com os dois homens enquanto Nura e as criadas se instalavam com os mais pequenos.

Sara, que tirara o véu, já se embrulhara num cobertor, agarrada aos seus preciosos livros. Hadi fitou o seu rosto descoberto com desdém e sussurrou iradamente algo a Ali,

que se voltou e ordenou a Sara que colocasse o véu até saírem da Arábia Saudita. A minha

irmã respondeulhe que não conseguia ver através do tecido grosso e que se ele fosse esperto, fecharia a bocarra.

Ainda nem levantáramos voo e já havia discussão na família. Tentei pisar o dedo partido do pé a Ali, mas falhei, enquanto este me desferia uma pancada na cabeça; baixeime e ele não acertou. Ahmed, como a figura masculina de autoridade mais velha, mandou todos sentaremse e calaremse. Ele e Nura trocaram um olhar que me fez perceber que já estavam a ficar arrependidos do seu generoso convite.

Os três lugares mais sagrados do islamismo são Meca, Mediría e Jerusalém. Meca é a cidade idolatrada por mais de mil milhões de muçulmanos espalhados pelo mundo, pois foi aí que Deus revelou a sua vontade ao profeta Maomé. A nossa vida religiosa assenta em cinco rituais obrigatórios, designados de pilares da religião. Uma dessas obrigações exige que todo o muçulmano que tiver possibilidades financeiras vá a Meca. Nenhum bom muçulmano se sente realizado sem fazer uma peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida.

A nossa segunda cidade mais sagrada, Medina, considerada “a cidade do Profeta”, é o lugar onde Maomé está enterrado.

E Jerusalém é a nossa terceira cidade mais sagrada. Foi aí que Maomé recebeu a Revelação de Deus, no monte de Hira. Os muçulmanos choram lágrimas amargas à menção de Jerusalém, pois esta cidade, agora ocupada, deixou de estar livre e aberta ao nosso povo.

Se, para um muçulmano, Meca, Medina e Jerusalém constituem os seus grandes centros espirituais, então o Cairo é a coroa de glória da sua autoestima. Esta cidade

representa cinquenta séculos de sobrevivência titânica e é, para os Árabes, uma das maiores civilizações jamais surgidas na Terra. O Egipto é uma espécie de grande orgulho de todo o árabe. O poder, a riqueza e os feitos dos egípcios antigos faz com que a abundância petrolífera dos modernos árabes do Golfo pareça insignificante e irrelevante.

Foi no Cairo, essa cidade a extravasar de vida desde o começo dos tempos, que me tornei mulher. Na cultura árabe, onde tanta importância é dada à passagem da infância à

adolescência numa jovem, estas aguardam, com um misto de receio e profunda satisfação, o indício da sua primeira menstruação. Quando amigas minhas ocidentais me disseram que desconheciam o que lhes estava a acontecer quando lhes apareceu o primeiro período, e que imaginaram estar a morrer, fiquei estupefacta. No mundo islâmico, a

chegada da primeira menstruação é tema amenamente debatido. De repente, e de um momento para o outro, a criança transformase num adulto. A partir daí, não há forma de regressar ao casulo protector da inocência infantil.

Na Arábia Saudita, o aparecimento da primeira menstruação significa que é tempo de escolher o primeiro véu e abaaya com o maior dos cuidados. Até os lojistas, muçulmanos da Índia ou do Paquistão, inquirem, tranquila e respeitosamente, se a menina se tornou mulher. Depois, com toda a seriedade, sorriem indulgentemente e começam a escolher a abaaya e o véu que melhor assentem à jovem.

Embora o véu tenha de ser sempre preto, existem muitas possibilidades no que diz respeito à escolha e peso do tecido. O véu pode ser de material fino, proporcionando ao mundo um vislumbre fugidio do rosto proibido. Um tecido que seja de peso médio é mais prático, pois permite ver através do tecido transparente sem ter de aturar os olhares agressivos ou as observações mordazes dos defensores da fé. Se uma mulher escolhe o espesso tecido preto tradicional, não há homem que possa imaginar as feições por baixo de uma máscara facial que se recusa a esvoaçar à mais forte das brisas. Claro que esta opção impossibilita examinar jóias no souq dourado ou avistar carros velozes depois do crepúsculo. Além do véu espesso tradicional, há mulheres conservadoras que gostam, ainda, de usar luvas e meias pretas, para que não haja o menor vestígio de carne aos olhos do mundo.

Para uma mulher que precise de exprimir a sua individualidade e gosto pela moda, existem maneiras de fugir ao infinito conformismo do vestir através de design criativo.

Muitas comprem lenços adornados com pedras preciosas e o movimento dos pequenos enfeites faz virar a cabeça a muitos homens. Adornos caros e vistosos são, muitas vezes, cosidos aos lados e à parte de trás da abaaya.

As mulheres mais novas, sobretudo, anseiam por se distinguir através de escolhas muito a seu gosto. O lojista masculino desenhará os últimos modelos em véus e abbayas

e mostrará à rapariga a maneira de atirar o lenço sobre a cabeça, de maneira a ter um ar de elegância e modernidade. O método de prender a abaaya, mostrando a quantidade

exacta de pé que é permitida sem ser considerada arriscada, é discutida com grande pormenor. Todas as jovens vão fazendo experiências, até encontrarem o seu método próprio para usarem a abaaya com um toque elegante e pessoal.

É uma criança que entra na loja, mas é uma mulher que sai, velada, e, a partir desse dia, em idade casadoira. A sua vida muda numa fracção de segundo. O homem árabe

mal olha para a criança que entra na loja, mas mal a mulher sai com a sua abaaya e véu, começa imediatamente a dirigirlhe olhares discretos e furtivos. Passa então a tentar descortinar vislumbres de um tornozelo proibido e, portanto, inesperadamente erótico.

Com o véu, a mulher árabe tornase imensamente tentadora e desejável para o homem árabe.

No entanto, eu encontravame no Cairo na altura, não em casa, na Arábia Saudita, de modo que o impacte inesperado da minha primeira menstruação pouco mais fez do que irritarme. Sara e Nura mostraramme tudo o que uma mulher tem de fazer. Ambas

aconselharamme a não contar nada a Ali, pois tinham a certeza de que, se assim fizesse, ele obrigarmeia a pôr imediatamente o véu, mesmo no Cairo. Sara fitoume com

grande tristeza e deume um abraço apertado. Sabia que, daquele dia em diante, eu seria considerada um grande perigo para todos os homens, até ficar sob a protecção do casamento e fechada atrás de paredes.

Alimed possuía um luxuoso apartamento de três pisos no Cairo, em pleno centro da

cidade. Alimed e Nura instalaram-se no primeiro por uma questão de privacidade, no segundo ficaram as duas criadas filipinas, os três filhos pequenos de Nura, Sara e eu. Ali, Hadi e o segurança ocuparam o terceiro. Sara e eu abraçámonos de alegria quando soubemos que Ali e Hadi ficariam separados de nós por um andar.

Na nossa primeira noite, estava combinado que Alimed, Nura, Ali e Hadi iriam a um clube noturno ver a dança do ventre. Alimed era de opinião de que Sara e eu devíamos ficar em casa com as crianças e as criadas filipinas. Sara não protestou, mas eu defendi o nosso caso com tanta eloquência que Alimed cedeu.

Com catorze anos, fiquei deslumbrada com a terra dos faraós e elegi alegremente o Cairo como a minha cidade preferida de todos os tempos. Essa ligação ao Cairo

nunca vacilou. A excitação daquela cidade inflamou-me com uma paixão jamais sentida por mim antes e que, ainda hoje, não consigo explicar totalmente. As ruas eram

incessantemente percorridas por homens e mulheres em busca de aventura e oportunidade. Deime conta da aridez e da falta de estímulo que a minha vida tivera até ali, pois

via que o Cairo era o oposto das nossas cidades árabes, estas, aos meus olhos, estereis e mortíferas.

Sentia-me incomodada com a pobreza extrema, no entanto não era desencorajante, pois via nela uma profunda força de vida. A pobreza pode transformar uma pessoa numa tocha flamejante em busca de mudança e revolução, sem as quais a humanidade

nunca sairia da estagnação. Lembrei-me de novo da Arábia Saudita e percebi que a nossa vida por lá deveria conhecer um pouco de pobreza e necessidades para nos obrigar a renovar a nossa vida espiritual.

Com efeito, existem muitas classes de pessoas na minha terra, desde os vários níveis da família real até aos trabalhadores assalariados inferiores. Mas ninguém, incluindo os operários estrangeiros, fica com as necessidades básicas por satisfazer. O nosso Governo assegura o bemestar de todos os sauditas. Cada elemento masculino da população dispõe de uma casa, assistência médica e medicamentosa, educação, um negócio que lhe permita viver, empréstimos livres de juros e até, em caso de necessidade, dinheiro para a alimentação. As nossas cidadãs estão sob a protecção dos homens da família, quer se trate do pai, marido, irmão ou primo.

A satisfação das necessidades básicas faz com que, na minha terra, a centelha de vida gerada pelo desejo material falte tristemente. É por causa desta situação que já desespero de alguma vez vê-la evoluir. Nós, Sauditas, somos demasiado ricos, estamos demasiado instalados na nossa apatia para mudar. Quando íamos a atravessar a cidade atarefada do Cairo, dei voz aos meus pensamentos, no entanto reparei que a única pessoa que me prestou atenção e entendeu a essência das minhas ideias foi Sara.

O Sol começara a pôr-se e o céu a ficar dourado por trás dos contornos definidos das pirâmides. O Nilo, generoso e lento, respirava vida por entre a cidade, até ao deserto.

Ao observá-lo, senti a vida correr em turbilhão pelas minhas veias.

Ali e Hadi estavam furiosos por Sara e eu duas mulheres solteiras termos tido permissão para ir ao clube noturno. Hadi falou longa e seriamente com Ali sobre a deterioração dos valores da nossa família. Declarou, com satisfação presumida, que todas as suas irmãs tinham casado com catorze anos e eram cuidadosamente guardadas pelos homens da sua família. Disse que, como religioso, teria de apresentar queixa ao nosso

pai quando regressássemos da viagem. Sara e eu, encorajadas pela distância a que estávamos de Riade, fizemos cara de desprezo e afirmámos que ele ainda não era religioso.

Dissemos-lhe, no calão que aprendêramos ao assistir a filmes americanos, que fosse “bugiar”.

Hadi devorava as dançarinas com os olhos, fazendo observações rudes sobre partes dos seus corpos, no entanto jurava a Ali que não passavam de prostitutas e que, se dependesse da sua vontade, seriam apedrejadas. Hadi não passava de um cretino pomposo. Até Ali se fartou da sua atitude superior e começou a tamborilar impacientemente com os dedos sobre o tampo da mesa e a olhar em volta.

Depois dos comentários e da atitude de Hadi, fiquei desconcertada pelas suas acções no dia seguinte.

Alimed contratou um motorista para levar Nura, Sara e eu às compras. Ele foi, por seu lado, encontrar-se com um homem de negócios. O segurança, que também fazia de motorista, levou as criadas filipinas e as crianças até à piscina do Mena House Hotel.

Quando saímos do apartamento, Ali e Hadi andavam por ali, ainda não refeitos da noite anterior.

O calor asfixiante da cidade depressa fatigou Sara, de modo que me ofereci para voltar com ela para o apartamento e fazer-lhe companhia até Nura terminar as suas compras. Nura concordou e mandou o motorista levarnos. Depois regressaria para a buscar.

Quando entrámos no apartamento, ouvimos gritos abafados. Sara e eu seguimos na direcção do barulho e fomos dar ao quarto de Ali e Hadi. A porta não estava fechada e, de repente, apercebemo-nos do que se desenrolava diante dos nossos olhos. Hadi estava a violar uma menina que não devia ter mais de oito anos de idade, enquanto Ali a segurava. Havia sangue por todo o lado. O nosso irmão e Hadi riam.

Ao ver a cena traumatizante, Sara ficou histérica, começou a gritar e afastou-se a correr. O rosto de Ali transformouse numa máscara de fúria e empurrou-me para fora

do quarto, atirandome ao chão. Corri atrás de Sara. Ficámos encolhidas a um canto, no nosso quarto.

Quando não fui capaz de continuar a ouvir os sons de terror que continuavam a filtrar-se até ao nosso andar, desci silenciosamente a escada. Tentava, desesperadamente, pensar numa acção a tomar quando tocaram à campainha. Vi Ali abrir a porta a uma mulher egípcia com cerca de quarenta anos. Entregou quinze libras egípcias à mulher e

perguntoulhe se tinha mais filhas. Esta respondeulhe que sim e que voltaria no dia seguinte. Hadi acompanhou a criança chorosa até à porta. A mãe, sem mostrar a menor emoção, pegou na mão da filha lavada em lágrimas e a coxear e afastouse.

Ahmed não se mostrou surpreso quando Nura, furibunda, lhe contou o que se passara. Compôs uma cara séria e disse que se inteiraria dos pormenores. Mais tarde, disselhe que fora a própria mãe a vender a filha e que ele nada podia fazer.

Apesar de terem sido apanhados naquele acto vergonhoso, Ali e Hadi agiram como se nada se tivesse passado. Ao escarnecer de Hadi e ao perguntarlhe como poderia ele ir para religioso, riuse despidoradamente na minha cara. Volteime para Ali e, ao dizerlhe que contaria ao nosso pai que ele andava a atacar meninas, riuse ainda com mais força que Hadi. Inclinou-se para mim e declarou:

Contalhe. Não me importo!

Disse que fora o próprio pai a darlhe o nome de um homem a contactar, tendo em vista aquele mesmo tipo de serviço. Sorriu e observou que as meninas eram mais divertidas e, além disso, o pai fazia o mesmo quando ia ao Cairo.

Tive a sensação de que era electrocutada; o meu cérebro ardia, fiquei de boca aberta e a olhar, pasmada, para o meu irmão. Foi a primeira vez que me veio à ideia que todos todos os homens eram maus. Tive vontade de destruir a recordação que me ficava daquele dia e deslizar novamente para as brumas da minha infância. Afasteime silenciosamente. Comecei a temer o que me viria a ser revelado a seguir no mundo cruel dos homens.

Continuo a apreciar o Cairo como a cidade da luz, mas a decadência derivada da pobreza fezme repensar as minhas teorias anteriores. Mais para o fim dessa semana, vi a mesma mãe egípcia bater à porta do edifício com outra menina pela mão. Quis interrogála, descobrir como podia uma mãe vender as suas filhas. Ela viu o meu ar determinado de curiosidade e afastouse apressadamente.

Sara e eu conversámos longamente com Nura acerca do fenómeno e esta suspirou, dizendo que Ahmed lhe contara que se tratava de um hábito vulgar em quase todo o mundo. Quando exclamei, iradamente, que preferiria morrer à fome do que vender as minhas filhas, Nura concordou, mas disse que isso era fácil de dizer por quem nunca passara fome.

Deixámos o Cairo e as suas misérias para trás. Sara teve, finalmente, a oportunidade de conhecer a Itália. Valeria o seu ar radiante as penas que a tinham libertado para ir ali? Declarava, sonhadora, que a realidade se sobrepusera às suas fantasias.

Passámos pelas cidades de Veneza, Florença e Roma. Ainda tenho nos ouvidos a alegria e espontaneidade do riso dos Italianos. Acho que o amor que têm pela vida é uma das grandes bênçãos da terra, bem mais importante, ainda, do que o contributo que deram para a arte e a arquitectura. Nascida numa terra sombria, consolame a ideia de um

país que não se toma demasiado seriamente.

Em Milão, Nura gastou mais dinheiro em poucos dias do que a maioria das pessoas numa vida inteira. Dava a impressão de que ela e Ahmed compravam freneticamente, com um desejo profundo de preencherem não sei que vazio de solidão nas suas vidas.

Hadi e Ali passaram o tempo a comprar mulheres, pois as ruas de Itália estão sempre cheias, dia e noite, de belas jovens, disponíveis para quem possa pagar. Via

Ali como sempre fora, um jovem egoísta e exclusivamente preocupado com o seu prazer. Mas eu tinha a certeza de que Hadi era, de longe, mais desprezível pois comprava mulheres e, no entanto, condenavaas pelo papel que desempenhavam no acto.

Desejavaas mas odiavaas, assim como ao sistema que lhes dava liberdade para fazerem o que quisessem. A sua hipocrisia era, para mim, a essência da natureza perversa do homem.

Quando o nosso avião tocou no solo de Riade, prepareime para mais situações desagradáveis. Sabia que, com catorze anos, me considerariam uma mulher e que me aguardava um destino impiedoso. Apesar de a minha infância não ter sido muito fácil, sentia uma ânsia inesperada de me agarrar à minha meninice. Não tinha dúvidas de que, como

mulher, estaria em oposição constante à ordem social da minha terra, que sacrifica quem pertence ao meu sexo.

Os meus receios em relação ao futuro em breve se esfumaram diante da agonia que iria enfrentar. Ao chegar a casa, soube que a minha mãe estava a morrer.

FIM DA JORNADA

Uma das certezas da vida é a morte. A minha mãe, que acreditava piamente nas palavras do profeta Maomé, não se sentia apreensiva em relação ao fim da jornada da sua vida. Seguiu os preceitos exemplares de uma boa muçulmana e sabia que só poderia esperá-la a recompensa. A sua única mágoa e receio eram as filhas que deixava por casar. Ela era a nossa força, o nosso apoio, e sabia que, quando se fosse embora, elas ficariam entregues a si próprias.

A minha mãe confessou que já sentia a vida a desvanecer-se em si na altura da nossa partida. Não dispunha de outras bases para esse conhecimento além de três visões extraordinárias que tivera em sonhos.

Seus pais haviam sucumbido a febre; tinha ela oito anos de idade. Como única menina da família, minha mãe tratara dos pais durante o breve período que durara a sua doença.

Ambos pareciam estar a recuperar quando, no meio da fúria revolteante de uma terrível tempestade de areia, o pai se erguera sobre um dos cotovelos, sorria para as nuvens, murmurara quatro palavras, “Eu vejo o jardim”, e morrera. A sua mãe seguiu pouco depois, sem revelar o menor indício do que testemunhara aguardá-la. A minha mãe, deixada ao

cuidado dos quatro irmãos mais velhos, casara muito jovem com o meu pai.

O meu avô materno fora um homem bom e compassivo. Amara a filha tal qual os filhos. Enquanto os homens das outras tribos encaravam, de má catadura, o nascimento

de uma filha, o meu avô ria e dizia-lhes que deviam louvar Deus por lhes ter trazido um toque de amenidade ao lar. A minha mãe disse que, caso o seu pai tivesse vivido mais tempo, jamais teria casado tão nova. Estava certa de que teria podido dispor de mais uns anos entregue à liberdade da infância. Sara e eu encontrá-vamos sentadas à beira da sua cama quando nos confiou os seus perturbantes sonhos. A primeira das suas visões deu-se quatro noites antes de termos recebido notícia da tentativa de suicídio de Sara.

Encontrá-vamos numa tenda beduína. Era a mesma que a minha família tinha nos meus tempos de criança. Fiquei admirada por ver os meus pais, jovens e saudáveis, sentados ao lado de uma fogueira a prepararem café. Ouvia os meus irmãos à distância, a trazerem o rebanho de carneiros ao fim de um dia de pasto. Precipitei-me para os meus pais, mas eles não podiam verme nem ouvir-me a gritar pelos seus nomes.

“Dois dos meus irmãos, os que já morreram, entraram na tenda e sentaram-se ao lado dos meus pais. Beberam leite de camela em pequenas taças, enquanto o meu pai triturava os grãos de café para preparar a bebida. O sonho acabou quando o meu pai citou uns versos que fizera sobre o paraíso que aguardava todo o bom muçulmano. Os versos

eram simples, no entanto pareceram-me reconfortantes. Eram assim:

Rios serenos fluem,
árvores sombreiam o amarelo do sol.
Fruta amontoase aos pés,
O leite e o mel não têm fim.
Seres amados aguardam os que estão aprisionados na terra.

O sonho terminara. Minha mãe disse que pouca importância lhe deu, além de achar que talvez fosse uma mensagem de alegria de Deus, assegurando-a de que tinha os pais e a família no Paraíso.

Cerca de uma semana depois de Sara ter regressado, a mãe teve uma segunda visão.

Dessa vez todos os membros falecidos da sua família estavam sentados à sombra de uma palmeira. Comiam alimentos deliciosos em recipientes de prata. Mas agora viram-na e os pais levantaram-se e vieram saudá-la. Pegaram-na na mão e convidaram-na a sentar-se e a comer.

A minha mãe contou que se assustou, no sonho, e tentou fugir, mas a mão do seu pai apertou a dela com mais força. A mãe lembrou que ela tinha filhos pequenos de quem cuidar e implorou ao pai que a deixasse ir, que ela não tinha tempo para se sentar a comer. Disse que a mãe lhe tocara no ombro e lhe dissera: “Fadila, Deus velará pelas tuas filhas. Está a chegar a altura de as deixares ao Seu cuidado.”

A minha mãe acordou do seu sonho. Contou que tivera a noção de que o seu tempo na terra estava a chegar ao fim e que em breve iria ter com aqueles que a haviam precedido.

Duas semanas depois da nossa partida, a minha mãe começou a ter dores nas costas e na nuca. Sentia-se tonta e enjoada. A dor era a sua mensagem; sabia que o seu fim se aproximava. Foi ao médico e falou-lhe dos sonhos e da nova dor. Este não ligou a menor importância aos sonhos mas aparentou um ar grave ao ouvir a descrição da dor.

Exames especiais mostraram que a mãe tinha um tumor inoperável na espinha.

O último sonho da minha mãe deu-se na noite em que o médico confirmou a sua doença terminal. Nele, ela encontrava-se sentada com a sua família celestial, comendo e bebendo com muita boa disposição e à vontade. Tinha a acompanhá-la os pais, avós, irmãos e primos parentes que tinham morrido muitos anos antes. A minha mãe sorriu ao ver bebés a gatinhar pelo chão de um prado, atrás de borboletas. A mãe dela dirigiu-lhe um sorriso e perguntou: “Fadila, porque não prestas atenção aos teus bebés? Não reconheces quem é do teu próprio sangue?”

De repente, a mãe percebeu que as crianças eram, de facto, suas eram as que perdera em tenra idade. Foram todos para o seu colo, aqueles cinco bebés celestiais, e ela começou a embalá-los e a cantarlhes, apertando-os bem contra si.

A nossa mãe ia para junto daqueles que perdera e abandonava os que conhecera. Deixavamos.

Felizmente, a minha mãe não sofreu muito antes de morrer. Gosto de pensar que Deus viu que ela passara pelas duras provas da vida como uma pessoa de bem e não achara necessário magoá-la mais com a dor da morte.

As filhas rodearam completamente o seu leito de morte. A mãe ficou deitada, envolta no amor daquelas que eram da sua própria carne e sangue. Os seus olhos pousaram, demoradamente, em cada uma de nós, não foram proferidas palavras mas sentimos que se despedia. Ao fixar o olhar em mim, vi as suas preocupações crescerem como uma tempestade, pois sabia que eu, rebelde como era, acharia a vida bem mais dura que as outras.

As tias mais velhas da nossa família banharam e prepararam o corpo da minha mãe para o seu regresso à terra. Vi envolverem o seu corpo, que os inúmeros partos e a doença haviam tornado franzino, numa mortalha de linho branco. Tinha o rosto sereno, agora livre de preocupações terrenas. Achei a minha mãe mais jovem na morte do que em vida. Custavame acreditar que dera à luz dezasseis filhos, dos quais onze haviam sobrevivido.

A nossa família mais próxima, juntamente com todas as esposas do pai e respectivos filhos, reuniram-se em nossa casa; foi lido um versículo do Alcorão, para reconfortar os presentes. O corpo amortalhado da mãe foi então colocado no banco de trás de uma limusina preta conduzido por Omar.

Os nossos costumes proíbem a presença de mulheres nos locais de enterro, no entanto eu e as minhas irmãs impusemos a nossa vontade ao nosso pai; este cedeu quando lhe prometemos que não choraríamos alto nem puxaríamos pelos cabelos. Foi assim que a família inteira seguiu o carro fúnebre, formando uma caravana triste mas silenciosa pelo deserto dentro.

No islamismo, mostrar desgosto pelo falecimento de um ente querido indica desagrado perante a vontade de Deus. Além disso, a nossa família é oriunda da região Nayd da Arábia Saudita, e o nosso povo não exprime publicamente luto pela morte dos familiares.

Os criados sudaneses já haviam preparado uma sepultura aberta de fresco no deserto infundável da nossa terra. O corpo da nossa mãe foi ternamente depositado na cova e o pano branco foi afastado do seu rosto por Ali, o único filho terreno que tinha. As minhas irmãs juntaram-se umas às outras longe da derradeira morada da nossa mãe, mas eu não fui capaz de desviar os olhos da sepultura. Fora a última filha a sair do seu ventre; ficaria junto do seu revestimento terreno até ao último momento. Ao ver os servos deitarem a areia vermelha do Rub alKhali para cima do seu rosto e corpo, encolhime.

Enquanto via a areia cobrir o corpo daquela que eu tanto adorara, lembreime, repentinamente, de um lindo verso do grande filósofo libanês Kalifil Gibran: “Quem sabe

se um funeral entre os homens não é uma festa de casamento entre os anjos.” Imaginei a minha mãe ao lado de seus pais, com os seus pequeninos nos braços. Certa, naquele momento, de que um dia voltaria a sentir os seus afagos meigos, sustive as lágrimas e aproximei-me das minhas irmãs, chocando-as com o meu sorriso de alegria e serenidade.

Citei o poderoso verso que Deus enviara para aliviar a minha dor e as minhas irmãs anuíram entendendo perfeitamente a sabedoria contida nas palavras de Kalifil Gibran.

Deixávamos a mãe para trás, na vastidão vazia do deserto, no entanto eu sabia que já não importava que não tivesse ficado nenhuma lápide a marcar a sua presença ali, ou que não tivesse havido nenhum serviço religioso a falar da mulher simples que fora uma chama de amor durante todo o tempo que passara na Terra. Em compensação estava agora com os seus outros entes queridos, aguardando a nossa chegada.

Excepcionalmente, Ali parecia perdido, e eu sabia que estava tão profundamente sentido como nós. O meu pai pouco falou e passou a evitar a nossa villa desde o dia da morte da mãe. Mandavam-nos recados através da sua segunda esposa, que passara agora para a cabeça do grupo em substituição da minha mãe.

Um mês depois soubemos, através de Ali, que o nosso pai se preparava para casar de novo, pois, na nossa terra, o normal é haver quatro esposas entre os muito ricos e os beduínos muito pobres. O Alcorão diz que todas as esposas devem ser tratadas dentro dos mesmos parâmetros. Os abastados da Arábia Saudita não têm dificuldades em proporcionar igualdade às suas esposas. Os beduínos mais pobres só precisam de erguer quatro tendas e fornecer comida. É por estas razões que se veem os muçulmanos mais ricos e os mais pobres com quatro mulheres. Somente a classe média saudita é que tem de se contentar com uma única esposa, pois é-lhe impossível dispor dos fundos necessários para proporcionar padrões de classe média a quatro famílias separadas.

O pai tencionava desposar uma das primas reais, Randa, uma jovem com quem eu brincara em pequena há muito tempo atrás, pareciame. A jovem noiva tinha quinze anos, mais um do que eu, que era a filha mais nova que ele tivera da minha mãe.

Quatro meses depois do enterro da minha mãe, fui ao casamento do meu pai. Estava intratável e recusei-me a participar nas festividades sentia uma animosidade terrível.

Sabia que a memória da minha mãe, depois de esta lhe ter dado dezasseis filhos e muitos anos de obediência, estava a ser tranquilamente desrespeitada pelo meu pai.

Não só estava furiosa com ele como também sentia um ódio imenso pela minha antiga companheira de folguedos, Randa, que agora iria ser a quarta esposa, preenchendo o vazio criado pela morte da minha mãe.

O casamento foi grandioso, a noiva era jovem e bonita. Quando o meu pai a levou da enorme sala de baile para o leito de núpcias, a minha raiva em relação a Randa caiu por terra. Abri os olhos de espanto ao reparar no seu rosto preocupado. Os seus lábios tremiam de medo! Tal como uma chama violenta se extingue instantaneamente, a visão do óbvio desespero de Randa aquietou o meu ódio, transformando-o em terna comiseração.

Envergonheime da minha hostilidade, pois vi que ela era, como todas nós, uma mulher indefesa diante da poderosa e dominadora virilidade saudita.

O pai partiu com a sua noiva para uma viagem prolongada que os levaria até Paris e Monte Carlo. A mudança dos meus sentimentos levou-me a aguardar o regresso de

Randa e, enquanto isso, jurei despertar a nova esposa do meu pai para um objectivo: liberdade para as mulheres da nossa terra. Não seria apenas dar a conhecer a Randa novos desafios e sonhos de poder, mas sabia que o despertar político e espiritual da jovem esposa também feriria o meu pai. Não conseguia perdoar-lhe o facto de ter esquecido, com tanta facilidade, a mulher maravilhosa que fora a minha mãe.

AMIGAS

Quando o meu pai e Randa regressaram da sua luademel, foram viver para a nossa villa. Apesar de a minha mãe já não fazer parte do mundo dos vivos, os seus filhos mais novos continuavam a residir na villa do pai e contavase que a nova esposa assumisse os deveres de uma mãe. Como eu era a filha mais nova, apenas com um ano a menos que Randa, esse costume parecia, na nossa situação, ridículo. Contudo, na Arábia Saudita não há possibilidade de modificar ou alterar situações em face de condições especiais, de modo que Randa foi instalada na nossa casa, qual criança mascarada de mulher e senhora de uma casa enorme.

Randa voltou da sua luademel calada, quase apática. Raramente falava, nunca sorria e andava lentamente pela villa, como se receasse provocar algum dano ou prejuízo.

O meu pai parecia satisfeito com a sua nova propriedade, pois demoravase longas horas nos seus aposentos com a jovem noiva.

Passadas três semanas de uma atenção constante do pai em relação a Randa, Ali deixou escapar um gracejo sobre a perícia sexual do pai. Perguntei ao meu irmão se pensava no que Randa sentiria relativamente à questão estar casada com um homem muito mais velho e a quem não conhecia nem amava. A expressão de indiferença de Ali não me deixou a menor dúvida de que não só nunca pensara nesse pormenor como também

tal consideração jamais germinaria no seu limitado entendimento. Lembrou-me, eficazmente, que nada penetraria nunca no tenebroso mar de egoísmo que é a mente de um homem saudita.

Randa e eu tínhamos filosofias diferentes. Ela achava que “O que está escrito na tua testa será visto pelos teus olhos.” Eu penso: “A imagem que está na tua mente será fotografada pela tua vida.” Além disso, Randa era penosamente envergonhada e tímida, enquanto eu enfrento a vida com uma certa impetuosidade.

Reparei que os olhos de Randa estavam sempre atentos aos ponteiros do relógio; algumas horas antes do pai chegar para o almoço ou para a refeição da noite, começava a ficar agitada. Ele deralhe ordens para tomar as suas refeições antes da sua chegada e para depois banhar-se e preparar-se para o receber.

Todos os dias, ao meiodia, Randa ordenava ao cozinheiro que lhe servisse o almoço.

Comia frugalmente e em seguida retiravase para os seus aposentos. O meu pai chegava à villa, geralmente, por volta da uma da tarde, almoçava e depois ia ter com a nova esposa. Saía de casa cerca das cinco horas e voltava para o seu escritório. (Na Arábia Saudita, o horário de trabalho divide-se em dois turnos: das nove da manhã à uma da tarde e das quatro da tarde às oito da noite.)

Ao ver o ar atormentado de Randa, ainda pensei em perguntar ao meu pai se estava a

seguir os ensinamentos do Alcorão era suposto Deus ter instruído todos os muçulmanos para dividirem os seus dias e noites por quatro esposas. Desde que desposara

Randa, as outras três esposas tinham sido virtualmente votadas ao esquecimento. Mas, depois de pensar melhor, resolvi absterme de tal arrojo.

De modo que as noites eram uma repetição da hora do almoço. Randa pedia o jantar por volta das oito da noite, comia e enfiavase nos seus aposentos para tomar banho

e preparar-se para o marido. Geralmente, só voltava a vê-la depois de o meu pai sair para o trabalho, na manhã seguinte. Ela tinha ordens para esperar no quarto, até ele sair.

A ansiedade que a vida desconsolada de Randa me provocava incentivavame à revolta. Eu tinha duas amigas cuja ousadia chegava a assustarme; quem sabe a sua vivacidade encorajasse Randa a tornarse mais firme. Ao formarmos um clube de mulheres, cujos únicos membros eram Randa, as minhas formidáveis amigas e eu, mal sabia que forças iria desencadear.

Pusemos o nome de “Lábios Vivos” ao nosso clube, pois tínhamos por objectivo falar sobre a necessidade de combatermos o papel de submissão passiva da mulher na nossa sociedade. Jurámos solenemente concretizar os seguintes objectivos:

1. Aproveitarmos todas as oportunidades para deixar o espírito dos direitos da mulher manifestarse através da nossa voz.
2. Cada membro devia arranjar uma nova recruta por mês.
3. O nosso primeiro objectivo seria impedir o casamento de raparigas com velhos.

Nós, as mulheres jovens da Arábia Saudita, reconhecíamos que os homens da nossa terra nunca empreenderiam reformas sociais para o nosso sexo, que teríamos de ser nós

a forçar a mudança. Enquanto a mulher saudita aceitar a autoridade do homem, este mandará. Concluimos que cada mulher tinha, em termos individuais, a responsabilidade de fomentar o desejo pelo controlo da sua vida e da de outras mulheres que constassem do seu pequeno círculo. As nossas mulheres estão tão amesquinhas por séculos de sujeição que o nosso movimento tinha de começar por despertar-lhes o espírito.

As minhas duas amigas, Nádia e Wafa, não pertenciam à família real, no entanto eram filhas de importantes famílias da cidade de Riade.

O pai de Nádia possuía uma enorme firma de contratação. A sua disponibilidade para conceder generosas comissões aos vários príncipes fazia com que atribuissem à sua empresa vantajosos contratos de construção civil. Empregava milhares de trabalhadores estrangeiros do Sri Lanka, Filipinas e Iémen. O pai de Nádia era quase tão rico como os membros da realeza; não tinha a menor dificuldade em sustentar três esposas e catorze filhos. Nádia tinha dezassete anos e era a filha do meio de outras sete. Vira, desconcertada, as três irmãs mais velhas serem casadas por motivos de interesse e conveniência familiares. Surpreendentemente, os três casamentos não desagradaram às irmãs, que se sentiam felizes, com bons maridos. Nádia dizia que aquele tipo de sorte não aconteceria

sempre. Receava, com um pessimismo crescente, que a casassem com um marido velho, feio e cruel.

Nádia era, na verdade, mais afortunada que a maioria das mulheres sauditas: o pai determinara que prosseguisse os seus estudos. Disseralhe que não teria de casar até aos vinte e um anos. A imposição deste limite incentivou a entrar em acção. Declarou que, como já só lhe restavam quatro anos de liberdade, iria experimentar todos os aspectos da vida durante esse tempo, ficando assim com recordações para os anos monótonos de casamento que a aguardavam ao lado de algum velho.

O pai de Wafa era mutawa e o seu radicalismo conduziu a filha, por sua vez, a extremos próprios. O pai tinha apenas uma mulher, a mãe de Wafa, no entanto era um homem cruel e perverso. Wafa jurava que não queria nada com a religião que nomeava homens como seu pai para chefes espirituais. Wafa acreditava em Deus e que Maomé

fora seu Profeta, mas achava que as suas mensagens haviam sido, de certa forma, deturpadas pelos seus seguidores, pois nenhum Deus desejaria tanto sofrimento às mulheres,

metade da população mundial.

Wafa não precisava de ir além da sua própria casa. Sua mãe nunca era autorizada a sair de casa; vivia como uma autêntica prisioneira, escravizada por um homem de Deus.

Eram seis filhos, cinco dos quais do sexo masculino e adultos. Wafa fora uma surpresa tardia para seus pais, e o pai ficara tão desiludido por ter uma filha que a ignorava virtualmente, excepto para lhe dar ordens. Uma delas era permanecer em casa e aprender a coser e a cozinhar. Wafa fora obrigada a usar a abaaya e a cobrir o cabelo desde os sete anos. Desde os nove anos que, todas as manhãs, o pai lhe perguntava se já lhe viera a primeira menstruação. Alarmavao que a filha se aventurasse a sair de rosto descoberto depois de Deus a classificar como mulher.

Era permitido a Wafa ter algumas amigas. As poucas que arranjava depressa se afastaram, pois o pai ganhara o hábito de lhe perguntar arrojadamente, à frente delas, se já estava menstruada.

A mãe de Wafa, farta e cansada das regras rígidas impostas pelo marido, tomara a decisão tardia de se recusar, silenciosamente, a ceder às suas exigências. Ajudava a filha a escapulir-se de casa e quando perguntavam pelo seu paradeiro, dizia ao marido que estava a dormir ou a estudar o Alcorão.

Eu tinham na conta de ousada e rebelde, mas Wafa e Nádia fizeram parecer a minha posição de luta em defesa da mulher insignificante e frágil. Diziam que eu nada mais fazia do que estimular com inteligência que a minha resposta a um problema era falar interminavelmente nele, mas que, na realidade, os meus esforços para ajudar as mulheres eram ineficazes. Afinal de contas, a minha vida não mudara. Deime conta de que tinham razão.

Nunca me esquecerei do incidente que teve lugar num edifício de estacionamento no centro da cidade, perto do local a que os estrangeiros chamam “quarteirão dos cortes”, pois é aí onde os nossos criminosos ficam sem a cabeça ou a mão às sextasfeiras, o nosso dia religioso.

Eu escondera a chegada da primeira menstruação ao meu pai, pois não tinha pressa nenhuma de me encafuar dentro das vestes negras usadas pelas nossas mulheres. Infelizmente, Nura e Ahmed decidiram que eu já adiara o inevitável por demasiado tempo.

Nura comunicou-me que, se eu não contasse imediatamente ao meu pai, ela própria o faria. De modo que reuni as minhas amigas, incluindo Randa, e deitámos mãos à missão de escolher o meu novo “uniforme”, lenço negro sobre o véu e abaaya da mesma cor.

Ornar conduziu-nos até à entrada da área de souq e nós, quatro mulheres, apeámonos, combinando que nos encontraríamos com ele dali a duas horas, no mesmo local.

Omar acompanhava-nos sempre aos souqs, para assim manter as mulheres da família sob vigilância, mas nesse dia tinha um recado importante a fazer e aproveitou a oportunidade proporcionada pelas nossas compras. Além do mais, a nova esposa do pai acompanhava a filha e a presença aquiescente de Randa tranquilizou Ornar. Não vira qualquer indício de que Randa começara já a despertar, lentamente, do seu prolongado e enfadonho sono de submissão.

Deambulámos pelas lojas, examinando, com o auxílio das mãos, a variedade de lenços, véus e abaayas. Eu queria algo especial, algo que me fizesse sobressair no meio do oceano de mulheres trajadas de preto. Amaldiçoei-me a mim mesma por não ter uma abaaya feita em Itália, com a belíssima seda italiana e os desenhos intrincados de um artista, de modo a que, à minha passagem, as pessoas percebessem que, de baixo daquela cobertura negra, havia uma mulher com estilo e classe.

Todas estavam veladas menos eu; quando íamos a caminho do centro dos souqs para prosseguir a nossa busca, reparei que Nádia e Wafa, de cabeças juntas, sussurravam e soltavam risadas. Randa e eu acelerámos o passo e perguntámos-lhes o que se passava de tão divertido. Nádia fitou-me e falou-me através do véu. Disse que estavam a lembrar-se de um homem que tinham conhecido na sua última ida às lojas.

Um homem? Olhei de novo para Randa. Estávamos ambas com dificuldade em entender o que elas queriam dizer.

Levámos uma hora a encontrar uma abaaya, véu e lenço adequados; os produtos disponíveis pareciam deveras limitados na sua variedade.

A vida mudou de um momento para o outro. Eu entrara no souq como uma pessoa cheia de vida, o meu rosto exprimia as minhas emoções perante o mundo. Saí da loja coberta dos pés à cabeça, uma criatura de preto e sem rosto.

Devo reconhecer que os primeiros momentos com véu foram excitantes. Para mim, o véu era uma novidade e devolvia, interessada, os olhares que os rapazes sauditas adolescentes lançavam àquela figura de negro em que eu me transformara. Sabia que desejavam que

uma brisa soprasse inesperadamente, afastando o véu do meu rosto de maneira a poderem vislumbrar um pedacinho da minha pele proibida. Sentime, por um momento, algo de belo, um trabalho tão finamente talhado que era preciso cobrirme para proteger os homens dos seus desejos incontroláveis.

No entanto, a novidade de usar véu e abaaya depressa se desvaneceu. Quando saímos da área fresca do souq para o sol abrasador, o ar faltou-me e tentei inalá-lo desesperadamente através do tecido preto e transparente. O ar, filtrado pelo pano fino e leve, chegava-me à boca seco e a saber a mofo. Comprara o véu mais fino disponível, no entanto tinha a impressão de estar a ver a vida através de uma barreira densa. Como conseguiriam as mulheres ver através de véus feitos de tecidos ainda mais grossos? O céu

deixara de ser azul, o fulgor do Sol diminuía; de repente, deime conta de que, a partir daquele momento, deixaria de poder apreciar a vida nas suas verdadeiras cores, fora de casa. O mundo pareceume, subitamente, um lugar sombrio. E perigoso, também! Hesitei e tropecei no passeio esburacado e fendido, com medo de partir um tornozelo ou perna.

As minhas amigas, ao verem os meus movimentos desajeitados e os meus esforços, infrutíferos, para ajeitar o véu, deitaram a rir à gargalhada. Esbarrei contra várias filhas de uma mulher beduína e senti inveja por estarem livres do véu. A mulher beduína usa o véu por cima do nariz, deixando os olhos Livres. Oh, como desejaria ser uma beduína! Cobriria o meu rosto de boa vontade se, ao menos, pudesse deixar os meus olhos livres para ver as infinitas mudanças da vida à minha volta.

Chegámos cedo ao local de encontro indicado por Omar. Randa consultou o relógio; só dali a cerca de uma hora é que chegaria. Sugeriu que regressássemos à área do souq, pois, ali, o sol estava demasiado quente. Nádia e Wafa perguntaram-nos se nos queríamos divertir. Eu respondi imediatamente que sim. Randa descansava ora sobre um pé, ora sobre o outro, procurando Ornar; não era difícil perceber que só a palavra divertir a perturbava. Eu, graças ao meu maravilhoso poder de persuasão, convencia a alinhar com Nádia e Wafa. Como nunca infringira nenhuma das regras impostas sobre as mulheres, sentia curiosidade. Quanto à pobre Randa, esta acomodavase, simplesmente, a uma vontade mais forte.

As duas raparigas trocaram sorrisos e disseramnos que as seguísssemos. Dirigiramse para um parque de estacionamento que ficava por baixo de um edifício perto da área do souq. Era ali que os homens que trabalhavam nos edifícios próximos estacionavam os seus automóveis.

Nós, quatro mulheres, apressámonos a atravessar a movimentada passagem de peões. Randa deume uma palmada na mão quando ergui o véu para poder ver o trânsito. Demasiado tarde, percebi que expusera o meu rosto a todos os homens na rua! Estes pareciam apavorados com a sorte que tinham tido de ver a face de uma mulher num local público! Apercebime imediatamente que mais valia ser atropelada por um carro

veloz do que cometer semelhante acto de exibicionismo.

Quando chegámos junto dos elevadores do parque de estacionamento, fiquei siderada pela atitude das minhas amigas. Wafa e Nádia abordaram um estrangeiro, um sírio extraordinariamente bemparecido. Perguntaram-lhe se desejava divertir-se um pouco.

Por um momento, o homem deu a impressão que ia dar um pulo e deitar a correr; olhou à esquerda e à direita e carregou no botão do elevador. Por fim, achou melhor não se afastar, tendo em vista a oportunidade rara de conhecer mulheres sauditas disponíveis e, possivelmente, bonitas. Quis saber qual era o tipo de diversão. Wafa perguntou ao sírio se tinha automóvel e apartamento privado. Respondeu que sim, que dividia um apartamento com um libanês. Nádia perguntou se o amigo precisava de uma namorada, ao que

o sírio, sorrindo, respondeu que sim, que os dois precisavam.

Randa e eu recompusemos o suficiente para conseguir andar. Segurámos nas nossas abaayas e corremos para fora do parque de estacionamento receando pelas nossas vidas. Perdi o meu lenço no processo; ao virarme para o ir buscar, Randa embateu em mim. Caiu de costas e ficou estendida em cima da areia, com as pernas proibidas à mostra.

Quando Nádia e Wafa se reuniram a nós, respirávamos ofegantemente, apoiadas à montra de uma loja. Elas agarravam-se uma à outra, rindo. Tínhamos observado enquanto eu ajudava Randa a levantar-se.

Sussurrando, demos-lhes a conhecer a nossa fúria. Como podiam ter cometido tão estúpido acto? Engatar homens estrangeiros! E que espécie de divertimento planeavam, afinal de contas? Não sabiam que Randa seria apedrejada e nós três aprisionadas

ou pior? Brincadeira era brincadeira, mas o que elas estavam a fazer era suicídio!

Wafa e Nádia limitaram-se a rir e a encolher os ombros diante da nossa explosão. Sabiam que, se fossem apanhadas, seriam punidas, porém, não se importavam. Para elas, o futuro próximo apresentava-se tão insípido que valia a pena correr o risco. Além disso, podiam conhecer algum estrangeiro simpático e casar com ele. Qualquer homem era preferível a um saudita!

Tive a impressão de que Randa ia ter uma síncope. Correu para o meio da rua, olhando para um lado e para o outro à procura de Ornar. Sabia que o meu pai não teria contemplanções se a apanhasse naquela situação. Estava aterrorizada.

Ornar, atento e perspicaz, perguntou-nos o que acontecera. Randa hesitou e começou a falar, mas eu interrompia e contei a Ornar que víamos um rapaz novo roubar um colar no souq do ouro. O lojista espancarão antes de ser rudemente levado para a prisão por um polícia. Ao dizer a Ornar que ficámos perturbadas por ele ser tão novo e sabermos que iria ficar sem a mão, a voz tremiame. Reparei, aliviada, que Ornar acreditara na minha história. Randa procurou a minha mão disfarçadamente, por baixo da

minha túnica preta, e apertou-me com gratidão.

Mais tarde, Nádia e Wafa puseram-me a par do que chamavam de “diversão”. Travavam conhecimento, nos elevadores dos parques de estacionamento, com homens estrangeiros, normalmente dos países árabes vizinhos, ocasionalmente algum inglês ou americano. Escolhiam homens bonitos; homens por quem pudessem apaixonar-se. De vez em quando, os indivíduos assustavam-se e saltavam para dentro do elevador, zarpando para

outro andar. Noutras ocasiões, mostravam-se interessados. Se o homem abordado ficasse intrigado, combinavam encontrar-se noutra altura, no mesmo elevador. Pediam-lhe

que tentasse arranjar uma carrinha para ir buscá-las. Mais tarde, em data e hora combinadas, as raparigas faziam de conta que iam às compras. O motorista deixava-as na área

do souq; compravam alguns artigos e depois seguiam para o local de encontro. Às vezes, os homens ficavam com medo e não apareciam; outras, aguardavam-nas cheios de nervosismo. Se o homem conseguia arranjar carrinha, as raparigas certificavam-se de que não havia ninguém por perto e depois saltavam rapidamente para a parte de trás. O homem guiava cuidadosamente até ao seu apartamento, e o mesmo grau de precaução seria usado para a entrada das raparigas. Se fossem apanhados, a sentença seria severa, muito provavelmente a morte para todos os envolvidos.

A explicação para a carrinha era clara. Na Arábia Saudita, homens e mulheres não podem andar no mesmo meio de transporte, excepto se forem parentes próximos. Se os mutawas tivessem alguma suspeita, faziam parar o veículo e pediam a identificação.

Também é proibido homens solteiros receberem mulheres nos seus apartamentos ou casas. À menor desconfiança de indecência, não é invulgar os mutawas cercarem a casa de um estrangeiro e levarem todos os que ali se encontram, homens e mulheres, para a cadeia.

Eu receava pelas minhas amigas. Alertava-as, vezes sem conta, para as consequências. Elas eram jovens e descuidadas, cheias de tédio com a vida que levavam. Relataram-me,

sendo, outras actividades a que se entregavam por diversão. Discavam números ao acaso, até algum estrangeiro atender. Qualquer homem servia, desde que não fosse saudita

ou iemenita. Perguntavam-lhe se estava sozinho e a precisar de companhia feminina. De uma maneira geral, a resposta era positiva, pois são muito raras as mulheres disponíveis

na Arábia Saudita, e a maioria dos estrangeiros vem trabalhar para este país com um visto para pessoa só. Uma vez estabelecido a escolha de um homem, as raparigas pediam-lhe que lhes falasse sobre o seu corpo. Lisonjeado, era comum o homem descrever graficamente o seu corpo, pedindo-lhes, depois, que fizessem o mesmo. Nessa altura,

Nádia e Wafa retratavam-se dos pés à cabeça, com pormenores lascivos. Era extremamente divertido, afirmaram, e por vezes encontravam-se com o homem em questão,

mais tarde, no mesmo estilo dos amantes do parque de estacionamento.

Tive curiosidade em saber até que ponto iriam as intimidades das minhas amigas com esses amantes. Atónita, ouvia dizer que faziam tudo menos a penetração. Não podiam

arriscarse a perder a sua virgindade, pois sabiam quais as consequências que enfrentariam na noite de núpcias. Os maridos devolvê-las aos pais e estes também as rejeitavam.

Os mutawas investigariam. Poderiam perder a vida; mesmo que assim não fosse, ficariam sem nenhum lugar para onde ir.

Wafa disse que, nos seus encontros com esses homens, ela e Nádia nunca tiravam o véu. Despiam toda a roupa, excepto o véu. Os homens provocavam-nas e imploravam

que o tirassem, mas as raparigas diziam que se sentiam mais seguras se eles não lhes vissem o rosto. Contaram que, se algum homem se tivesse mostrado sério nas suas intenções, elas teriam considerado a possibilidade de exporem os seus rostos. Mas, claro, não acontecera com nenhum deles. Também eles só procuravam divertir-se. As minhas amigas tentavam, desesperadamente, encontrar uma “saída” para a noite escura e interminável que um futuro próximo lhes reservava.

Randa e eu chorávamos quando falávamos sobre o comportamento das nossas amigas. Eu sentia um ódio cada vez maior pelos costumes da minha terra. A total falta de

controlo e de liberdade para o nosso sexo conduzia jovens como Wafa e Nádia a actos desesperados, actos que lhes custariam, sem dúvida, a vida, se fossem descobertos.

Perto do final do ano, Nádia e Wafa foram presas. Tiveram a pouca sorte de membros do autoproclamado Comité dos Bons Costumes, que andava pelas ruas de Riade a

tentar apanhar pessoas em actos proibidos pelo Alcorão, ter sabido das suas actividades secretas. Assim que Wafa e Nádia entraram na parte de trás de uma carrinha, um carro carregado de jovens zelotas sauditas avançou para a frente do veículo, bloqueando-lhe a passagem. Havia semanas que vigiavam a zona, depois de um dos membros do comité, na altura a trabalhar, ter ouvido um palestiniano falar de duas mulheres veladas que o abordaram com propostas indecentes no elevador da cave.

A vida de Nádia e Wafa foi poupada pelo facto de terem os hímenes intactos. Nem o

Comité dos Bons Costumes nem o Conselho Religioso ou os pais acreditaram na improvável invenção de que tinham, simplesmente, pedido uma boleia ao homem devido ao

atraso do seu motorista.

O Conselho Religioso interrogou todos os homens que trabalhavam na área e localizou um total de catorze que declarou ter sido abordado por duas mulheres veladas. Nenhum dos homens confessou ter participado em quaisquer actividades com as mesmas.

Depois de três meses de prisão rígida, o comité concedeu a liberdade a Nádia e Wafa por falta de provas incriminatórias de actividade sexual, devolvendo-as aos pais para serem devidamente punidas.

Surpreendentemente, o pai de Wafa, o inflexível homem da religião, teve uma conversa com a filha e perguntou-lhe qual a razão de tais prevaricações. Ao ouvi-la chorar e falar dos seus sentimentos de rejeição e desespero, exprimiu comiseração pela sua infelicidade. Apesar da sua mágoa e compreensão, informou Wafa de que decidira afastá-la de mais

tentações. Aconselhou a estudar o Alcorão e a aceitar a vida simples predestinada às mulheres, bem longe da cidade. Combinou um casamento apressado com um mutawa beduíno de uma pequena aldeia. O homem tinha cinquenta e três anos e Wafa, que seria a sua terceira esposa, dezassete.

Ironicamente, foi o pai de Nádia a ser dominado por uma raiva terrível. Recusouse a falar com a filha e ordenoulhe que não saísse do quarto até ele se decidir sobre o castigo a darlhe.

Alguns dias mais tarde, o meu pai chegou cedo do escritório e chamou Randa e eu à sua sala de estar. Incrédulas, ouvímolo contar que, na manhã seguinte, sexta-feira, às dez da manhã, o pai iria afogar Nádia na piscina da família. O pai disse que toda a família assistiria à execução.

Quando o meu pai perguntou a Randa se ela e eu tínhamos, alguma vez, acompanhado Nádia e Wafa naquelas acções vergonhosas, senti um baque no coração. Levanteime e ainda comecei a negar veementemente, mas o meu pai gritoume e empurroume de volta ao sofá. Randa rompeu a chorar e relatou a história daquele dia, já tão afastado, em que fôramos comprar a minha primeira abaaya e véu. O meu pai deixouse ficar sentado sem se mexer e sem pestanejar, até Randa terminar. Depois interrogounos sobre o nosso clube de mulheres, o tal que se chamava “Lábios”. Disse que mais valia contarmos a verdade, pois Nádia confessara todas as nossas actividades há dias. Ao ver que Randa não conseguia falar, tirou da sua pasta os nossos papéis do clube. Passara o meu quarto em revista e encontrara os nossos registos e listas de membros. Pela primeira vez na minha vida, senti a boca seca e os meus lábios como que fechados a cadeado.

O meu pai voltou a meter, calmamente, os papéis dentro da pasta. Olhou Randa nos olhos com firmeza e declarou:

Divorciome de ti deste dia em diante. O teu pai mandará um motorista buscarte daqui a uma hora, para te levar de novo para a tua família. Ficas proibida de contactar com os meus filhos.

Para meu horror, o meu pai virouse lentamente para mim.

- Tu és minha filha. A tua mãe foi uma boa mulher. Ainda assim, se tivesses participado naquelas actividades com Nádia e Wafa, eu respeitaria os ensinamentos do Alcorão e decretaria a tua morte. Evitarás chamar a minha atenção e concentrarteás nos teus estudos até eu te encontrar um casamento adequado. Fez uma pausa e acercouse de mim, fitandome nos olhos com dureza. Sultana, aceita obedientemente o teu futuro, pois não tens alternativa.

O meu pai inclinouse para pegar na pasta com os papéis e, sem dirigir um olhar a Randa ou a mim, saiu da sala.

Humilhada, segui Randa até ao seu quarto, onde a vi juntar as suas jóias, roupas e livros num monte desordenado, em cima da cama enorme. O seu rosto mostravase completamente impassível. Não fui capaz de proferir uma palavra. A campainha da porta tocou demasiado depressa e dei por mim a ajudar os criados a levarem a bagagem de

Randa para o carro. Esta, sem uma palavra de despedida, saiu de minha casa, mas não do meu coração.

às dez da manhã do dia seguinte, fui para a varanda do meu quarto, sozinha, com o olhar perdido, sem ver, à distância. Pensava em Nádia e imaginava-a envolvida em correntes pesadas, com um capuz negro enfiado na cabeça, mãos a erguê-la do chão e a baixá-la para dentro das águas azuis-esverdeadas da piscina da sua família. Fechei os olhos

e senti o seu corpo a debater-se, a boca a abrir-se em busca de ar, os pulmões a dilatarem-se com a entrada violenta da água. Recordei os seus olhos castanhos brilhantes e a

sua maneira especial de erguer o queixo ao mesmo tempo que enchia a sala de riso.

Lembrei o toque sedoso da sua pele clara e imaginei, com um esgar de horror, o trabalho rápido da terra cruel sobre tão grande macieza. Consultei o meu relógio e vi que

eram dez e dez e senti o meu peito comprimir-se com a certeza de que Nádia nunca mais riria.

Foi o momento mais dramático da minha jovem história, no entanto sabia que os esquemas que as minhas amigas tinham para se divertir, por mais condenáveis e lamentáveis que fossem, não deviam ter conduzido à morte de Nádia ou ao casamento prematuro de Wafa. Aqueles actos, tão cruéis, eram o pior de todos os comentários que se poderiam fazer sobre a sabedoria dos homens que consomem e destroem, com indiferença e frieza, as vidas e os sonhos das suas mulheres.

MULHERES ESTRANGEIRAS

Depois da partida súbita de Randa, do casamento de Wafa e da morte de Nádia, afundeime no mais baixo nível de existência possível. Consigo lembrarme de que achava que o meu corpo já não necessitava do ar fresco da vida. Imaginavame em hibernação e queria sentir a respiração superficial e as batidas cardíacas diminuídas com que os animais selvagens se mantinham recolhidos durante meses seguidos. Deitavame na minha cama, apertava o nariz com os dedos e cerrava a boca, prendendoa com os dentes.

Só quando os meus pulmões forçavam a expulsão do ar é que, contrariada, reconhecia que pouco controlo tinha sobre as minhas funções vitais.

Os criados da casa sentiam profundamente a minha dor, pois conheciamme como o membro sensível da família que se preocupava com a situação de cada um. O magro salário dado todos os meses por Omar parecia um preço alto a pagar por estarem tão afastados daqueles que amavam.

Num esforço para despertar o meu interesse pela vida, Marci, a minha criada filipina, começou a estimularme os pensamentos, contandome histórias de pessoas do seu país. As nossas longas conversas serviram para atenuar o relacionamento impessoal que existe entre patrão e empregado.

Um dia revelou, timidamente, a grande ambição da sua vida: queria poupar dinheiro suficiente, trabalhando como criada para a nossa família, para regressar às Filipinas e tirar um curso de enfermagem. As profissionais filipinas desta área têm muita procura em todo o mundo, e essa carreira é considerada muito lucrativa para as mulheres nas Filipinas.

Marci disse que, depois de se formar, voltaria à Arábia Saudita para trabalhar num dos nossos hospitais modernos. Sorriu ao contar que as enfermeiras filipinas auferem um salário de três mil e oitocentos reais sauditas por mês! (Aproximadamente mil dólares mensais, em comparação com os duzentos que ganhava como nossa criada.) Disse que um salário tão grande permitir-lhe-ia sustentar a família inteira que tem nas Filipinas.

O pai de Marci morrera, tinha ela três anos, num acidente de mina. A mãe, grávida de sete meses, esperava o segundo filho. A vida era difícil, mas a avó de Marci tomava conta das duas crianças enquanto a filha trabalhava dois turnos como criada em hotéis locais. A mãe de Marci dizia muitas vezes que o conhecimento é a grande solução para a pobreza, de modo que poupava o mais que podia para a educação dos filhos.

Dois anos antes de Marci se inscrever na escola de enfermagem, Tony, o irmão mais novo, foi atropelado por um automóvel e sofreu ferimentos graves. As pernas ficaram tão maltratadas que tiveram de ser amputadas. Os tratamentos médicos necessários fizeram desaparecer por completo os fundos destinados aos estudos de Marci.

Ao ouvir a história de Marci, chorei lágrimas amargas. Pergunteilhe como conseguia manter aquele sorriso rasgado dia após dia, semana após semana. Marci sorriu esfuziantemente. Não era difícil, respondeu, pois tinha um sonho e uma maneira de o

concretizar.

As experiências vividas ao crescer numa área pobre das Filipinas levaram Marci a sentir-se extremamente afortunada por ter um emprego e encher o prato três vezes por dia. As pessoas da sua zona não passavam verdadeiramente fome, salientou, mas sofriam de uma subnutrição que as deixava vulneráveis a doenças que não se teriam desenvolvido numa comunidade saudável.

Marci contava as histórias da sua gente com tanta riqueza de pormenores que eu sentia-me parte delas, da sua terra, da sua cultura rica. Eu sabia que subestimara Marci e

outros filipinos, pois, até então, pouca atenção lhes dera, além de os considerar gente simples e com falta de ambição. Como me enganava!

Algumas semanas mais tarde, Marci arranhou coragem para falar na amiga Madeline.

Ao fazê-lo, pôs em aberto a questão dos valores morais da minha terra. Foi através

de Marci que vim a saber, pela primeira vez, que o meu país, a Arábia Saudita, reduzia mulheres do Terceiro Mundo à condição de escravas sexuais. Marci e Madeline tinham sido amigas de infância. Apesar de a família de Marci ser pobre, a de Madeline era ainda mais. Madeline e os seus sete irmãos costumavam mendigar na autoestrada que ligava a sua região a Manila. De vez em quando, parava um carro grande que transportava estrangeiros e enormes mãos brancas deixavam cair umas moedas nas palmas estendidas. Enquanto Marci andava na escola, Madeline lutava para arranjar comida.

Desde muito nova que Madeline tinha um sonho e um plano para o concretizar. Aos dezoito anos, fez um vestido com uma bata velha da escola de Marci e foi até Manila.

Aí, procurou uma agência que arranjava trabalho para filipinos no estrangeiro; Madeline candidatou-se ao lugar de criada. Era tão miudinha e bonita que o proprietário libanês sugeriu manhosamente que seria capaz de lhe arranjar um emprego num bordel de Manila; aí seria possível ganhar muito mais do que uma criada imaginária sequer!

Madeline, apesar de ter crescido na maior das misérias, era uma católica devota; a sua reacção negativa convenceu o libanês de que ela nunca venderia o corpo. O homem, suspirando de pena, disselhe que preenchesse a candidatura e aguardasse.

O libanês informou-a de que acabara de receber um pedido para fornecer mais de três mil trabalhadores filipinos para a área do golfo Pérsico e que Madeline teria prioridade, pois os árabes ricos pediam criadas bonitas. Quando ia a sair do escritório, o homem piscou-lhe o olho e deu-lhe uma palmada no traseiro.

Quando recebeu a confirmação de que iria trabalhar para Riade como criada, Madeline ficou simultaneamente entusiasmada e receosa. Foi nessa altura que se deu a coincidência de os planos de Marci, para ir para a escola de enfermagem, irem por água abaixo, levando-a então a resolver seguir o exemplo da amiga e procurar trabalho no exterior das Filipinas. Quando Madeline partiu para a Arábia Saudita, Marci dissera-lhe, a brincar, que se calhar não tardaria a segui-la. As boas amigas abraçaram-se à despedida e prometeram escrever uma à outra.

Quatro meses mais tarde, quando Marci soube que também iria trabalhar para a Arábia

Saudita, continuava sem notícias de Madeline. Ao chegar àquele país, a única informação que tinha quanto ao paradeiro da amiga era o facto de se encontrar na cidade de Riade. Como Marci ia trabalhar para uma família que morava na mesma cidade, estava decidida a localizar a amiga.

Lembre-me da tarde em que Marci chegou a nossa casa. A minha mãe era a responsável pela gestão doméstica e colocação dos empregados. Recordo-me de que Marci parecia uma figurinha assustada que, de imediato, procurou protecção junto da nossa criada filipina mais velha.

Tendo nós mais de vinte criados na villa, Marci passou despercebida. Como não possuía experiência de trabalho e tinha só dezanove anos, encarregaram-na da limpeza dos quartos dos membros mais novos da família, Sara e eu. Eu pouca atenção lhe dei no decorrer dos dezasseis meses em que ela, paciente e silenciosamente, me seguiu pela villa, disposta a satisfazer os meus desejos mais insignificantes.

Marci surpreendeu-me ao confessar que outras colegas filipinas a consideravam cheia de sorte por Sara e eu nunca lhe termos batido ou ralhado. Indignada, perguntei-lhe se ali em casa se batia em alguém. Respirei de alívio quando me respondeu que não, não na vossa villa. Afirmou que Ali era conhecido pelo seu gênio difícil, sempre a falar alto e com maus modos. Mas o seu único acto violento fora desferir vários pontapés no queixo de Omar. Rime, sentindo muito pouca pena de Ornar.

Marci segredava-me os mexericos dos empregados. Contou-me que a segunda mulher do meu pai, oriunda de um dos estados vizinhos do golfo, beliscava e batia diariamente nas criadas. Uma pobre rapariga do Paquistão estava com uma lesão cerebral por ter sido atirada pelas escadas abaixo. Tendo sido informada de que não trabalhava suficientemente depressa, descera-as precipitadamente com um cesto de roupa cheio de lençóis e toalhas sujas destinadas à lavanderia. Como embateu, acidentalmente, contra a esposa do meu pai, esta ficou de tal maneira furiosa que lhe deu um soco no estômago,

fazendo-a cair pelas escadas. Ao ver que a rapariga não se mexia, gemendo, a mulher desceu as escadas precipitadamente e, aos pontapés, gritou-lhe que fosse terminar as suas tarefas. Dado que a jovem continuava inerte, acusaram-na de fingida. Acabaram por levá-la ao médico, mas ainda não estava boa, andando sempre com a cabeça entre as mãos e às risadinhas.

O médico do palácio, obedecendo a ordens da segunda esposa do meu pai, preencheu uma declaração em como a rapariga caíra e sofrera uma concussão. Mal foi capaz de viajar, despacharam-na de volta ao Paquistão depois de lhe negarem os dois

últimos meses de ordenado, levando consigo apenas cinquenta reais sauditas (quinze dólares).

Marci quis saber porque parecia eu tão admirada. A maioria das criadas era maltratada no meu país; a nossa villa constituía uma excepção rara. Lembra-me que estivera em casa de muitas amigas minhas e, apesar de reconhecer que pouca importância davam aos criados, nunca assistira a nenhum acto de violência física. Vira algumas amigas

minhas falar rudemente às criadas mas pouca atenção prestara ao facto, pois, na verdade, não houvera nenhuma agressão física.

Marci suspirou tristemente e disse que o normal era esconderem os maus tratos físicos e sexuais. Lembrou-me de que vivia perto de um palácio que ocultava o sofrimento de muitas rapariguinhas mas que, apesar disso, eu não tinha conhecimento deles. Aconselhou-me, com brandura, a ter os olhos abertos, a observar como as mulheres dos outros países eram tratadas na minha terra. Concordei, com tristeza.

Estas conversas fizeram com que Marci tomasse maior consciência do meu feitio voluntarioso. Decidiu confiar em mim e contarme a história completa da sua amiga Madeline. Lembrou-me bem da conversa que tivemos, como se tivesse decorrido ontem. Recordo perfeitamente as palavras que trocámos e ainda hoje vejo nitidamente o seu rosto à minha frente.

Menina, gostaria de lhe falar de Madeline, a minha maior amiga. A menina é uma princesa. Talvez um dia possa ajudar as pobres mulheres filipinas.

Nessa manhã não tinha companhia e sentia que o dia iria ser enfadonho, portanto concordei, ansiosa por uma manhã de mexericos reveladores, mesmo que fossem de uma criada filipina. Instalei-me na minha cama; Marci colocou-me delicadamente almofadas atrás da cabeça, tal como sabia que eu gostava.

Disselhe:

Antes de começares a tua história, vai-me buscar uma taça de fruta fresca e um copo de laban.

(Laban é uma bebida parecida com o leite, muito vulgar no Médio Oriente.) Depois de voltar com um tabuleiro de fruta e a minha bebida fresca, pus os pés fora das cobertas e ordenei-lhe que os fosse massajando enquanto me falava da amiga Madeline.

Olhando para trás, sintome profundamente envergonhada pelos meus modos egoístas e infantis. A perspectiva de uma história trágica atraíame, no entanto só me aquietei

depois de ver os meus desejos satisfeitos! Hoje, mais velha e ponderada, já sou capaz de lamentar os hábitos que a minha cultura saudita me inculcou. Nunca nenhum saudita meu conhecido demonstrara jamais o menor interesse pela vida de um servo: o número de membros da sua família, os seus sonhos e aspirações. As pessoas do Terceiro Mundo estavam ali apenas para nos servir a nós, sauditas ricos. Até a minha mãe, que

era delicada e bondosa, raramente expressara interesse pelos problemas pessoais dos criados, embora eu atribua esse facto à responsabilidade enorme de gerir uma casa cheia de gente e satisfazer, ao mesmo tempo, o meu exigente pai. Eu não tinha essa desculpa.

Contraí-me o coração lembrarme de que Marci e as outras criadas não passavam, para mim, de meros robôs, ali colocados para me satisfazerem. E pensar que Marci e as colegas me consideravam bondosa por querer saber da vida delas... É uma lembrança dolorosa para quem se considera sensível.

Pensativa e sem nenhuma expressão no rosto, Marci começou a esfregar-me os pés, falando ao mesmo tempo.

Menina, antes de sair do meu país, pedi ao tal libanês que me desse a morada do patrão de Madeline. Disse que não, que não tinha autorização para tal. Declarei que tinha umas coisas da mãe para lhe levar. Depois de muito suplicar, acabou por aceder e deu-me um número de telefone e o nome da zona de Riade onde a minha amiga trabalhava.

O patrão dela é algum príncipe?

Não, menina. Vive no distrito chamado AI Malaz, a cerca de meia hora, de automóvel, daqui.

O nosso palácio ficava em AI Nasiriyah, uma prestigiada zona onde muitos membros da realeza viviam, a área residencial mais rica de Riade. Já fora uma vez, fazia muito tempo, à zona de AI Malaz, e lembrava-me de lá ter visto lindos palácios pertencentes à classe superior de comerciantes sauditas.

Eu sabia que Marci estava proibida de sair dos terrenos do palácio, excepto para as deslocações mensais, especialmente destinadas a compras, que eram organizadas por Omar para o pessoal feminino. Como os nossos criados, à semelhança da maioria dos que trabalham na Arábia Saudita, tinham uma semana brutal de trabalho de sete dias, cinquenta e duas semanas por ano, não percebi como ela conseguia escapulir-se para ir visitar a amiga. Deilhe a conhecer o meu interesse.

Como é que conseguiste ir até AI Malaz?

Marci hesitou apenas uns segundos.

Bem, menina, conhece o motorista filipino Antoine?

Nós tínhamos quatro motoristas, dois filipinos e dois egípcios. Normalmente quem guiava o carro onde eu me deslocava era Omar ou o outro egípcio. Os filipinos eram utilizados para a compra de mantimentos e para os recados.

Antoine? Aquele que é jovem e está sempre a sorrir?

Sim, menina, esse mesmo. Gostamos um do outro e ele concordou em me levar até à minha amiga.

Marci! Tens um namorado! exclamei, deitando a rir. E Omar? Como fizeram para não ter problemas com ele?

Esperámos que Omar levasse a família a Taif e aproveitámos a oportunidade. Marci sorriu ao ver o meu ar de satisfação. Sabia que nada me dava mais prazer do que pregar partidas aos homens da casa. Primeiro, telefonei para o número dado pelo

homem nas Filipinas. Ninguém me autorizou a falar com Madeline. Disse que tinha um recado da mãe dela. Depois de ter um trabalhão a convencê-los, acabaram por me dar o nome do local e a descrição da villa. Antoine foi até lá e descobriu o sítio, deixando-me uma carta. Quem a recebeu foi um iemenita. Duas semanas depois, recebi um telefonema da minha amiga. Mal conseguia ouvi-la pois falava num sussurro,

com medo de que a descobrissem a servir-se do telefone. Contou-me que se encontrava numa situação muito má e implorou-me que a fosse ajudar. Traçámos um plano através do telefone.

Afastei o pé e concentrei toda a minha atenção em Marci. Disselhe que parasse de me esfregar. Apercebi-me do perigo daquele encontro entre as duas e o meu interesse por aquela filipina corajosa, que eu não conhecia, aumentou.

Passaram dois meses. Sabíamos que os meses quentes de Verão nos dariam oportunidade para nos encontrarmos. Receávamos que Madeline fosse levada para a Europa juntamente com o patrão, no entanto disseram-lhe que ficaria em Riade. Quando a menina e a sua família saíram da cidade juntamente com Ornar, eu escondi-me no banco traseiro do Mercedes preto e Antoine levou-me até Madeline.

Marci, com a voz a tremer sob os primeiros indícios de emoção, descreveu o dilema de Madeline.

Fiquei sentada no carro enquanto Antoine tocava à campainha da villa. Enquanto esperava, não pude deixar de reparar no estado do muro da villa. A tinta estava a lascar, o portão mostrava-se ferrugento e a pouca verdura que pendia começara a secar por falta de água. Fiquei com maus pressentimentos. Não tinha dificuldade em calcular que a minha amiga enfrentava uma situação perigosa ao trabalhar naquela casa.

“Sentime deprimida ainda antes de me deixarem entrar na casa. Antoine teve de tocar quatro ou cinco vezes à campainha antes de ouvirmos sinais de que alguém vinha atender. Tudo aconteceu tal como Madeline dissera. Era tenebroso! O portão foi aberto por um velho iemenita com um pano axadrezado a envolver-lhe o corpo. Parecia ter estado a dormir; o rosto feio mostrava-nos claramente que não ficara nada satisfeito por lhe termos interrompido a sesta.

“Antoine e eu sentimo-nos assustados e apercebi-me do tremor na voz dele ao perguntar se podíamos falar com Miss Madeline, das Filipinas. O iemenita mal sabia falar inglês, mas Antoine percebe um pouco de árabe. Juntos, conseguiram compreender-se um ao outro o suficiente para o iemenita recusar-nos a entrada. Acenounos para que fôssemos embora e fez menção de fechar o portão. Eu saltei do banco traseiro do carro e comecei a chorar. Contei, por entre lágrimas, que Madeline era minha irmã. Acabara de chegar de Riade, onde trabalhava no palácio de um dos príncipes reais. Pensara intimidá-lo, porém a sua expressão manteve-se impassível. Mostrei-lhe um sobrescrito, dizendo-lhe que acabara de chegar das Filipinas. A nossa mãe estava gravemente doente. Tinha de falar com Madeline por instantes, a fim de lhe entregar a última mensagem da nossa mãe moribunda.

“Rezei a Deus para que não me castigasse por tais mentiras! Penso que Deus me ouviu, pois o iemenita deu mostras de mudar de ideias ao ouvir a palavra árabe mãe. Vi que reflectia. Olhou primeiro para Antoine e depois para mim, dizendo-nos, por fim, que

esperássemos um momento. Fechou o portão e ouvimos o toctoc das suas sandálias ao afastarse em direcção à villa. “Sabíamos que o iemenita voltava para dentro, a fim de ir interrogar Madeline, pedindolhe que descrevesse a irmã. Olhei para Antoine com um sorriso débil. Tudo parecia indicar que o nosso plano resultaria. Marci fez uma pausa, recordando o dia de que falava.

Menina, aquele iemenita metia medo. Tinha um ar mau e usava um punhal recurvo à cintura. Por pouco Antoine e eu não nos metemos no carro e regressámos ao palácio. Mas pensar na minha pobre amiga deume forças para ultrapassar o receio.

“Madeline disserame que a villa era guardada por dois iemenitas. Vigiam as mulheres da casa. Nenhuma das servas jamais tinha permissão para se afastar do seu posto de trabalho. Madeline disserame, ao telefone, que o iemenita mais novo era cruel e não abriria o portão nem que fosse à mãe moribunda em pessoa. Madeline achava que seríamos mais bem sucedidos com o iemenita velho.

“Como a família inteira se encontrava de férias na Europa, o jovem iemenita recebera uma licença de duas semanas e regressara ao lémen para casar. Naquela altura, o único homem existente nos terrenos da villa era o iemenita velho e um jardineiro paquistanês.

“Consultei o meu relógio e Antoine o seu. Por fim, ouvimos o barulho das sandálias do homem, que voltava. O portão rangeu lentamente nos gonzos ao ser aberto. Senti um arrepio, pois tinha a impressão de que estava a passar as portas do Inferno. O velho iemenita soltou um resmungo e fez sinal a Antoine, com as mãos, para que se deixasse ficar do lado de fora, junto do carro. Somente eu poderia entrar.

Fiquei tensa, imaginando o medo que Marci devia ter sentido.

Como foste arranjar coragem? Eu teria chamado a polícia!

Marci sacudiu a cabeça.

Neste país, a polícia não ajuda os filipinos. Fariam queixa de nós ao nosso patrão e depois seríamos presos ou deportados, consoante a vontade do seu pai. Neste país, a polícia defende os fortes, não os fracos.

Eu sabia que era verdade. Os filipinos ainda ficavam abaixo de nós, mulheres. Nem mesmo eu, uma princesa, receberia ajuda da polícia se tal significasse ir contra os desejos dos homens da minha família. Mas naquele momento não queria pensar nos meus problemas; estava completamente envolvida na aventura de Marci.

Vá, contame, que foi que descobriste lá dentro?

Imaginava o antro de um monstruoso Frankenstein saudita.

Ao ver que era alvo de toda a atenção da sua patroa, Marci ganhou novo alento e começou a fazer caretas e a descrever as suas sensações com intensidade.

Enquanto ia atrás do homem, que andava muito devagar, pude olhar à minha volta. Os blocos de cimento nunca tinham sido pintados. O pequeno edifício de cimento mais próximo não tinha porta, apenas um espaço aberto com um farrapo pendurado. A julgar

pelo monte de esteiras sujas, latas abertas e cheiro a lixo, percebi que o velho iemenita devia viver ali. Passámos pela piscina da família, que estava sem

água, excepto um vestígio imundo e escuro, na ponta mais funda. Três esqueletos minúsculos que pareciam de gatos bebés jaziam na extremidade mais estreita da piscina.

Gatinhos? Oh, santo Deus! Marci sabia como eu gostava de todos os animais bebés. Devem ter tido uma morte horrível

Pareciam gatinhos. Calculo que tenham nascido no fundo da piscina e que a gatamãe não tenha conseguido tirálos de lá.

Estremeci de desespero.

Marci continuou.

A villa era ampla, mas tinha o mesmo ar abandonado que o muro. Os blocos de cimento tinham sido pintados com uma camada de tinta em determinada altura do passado, mas as tempestades de areia haviam-na desfeado. Havia um jardim, mas as plantas

tinham todas morrido por falta de água. Vi quatro ou cinco aves numa gaiola pendurada debaixo de uma árvore frondosa. Tinham um ar triste e definhado, sem um trinado no coração para cantarem.

“O iemenita gritou algo em árabe pela porta da frente, dirigindose a alguém que não se via; fez-me sinal, com a cabeça, para que entrasse. Hesitei ao chegar à soleira da porta, pois o ar fétido chegara-me às narinas. Com grande receio e a tremer, chamei Madeline pelo nome. O iemenita virouse e voltou para a sua sesta interrompida.

“Madeline veio por um longo corredor escuro. A luz era muito fraca e, depois do sol brilhante que reinava no exterior, mal conseguia vê-la a aproximar-se de mim. Ao confirmar que se tratava, realmente, da sua amiga Marci, ela deitou a correr. Abraçámonos e foi com espanto que vi que estava limpa e cheirava bem. Encontrava-se mais magra do que quando a vira pela última vez, mas viva!

Sentime aliviada, pois esperara que Marci me dissesse que encontrara a amiga meio morta sobre uma esteira suja, juntando as últimas forças para lhe pedir que mandasse o seu corpo para Manila.

Que aconteceu depois?

Tinha pressa em saber o fim da história de Marci.

A voz de Marci reduziu-se a um sussurro, como se as recordações fossem demasiado penosas para lembrar.

Depois de acabarmos com as nossas exclamações e abraços, Madeline empurrou-me pelo longo corredor. Deume a mão e levou-me até um quarto pequeno que ficava à direita. Instalou-me num sofá e depois sentou-se no chão, à minha frente.

“Começou imediatamente a chorar, pois estávamos sozinhas. Enterrou o rosto no meu

colo, enquanto eu lhe afagava os cabelos e lhe pedia, em voz suave, que me contasse o que lhe acontecera. Depois de secar as lágrimas, falou-me da vida que levava desde que saíra de Manila, um ano antes.

“Madeline tinha dois criados íemenitas à sua espera ao chegar ao aeroporto. Empunhavam um cartão com o seu nome escrito em inglês. Acompanhou os dois homens, pois não sabia de que outra maneira proceder. Ficou alarmada com a sua aparência selvagem e receou pela sua vida quando a levaram através da cidade, guiando tresloucadamente. Já era noite alta quando chegou à villa; não havia luz, por isso não reparou no mau estado em que os terrenos se encontravam.

“Era uma altura em que a família se encontrava ausente em Meca, na peregrinação Haj. Uma velha árabe que não sabia falar inglês mostrou-lhe o quarto. Deram-lhe bolachas e tâmaras para comer e chá quente para beber. A velha, antes de sair do quarto, entregou um bilhete a Madeline, informando-a de que, no dia seguinte, ficaria a saber quais os seus deveres.

A velha devia ser a avó observei.

Talvez, Madeline não disse se era. Seja como for, não sei. Quando a luz do Sol revelou o seu novo lar, a pobre Madeline sentiu um baque no coração. Ao ver a cama onde dormira, deu um salto para fora dela, pois os lençóis estavam imundos; o copo e o prato da noite anterior tinham sido invadidos por baratas.

“Desnorteada, Madeline foi à procura de uma casa de banho, descobrindo então que o chuveiro não funcionava. Tentou limpar-se com um resto de sabão sujo e água tépida.

Pedi a Deus, em vão, que lhe aquietasse as batidas do coração. A certa altura, a velha bateulhe à porta.

“Como não tinha alternativa, seguiu a mulher até à cozinha, onde lhe entregaram uma lista de responsabilidades. Madeline leu as palavras apressadamente escritas e soube que lhe competia ajudar a cozinheira, limpar a casa e tratar das crianças. A velha fez sinal a Madeline para que preparasse algo de comer para si. Depois de tomar o pequeno-almoço, começou a tirar a sujidade das panelas e dos tachos.

“Além de Madeline havia ainda mais três empregadas: uma cozinheira velha da Índia, uma atraente criada do Sri Lanka e uma outra, simplória, do Bangladesh. A cozinheira tinha, no mínimo, sessenta anos, e as outras duas deviam andar na casa dos vinte.

“A cozinheira recusava-se a conversar com quem quer que fosse; regressaria à Índia dali a dois meses e só tinha cabeça para os seus sonhos de liberdade e lar. A criada simplória era triste e calada, pois o seu contrato de trabalho só terminaria dali a um ano.

A criada bonita do Sri Lanka pouco trabalhava e passava a maior parte do tempo em frente do espelho. Manifestava de viva voz o seu desejo para que a família voltasse depressa. Deu a entender a Madeline que o senhor da casa gostava muito dela. Esperava que ele lhe comprasse um colar de ouro quando regressasse de Meca.

“Madeline contou que ficara admirada por a criada a mandar girar sobre si mesma, a fim de poder apreciar a sua figura. Depois pousou as mãos nas ancas e declarou, sorridente, que o patrão acharia Madeline demasiado franzina para o seu gosto, mas que talvez um

dos filhos a apreciasse. Madeline não entendeu o que ela queria dizer e prosseguiu as suas limpezas intermináveis.

“Quatro dias depois, a família voltou de Meca. Madeline viu imediatamente que os seus patrões eram de baixa condição; aparentavam rudeza e má educação e o seu comportamento depressa demonstrou que não se enganara. Eram ricos por acaso, sem que tivessem feito algum esforço para tal, e os únicos ensinamentos que tinham recebido eram do Alcorão, que, na sua ignorância, haviam distorcido de maneira a adaptá-los aos seus interesses.

“Para o dono da casa, o papel secundário das mulheres que o Alcorão apontava era tido como a escravatura. Qualquer mulher que não fosse muçulmana era considerada prostituta. Essa situação só piorava com a ida do pai e dos dois filhos à Tailândia quatro vezes por ano, com a finalidade de frequentarem os bordéis de Banguécoque e comprar os serviços sexuais de mulheres tailandesas belas e jovens. A família, sabedora de que algumas das mulheres do Oriente estavam à venda, convenceuse ainda mais de que as mulheres que não fossem muçulmanas eram para comprar. Quando contratavam uma criada, era natural que a utilizassem como um animal, ao sabor dos apetites dos homens da casa.

“Madeline soube imediatamente, através da dona da casa, que fora contratada para servir sexualmente os dois filhos adolescentes. Informou-a de que deveria estar à disposição de Basel e Faris dia e noite. Esta comunicação foi feita sem a menor emoção perante o desespero profundo manifestado por Madeline.

“Para surpresa da criada bonita, o pai concluiu que Madeline lhe agradava. Disse aos filhos que poderiam dormir com a criada nova assim que ele se fartasse. Fiquei arquejante e depois sustive a respiração; sabia o que Marci me iria contar.

Não desejava ouvir.

Menina Sultana, na primeira noite a seguir ao regresso da família, o pai violou Madeline! soluçou. Foi apenas o começo, pois achou-a tão ao seu gosto que começou a fazê-lo diariamente!

Porque não fugiu ela, porque não procurou alguém que a ajudasse?

Menina, ela tentou. Implorou às outras empregadas que a socorressem! A cozinheira velha e a criada feia não queriam envolver-se, pois corriam o risco de perder o

ganhapão. A criada bonita detestava Madeline e disse que fora por culpa dela que ficara sem o seu colar de ouro. A esposa e a velhota não eram, por sua vez, muito bem tratadas pelo dono da casa; não lhe ligaram nenhuma, respondendo-lhe que fora contratada para satisfazer os homens da casa.

Eu teria saltado pela janela e fugido!

Ela tentou fazê-lo, muitas vezes. Foi apanhada e todos os ocupantes da casa receberam ordem para a guardar. Uma vez, estavam todos a dormir, ela foi até ao telhado e deixou cair bilhetes no passeio, a pedir ajuda. Uns vizinhos sauditas entregaram os papéis

aos iemenitas e Madeline foi espancada!

Que aconteceu depois de a descobrires?

Marci continuou, com uma expressão de tristeza e conformismo no rosto.

Fiz várias tentativas. Telefonei para a nossa embaixada em Gidá. O homem que atendeu disse-me que recebia muitas queixas do género, mas ainda não podiam tomar grandes medidas. O nosso país depende dos dinheiros enviados pelos trabalhadores

no estrangeiro, daí que não desejasse antagonizar-se com o Governo saudita apresentando queixas formais. Que seria do pobre povo filipino sem o dinheiro que chegava de fora?

“Antoine pediu a opinião de vários motoristas sobre a possibilidade de ir à polícia, mas disseram-me que esta acreditaria em qualquer história contada por um patrão saudita e Madeline poderia ficar em situação ainda pior.

Exclamei:

Marci! O que poderia ser pior?

Nada, menina, nada. Eu não sabia o que fazer. Antoine ficou assustado e disse que não estava nas nossas mãos fazer algo mais. Finalmente, escrevi à mãe de Madeline, que resolveu ir à agência de emprego em Manila, onde a mandaram embora. Foi ter

com o presidente da câmara da nossa cidade, que declarou nada poder fazer. Ninguém se queria envolver.

Onde está a tua amiga agora?

Recebi uma carta dela há cerca de um mês. Felizmente voltou para as Filipinas, terminado o seu contrato de dois anos. Foi substituída por duas filipinas, mais novas do

que ela. A menina quer crer que Madeline ficou furiosa comigo? Pensou que eu a deixara entregue à sua sorte. Pode ter a certeza de que fiz tudo o que pude. Escrevilhe a explicar tudo o que acontecera. Ainda não recebi resposta.

Sentíame incapaz de proferir uma palavra em defesa dos meus conterrâneos. Olhei para o rosto de Marci, embaraçado.

Ela, por fim, quebrou o silêncio.

E isso, menina, foi o que aconteceu à minha amiga neste país.

Eu via bem que Marci estava com muita pena da amiga. Eu própria sentíame horrorizada. Como é que uma pessoa reage a uma história tão terrível? Eu não conseguia.

Envergonhada pelos homens do meu país, deixara de me sentir superior à rapariga que, momentos antes, era minha criada, minha inferior. Dominada pelo remorso, enterrei a cabeça na minha almofada e, com um gesto de mão, mandei Marci sair. Andei muitos dias calada e metida comigo mesma; pensei na maioria de relatos de maus tratos que torturam a mente das pessoas, tanto sauditas como estrangeiros, que vivem neste país a que chamo meu.

Quantas mais Madelines não andarão por aí, tentando pedir socorro a pessoas indiferentes e deparando apenas com a frieza envergando o uniforme oficial daqueles que são

pagos para se preocupar? E os homens das Filipinas, a terra de Marci, eram pouco melhores do que os do meu país, pois fugiam a qualquer envolvimento pessoal.

Quando despertei do meu inquieto sono de mortificação, comecei a interrogar as minhas amigas, e deparei com a sua passividade em face do destino das suas criadas. A minha tenacidade levou-me a ouvir relatos, em primeira mão, de actos inenarráveis e vis cometidos por homens da minha cultura contra mulheres de todas as nações.

Soube de Shakuntale, da Índia, que, aos treze anos, foi vendida por seiscentos reais sauditas (cento e setenta dólares). De dia trabalhava e de noite era violentada da mesma maneira que a insuspeita Madeline. Mas Shakuntale fora comprada. Era propriedade que não seria devolvida nunca mais poderia voltar para casa. Pertencia aos seus atormentadores.

Escutei, horrorizada, uma mãe tratar com desprendimento e indiferença a situação da sua criada Thai que era constantemente violada pelo filho da casa. Afirmou que o filho precisava de sexo e que a santidade das mulheres sauditas obrigara a família a fornecê-lhe uma mulher para se satisfazer. As mulheres orientais não se importam de ir para a cama com quem quer que seja, declarou com firmeza. Aos olhos das mães, os rapazes são reis.

Repentinamente alertada para algo de perverso, perguntei a Ali por que motivo ele e o pai iam à Tailândia e às Filipinas três vezes por ano. Ficou carrancudo e respondeu que eu não tinha nada a ver com o assunto, mas eu sabia qual era o motivo, pois muitos dos irmãos e pais de amigas minhas empreendiam a mesma jornada até às lindas terras que vendiam as suas raparigas e mulheres a qualquer monstro com dinheiro.

Descobri que pouco sabia acerca dos homens e dos seus apetites sexuais. A aparência superficial da vida nada mais é do que uma fachada; não precisei de muito esforço para pôr a descoberto a perversidade que se oculta por baixo da tênue camada de civismo entre os sexos.

Eu, pela primeira vez na minha jovem vida, compreendi a tarefa impenetrável que se desenha diante de quem pertence ao meu sexo. Sabia que o meu desejo de conseguir a igualdade entre os sexos era impossível, pois finalmente reconhecera que o mundo dos homens alberga uma tendência mórbida para o egocentrismo. Nós, mulheres, somos vassalas, e os muros da nossa prisão são inultrapassáveis, pois esta doença grotesca da proeminência encontrase no próprio esperma de todos os homens e é transmitido de geração em geração uma doença mortífera e incurável que domina o homem e vitima a mulher. A posse do meu corpo e alma depressa transitariam do meu pai para um desconhecido a quem chamaria de marido, pois fora informada pelo meu pai de que dali a três meses casaria, logo após o meu décimo sexto aniversário. Senti os grilhões da tradição apertarem-se violentamente à minha volta; só me restavam seis curtos meses para saborear. Criança indefesa, aguardei, qual insecto preso numa teia malévola tecida por outrem, que o meu destino se cumprisse.

Eram dez da noite do dia 12 de Janeiro de 1972, e as minhas nove irmãs e eu ouvíamos,

enfeitiçadas, a nossa velha escrava sudanesa Huda ler a sina a Sara. Esta, depois do seu casamento e divórcio traumatizantes, dedicara-se ao estudo da astrologia e estava convencida de que a Lua e as estrelas desempenhavam um papel determinante no caminho seguido pela sua vida. Huda, que nos enchera os ouvidos, desde tenra idade, com histórias de magia negra, deleitava-se em ser o centro das atenções e proporcionar uma distração no meio da tristeza que era a vida na monótona Riade.

Todas sabíamos que Huda fora, em 1899, tinha então oito anos de idade, roubada à mãe pelos traficantes de escravos árabes quando esta se encontrava a apanhar batatadoce para o jantar da família. Na sua juventude, entretivera as crianças da casa, durante horas incontáveis, com a saga da sua captura e reclusão.

Para grande alegria nossa, Huda relatava sempre a sua história, por muitas vezes que a repetisse, com renovado talento. Acocorava-se junto do sofá e cantava suavemente, fazendo de conta que esgravatava na areia. Soltando um grito selvagem, arrancava uma franha de almofada e tapava a cabeça com ela, berrando e esperneando contra os seus raptos imaginários. Gemia e atirava-se para o chão, aos pontapés e a gritar pela mãe.

Por fim, saltava para cima da mesinha e espreitava pelas janelas da sala de estar, descrevendo as águas azuis do mar Vermelho, que via do navio que a transportava do Stidão para os desertos da Arábia.

Os seus olhos começavam a ficar com uma expressão cada vez mais selvagem ao lutar contra todos quantos tentavam, imaginariamente, roubar-lhe a pequena porção de comida. Roubava um pêssgo ou uma pêra da fruteira e devorava-os esfaimadamente, deixando apenas o caroço. Em seguida, marchava solenemente pela sala, de mãos presas atrás das costas, simulando que ia para o mercado de escravos, implorando a Alá, com voz cantante, que a salvasse daquela situação.

Vendida, a troco de uma espingarda, a um membro do clã Rashid, de Riade, tropeçava, mostrando como fora levada pelas ruas de Gidá, por entre tempestades de areia que cegavam, até à fortaleza de Mismaak, a praça-forte do clã Rashid na capital do país.

Chegada a esse ponto da história revivida, Huda começava a esconder-se atrás das várias peças de mobília. Nós guinchávamos de tanto rir ao vê-la saltitar pela sala, tentando escapar às balas dos nossos parentes, o jovem Abdul Aziz e os seus sessenta homens, que atacaram a praça-forte e derrotaram os Rashid, reclamando o país para o clã dos AISaud. Deixando cair o corpo gordo sobre uma cadeira, tentava proteger-se, enquanto os guerreiros do deserto dizimavam os seus inimigos. Falava do seu salvamento pelo meu avô e finalizava a sua representação atirando-se a quem estivesse mais próxima para a beijar repetidamente, como jurara ter feito ao meu avô quando este a libertara. Foi assim que Huda veio para a nossa família.

À medida que íamos crescendo, Huda desviava a nossa atenção dos vários dramas, sobressaltandonos com afirmações sobrenaturais de bruxaria. A minha mãe costumava

afastar as manifestações com um sorriso, mas depois de eu, um dia, acordar a gritar sobre bruxas e poções, proibiu Huda de divulgar as suas crenças junto dos seus filhos mais novos. Agora que a minha mãe já não se encontrava mais connosco, Huda retomou o seu velho hábito com gosto.

Vimos, fascinadas, Huda perscrutar as linhas das palmas das mãos de Sara e estreitar os olhinhos negros como se visse a vida de Sara desenrolarse diante de si através de uma visão.

Sara, ao ouvir Huda declarar, solenemente, que ela jamais concretizaria as ambições da sua vida, não pareceu ficar muito afectada. Eu resmunguei e fiz fincapé; queria tanto que Sara encontrasse a felicidade que merecia que fiquei irritada com Huda e classifiquei as suas profecias de tretas, tal como desejava que fossem. Ninguém me prestou a menor atenção, e Huda prosseguiu o seu escrutínio sobre as linhas da vida de Sara.

A velha esfregou o queixo ossudo com a mão e murmurou:

Hum, Sarinha. Vejo aqui que casarás em breve.

Sara soltou uma exclamação e tirou precipitadamente a mão de entre as de Huda.

O que menos desejava ouvir era falar sobre o pesadelo de novo casamento.

Huda riu suavemente e aconselhou Sara a não fugir ao seu destino. Acrescentou que esta conheceria agora um casamento por amor e que alindaria a terra com seis pequeninos que lhe dariam grande alegria.

Sara franziu a testa, preocupada. Depois encolheu os ombros e deitou para trás das costas o que não estava nas suas mãos controlar. Olhou para mim e dirigime um dos

seus raros sorrisos. Pediu a Huda que lesse a palma da minha mão, dizendo que se ela fosse capaz de predizer os actos que a sua imprevisível irmã mais nova viria a realizar, nesse caso ela, Sara, passaria a acreditar nos seus poderes até ao fim dos seus dias. As minhas outras irmãs riram com gosto, concordando com Sara, mas eu podia ver, pela expressão dos seus rostos, que adoravam aquela irmãzinha mais nova que lhe dava cabo da paciência.

Ergui a cabeça com uma altivez que não sentia e instaleime em frente de Huda. Voltei a palma das mãos para cima e exigi, em tom autoritário, que me dissesse o que estaria eu a fazer dali a um ano.

Huda não ligou à minha rudeza juvenil e, antes de anunciar o meu destino, observou longa e demoradamente a palma das minhas mãos. Surpreendeunos a todas com a sua atitude; abanou a cabeça, murmurou entre dentes e reflectiu em voz alta, enquanto ponderava sobre o meu futuro. Por fim, fixou os olhos no meu rosto e proferiu as suas profecias com tal confiança que receei a sua previsão e senti o sinistro vento quente da magia nas suas palavras.

Huda declarou, numa voz assustadoramente profunda, que o meu pai em breve anunciaria o meu casamento próximo. Eu encontraria tristeza e felicidade num homem. Traria a desgraça a quantos me rodeavam. As minhas acções futuras fariam tanto bem como mal à

família que eu adorava. Seria alvo de grande amor e de intenso ódio. Eu era uma força do bem e do mal; um enigma para os que me amavam.

Soltando um grito dilacerante, Huda ergueu as mãos e pediu a Alá que interviesse na minha vida e me protegesse de mim mesma. Atirouse sobre mim, desequilibrandome, e envolveu-me o pescoço com os braços, começando a lamentar-se com um uivo selvagem e agudo.

Nura pôs-se de pé e correu a salvar-me do amplexo asfíxiante de Huda. As minhas irmãs reconfortaram-me, enquanto Nura levava para fora da sala Huda, que ia implorando, entre dentes, a Alá que protegesse a filha mais nova da sua adorada Fabíola.

O impacto da predição de Huda deixara-me a tremer. Comecei a soluçar e gaguejei que, certa vez, Huda se vangloriara, perante mim, de ser bruxa, que já a mãe o fora antes de si, passando-lhe esse poder através do leite com que a amamentara.

Tahani, uma das minhas irmãs mais velhas, disse-me que me acalmasse, que não havia necessidade de dramatizar. Sara, tentando desanuviar o ambiente, limpou-me as lágrimas e observou que a minha mágoa era rejeitar não estar à altura das arrojadas predições de Huda. Juntando-se aos esforços de Sara, as minhas outras irmãs começaram a brincar e lembraram, no meio de grandes gargalhadas, algumas das partidas pregadas

por mim a Ali, ao longo dos anos. Recordaram-me uma das suas preferidas que, no meio da nossa brincadeira, voltei a contar.

A partida começou quando pedi a uma das minhas amigas que telefonasse a Ali e fizesse de conta que não resistia aos seus encantos. Ouvimolo, durante horas, balbuciar

disparates pelo telefone e traçar planos elaborados para se encontrar com o motorista dela atrás de uma villa próxima, em construção.

A jovem convenceu Ali a levar um cabrito por uma trela, para que o motorista pudesse identificá-lo. Contou-lhe que os pais estavam fora da cidade; Ali não teria

problemas em ir atrás do homem, a fim de ter um encontro secreto com ela em sua casa.

A casa em obras ficava do outro lado da rua onde a minha amiga morava, de modo que eu e as minhas irmãs juntámonos na varanda do quarto dela. Quase morremos a rir

ao vermos o pobre Ali ficar, horas a fio, de pé, com o cabrito pela corda, esticando o pescoço em busca de indícios do motorista. Para grande diversão nossa, a rapariga conseguiu atrair Ali para a mesma situação não uma, não duas, mas três vezes! A ânsia de Ali conhecer a jovem era tanta que nem conseguia raciocinar. Lembrou-me de cogitar

que aquela questão parva do véu tinha efeitos nos dois sentidos!

Encorajada pelo riso e confiança das minhas irmãs, consegui afastar da cabeça os maus agouros de Huda. Vendo bem, a mulher já tinha oitenta anos e o mais provável era que estivesse senil.

Quando, nessa mesma noite, o meu pai nos visitou e anunciou que encontrara um marido adequado para mim, a minha consternação voltou a instalar-se. Profundamente

angustiada, só me ocorria que a primeira das predições de Huda se concretizara. No meu

terror, esquecime de perguntar ao meu pai o nome do meu futuro marido e corri para fora da sala com a visão turva e um sabor a bÍlis na boca. Fiquei acordada a maior parte da noite a pensar nas palavras de Huda. Pela primeira vez na minha jovem vida, receava o futuro que me estava reservado.

Na manhã seguinte, Nura voltou à nossa villa para me avisar de que eu casaria com Karim, um dos primos reais. Em criança brincara com uma irmã desse primo, no entanto pouco recordava do que me dissera dele além de ser um irmão autoritário. Tinha agora vinte e oito anos de idade e eu iria ser a sua primeira esposa. Nura disse-me que vira uma fotografia dele e acharao excepcionalmente bemparecido. Além disso, estudara

Direito em Londres. E o que ainda era mais fora do comum, distinguisse-se da maioria dos primos reais, pois detinha uma posição importante no mundo dos negócios. Abrira, recentemente, uma enorme firma de advogados em Riade. Nura acrescentou que eu era uma rapariga cheia de sorte, pois Karim já dissera ao meu pai que, antes de fundar uma família comigo, queria que eu completasse os meus estudos. Não desejava uma mulher com quem não pudesse comunicar intelectualmente.

Sem disposição para condescender, fiz cara feia à minha irmã e tapei a cabeça com as cobertas. Nura suspirou fundo quando lhe gritei que quem tinha sorte ali era Karim e não eu!

Depois de Nura sair, telefonei à irmã de Karim, a quem conhecia superficialmente, e disselhe que aconselhasse o irmão a pensar bem antes de casar comigo. Ameacei que se casássemos, ele não poderia arranjar outras esposas, pois envenená-las a todas na primeira oportunidade. Além disso, contei-lhe que o meu pai tivera grande dificuldade em arranjar-me marido por causa do acidente que eu tivera no laboratório da escola. Quando a irmã de Karim me perguntou o que acontecera, fiz-me de tímida e confessei que entornara, estupidamente, um frasco de ácido, ficando com a cara horrendamente deformada. Ao ver que desligara o telefone com toda a pressa, a fim de ir contar ao irmão, ri a bom rir.

Ao fim desse mesmo dia, o meu pai entrou intempestivamente na villa, trazendo duas tias de Karim a reboque. Fui obrigada a manter-me de pé e em sentido, enquanto as duas mulheres me observavam em busca de cicatrizes faciais ou membros deformados. Fiquei tão furiosa com o exame que abri a boca e disselhes que me examinassem os dentes, se se atrevessem. Inclinei-me para elas e bati vigorosamente com os maxilares um no outro. Olhando para trás, estupefactas, precipitaram-se para fora do meu quarto quando relinchei como um cavalo e ergui as solas dos meus pés até às suas caras, o que, no mundo árabe, é um insulto terrível.

O meu pai levantouse e fixou demoradamente o olhar em mim. Parecia debater-se entre sentimentos, mas depois, para minha grande surpresa, sacudiu a cabeça e começou a rir. Eu nada mais esperara do que um tabefe ou um sermão jamais me passara pela cabeça vê-lo rir. Senti um sorriso trémulo formar-se no meu rosto e depois também eu desatei a rir. Sara e Ali entraram no quarto, cheios de curiosidade, e ficaram a olhar para

nós com um sorriso interrogativo.

O pai deixou-se cair num sofá, limpando as lágrimas do rosto com a ponta da sua thobe. Olhou para mim e disse:

Sultana, viste a cara delas quando tentaste mordê-las? Parecias mesmo um cavalo!

Filha, tu és um espanto! Não sei se deva invejar se ter pena do teu primo Karim. Assoouse. Não há dúvida de que a vida ao teu lado não será nada monótona.

Delirante com a aprovação do meu pai, senteime no chão e inclineime para o seu colo. Quando ele me apertou os ombros, sorrindo para a filha engraçada, tive vontade de guardar aquele momento para sempre. Aproveitando os instantes de intimidade, atrevime a perguntar ao meu pai se poderia conhecer Karim antes do casamento.

O meu pai voltou-se e olhou para Sara. Algo na expressão desta entorneceu. Deu uma palmadinha no sofá ao seu lado, fazendolhe sinal para que se sentasse. Não houve palavras entre nós mas comunicámos através dos elos de gerações.

Ali, siderado com a atenção dispensada às mulheres da família, encostouse ao umbral da porta de boca aberta; nem sequer conseguia falar.

Para grande espanto do meu pai e minha amarga desilusão, a família de Karim não rompeu o nosso noivado. Em vez disso, Karim e o meu futuro sogro foram ao escritório do meu pai na semana seguinte e pediram delicadamente permissão para Karim me conhecer, sob adequada supervisão, evidentemente. Karim, que soubera do meu comportamento pouco ortodoxo através das parentes, ficara decididamente curioso para ver se eu era completamente louca ou apenas um pouco espirituosa.

O meu pai não dera resposta ao pedido que eu já lhe fizera para me encontrar com Karim, mas uma solicitação do homem da família era completamente diferente. Assim, depois de discutir demoradamente o assunto com várias tias da família e a minha irmã Nura, resolveu aceder ao pedido de Karim.

Quando o meu pai me deu a novidade, dancei pelo quarto, louca de alegria. Ia conhecer o homem que seria meu marido antes de o desposar! As minhas irmãs e eu ficámos espantadíssimas, pois não se tratava de um costume aceite na nossa sociedade; éramos prisioneiras que sentiam as grilhetas da tradição, sempre presentes, aligeirarem-se.

Os pais de Karim, o meu pai e Nura determinaram a vinda de Karim e sua mãe à nossa villa dali a duas semanas, para o chá da tarde. Karim e eu ficaríamos acompanhados por Nura, Sara, duas das minhas tias e a mãe dele.

Com esta possibilidade de controlo sobre a minha vida a assomar no horizonte, a esperança nascia, uma fantasia com a qual, ainda na véspera, não me atrevera a sonhar.

Dei comigo cheia de excitação e curiosidade em saber se acharia Karim ao meu gosto.

Depois ocorre-me um pensamento novo e desagradável: talvez eu não agradasse a Karim! Oh, como eu gostaria de ser bonita como Sara, para que o coração dos homens pulsassem de desejo...

Começara a passar horas em frente ao espelho amaldiçoando a minha estatura pequena e a

retorcer os meus caracóis curtos e rebeldes. O meu nariz parecia-me demasiado pequeno para o rosto, os meus olhos não tinham brilho. Talvez não fosse má ideia Esconder-me por trás do véu até à noite de núpcias!

Sara riase com a minha agonia e tentava reconfortarme: os homens adoravam mulheres pequeninas, sobretudo as que tinham narizes arrebitados e olhos sorridentes. Nura, cuja opinião era respeitada por todos, afirmou, rindo, que todas as mulheres da família me consideravam muito bonita. Eu, simplesmente, nunca procurara sê-lo; talvez fosse altura de valorizar os meus dons naturais.

Repentinamente consumada pelo desejo intenso de ser considerada uma mulher bonita, disse ao meu pai que não tinha nada para vestir. Apesar de nós, mulheres sauditas, andarmos veladas na rua, mal entramos em casa de uma amiga, pomos o véu de lado.

Como não podemos encantar os do sexo oposto, além dos nossos maridos, com as nossas toilettes cuidadosamente seleccionadas, tentamos deslumbrarnos umas às outras.

A verdade é que, neste país, nós vestimonos para as outras mulheres! Por exemplo, aqui as mulheres vão a um chá da tarde primorosamente vestidas com rendas e cetim, com as suas fatiotas preciosamente adornadas de diamantes e rubis.

Muitas das minhas amigas estrangeiras ficaram boquiabertas perante os decotes fundos e as roupas coleantes ocultas debaixo das deselegantes abaayas. Disseram-me que

nós, mulheres sauditas, fazemos lembrar, com a escolha dos adornos que usamos por baixo dos véus e abaayas negras, aves exóticas e coloridas. Não há dúvida de que nós, mulheres de negro, gastamos mais tempo e despendemos mais esforço com a nossa roupa individual do que as mulheres ocidentais, a quem não falta liberdade para exhibir as suas fatiotas.

O meu pai, satisfeito por me ver interessada num casamento que imaginara que repudiaria, acedeu, de bom grado, aos meus pedidos. Nura e o marido foram comigo até Londres, onde passámos três dias a fazer compras no Harrods. Custou-me muito dizer às vendedoras do estabelecimento que só iria conhecer o meu noivo na semana seguinte.

Apesar de ser uma princesa saudita, não queria que presumissem que não tinha qualquer poder de decisão sobre a minha vida. Fiquei desiludida ao ver que ninguém exprimia espanto ou surpresa perante a minha declaração orgulhosa. Aqueles que são livres não conseguem imaginar o valor que as pequenas vitórias têm para os que vivem submetidos a rédia curta.

Durante a nossa estada em Londres, Nura tomou providências para que determinassem o tipo de cosméticos e a cor das roupas que eu deveria usar. Quando me disseram

que o verdeesmeralda era o tom que melhor me assentava, comprei dezassete fatiotas nessa cor. Puxaram-me o cabelo rebelde para trás, apanhando-o elegantemente, e eu fiquei a olhar, com uma sensação de deleite e espanto, para a sofisticada desconhecida que as montras de vidro das lojas das áreas comerciais de Londres reflectiam.

No dia da festa, Sara e Marci ajudaram-me a vestir. A impossibilidade de recriar o mesmo estilo de cabelo que usara em Londres ora me fazia chorar ora soltar imprecizações quando,

a certa altura, Huda apareceu à porta do meu quarto.

- Não se esqueça exclamou, reduzindo os olhos a fendas primeiro conhecerá a felicidade com o seu marido, mas depois ele trar-lhe-á a infelicidade.

Atireilhe com a escova e griteilhe que não me estragasse o dia com os seus disparates. Sara puxou-me uma orelha e disse-me que tivesse vergonha; Huda não passava de

uma idosa. Eu não tinha o menor peso na consciência e disse-o a Sara. Esta replicou que o problema estava no facto de eu não a ter, sequer. Amuámos até a campainha soar; depois ela abraçou-me e disse-me que eu estava linda com o meu vestido verde-esmeralda.

Ia conhecer o meu futuro marido em carne e osso! As batidas do meu coração soavam-me nos ouvidos. Sentir todos os olhares fixos em mim, à espera da minha reacção, fez-me corar, o que deitou por terra a entrada sofisticada que planeava. Oh, que bom seria regressar à segurança da minha infância!

Tantas emoções eram escusadas. Karim não só era o homem mais bonito que eu já vira, como os seus olhos sensuais acariciavam cada movimento meu, fazendo-me sentir a criatura mais adorável ao cimo da Terra. Minutos depois da nossa apresentação tensa,

tive a certeza de que ele jamais cancelaria o noivado. Descobri em mim um talento surpreendente e até ali desconhecido, um talento que é da maior utilidade para as mulheres que precisam de manipular para alcançar os seus objectivos: descobri que tinha um jeito natural para flirter. Dei comigo a fazer boquinhas e a olhar para Karim com as pálpebras semidescidas, sem a menor dificuldade. A minha imaginação voava: Karim era apenas um dos meus muitos pretendentes.

A mãe de Karim observava-me com atenção, nitidamente descontente com os meus modos de vamp. Sara, Nura e as minhas tias trocavam olhares constrangidos. Mas Karim estava hipnotizado e nada mais importava.

Antes de Karim e a mãe saírem, o primeiro perguntou-me se poderia telefonar-me numa daquelas tardes, dali a uns dias, a fim de falarmos sobre os nossos planos de casamento. Escandalizei as minhas tias ao responder antes de lhes pedir autorização:

Com certeza, poderá ser em qualquer altura depois das nove.

Quando Karim se despediu, dirigilhe um sorriso de mulher cheio de promessas.

Enquanto Nura, Sara e as minhas tias me apontavam, com grande pormenor, cada atitude incorrecta que eu tivera, fui cantarolando uma balada de amor libanesa de que

muito gostava. Declararam ter a certeza de que a mãe de Karim insistiria na anulação do casamento, já que eu praticamente lhe seduzira o filho com os meus olhos e os meus lábios. Respondilhes que o que elas tinham todas era inveja por eu ter tido a possibilidade de ver o meu marido antes do casamento. Deitei a língua de fora às minhas tias e dissilhes

que eram demasiado velhas para entender os corações jovens; deixei-as de olhos arregalados de choque perante a minha audácia. Depois tranquei-me na minha casa de banho

e comecei a cantar o mais forte que pude.

Mais tarde, reflecti na minha actuação. Se eu não tivesse gostado de Karim, termeia certificado de que este não ficava a apreciarme. Como me agradara, manobrarão para que se apaixonasse por mim. Os meus actos tinham sido bem pensados. Se o achasse repulsivo e não quisesse casar com ele, comeria sem maneiras, arrotaria na cara da mãe e entornaria chá no colo desta. Se, ainda assim, Karim e a família não estivessem convencidos de que eu não seria uma esposa digna dele, estava decidida a “descuidarme”. Felizmente para Karim e sua mãe, eu acharao atraente e de feitio agradável, salvandoos de uma tarde chocante. Fiquei tão aliviada ao saber que não casaria com um velho embotado pela vida que achei que não seria difícil haver amor na nossa união. Com tão agradáveis pensamentos na mente, ofereci seis fatos do meu guardaroupa a Marci e disselhe que ia pedir ao meu pai que me deixasse levála comigo para a minha nova casa.

Nessa noite, Karim telefonoume. Contoume, divertidíssimo, que a mãe se mostrara contrária ao casamento. O meu arrojo fizeraa tremer de fúria, levandoa a prever que eu viria a trazer muitos desgostos ao seu filho mais velho e, conseqüentemente, a toda a família.

Sentindome confiante na minha astúcia feminina recémdescoberta, repliquei secamente que era melhor ele seguir o conselho da mãe.

Karim sussurrou que eu era a rapariga dos seus sonhos: uma prima real, inteligente e bemhumorada. Declarou que era incapaz de desposar o gênero de mulher que a mãe desejava para si; uma que ficasse sentada, imóvel como uma pedra, pronta a satisfazer o seu desejo mais ínfimo. Ele gostava de uma mulher com genica; as vulgares entediavamno. Acrescentou, num murmúrio sensual, que eu era um prazer para os olhos.

Em seguida, Karim tocou numa questão. intrigante: perguntou se eu fora circuncisada. Respondilhe que teria de perguntar ao meu pai. Ele acauteloume:

Não, não o faças. Se não sabes, é porque não foste.

Pareceu ficar contente com a minha resposta.

Na minha inocência, levantei a questão da circuncisão à mesa, durante o jantar. Era a vez de o meu pai estar com a terceira esposa, de modo que a cabeceira era ocupada por

Ali. Horrorizado com a pergunta, pousou o copo com força e olhou para Sara à espera de um comentário. Continuei a comer e, por um momento, a ansiedade que surgiu no olhar da minha irmã escapoume. Ao erguer os olhos, reparei que todos estavam muito pouco à vontade.

Ali, imaginandose o chefe da família, bateu com o punho na mesa e exigiu que lhe dissesse onde ouvira tal palavra. Apercebendome de que algo não estava bem, lembreime do conselho de Karim e respondi que ouvira a criadagem comentar algo sobre o assunto.

Ali pôs de lado a minha ignorância com um olhar irritado na minha direcção, limitandose a dizer a Sara que, na manhã seguinte, telefonasse a Nura e lhe pedisse que

viesses falar com “aquela criança”.

Após a morte da nossa mãe, Nura, na qualidade de irmã mais velha, era agora responsável pela minha aprendizagem em tais matérias. Chegou à villa ainda não eram dez

da manhã do dia seguinte e foi directamente até ao meu quarto. Foi chamada por Ali.

Fez uma cara muito pouco satisfeita por Ali a ter informado de que a sua actuação como irmã mais velha deixava muito a desejar. Ele, Ali, tencionava informar o pai das suas verificações e desagrado.

Nura sentouse na beira da minha cama e perguntou-me, em voz branda, o que eu sabia sobre as relações entre um homem e uma mulher. Repliquei, confiantemente, que sabia tudo o que havia para saber.

A minha irmã sorriu ao falar:

Receio que isso seja só da boca para fora, irmãzinha. É possível que não saibas tudo sobre a vida.

Como veio a descobrir., eu sabia muito sobre o acto sexual.

Na Arábia Saudita, tal como na maior parte do mundo árabe, o tema sexo é considerado tabu. Daí que as mulheres falem de pouco mais. Todas as reuniões femininas são dominadas por conversas sobre sexo, homens e filhos.

No meu país, onde existem tão escassas actividades para entreter a mente das mulheres, a principal ocupação destas é reunirem-se em casa umas das outras. É vulgar irmos

a festas femininas todos os dias da semana, excepto às sextafeiras, que é o nosso dia religioso. Juntamonos, bebemos café e chá, comemos doces, preguiçamos nos sofás excessivamente estofados e damos à língua. Assim que uma jovem põe o véu, passa automaticamente a participar nestas funções.

Desde que eu pusera o véu, ouvia, fascinada, jovens

recém-casadas falarem da sua noite de núpcias; nenhum pormenor era demasiado íntimo para revelarem. Algumas das

jovens esposas chocavam as reuniões femininas ao declararem que apreciavam as relações sexuais. Outras diziam que fingiam gostar dos avanços dos maridos, para que estes não procurassem outra esposa. Outras havia que detestavam de tal maneira o sexo que mantinham os olhos fortemente fechados e suportavam as investidas dos maridos com temor e repulsa. Significativamente, havia as que se mantinham caladas durante aquelas sessões, não se pronunciando sobre o tema; eram as mulheres brutalizadas pelo homem com quem viviam, muito à semelhança do que Sara sofrera.

Nura, convencida de que eu compreendia as implicações da vida marital, pouco mais acrescentou ao meu conhecimento. Revelou que era meu dever de esposa estar à disposição de Karim em qualquer ocasião, independentemente da minha disposição do momento. Declarei que faria como me apetecesse, que Karim não poderia forçar-me contra a minha vontade. Nura disse que não com a cabeça. Nem Karim nem nenhum outro homem aceitaria uma recusa. Tinham o direito de exercer a sua vontade na cama conjugal.

Afirmar que Karim seria diferente e nunca recorrer à força. Nura contrapôs que não havia homem algum que se mostrasse compreensivo em relação a tal matéria. Eu não deveria contar com isso, caso contrário arriscava a apanhar uma grande decepção.

Para mudar de assunto, pedi à minha irmã que me falasse da circuncisão. Nura contou-me, em voz débil e baixa, que fora circuncisada aos doze anos. Disse que as três irmãs a seguir a si tinham sido submetidas ao rito. As filhas mais novas da nossa família haviam sido poupadas ao costume bárbaro graças à intervenção de um médico ocidental que conversara com o nosso pai, durante muitas horas, sobre o ritual. Acrescentou que eu tivera sorte em não sofrer semelhante drama.

Eu via que a minha irmã estava à beira das lágrimas; perguntei-lhe o que acontecera.

Há tantas gerações que as mulheres da nossa família eram circuncisadas que Nura já lhes perdera a conta. A nossa mãe, tal como a maioria das mulheres sauditas, fora circuncisada ao tornar-se mulher, umas semanas antes de se casar. Nura atingira a puberdade aos doze anos, e nessa altura a nossa mãe seguira a única tradição que conhecia e

preparara tudo para que a circuncisão de Nura se realizasse numa pequena aldeia a alguns quilómetros de Riade.

Organizouse a celebração, preparouse a festa. Uma Nura, muito jovem, deleitava-se por ser o alvo das atenções concedidas à convidada de honra. Momentos antes do rito, a nossa mãe disse a Nura que as mulheres mais velhas iam executar uma pequena cerimónia e que era importante ela ficar muito quieta. Uma mulher fez soar um tambor, outras cantaram. As mais velhas reuniram-se em torno da criança assustada. Quatro mulheres seguraram em Nura, que, despida da cintura para baixo, tinha sido deitada sobre um lençol branco estendido no chão. A mais velha delas ergueu a mão no ar e Nura viu, horrorizada, que empunhava um instrumento que se assemelhava a uma navalha.

Nura gritou. Sentiu uma dor lancinante na região genital. Entontecida com o choque, foi levantada no ar pelas mulheres e felicitada pela entrada no mundo adulto. Profundamente assustada, viu sangue a jorrar dos seus ferimentos. Foi levada para uma tenda, onde lhe trataram das lacerações.

As feridas sararam rapidamente, porém ela só compreendeu as implicações da operação na sua noite de núpcias, onde a dor foi insuportável e houve muito sangue. Como a situação se manteve, passou a ter horror às relações sexuais com o seu novo marido. Por fim, depois de engravidar, foi examinada por um médico ocidental, que ficou horrorizado com as suas cicatrizes. Este informou Nura de que todo o seu aparelho genital exterior fora removido e que, sem dúvida, o acto sexual rasgá-la-ia sempre, provocando-lhe dor e hemorragias.

Quando o médico descobriu que mais três irmãs de Nura tinham sido circuncisadas e que as restantes seis sofreriam, de certeza, o mesmo destino, pediu-lhe que arranjasse um encontro entre ele e os meus pais na sua clínica.

As minhas outras três irmãs consultaram o médico. Este declarou que a minha irmã Baheer estava em muito piores condições que Nura e que não sabia como conseguia suportar

relações sexuais com o marido. Nura testemunhara as cerimónias de circuncisão das nossas irmãs, recordando que Baher se debatera com as velhas e conseguira mesmo correr alguns metros para longe das suas carrascos. Mas fora apanhada e levada de novo para a esteira, onde a sua inquietação originara ferimentos mais graves e uma grande perda de sangue.

Para surpresa do médico, era a minha mãe quem insistia na circuncisão das filhas.

Ela própria suportara o rito; tinha a certeza de que era a vontade de Alá. Por fim, o médico convenceu o nosso pai do perfeito disparate da mutilação, assim como dos seus riscos para a saúde. Nura disse que eu fora salva de um costume cruel e inútil.

Perguntei a Nura porque quisera Karim informar-se sobre tal questão. A minha irmã respondeu-me que eu tinha a sorte de ele ser um homem que achava que a mulher devia ser completa. Afirmou que ainda havia muitos homens que faziam questão que as noivas fossem circuncisadas. Era tudo uma questão da região de origem ou da opinião da família no seio da qual a rapariga nascia. Algumas famílias mantinham a prática, enquanto outras deixavam o costume no passado bárbaro, onde ele pertencia. Nura disse que tinha a impressão de que Karim desejava uma esposa que partilhasse o prazer, não se limitando a ser um objecto do mesmo.

Nura deixou-me com os meus pensamentos. Eu tinha consciência de que era uma felizarda por ser uma das mulheres mais novas da família. Só de imaginar o trauma sofrido pelas minhas outras irmãs, estremeci.

Sentia-me contente por Karim se preocupar com o meu bemestar. Começava a suspeitar de que havia mulheres que conseguiam ser felizes na minha terra, apesar das tradições alheias a uma sociedade civilizada. Mas, ainda assim, a injustiça de tudo aquilo persistia em não me sair da ideia. Nós, mulheres da Arábia, só podíamos ser felizes se

gozásemos das atenções do homem que se tornasse nosso senhor: caso contrário, viveríamos na maior das tristezas. Independentemente do que fizermos, o nosso futuro depende de um prérequisito: o grau de bondade do homem sob cujo domínio nos encontramos.

Sentindome ensonada, voltei a adormecer; sonhei que envergava um lindo vestido de noiva verdeesmeralda e esperava pelo meu noivo, Karim. Este não chegava e o meu sonho transformava-se num pesadelo que me fazia acordar trémula e suada: era perseguida por velhas horripilantes que, de navalhas na mão, clamavam o meu sangue.

Chamei Marci, pedindo-lhe que me trouxesse água fria. Estava angustiada, pois reconhecia o significado da minha visão aterrorizante: o principal obstáculo à mudança e abrandamento dos nossos costumes antiquados eram as próprias árabes em si. As mulheres da geração da minha mãe eram incultas e pouco sabiam além do que os seus homens lhes diziam; o resultado eram as tradições, como a da circuncisão, serem mantidas vivas pelas próprias mulheres que no passado e presente, contribuíam para fortalecer os homens nos seus esforços para nos manterem na ignorância e na reclusão. A minha mãe, mesmo quando lhe falaram nos riscos para a saúde, apegara-se ao passado tradicional; não era capaz de imaginar outro caminho para as filhas que não aquele que ela própria trilhara, com medo de que qualquer desvio da tradição prejudicasse as suas oportunidades de

casamento.

Cabia somente a nós, mulheres com cultura, modificar o rumo da vida feminina. Estava no nosso poder, dentro do nosso ventre. Eu aguardava o dia do meu casamento

com expectativa e determinação. Seria a primeira mulher saudita a reformar o seu círculo interno. Os meus filhos e filhas remodelariam a Arábia, transformandoa num país digno de todos os seus cidadãos, tanto homens como mulheres.

O CASAMENTO

As minhas parentes trocaram olhares preocupados, pois temiam o meu espírito rebelde e só se sentiam à vontade com mulheres complacentes. O meu contentamento com o marido escolhido para mim era considerado ao nível de um milagre, mas só quando a cerimónia chegasse ao fim é que respirariam de alívio.

O meu vestido fora feito na renda vermelha mais viva que conseguira encontrar. Eu era uma noiva arrojada e deliciavame em escandalizar a minha família, que me implorara que fosse em tom de pêsego suave ou, então, de corderosa. Recuseime a fazerlhes a vontade, como de costume. Eu sabia que tinha razão. Até as minhas irmãs acabaram por admitir que a minha pele e olhos beneficiavam com a cor garrida.

Quando Sara e Nura me enfiaram o vestido pela cabeça e apertaram os botões delicados que tinha na zona da cintura, eu mergulhara num torpor de boaaventurança.

Quando Nura me rodeou o pescoço com o colar de rubis e diamantes oferecido por Karim, houve um momento de tristeza. Não pude deixar de relembrar a minha mãe, no

dia triste do casamento de Sara, em que eu, criança, ficara sentada no chão a vêla colocar o adorno indesejado no pescoço de Sara. Só acontecera há dois breves anos, no entanto parecia ter sido noutra vida, com outra Sultana. Afugentei a minha mágoa quando me lembrei de que a minha mãe devia estar a observar-me, de muito longe, com um brilho de satisfação no olhar. Quando me inclinei para pegar no bouquet de flores primaveris, inteiramente feito de pedras preciosas, que Sara concebera especialmente para a ocasião, o corpete apertado mal me deixava respirar.

Olhando para os rostos sorridentes das minhas irmãs, anunciei:

Estou pronta.

Chegara a minha vez de iniciar uma vida nova.

O bater dos tambores abafou a música da orquestra que fora mandada vir do Egipto.

Levando Sara de um lado e Nura no outro, fiz a minha entrada grandiosa no jardim onde os convidados aguardavam, expectantes e impacientes.

Tal como em todos os casamentos sauditas, a cerimónia oficial já fora realizada anteriormente. Com Karim e sua família numa parte do palácio e eu e os meus na outra, o xeque religioso fora de uma sala para a outra, perguntandonos se nos aceitávamos um ao outro. Karim e eu não tivéramos permissão para trocar directamente os nossos votos.

A nossa família já celebrava há quatro dias e quatro noites. A festa prosseguiria durante mais três dias e noites, após o nosso aparecimento perante as convidadas femininas. A cerimónia daquela noite não era mais do que um palco criado para que os amantes expusessem a sua juventude e esperança à observação dos outros a nossa noite de glória.

Eu já não via Karim desde o nosso primeiro encontro. No entanto, o nosso namoro

continuara através de longas horas de conversa pelo telefone. Naquele momento via Karim, escoltado por seu pai, caminhar lentamente em direcção ao pavilhão. Era muito bonito e ia ser meu marido.

Não sei por que razão estranha o pulsar do seu coração me fascinava. Observei o latejar na sua garganta e contei as batidas. A minha imaginação arrastou-me para o seu peito, aquela poderosa área romântica, e pensei; “Aquele coração pertenceme. Só eu tenho o poder de o fazer bater de felicidade ou tristeza.” Era, para uma rapariga, um momento solene.

Finalmente, deteve-se à minha frente, alto e de porte erecto; de repente, deixei-me dominar pela emoção. Senti os lábios a tremer e os olhos a encherem-se de água, ao mesmo tempo que lutava contra a vontade de chorar. Quando Karim me afastou o véu do rosto, desatámos os dois a rir, tão intensa era a emoção e a alegria de nos vermos.

O público formado por mulheres começou a bater palmas vigorosamente e a bater com os pés no chão. Na Arábia Saudita raramente se assiste a uma tal demonstração óbvia de prazer entre um casal de noivos.

Eu e Karim comíamos-nos com os olhos. Sentia-me dominada por uma emocionante sensação de incredulidade. Eu fora uma filha do obscurantismo e o meu novo marido, em vez de ser o esperado objecto de terror, representava a doce libertação para a infelicidade da minha juventude.

Ansiosos por estarmos a sós, depois da cerimónia ficámos pouco tempo para receber os parabéns das nossas amigas e parentes. Karim espalhou moedas de ouro, que tirou de pequenas bolsas de veludo, na direcção dos vários grupos de alegres convidados, enquanto eu me escapulia para mudar para roupas de viagem.

Quis falar com o meu pai, mas este saíra apressadamente do jardim mal terminara o seu papel. Sentia-se aliviado; a filha mais nova e mais agitadora da sua primeira esposa estava agora seguramente casada e deixara de ser responsabilidade sua. Eu ansiava por estabelecer, entre nós, o elo com que sonhara mas que jamais se tornaria realidade.

Karim prometerame que, na nossa luademel, iríamos aonde eu quisesse e faríamos o que eu desejasse. O mais pequeno desejo meu era uma ordem para ele. Com o deleite de uma criança, fiz uma lista de todos os lugares que queria ver e de todas as coisas que pretendia fazer. A nossa primeira paragem seria no Cairo e daí seguiríamos para Paris, Nova Iorque, Los Angeles e, por fim, o Havai. Disporíamos de seis preciosas semanas de liberdade em relação às cicatrizes da Arábia.

Envergando um fato de seda verdeesmeralda, abracei-me às minhas irmãs a despedir-me. Sara chorava tão violentamente que não conseguia soltar-me. Sussurrou-me vezes sem conta, “Tem coragem”, e eu fiquei cheia de pena da minha irmã. Compreendiam muito bem que as lembranças da sua noite de núpcias jamais se apagariam. Talvez o passar dos anos acabasse por diluir a recordação da sua luademel.

Cobri o meu fato exclusivo com uma abaaya e um véu negro e deslizei para o banco de trás do Mercedes, juntamente com o meu marido. As minhas catorze malas já tinham sido levadas para o aeroporto.

Para uma maior privacidade, Karim reservara todos os lugares em primeira classe de todos os voos que tomaríamos naquela viagem. As hospedeiras de ar libanesas exibiam sorrisos efusivos ao observarem o nosso comportamento tolo. Parecíamos adolescentes, pois nunca aprendêramos a arte de cortejar.

Por fim chegámos ao Cairo, passámos a correr pela alfândega e leváramos para uma opulenta villa nas margens do velho Nilo. A villa, que pertencia ao pai de Karim, fora construída no século xviii por um abastado mercador turco. Restituída ao seu esplendor original pelo meu sogro, dispunha de trinta divisões dispostas em níveis irregulares, com janelas arqueadas que davam para o jardim luxuriante. As paredes estavam cobertas por delicados azulejos em azul seco, tendo por fundo criaturas intrincadamente gravadas. Sentime encantada com a casa. Disse a um Karim orgulhoso que era um lugar maravilhoso para se iniciar um casamento.

A villa, impecavelmente decorada, fez-me lembrar as deficiências da ornamentação extravagante do palácio de Nura. De repente apercebi-me de que, mesmo na minha família, nem sempre o dinheiro era sinónimo de bom gosto.

Tinha apenas dezasseis anos, não passava de uma menina, no entanto o meu marido compreendeu as implicações da minha juventude e facilitou-me a entrada no mundo dos adultos com uma solução única. Tanto ele como eu discordávamos da maneira como os casamentos se realizavam na nossa terra. Karim achava que os desconhecidos não deviam ter intimidades entre si, mesmo que fossem marido e mulher. Na sua opinião, homens e mulheres deviam dispor de tempo para entender os segredos um do outro que fazem o desejo crescer. Karim comunicou-me que decidira, já há semanas, que nos namorariamos depois de casar. E quando eu estivesse pronta para ele, seria eu a dizer, “Quero conhecê-lo todo”. Passávamos os dias e as noites a divertirmos. Comíamos, andávamos a cavalo em volta das pirâmides, percorríamos os bazares apinhados do Cairo, líamos livros e conversávamos. Os criados andavam intrigados com aquele casal tão bem-disposto que se despedia com um casto beijo antes de cada um seguir para o seu quarto.

Na quarta noite, puxei o meu marido para a minha cama. Mais tarde, com a cabeça sonolenta apoiada no ombro de Karim, sussurrei-lhe que passaria a ser uma das escandalosas esposas de Riade que admitiam alegremente que apreciavam o sexo com o marido.

Eu nunca fora à América e estava ansiosa por formar uma opinião sobre um povo que disseminava a sua cultura por todo o mundo mas que, não obstante, parecia saber tão pouco sobre si mesmo. Os novaiorquinos, com os seus modos apressados e rudes, assustavam-me. Fiquei mais satisfeita quando chegámos a Los Angeles, com o seu ambiente simpático e tranquilo, onde os árabes se sentem mais à vontade.

Na Califórnia, depois de semanas a percorrer praticamente todos os estados da União nos transportes americanos, disse a Karim que gostava daquele povo estranho e

barulhento, os Americanos. Quando quis saber porquê, tive dificuldade em verbalizar o que sentia no meu íntimo. Por fim declarei:

Estou convencida de que esta maravilhosa mistura de culturas contribuiu mais para a civilização do que quaisquer outras da História.

Como percebi que Karim não entendera o significado das minhas palavras, tentei explicar.

São muito poucos os países que conseguem conceder liberdade a todos os seus cidadãos sem criar o caos; isso tem sido conseguido nesta terra enorme. Parece impossível

que tão vasto número de pessoas se mantenha num percurso de liberdade quando existem tantas opiniões. Imagina só o que aconteceria no mundo árabe; um país com o tamanho da América entraria imediatamente em guerra, com cada homem seguro de ser o único a possuir a resposta certa para o bem de todos! Na nossa terra, os homens só vêem a solução que está mesmo em frente do próprio nariz. Aqui, é diferente.

Karim fitou-me com espanto. Como não estava habituado a ver uma mulher interessada no grande esquema das coisas, fez-me inúmeras perguntas noite dentro, para ficar a

conhecer a minha opinião sobre vários assuntos. Saltava à vista que o meu marido nunca lidara com mulheres com opinião própria. O facto de eu pensar em questões políticas e no estado do mundo, deixava-o completamente estupefacto. Por fim, beijou-me no pescoço e disse-me que, quando voltássemos para Riade, eu prosseguiria os meus estudos.

Irritada com o seu tom de permissão, disselhe que não sabia que os meus estudos eram assunto discutível.

As planeadas oito semanas de férias passaram para dez. Só depois de um telefonema do pai de Karim é que voltámos, contrariados e relutantes, para junto das nossas famílias. Tencionávamos viver no palácio dos pais de Karim até ao nosso estar construído.

Eu sabia que não agradava à mãe de Karim; a partir dali teria poderes para tornar a minha vida insuportável. Pensei no meu tolo desrespeito pela tradição, que a fizera desprezarme, e amaldiçoei-me por me preocupar tão pouco com o meu futuro que não hesitara em desagradar à minha sogra no nosso primeiro encontro. Sabia que Karim, à semelhança de todos os homens árabes, jamais se aliaria à esposa contra a mãe. Caber-meia voltar de ramo de oliveira em punho para propor a paz.

Quando o avião se preparava para aterrar em Riade, tive um choque desagradável. Karim lembrou-me a necessidade de voltar a colocar o véu. Apressei-me, desajeitadamente, a cobrir-me de negro e senti uma saudade enorme do doce perfume da liberdade que começara a diluir-se mal penetráramos no espaço aéreo saudita.

Com a garganta apertada pelo temor, entrámos no palácio da minha sogra para iniciarmos a nossa vida de casados. Na altura, eu ainda não sabia que a mãe de Karim me detestava tanto que já começara a conspirar sobre formas de pôr um ponto final na nossa feliz união.

VIDA DE CASADA

Se houvesse uma palavra para descrever as mulheres sauditas da geração da minha mãe, essa palavra seria espera. Passavam a vida à espera. As mulheres daquela era não se cultivavam e não tinham oportunidade de emprego, portanto pouco mais tinham que fazer além de esperar pelo casamento, pelos filhos, pelos netos e pela velhice.

Em terras árabes, a idade traz grandes satisfações à mulher, pois todas as honras são prestadas àquela que cumpriu os seus deveres produtivos parindo muitos filhos do sexo masculino e garantindo, desse modo, a continuidade da linhagem do nome da família.

A minha sogra, Nurah, passara a vida à espera de uma nora que lhe concedesse a honra que achava que lhe era devida. Karim era o seu filho mais velho e o mais adorado. Os costumes sauditas antigos mandavam que a esposa do primogénito satisfizesse os desejos mais ínfimos da sua sogra. Eu, tal como todas as jovens, estava a par dessa

tradição, no entanto a realidade tende a manter-se afastada dos meus pensamentos até eu ser confrontada com os factos.

É certo que o desejo de filhos varões é vulgar na maior parte do mundo, mas nenhum lugar se compara à Arábia, onde todas as mulheres têm de suportar uma tensão tremenda, ao longo dos seus anos produtivos, aguardando o nascimento de rapazes. Os

filhos do sexo masculino constituem a única razão de ser de um casamento, a chave para a satisfação do marido. Os meninos são tão preciosos que se estabelece um elo fortíssimo entre mãe e filho. Nada, além do amor de outra mulher, pode separar os dois.

A mãe de Karim passou a considerarme, desde o momento em que nos casámos, como sua adversário, não como um membro bemvindo à família. Eu era a promessa de uma barreira entre Nurah e o filho; a minha presença só intensificaria a sua penetrante sensação de infelicidade geral. Alguns anos antes, a sua vida dera uma reviravolta abrupta que lhe envenenara as perspectivas.

Nurah, a primeira esposa do pai de Karim, dera ao marido sete filhos vivos, três dos quais eram rapazes. Quando Karim tinha catorze anos, seu pai arranjava uma segunda esposa, uma libanesa de grande beleza e encanto. A partir desse momento, nunca mais houvera paz dentro dos muros que rodeavam os palácios das duas esposas.

Nurah, uma mulher mesquinha, ficou completamente revoltada com o segundo casamento do marido. O seu ódio levou-a a consultar uma bruxa da Etiópia que servia no palácio do rei, mas que também era contratada por outros membros da família real e pagoulhe uma soma avultada para lançar uma maldição sobre a libanesa que a tornasse estéril. Nurah, orgulhosa da sua própria fertilidade, estava convencida de que o marido se divorciaria da libanesa se esta não pudesse dar-lhe varões.

No entanto, o pai de Karim amava a libanesa e disselhe que não se importava de que esta não lhe desse filhos. À medida que os anos foram passando, tornou-se óbvio para Nurah que a libanesa nem teria filhos nem se divorciaria. Como a grande força motriz da vida de

Nurah era afastar o marido da sua segunda esposa, consultou a bruxa e pagoulhe uma soma ainda mais avultada para fazer com que a libanesa morresse.

Quando os mexericos sobre os estratagemas de Nurah no palácio chegaram aos ouvidos do pai de Karim, este foi ter com ela enraivecido. Jurou que se a libanesa morresse antes de Nurah, ele divorciarseia desta. Seria mandada embora em desgraça e nunca mais poderia ver os filhos.

Nurah, convencida de que a esterilidade da outra mulher resultara do poder da bruxa, andava agora aterrorizada com a possibilidade de a mulher morrer; nada faria o bruxedo voltar atrás. A partir daí, viuse obrigada a proteger a libanesa. Agora levava uma vida desgraçada, a esforçar-se por preservar a vida da mulher que tentara matar por meio do vudu.

Era uma família estranha.

Nurah, na sua infelicidade, desabafava sobre todos os que a rodeavam, com excepção dos filhos. Como eu não pertencia ao seu sangue e Karim amavame muito, era o seu alvo de eleição. Todos davam pelo seu ciúme intenso, excepto Karim, que, como a maioria dos varões, poucos defeitos via na sua devotada mãe. A maturidade trouxeralhe sabedoria, pois fingia grande afeição por mim quando Karim se encontrava nas proximidades.

Todas as manhãs eu acompanhava alegremente Karim até ao portão. Muito empenhado na sua firma de advogados, saía de casa por volta das nove da manhã, o que é

cedo para qualquer pessoa começar a trabalhar na Arábia Saudita, sobretudo um príncipe. Poucos são os membros da família real que se levantam antes das dez ou onze da manhã.

Eu tinha a certeza de que Nurah nos observava da janela do seu quarto, pois mal o portão se fechava depois de Karim sair, Nurah começava a chamarme com grande urgência. Nenhum dos trinta e três criados da casa serviam; exigia que fosse eu a levarlhe chá quente.

Como eu passara a minha infância a ser maltratada pelos homens da minha família, não estava disposta a passar a segunda parte da minha vida a receber vexames de uma mulher, mesmo que se tratasse da mãe de Karim.

Passei uns tempos sem me manifestar. Mas a mãe de Karim depressa percebeu que eu enfrentara antagonistas bem mais temíveis que uma velha cheia de tenebrosos meandros mentais. Além disso, há um velho provérbio árabe que diz: “A paciência é a chave para todas as soluções”. Numa tentativa de trocar o êxito pela derrota, achei melhor atender à sabedoria transmitida de geração em geração. Seria paciente e aguardaria uma oportunidade para atenuar o poder de Nurah sobre mim.

Felizmente, não precisei de esperar muito tempo. Munir, o irmão mais novo de Karim, voltara recentemente da América, onde estivera a estudar. A raiva que sentia por estar de novo na Arábia Saudita alterou profundamente o ritmo da casa.

Embora muito se tenha escrito sobre a monotonia forçada da vida das mulheres na Arábia

Saudita, pouca atenção se tem dado à vida desperdiçada de tantos dos nossos jovens. É certo que a sua vida é abençoada em comparação com a das mulheres; ainda

assim, estão longe da perfeição e os jovens varões da Arábia passam muitas horas lânguidas a ansiar por algo de estimulante. Não existem cinemas, clubes ou restaurantes mistos, pois homens e mulheres não podem conviver uns com os outros em refeições públicas, excepto se forem marido e mulher, irmão e irmã ou pai e filha. Munir, apenas com vinte e dois anos de idade e habituado às liberdades da sociedade americana, não estava satisfeito por ter regressado à Arábia Saudita. Formarase recentemente numa faculdade de gestão em Washington e tinha planos para servir de intermediário em contratos com o Governo. Enquanto esperava pela oportunidade para provar a sua aptidão para angariar grandes somas de dinheiro, uma paixão inerente a todos os príncipes reais, começara a conviver com um grupo destes que era conhecido, dentro da família real, pelo seu comportamento temerário. Davam e frequentavam festas mistas. Estas eram frequentadas por mulheres estrangeiras de moral duvidosa, ao serviço dos vários hospitais e companhias aéreas.

As drogas abundavam. Muitos dos príncipes tinhamse viciado no álcool e em estupefacientes, ou em ambos. O torpor induzido pela droga ou o álcool tornavaos ainda mais

revoltados com os parentes que governavam o país. Não contentes com a modernização, almejavam a ocidentalização; eram jovens ansiosos pela revolução. Como não era de admirar, o ócio em que viviam gerava conversas e condutas perigosas, de modo que não foi preciso muito tempo para que as suas intrigas revolucionárias chegassem ao conhecimento de todos.

O rei Faïçal, em tempos um jovem despreocupado mas que se transformara, depois, num rei dedicado, acompanhava diligentemente a actividade dos jovens da sua família e

tentava, com os modos solícitos que lhe eram peculiares, afastar os jovens varões da família para longe dos excessos da vida ociosa. Alguns dos príncipes mais aguerridos foram inseridos nos negócios da família, enquanto outros eram mandados para o exército.

Depois de o rei Faïçal exprimir a sua preocupação ao pai de Munir sobre o comportamento inadequado deste, ouvi gritos violentos e vozes iradas no gabinete. Eu, à semelhança dos restantes membros da família, depressa descobri tarefas urgentes na sala dos mapas. Com os olhos postos nestes e os ouvidos atentos à gritaria, ficámos de boca aberta ao

ouvir Munir acusar a família governante de corrupção e esbanjamento. Munir jurou que ele e os amigos se encarregariam de desencadear as mudanças tão necessárias ao reino.

Saiu intempestivamente da villa, praguejando e declarando rebelião.

Ainda que Munir clamasse que o país precisava de avançar para o futuro, o seu empenhamento era vago e as suas actividades reais contraditórias. Era uma imagem triste de juízo erróneo; o álcool e o dinheiro fácil haviamno seduzido.

Poucos estrangeiros sabem, hoje em dia, que, até 1952, o álcool não era proibido a não crentes (não muçulmanos) no reino da Arábia Saudita. Dois acontecimentos independentes

e trágicos envolvendo dois príncipes reais levaram o nosso primeiro rei, Abdul Aziz, a banilo.

Em finais dos anos 40, o príncipe Nasir, filho do nosso monarca, regressou dos Estados Unidos transformado num homem diferente do que saíra do reino. Descobrira a sedução resultante da combinação do álcool com as desinibidas mulheres ocidentais. Segundo ele, o álcool era a chave para que as mulheres o idolatrassem.

Como Nasir detinha a posição de governador de Riade, encontrava poucos obstáculos à sua habilidade para manter secretas quantidades do apreciado líquido. Nasir realizava festas proibidas', recebendo tanto homens como mulheres. No Verão de 1947, depois de um convívio até altas horas da noite, sete dos convivas morreram por ingerir álcool metílico. Algumas das vítimas eram mulheres.

O rei Abdul Aziz, pai de Nasir, ficou de tal maneira indignado com tão inútil perda de vidas que ele próprio agrediu o filho e ordenou o seu encarceramento.

Quando, mais tarde, em 1951, Misliari, outro filho do rei, disparou, embriagado, contra o vicecônsul inglês, matando e quase acontezendo o mesmo à mulher deste, a paciência do velho rei esgotouse. A partir dessa altura o álcool passou a ser proibido no reino da Arábia Saudita, nascendo então esquemas de mercado negro.

O povo da Arábia Saudita reagiu à proibição muito à semelhança do de outras culturas: o fruto proibido tornou-se mais apetecido. A maioria dos homens e mulheres sauditas meus conhecidos bebem socialmente; um grande número viciou-se seriamente. Nunca estive em nenhuma casa saudita onde não houvesse uma vasta variedade das bebidas

alcoólicas mais requintadas e caras para oferecer aos convidados.

O preço da garrafa de uísque subiu, a partir de 1952, para seiscentos e cinquenta reais sauditas. A importação e venda de bebidas ilegais fez autênticas fortunas. Como

Munir e dois primos, príncipes de elevada estirpe, eram de opinião de que o álcool devia ser legalizado, conjugaram esforços e não tardou que se tornassem fabulosamente ricos fazendo contrabando de bebidas alcoólicas vindas da Jordânia.

Quando os guardas fronteiriços desconfiavam de alguma carga, eram subornados.

O único obstáculo à importação ilegal de bebidas alcoólicas são os sempre activos bandos dos comités para a Propagação da Virtude e a Prevenção do Vício. Esses comités eram formados pelos mutawas, a polícia religiosa que treme de fúria diante das afrontas dos membros da família real, os quais deviam, mais do que todos, respeitar a lei islâmica e, no entanto, demonstram constantemente que se consideram acima dos ensinamentos do Profeta.

Um desses comités não tardou a estragar o negócio a Munir, providenciando a solução para a minha intrometida sogra.

Era sábado, o nosso primeiro dia da semana (os muçulmanos celebram a sua religião às sextas-feiras), um dia que nenhum dos membros da família de Karim esquecerá jamais.

Karim entrou com ar mal disposto, depois de um dia de trabalho quente e cansativo no seu escritório, deparando com a mãe e a mulher mergulhadas numa discussão acesa.

Ao ver o filho, alargou o âmbito da guerra amena com a nora pondo-se a soluçar e declarando a Karim que eu, Sultana, não tinha o menor respeito por ela e que, sem razão nenhuma, começara a descompô-la.

Ao sair de cena deu-me um violento beliscão no braço e eu, cada vez mais furibunda, corri atrás dela e ter-lheia dado um encontrão se Karim não intervisse. Nurah fitou-me

com rudeza e voltou-se para Karim. Deu a entender, malevolamente, que eu era uma esposa inadequada e que se ele investigasse as minhas actividades não hesitaria em se divorciar de mim.

Noutro dia qualquer, Karim teria rido diante da nossa querela ridícula e infantil, pois as mulheres que têm pouco que fazer tendem a entreter-se em brigas sem conta. Mas

nesse dia, o seu corretor em Londres informara-o de que perdera um milhão de dólares no mercado de acções. O seu péssimo humor permitiulhe passar por cima daquela situação. Como nenhum árabe jamais contradiz a mãe, Karim deu-me três estaladas na cara.

O seu principal objectivo era insultarme, ficando eu apenas com as faces avermelhadas.

A minha personalidade forte formouse aos cinco anos. Tenho tendência para me enervar quando se avizinham problemas, mas, à medida que o perigo se aproxima, vou

ficando mais calma. Quando o tenho na minha frente, tornome temerária. Na altura em que caio sobre o meu agressor, não sinto o menor receio e luto até ao fim, sejam quais forem as consequências.

A guerra estava declarada. Atirei a Karim um jarro raro e precioso que, por acaso, tinha à mão. Protegeu o rosto com um movimento rápido para a esquerda. O jarro embateu num quadro de Monet que valia milhares de dólares. O jarro e a pintura com nenúfares ficaram arruinados. Completamente fora de mim, agarrei numa dispendiosa escultura oriental de marfim e atíreia à cabeça de Karim.

O estrondo e o estrépito, juntamente com os nossos gritos, alertaram o pessoal da casa. Mulheres e criados precipitaram-se de repente sobre nós a gritar. Foi nessa altura que Karim se apercebeu de que eu iria destruir a sala cheia dos adorados tesouros do seu pai. Para me deter, desferiu-me um soco no queixo. Mergulhei na mais profunda escuridão.

Ao reabrir os olhos, vi Marci debruçada sobre mim a passarme uma toalha embebida em água fria pela cara. Ouvi vozes a falar alto ao longe e presumi que a excitação desencadeada pela minha luta com Karim continuava.

Marci esclareceu-me que não, que o motivo da nova perturbação era Munir. O rei Faiçal chamara o pai de Karini para lhe falar sobre um contentor com bebida alcoólica que deixara vazar o líquido ilegal, deixando uma trilha pelas ruas de Riade. O motorista egípcio parara numa loja para comer uma sanduíche e o cheiro intenso a álcool fizera juntar uma multidão. Detido por um membro de um dos comités para a Prevenção do Vício, dera, atemorizado, o nome de Munir e de outro príncipe. O chefe do Conselho Religioso fora alertado e contactara com o rei. Este ficara possesso.

Karim e o pai saíram da villa para voltar ao palácio real. Mandaram os motoristas procurar Munir. Eu tratei do meu queixo inchado e maquinei um novo plano para me

vingar de Nurah. Ouviaa lamentarse em altos prantos; recompusme e desci a enorme escadaria circular, tentando localizar o seu paradeiro pelos soluços. Eu, uma mulher que de santa nada tinha, queria ver e desfrutar plenamente do prazer de vêla desesperada.

As suas lamúrias conduziramme até à sala de estar. Se não fosse o queixo dorido, teria sorrido. Nurah estava enrodilhada a um canto, implorando veementemente a Alá que poupasse o seu adorado filho Munir à ira do rei e dos religiosos.

Mal me viu, calouse imediatamente. Depois de um momento prolongado de silêncio, fitoume com desprezo e declarou:

Karim prometeume que se divorciará de ti. Também acha que “quem nasce torto, morre torto” (provérbio árabe). No seio da nossa família não há lugar para uma pessoa da tua laia.

Nurah, a contar com lágrimas e súplicas, atitude a esperar da parte de quem está em maus lençóis, perscrutou atentamente o meu rosto quando repliquei que eu é que iria

pedir o divórcio ao seu filho. Declarei que Marci estava, naquele momento, a fazer as minhas malas; saíria imediatamente daquela casa opressiva. Num insulto final, declarei

arrogantemente que iria influenciar o meu pai para que fizesse de Munir um exemplo para quem desdenhava assim das leis da nossa fé. O seu precioso filho seria, sem dúvida, açoitado, preso ou ambas as coisas. Deixei Nurah com o queixo pendente de medo.

As cartas viraramse a meu favor. A minha voz exprimia uma confiança que eu não sentia. Nurah não tinha possibilidade de saber se eu dispunha de poderes para influenciar os bastidores e concretizar as minhas ameaças. Se o filho se divorciasse de mim, seria uma alegria; mas se fosse eu a procurar o divórcio, ficaria mortificada. Na Arábia é

difícil, mas não impossível, uma mulher divorciarse do marido. Como o meu pai era um príncipe de consaguinidade mais próxima do rei que o de Karim, Nurah receou, por instantes, que eu concretizasse o meu desejo de castigar Munir exemplarmente.

Desconhecia que o mais provável seria o meu pai expulsarme de casa pela minha imprudência, ficando eu sem ter para onde ir.

Tornavase necessário desenvolver acções consequentes com as minhas ameaças arrojadas. Quando Marci e eu aparecemos à porta carregadas de malas de viagem, foi o caos generalizado em casa.

Por coincidência, Munir, que fora localizado na casa de um amigo e recebera ordens para regressar ao lar paterno, acabara de chegar com um dos motoristas. Alheio à gravidade da sua situação, quando o informei de que a mãe conseguira desencadear o divórcio iminente do seu filho mais velho praguejou.

Sentime invadir por uma onda de optimismo perverso quando Nurah, obrigada a agir perante a possibilidade da minha ira clamorosa, fez questão em que eu não saísse de casa. A dupla crise enfraquecera a resolução de Nurah, fazendoa emergir

profundamente enfraquecido da nossa amarga contenda. Depois de muito implorar, acedi, relutantemente, em ficar.

Estava a dormir quando Karim voltou, exausto depois de uma tarde de humilhação.

Ouvio implorar a Munir que pensasse no pai de ambos antes de cometer actos proibidos. Não tive de apurar o ouvido para ouvir Munir responder insolentemente, acusando

Karim de ajudar a olear a gigantesca máquina de hipocrisia que era o reino da Arábia Saudita.

A maioria dos sauditas venerava o rei Faiçal pelo seu estilo de vida dedicado e devoto. No seio da própria família era respeitado pelos príncipes mais velhos. Arrancara o nosso país aos tempos tenebrosos em que vigoravam as leis do rei Saud, levando-o a ocupar uma posição em que era muito considerado e, até, admirado por parte de alguns quadrantes. No entanto, existia, no seio da família, uma profunda divergência entre os príncipes mais velhos e os mais novos.

Estes jovens da família, devorados pelo desejo de um enriquecimento fácil, odiavam o rei, que lhes cortava as mesadas, proibia a sua participação em negócios ilegais e os admoestava sempre que se desviavam do bom caminho. Não havia o menor sinal de compromisso entre os dois campos e os problemas surgiam constantemente.

Nessa noite, Karim dormiu a grande distância de mim no nosso leito enorme. Passou a noite muito agitado, às voltas. Eu sabia dilacerado por pensamentos sombrios. Ao reflectir na gravidade das suas preocupações, não pude deixar de sentir um raro sentimento de culpa. Decidi que, se o meu casamento sobrevivesse às lacerações dolorosas daquele dia, tentaria abrandar as minhas atitudes.

Na manhã seguinte, Karim levantouse um outro homem. Não me dirigiu a palavra nem demonstrou dar pela minha presença. As minhas boas intenções da noite anterior diluíram-se à luz pálida da manhã. Disselhe, alto e bom som, que achava melhor divorciarmonos. No meu íntimo desejava que apelasse à paz.

Fitou-me e replicou em voz seca e assustadora:

Como quiseres, mas só trataremos desse assunto quando a crise desta família for ultrapassada.

Dito isto, Karim continuou a barbear-se como se eu não tivesse falado em nada de extraordinário.

Este inesperado antagonismo e indiferença aquietou-me, levando-me a sentar e a cantarolar uma melodia, como se não fosse nada comigo, enquanto Karim acabava de se arranjar. Abriu a porta do quarto e saiu, não sem antes me deixar uma ideia para reflexão:

Sabes, Sultana, enganasteme com o espírito guerreiro que tens escondido por trás do teu sorriso de mulher.

Depois de o meu marido sair, deixei-me ficar deitada na cama e chorei até me cansar.

Nurah atraiume até à mesa da paz e demos por findas as nossas diferenças com gestos de amor. Ela mandou um dos seus motoristas ao souq das jóias comprar um colar de diamantes para mim. Desloqueime apressadamente até ao souq do ouro e escolhi o colar de ouro mais caro que encontrei. Gastei mais de 300000 reais sauditas e pouco me importei com o que Karim pudesse dizer. Estava perante a possibilidade de fazer as pazes com uma mulher que me causaria desgostos sem fim, caso o meu casamento se salvasse.

Passaramse semanas antes de o destino de Munir ser decidido. Mais uma vez, a família não viu interesse em publicitar os desmandos dos filhos reais. A ira do rei foi, de certo modo, atenuada pelos esforços do meu pai e vários príncipes, que procuraram retirar importância ao incidente, atribuindo-o à influência maléfica do Ocidente sobre um jovem tolo.

Nurah, pensando que eu influenciara, de certo modo, o meu pai, estava grata e reagiu com estremecidas exclamações de alegria por ter alguém como eu como nora. A verdade nunca foi revelada: eu nunca dissera uma palavra sequer ao meu pai sobre o assunto.

O seu interesse derivava do facto, muito concreto, de eu fazer parte daquela família e de ele não querer estar ligado ao irmão de Karim, caso houvesse algum escândalo. A sua preocupação era por si próprio e por Ali. Ainda assim, fiquei genuinamente satisfeita com o desfecho e torneime uma heroína, reconheço que sem o merecer, aos olhos da minha sogra.

Mais uma vez, os mutawas foram aquietados graças aos esforços do rei. O Conselho Religioso tinha tanta estima pelo rei Faiçal que os seus apelos foram ouvidos e satisfeitos.

Munir ingressou no negócio do pai e foi enviado para Gidá, a fim de gerir os novos escritórios ali abertos. Para amenizar o seu descontentamento, foram-lhe concedidos vastos contratos do Governo. Passados alguns meses, informou o pai que desejava casarse, de modo que seleccionaram uma prima adequada e a sua felicidade aumentou. Meses mais tarde, começou a ganhar peso e juntouse às fileiras dos príncipes reais que vivem para fazer cada vez mais dinheiro, até as contas bancárias ficarem a abarrotar e produzir rendimento suficiente para rivalizar com os orçamentos de países pequenos.

No dia em que tivéramos a nossa conversa, Karim mudarase para outro quarto. Nada do que sua mãe e pai puderam dizer ou fazer o persuadiram a reconsiderar a nossa decisão de divórcio.

Para grande horror meu, uma semana após o nosso desentendimento, descobri que estava grávida. Depois de muito ponderar, concluí que não tinha outra opção senão fazer um aborto. Sabia que Karim jamais concordaria com o divórcio se soubesse que estava de bebé. Mas uma pessoa como eu não estava disposta a suportar um marido por obrigação. Encontravame num dilema, pois os abortos não são vulgares na minha terra a maioria dos filhos é desejada e eu não fazia a menor ideia aonde ir ou com quem falar.

A minha investigação foi feita com todo o cuidado, até que, por fim, confiei o meu segredo a uma prima real que me informou que, no ano anterior, a irmã mais nova engravidara durante as férias passadas em Nice. Alheia ao seu estado, regressara a Riade.

O medo de que o pai descobrisse foi tal que tentou suicidarse. A mãe ocultara o segredo da filha e soubera de um médico indiano que, por somas avultadas, fazia abortos a mulheres sauditas. Eu planeei cuidadosamente a minha fuga do palácio até ao consultório do médico. Marci foi a minha confidente.

Encontravame à espera, desesperada, de ser atendida no consultório do médico quando um Karim de rosto vermelho irrompeu pela sala. Eu era uma mulher velada no

meio de tantas outras, mas ele reconheceume pela minha abaaya em seda, fora do comum, e pelos meus sapatos italianos vermelhos. Puxoume e arrastoume porta fora, gritando à recepcionista que o melhor era fecharem imediatamente o ‘consultório porque ele, Karim, não descansaria enquanto o doutor não fosse para a prisão.

Eu sorria por baixo do meu véu, com a melhor das disposições, enquanto Karim, alternadamente, professava o seu amor por mim e me amaldiçoava. Exibia um misto de êxtase e ira! Desfiz os meus receios de o perder ao jurarme que nunca lhe passara pela cabeça divorciarse de mim: a sua atitude fora uma combinação de orgulho e raiva.

Karim descobrira o meu plano quando Marci revelara o segredo a outra criada da casa. Esta fora ter directamente com Nurah e a minha sogra, frenética, localizara Karim no escritório de um cliente e informara-o, histericamente, de que eu ia matar o seu neto por nascer.

O nosso filho foi salvo por escassos momentos. Devia-o a Marci.

Karim arrastoume para casa no meio de imprecações. Ao chegarmos ao nosso quarto, cobriume de beijos, chorámos os dois e fizemos as pazes. Tinha sido necessária uma série de erros para atingirmos o ponto mais alto da nossa felicidade.

Milagrosamente, tudo terminara bem.

Nascimento

A expressão mais completa e poderosa da vida é o nascimento. Os actos de conceber e dar à luz são mais profundos e belos do que qualquer milagre de arte. Foi o que

aprendi enquanto aguardava, com imensa felicidade e alegria, o nascimento do nosso primeiro filho.

Karim e eu planeáramos meticulosamente o nascimento. Nenhum pormenor era demasiado insignificante para não ser levado em consideração. Marcámos reservas de avião para a Europa quatro meses antes da data prevista para o parto. Daria à luz no

Guy's Hospital, em Londres.

Como tantas vezes acontece com planos cuidadosamente traçados, a nossa partida foi impedida por acontecimentos menores. A mãe de Karim, com a visão ainda mais diminuída por um véu feito com um tecido novo ainda mais espesso, tropeçou numa velha mulher beduína que estava sentada no souq e torceu o tornozelo; um primo chegado, prestes a assinar um contrato importante, pediu a Karim que adiasse a sua partida; e a minha irmã Nura pôs a família em alvoroço com o que o médico pensou ser um ataque de apendicite.

Quando as crises ficaram ultrapassadas, comecei a ter falsas dores de parto. O meu médico proibiu-me de viajar. Karim e eu aceitámos o inevitável e preparámonos para

que o nosso filho nascesse em Riade.

Infelizmente, o Hospital Especializado e Centro de Pesquisa Rei Faïçal que nos ofereceria, por sermos membros da família real, os cuidados médicos mais modernos, ainda

não abria. Eu daria à luz numa instituição muito modesta da cidade, conhecida mais pela sua proliferação de micróbios do que pela competência do pessoal.

Como pertencíamos à família real, tínhamos acesso a opções não disponíveis a outros sauditas. Karim tomou medidas para que três quartos da ala da maternidade fossem convertidos numa suite real. Contratou carpinteiros e pintores locais. Vieram decoradores de Londres para tirar medidas e apresentar amostras.

O orgulhoso administrador do hospital acompanhounos, às minhas irmãs e a mim,

numa visita guiada pela unidade. A suite exibia um tom azulceste resplandecente, com cobertas de cama e reposteiros de seda. Haviām prendido ao chão, com o auxílio de parafusos grossos, um berço primorosamente decorado, com cobertas de seda a condizer, não fosse algum membro descuidado do pessoal dar-lhe um encontrão e atirar o nosso

precioso filho ao chão! Nura dobrou-se sobre si de tanto rir quando lhe falei da precaução, avisandome de que Karim poria a família maluca com os seus esquemas para proteger a criança.

Quando Karim me informou de que em breve chegaria um grupo de seis pessoas, vindas de Londres propositadamente para me assistirem no parto, fiquei de boca aberta.

Tratavase de um obstetra de nomeada, que, juntamente com cinco enfermeiras altamente especializadas, tinham sido principescamente pagas para se deslocarem a Riade três semanas antes da data calculada para o nascimento.

Como eu não tinha mãe, Sara mudarse para o nosso palácio perto do fim da minha gravidez. Vigiaiame, tal como eu a ela. Eu observava-a atentamente, apercebendome das tristes mudanças operadas na minha irmã querida. Disse a Karim que receava que ela nunca viesse a recuperar-se do seu casamento odioso. Os seus modos reservados eram agora uma componente sempre presente do que em tempos fora um carácter alegre e optimista.

Como a vida podia ser injusta! Eu, com a minha agressividade, teria sido mais merecedora de um marido prepotente, pois uma pessoa tende a reprimir-se um pouco diante de um adversário que lhe faça frente. Sara, com o seu temperamento tranquilo e doce, fora um alvo fácil para a arrogância do marido cruel.

Contudo, eu sentia-me grata pela sua presença tranquilizadora. À medida que o meu corpo aumentava de volume, ia-me tornando irritadiça e imprevisível. Karim, no seu entusiasmo pela paternidade próxima, perdera todo o seu bom senso.

A presença de Asad, irmão de Karim, fazia com que Sara tivesse o cuidado de se velar quando saía dos nossos aposentos, no segundo piso. Os homens solteiros da família estavam alojados noutra ala, no entanto deambulavam pelo palácio a qualquer hora. Sara estava em nossa casa há três dias quando Nurah lhe mandou um recado, através de Karim, a dizer que não precisava de se velar quando entrasse nas áreas principais de habitação ou nos jardins. Eu encarava com satisfação qualquer alívio nas regras rígidas que imperavam sobre as mulheres. Ao princípio, Sara ficou apreensiva, mas em breve dispensou de bom grado o excesso de pano preto.

Certa vez, ao cair da noite, Sara e eu encontrávamos-nos reclinadas em cadeiras de encosto, de verga, a desfrutar a brisa fresca que soprava no jardim comum. (Na maioria dos terrenos que circundam as vivendas sauditas, existem jardins exclusivos para as mulheres, outros comuns e também familiares.) De repente Asad apareceu com quatro amigos seus, de regresso de um compromisso tardio.

Sara, ao ouvir os homens aproximarem-se, voltou o rosto para a parede, pois não queria desgraçar a família mostrando-se a desconhecidos. A mim não me apeteceu imitar o seu movimento, de modo que fiz constar a nossa presença gritando a Asad que havia mulheres não veladas no jardim. Os homens, juntamente com Asad, passaram apressadamente por nós sem nos lançarem um olhar sequer, e entraram na sala de estar masculina.

Asad, por cortesia, acercar-se de nós, a fim de se inteirar do paradeiro de Karim quando os seus olhos pousaram, por acaso, no rosto de Sara.

A sua reacção física foi tão inesperada que receei que tivesse tido um ataque cardíaco. O seu corpo empertigou-se tão grotescamente que eu, movendome o mais depressa

que o meu ventre me permitia, sacudilhe o braço para lhe chamar a atenção. Sentia-me sinceramente preocupada. Estaria doente? Asad tinha o rosto corado e parecia incapaz de sair do mesmo sítio; leveio até uma cadeira e chamei um dos criados para lhe pedir que trouxesse água.

Ao ver que ninguém aparecia, Sara pôsse de pé num pulo e correu, ela mesma, a buscar água. Asad, embaraçado, tentou retirar-se, mas eu convencime de que estava prestes a desmaiar. Insisti em que ficasse. Afirmou que não lhe doía nada e, no entanto, não era capaz de explicar a sua imobilidade repentina.

Sara voltou com um copo e uma garrafa de água mineral fresca. Sem olhar para Asad, serviulhe a água e levoulhe o copo aos lábios. A mão de Asad roçou levemente nos dedos de Sara. Os seus olhares ficaram presos um ao outro. O copo escorregou da mão de Sara e partiuse ao embater no chão. Sara correu para dentro da villa.

Deixei Asad com os amigos, que, impacientes, tinham começado a esvaziar o jardim.

Estavam mais perturbados por verem o meu rosto descoberto do que o meu ventre protuberante. Caminhei desafiadoramente por entre eles e fiz questão em cumprimentá-los cara a cara. Responderam com murmúrios constrangidos.

Karim acordou-me à meianoite. Quando chegara ao palácio, fora interceptado por Asad. Karim queria saber, por mim, o que acontecera no jardim. Sonolenta, relatei a ocorrência do final da tarde e perguntei ao meu marido pela saúde de Asad.

Senteime, assustada, ao ouvir Karim dizer-me que Asad pretendia casar com Sara.

Anunciara a Karim que nunca seria feliz sem ter Sara por esposa. Que afirmação da parte do maior de todos os playboys! Um homem que, ainda há poucas semanas, entristecera a mãe ao jurar veementemente que jamais casaria.

Fiquei atónita. Disse a Karim que era fácil atribuir a atracção de Asad por Sara ao comportamento que ele tivera no jardim, mas aquela insistência no casamento era inacreditável! Depois de uns momentos de prazer visual? Declarei que era uma tolice e volteime para o outro lado.

Enquanto Karim tomava duche, voltei a reflectir sobre o acontecimento e levanteime. Bati à porta do quarto de Sara. Como não houve resposta, entrei silenciosamente.

A minha irmã encontravase sentada na varanda a olhar para o céu cheio de estrelas.

Dirigime, com grande dificuldade, para um dos cantos da varanda e senteime, em silêncio, estupefacta perante aquele virar dos acontecimentos.

Sara, sem olhar para mim, falou com determinação:

- Ele quer casar comigo.
- É verdade concordei em voz ténue.

Sara continuou, com olhar ardente:

Sultana, quando o olhei nos olhos, vi a minha vida desenrolar-se diante de mim.

Este é o homem que Huda viu quando me disse que eu conheceria o amor. Também afirmou que este amor me faria trazer seis pequeninos ao mundo.

Fechei os olhos numa tentativa para recordar as palavras de Huda naquele dia já tão longínquo, na casa dos meus pais. Lembrei-me de ouvir falar nas ambições não concretizadas de Sara e da referência ao casamento, mas pouco mais me restara da conversa. Ao dar-me conta de que muitas das previsões de Huda se tinham transformado em realidade, estremeci.

Sentime impelida a pôr de parte a ideia de amor à primeira vista. Mas, de repente, recordei a emoção intensa que sentira no dia em que conhecera Karim. Mordi a língua e não proferi palavra.

Sara deu-me uma palmadinha suave na barriga.

- Vaite deitar, Sultana. O teu filho precisa de repouso. O meu destino cumprir-se-á. Voltouse de novo para olhar fixamente as estrelas. Diz a Karim que aconselhe Asad a ir falar com o pai sobre este assunto.

Quando voltei para a cama, Karim estava acordado. Repeti as palavras de Sara e ele, abanando a cabeça, declarou que, de facto, a vida era estranha, depois colocou os seus braços em redor do meu ventre. O sono não se fez tardar, pois o curso das nossas vidas estava gravado num mapa cuidadosamente traçado e nenhum de nós esperava mudanças.

Na manhã seguinte, deixei Karim a barbear-se e descí, pesadamente, as escadas. Ouvi Nurah antes de a ver. Esta citava um provérbio, como era o seu passatempo preferido. Proferi imprecações entredentes, no entanto deixei-me ficar à escuta.

“... o homem que casa com uma mulher pela sua beleza será enganado; aquele que a desposa pelo bom senso é que pode dizer, verdadeiramente, que é casado”.

Não tinha disposição para discutir, por isso pensei em tossir para anunciar a minha presença. Quando Nurah começou a falar, mudei de ideias. Contive a respiração e apurei os ouvidos para ouvir o que dizia.

Asad, a rapariga já foi casada. Pouco tempo depois estava divorciada. Quem sabe porque foi? Reconsidera, querido filho, podes casar com quem quiseses. O melhor que farias seria casares com uma mulher fresca, não uma que já está gasta pelo uso! Além disso, meu filho, vê a bola de fogo que é Sultana. Será que a irmã é diferente?

Segui a minha barriga até à sala de estar, sentindome agitada. Ela aconselhava Asad a não casar com Sara. E não era apenas isso, tudo continuava como dantes: Nurah mantinha o seu ódio secreto por mim. Para ela, eu era algo difícil de engolir.

Como conhecia o carácter inconstante de Asad, não me sentira muito entusiasmada com o romance entre ele e a minha irmã, mas a partir daquele momento tornarmeia

uma defensora inabalável dos seus desejos. Aliviada, não tive dificuldade em ver, pela expressão de Asad, que nada o faria mudar de ideias. Era um homem enfeitado.

A conversa parou quando viram a minha cara, pois dificilmente consigo esconder a ira; estava furiosa por Nurah achar que a união entre o filho e a minha irmã traria desgostos.

Era certo que não podia argumentar contra a minha própria natureza rebelde. Assumira esse papel desde muito nova e não me sentia inclinada a mudar. Mas rotular Sara com a mesma reputação que eu, era de loucos!

Na minha adolescência, ouvira muitas velhas dizer: “Se te aproximares de um ferreiro, ficarás coberta de fuligem, mas se chegares a um vendedor de perfumes, trarás contigo um aroma.” Compreendi que, na opinião de Nurah, Sara andava com a fuligem da irmã mais nova. Sentia agora uma raiva imensa em relação à minha sogra.

A beleza de Sara despertara muitas invejas no seio do nosso sexo. Eu sabia que a sua aparência não permitia pensar na sua personalidade afável e no intelecto brilhante. Pobre Sara!

Asad levantouse, dirígiume um aceno de cabeça ligeiro e retirouse. Nurah deu a impressão de estar mortalmente ferida quando o filho se virou para trás e declarou:

A decisão está tomada. Se ela e a sua família me aceitarem, ninguém me pode deter.

Virou costas, enquanto Nurah, aos gritos, censurava a insolência da juventude e tentava incutir-lhe um sentimento de culpa ao declarar que pouco tempo mais estaria naquele mundo, que o seu coração estava cada vez mais fraco a cada dia que passava. Ao ver que Asad não ligava a menor importância à sua chantagem óbvia, abanou a cabeça

com mágoa. De cenho franzido, sorveu, pensativamente, uma chávena de café. Tramava, sem dúvida, alguma contra Sara, tal como fizera com a libanesa.

Extremamente agitada, toquei à campainha da cozinha e ordenei que me trouxessem iogurte e fruta para o pequeno-almoço. Marci entrou na sala e aliviou-me o desconforto doloroso dos pés inchados com os seus dedos hábeis. Nurah tentou meter conversa, mas eu estava demasiado furiosa para responder. Mal começara a depenicar nos morangos frescos (trazidos diariamente da Europa por avião), quando uma dor de parto me atirou ao chão. Assustada, gritei em agonia, pois aquela dor esmagadora vinha demasiado antes do tempo e era excessivamente violenta. Sabia que as dores começariam com uma pontada aguda, tal como já me acontecera anteriormente no rebate falso por que passara.

Gerouse o caos assim que Nurah chamou, de uma só fiada vocal, Karim, Sara, as enfermeiras especiais e os criados. Karim apareceu imediatamente, tomou-me nos braços e instalou-me no banco traseiro de uma limusina extralonga, especialmente adaptada para aquele acontecimento. Num dos lados, os bancos tinham sido arrancados, dando lugar a uma cama. Três pequenos bancos estavam a postos para acomodar Karim, Sara e uma enfermeira. O médico e as outras três enfermeiras de Londres já haviam sido alertados e seguiam numa outra limusina.

Contorcime com dores, enquanto a enfermeira tentava, em vão, medir-me a tensão.

Karim gritou ao motorista que conduzisse mais depressa, depois inverteu as ordens e berrou-lhe que abrandasse, declarando, em voz alta, que a sua condução descuidada custaria a vida a todos nós. Desferiu uma palmada na nuca do pobre homem ao ver que este deixara outro carro meter-se na frente.

Karim começou a refilar consigo mesmo por não ter arranjado escolta policial. Sara fez o

possível para acalmar Karim, mas este parecia um temporal em forma de gente.

A certa altura, a enfermeira inglesa faloulhe com autoridade, avisandoo de que a sua conduta estava a prejudicar a mulher e o filho. Ameaçou mandá-lo sair do carro se não se aquietasse.

Karim, um importante príncipe real que nunca recebera a menor crítica de uma mulher, ficou em estado de choque e sem fala. Respirámos todos de alívio.

à espera, à porta do hospital, encontravam-se o administrador e uma série de membros do pessoal, alentados por alguém da casa de Karim. O administrador estava encantado por o nosso filho nascer na sua instituição, já que, naquele tempo, muitos dos jovens membros da família real viajavam até ao estrangeiro para terem os filhos.

O trabalho de parto foi longo e difícil, pois eu era jovem, de constituição franzina, e o meu bebé era teimoso e grande. Do parto em si, pouco me recordo; estava semidrogada, dandome pouco conta do que me rodeava. A tensão nervosa do pessoal enchia o quarto e eu ouvia o médico insultar as enfermeiras repetidamente. Rezavam, sem dúvida, tal como o meu marido e o resto da família, para que fosse um rapaz. Nesse caso, a sua recompensa seria generosa; caso fosse uma menina, a desilusão seria enorme. No que me dizia respeito, queria ter uma menina. A minha terra iria mudar e senti-me a sorrir de expectativa com a vida agradável que a minha filhinha teria.

As exclamações de alegria do médico e do seu pessoal arrancaram-me à sonolência em que caíra. Era um rapaz! Tenho a certeza de que ouvi o médico segredar à chefe das suas enfermeiras: “De certeza que o idiota do marido me vai encher os bolsos de dinheiro com este prémio!” Protestei mentalmente perante aquele insulto ao meu marido, mas

adormeci profundamente e só passadas muitas semanas é que voltei a recordarme daquela observação. Nessa altura já Karim oferecera um Jaguar ao médico e cinquenta mil libras. Cada enfermeira foi presenteadas com belas jóias de ouro do souq, mais cinco mil libras. O jubiloso administrador hospitalar egípcio levou um generoso contributo destinado a ser aplicado na ala da maternidade. Ficou ainda mais radiante com o bónus

correspondente a três meses de salário.

Quando me colocaram o meu filho sonolento nos braços, nunca mais pensei no meu desejo de uma menina. Essa viria mais tarde. Aquele varão receberia uma educação mais correcta que os da geração que o havia precedido. Senti o poder das minhas intenções a criarem o seu futuro. Não teria ideias retrógradas, as suas irmãs seriam respeitadas e poderiam expor livremente as suas ideias, e ele conheceria a sua companheira e apaixonar-se-ia por ela antes de a desposar. As possibilidades imensas que o esperavam brilhavam esplendorosamente. Disse a mim mesma que já muitas vezes, ao longo da História, aparecera um homem que criara a mudança e influenciara milhões. Enchime de orgulho só de pensar no bem que aquele corpo minúsculo que tinha nos braços poderia trazer à humanidade. Uma nova era para as mulheres na Arábia poderia, sem dúvida, começar com alguém do meu próprio sangue.

Karim não pensava muito no futuro do filho. A paternidade encantava-o e levava-o a ponderar tolamente sobre o número de filhos varões que teríamos juntos.

A nossa felicidade era inebriante!

SEGREDOS TENEBROSOS

A nossa vida termina com a morte. Principia com uma única passagem; contudo, existem inúmeras saídas. à maravilhosa concretização da promessa da vida segue-se o

modo de partida habitual e esperado. Quando a morte reclama alguém cheio de vida e esperança, é o mais triste dos acontecimentos. Quando uma vida em flor termina às mãos de outro homem, não há nada pior.

Na altura radiosa em que o nascimento do meu filho teve lugar, fui confrontada com a morte sem sentido de uma rapariga nova e inocente.

Karim e o pessoal médico tentaram manter-me afastada das outras mulheres sauditas que se encontravam a poucos passos da minha suite. Enquanto o meu filho dormia ao meu lado, cercado de protecção, outros filhos e filhas eram mantidos no berçário. Eu, nos meus aposentos, mal conseguia reprimir a curiosidade que sentia em relação às diversas histórias verídicas. Como acontecia à maioria dos membros da realeza, eu levava uma vida afastada dos cidadãos vulgares, de modo que, naquela altura, o meu feitio curioso levou-me a meter conversa com aquelas mulheres.

Não tardei a descobrir que se a minha infância fora desolada, a da maioria das mulheres sauditas ainda o fora mais. A minha vida estava subordinada aos homens, no entanto o nome da minha família proporcionava-me uma espécie de protecção. A maioria

das mulheres reunidas em frente da vidraça do berçário não tinham o menor poder de decisão sobre o seu destino.

Tive o meu primeiro filho aos dezoito anos. Conhecia raparigas que já aos treze anos eram mães. Havia outras raparigas, da minha própria idade, que já iam na quarta ou quinta criança.

Fiquei intrincada com uma certa jovem. Tinha os olhos negros, que fixava na massa de bebés choramíngues, ensombrados pelo sofrimento. Manteve-se tão quieta durante tanto tempo que tive a certeza de que não via o que tinha na frente, estava, isso sim, imersa num drama afastado do local onde nos encontrávamos.

Soube que era de uma pequena aldeia, pouco distante da cidade. Normalmente, as mulheres da sua tribo davam à luz nas próprias casas, mas ela estivera cinco longos dias e noites em trabalho de parto, de modo que o marido resolvera levá-la para o hospital.

Travei conhecimento com ela, depois de vários dias, e descobri que casara, aos doze anos, com um homem de cinquenta e três. Era a terceira esposa, mas o marido favorecia-a muito.

Maomé, o nosso profeta bemamado do islamismo, ensinou que os homens deviam dividir o tempo igualmente pelas suas mulheres. Naquele caso, o esposo andava tão ocupado com os encantos da sua jovem esposa que as duas primeiras cediam, de boa vontade,

as suas vezes de enlace conjugal. A jovem contou que o marido era um homem de grande poder e fazia “aquilo” várias vezes ao dia. Com os olhos muito abertos, movimentou repetidamente o braço para baixo e para cima, para melhor explicitar a ideia.

Naquele momento estava assustada porque dera à luz uma filha, não um filho. O marido, quando a fosse buscar para a levar de volta para a aldeia, ficaria furioso, pois os primogénitos das outras duas esposas tinham sido varões. Pressentia que, dali em diante, passaria a ser desprezada por ele.

Pouco recordava da infância, que parecia agora já muito longínqua. Crescera numa família pobre e pouco mais conhecera além de muito trabalho e sacrifício. Explicou como ajudara a série de irmãos e irmãs a pastorear as cabras e os camelos e a tratar de uma pequena horta. Sentia-me ansiosa por saber o que pensava sobre os homens, as mulheres e a vida, mas a sua triste falta de cultura não lhe permitiu dar-me as respostas que eu procurava.

Foi-se embora antes de me poder despedir dela. Pensar na vida triste que a esperava fez-me sentir frio, de modo que voltei para a minha suite em profundo estado de desalento.

Num acesso de ansiedade em relação à segurança do seu filho, Karim colocara guardas armados à porta dos meus aposentos. Ao fazer o meu passeio matinal até ao berçário, fiquei surpreendida por ver guardas em frente de outro quarto. Calculei que se tratasse de mais outra princesa. Pedi ansiosamente a uma enfermeira que me dissesse o seu nome. Respondeu-me, de cenho franzido, que eu era a única princesa no hospital.

Contou-me a história, não sem antes me advertir de que se sentia profundamente escandalizada. A seguir, amaldiçoou todas as pessoas sobre a Terra, antes de descrever o que se passava no quarto 212. Afirmou que no seu país jamais se passaria algo de semelhante, que os Ingleses são muito civilizados, obrigada, e que, em comparação com eles,

o resto do mundo parece viver mergulhado na barbárie.

A minha imaginação não me permitia descer até tais profundezas de ira, pelo que lhe implorei que me contasse o que estava a acontecer antes que Karim chegasse para a sua visita diária.

Na véspera, relatou-me, o pessoal do hospital ficara perplexo por ver chegar uma jovem prestes a dar à luz, com as mãos e os pés presos em grilhetas de ferro, que foi escoltada até à ala da maternidade pelos guardas que a acompanhavam. Um grupo de mutawas irados, seguido pelo amedrontado administrador, haviam ido atrás dos guardas;

tinham sido eles, não o administrador, a designar o médico que trataria do caso.

Para consternação do médico, este foi informado de que a rapariga fora julgada nos tribunais de Shari'a (a lei de Deus) e considerada culpada de fornicação. Como se tratava de um crime de Hudud (um crime contra Deus), a pena era severa. Os mutawas, escudados pela sua indignação, estavam ali para testemunhar a aplicação do castigo merecido.

O médico, um muçulmano da Índia, não protestou diante dos mutawas, no entanto estava furibundo pelo papel que o obrigavam a desempenhar. Disse ao pessoal que o

castigo habitual para punir a fornicação era o chicote, porém, naquele caso, o pai insistira na morte da filha. A rapariga deveria ser vigiada até dar à luz, após o que seria apedrejada até à morte.

O queixo da enfermeira tremeu de indignação ao contar que a rapariga pouco mais era do

que uma menina. Calculou que teria à volta de uns catorze, quinze anos. Poucos pormenores mais conhecia, de modo que me deixou deitada e foi tagarelar com as outras enfermeiras que estavam no corredor.

Implorei a Karim que se informasse do que se tratava. Ele hesitou, dizendo que não era nada que nos dissesse respeito. Depois de muitas súplicas e lágrimas derramadas por mim, acedeu em inquirir o que se passava.

Sara iluminou o meu dia ao trazerme novas óptimas sobre a evolução do seu romance. Asad falara com o nosso pai e recebera a esperada resposta positiva. Sara e Asad casariam dali a três meses. Fiquei radiante pela minha irmã, que até ali tão pouca felicidade conhecera. Depois revelou outra notícia que me fez encolher o estômago de medo. Ela e Asad

tinham planeado encontrarse no Bahrein no fimdesemana seguinte. Ao ver que eu protestava, Sara declarou que iria ter com Asad, com ou sem a minha ajuda. Tencionava avisar o pai de que ficaria mais uns dias no meu palácio, ajudandome a desempenhar o meu novo papel materno. Diria a Nurah que regressava à casa paterna. Afiançou que ninguém desconfiaria do contrário.

Perguntei como viajaria ela sem a autorização do nosso pai, pois sabia que este guardava todos os passaportes da família num cofre que tinha no escritório. Além disso, seria necessária uma permissão escrita do pai, caso contrário jamais entraria num avião.

Encolhime de medo, quando Sara me contou que pedira um passaporte e uma autorização emprestadas a uma amiga que tencionara deslocarse ao Bahrein para visitar familiares, mas tivera de cancelar a viagem por motivos de saúde de um dos parentes.

Como as mulheres sauditas andam veladas e nenhum guarda da segurança do aeroporto se atreveria jamais a pedir para ver o rosto de uma mulher, muitas sauditas pedem

emprestados os passaportes umas das outras para tais ocasiões. O outro problema era a carta com a autorização, mas também estas eram trocadas, juntamente com os passaportes. Mais tarde, Sara retribuiria o favor marcando uma viagem para um país vizinho e cancelandoa à última da hora, emprestando depois as credenciais à mesma amiga. Era uma operação pormenorizada e clandestina que nenhum dos nossos homens alguma vez imaginara. Eu sempre achara piada à facilidade com que as mulheres ludibriavam os agentes do aeroporto, mas agora, que se tratava da minha irmã, tremia de preocupação.

Numa tentativa para desencorajar Sara de algum acto irreflectido, relateilhe a história da jovem que aguardava a sua execução por apedrejamento. Sara ficou perturbada,

tal como eu, mas os seus planos não vacilaram. Cada vez mais nervosa, acedi em encobri-la. A perspectiva de se encontrar com Asad sem ser debaixo de vigilância, fê-la rir a bom rir. Arranjara um apartamento emprestado por uma amiga, em Manama, a capital do país minúsculo que é o Bahrein.

Sara, expectante em relação ao seu futuro, tirou o meu filho do seu berço de seda. Examinou ternamente a sua perfeição, declarando que em breve também ela conheceria os

prazeres da maternidade, pois, tal como Asad, ansiava pelos seis pequeninos que Huda previra com tanta certeza.

Eu exibia a alegria que a minha irmã esperava de mim, no entanto sentia as entranhas contorcidas de medo.

Nessa noite Karim voltou cedo, com informações sobre a condenada. Contou que era conhecida pela sua libertinagem e engravidara depois de ter relações sexuais com uma série de adolescentes. Semelhante comportamento enojara Karim. Declarou que o desdém da jovem pelas leis do seu país denegrira a honra da sua família, que não tivera outro remédio senão tomar aquela decisão.

Perguntei ao meu marido qual o castigo que os rapazes que tinham participado receberiam, porém, não me soube responder. Disselhe que o mais provável era terem recebido um sermão severo em vez de uma sentença de morte, pois no mundo árabe, a culpa pela prática não sancionada do sexo recai apenas sobre os ombros da mulher. Karim decepcionou-me com a tranquilidade com que aceitava a execução planeada de uma menina,

independentemente do crime. Apesar dos meus apelos para que fizesse um esforço para intervir junto do rei, pessoa que podia levar um pai a ceder em relação a algum castigo violento, Karim rechaçou as minhas exclamações de alarme com irritação indisfarçada, insistindo em colocar um ponto final no assunto.

Quando se despediu de mim, mostreime retraída e amuada. Encheu o nosso filho de beijos e promessas de uma vida perfeita, enquanto eu me deixava ficar sentada, triste e indiferente.

Preparavame para abandonar o hospital quando a enfermeira inglesa entrou na minha suite pálida de raiva. Trazia informações dramáticas sobre a condenada. Possuía uma memória extraordinária e recordava, com perfeita clareza, cada pormenor doloroso que o médico indiano contara. A rapariga condenada fora mãe de uma menina às primeiras horas da madrugada. Três mutawas tomaram conhecimento da indignação da comunidade estrangeira e colocaram-se, juntamente com os guardas armados, à porta da sala de partos, a fim de se certificarem de que nenhum estrangeiro compassivo ajudava a rapariga a fugir. A jovem, depois de dar à luz, fora levada de novo para o seu quarto, numa cadeira de rodas. Os mutawas comunicaram ao médico que seria levada naquele mesmo dia, a fim de ser executada por apedrejamento pelo seu crime contra Deus. O destino da recém-nascida ainda não fora decidido, pois a família recusarase a acolhê-la.

A enfermeira, com o horror espalhado nos olhos, contou que a rapariga relatara ao médico, no meio de lágrimas, os acontecimentos que haviam conduzido à sua situação trágica. Chamavase Amal e era filha de um comerciante de Riade. Tinha apenas treze anos quando os factos que despedaçaram o seu mundo ocorreram. Começara a usar véu havia pouco tempo.

Era uma noite de quinta-feira (equivalente ao sábado à noite no mundo ocidental). Os pais de Arnal tinham ido passar o fim de semana aos Emirados e só regressariam sábado

à tarde. As três criadas filipinas da casa estavam a dormir e o motorista vivia na sua casinha junto ao portão, a uma distância considerável da casa principal. Os irmãos mais velhos de Amal, casados, viviam noutras zonas da cidade. Da família, somente ela e um irmão de dezassete anos tinham ficado em casa. Este ficara encarregue, mais as três criadas filipinas, de tomar conta da jovem. O irmão aproveitara a ausência dos pais para receber um numeroso grupo de amigos. A noite já ia adiantada quando Arnal começou a ouvir música alta e vozes, pois a sala onde a festa decorria encontrava-se mesmo por baixo do seu quarto. Pensou que o mais provável era o irmão e os amigos estarem a fumar marijuana, uma substância à qual seu irmão começara a apegar-se nos últimos tempos.

A certa altura, quando as paredes do quarto de Amal começaram a vibrar com os baixos da estereofonia, resolveu descer ao piso inferior e pedir ao irmão e aos amigos

que baixassem a música. Vestida apenas com uma fina camisa de dormir, não tencionava entrar na sala, apenas enfiar a cabeça e gritar que queria paz e silêncio. Havia pouca luz e a sala estava mergulhada na penumbra. O irmão não respondeu ao chamado, de modo que a rapariga decidiu entrar para o procurar.

O irmão de Amal não estava em parte nenhuma. Os outros adolescentes que estavam na sala encontravam-se, nitidamente, excitados pela droga consumida e pela conversa sobre mulheres, pois Amal foi imediatamente agarrada por vários rapazes, que a

prenderam ao chão. Gritou pelo irmão e tentou fazer com que compreendessem que era a filha da casa, mas as suas súplicas não entraram nas mentes drogadas. Arrancaram-lhe

a camisa de noite do corpo. Foi brutalmente violada pelos amigos do irmão, que se tinham transformado numa turba enlouquecida. O barulho da música abafou o som do

ataque e ninguém ouviu os seus gritos a pedir socorro. Depois de o terceiro jovem a violar, Amal perdeu os sentidos.

O irmão tinha ido à casa de banho, porém estava tão drogado que se deixara escorregar para o chão, encostado a uma parede, e passara o resto da noite mergulhado num torpor inconsciente. Mais tarde, quando a luz da aurora aclarara a cabeça dos violadores e a identidade de Amal fora revelada, os rapazes tinham fugido da villa.

O motorista e as filipinas levaram Amal até um hospital próximo. O médico da sala de emergência notificou a polícia. Os mutawas meteram-se no assunto. A reclusão a que

Amal estava sujeita pela sua condição de mulher não lhe permitiu identificar os seus atacantes pelo nome, apenas que eram amigos do irmão. Os seus nomes foram obtidos através deste, mas quando isso aconteceu e os chamaram a prestar declarações, já eles se tinham esforçado para apresentar uma explicação comum. Segundo a sua versão sobre os acontecimentos da noite, não houvera consumo de droga. Só confirmaram que tinham posto a música muito alta e divertiam-se inocentemente. Afirmaram que a rapariga

entrara na sala envergando uma camisa de dormir transparente e induzira-os a praticar relações sexuais com ela. Disse aos rapazes que estivera a ler um livro sobre sexo, no

andar de cima, e sentia-se cheia de curiosidade. Juraram que tinham começado por recusar, mas ela portar-se de maneira tão ousada sentando-se no seu colo, beijando-os e apalpando-os que não foram capazes de se conter por mais tempo. A rapariga fora deixada sozinha e estava decidida a passar um bom bocado com os rapazes. Declararam que era insaciável e implorara a todos que participassem.

Os pais regressaram dos Emirados. A mãe de Amal acreditou na história da filha, mas, apesar de treloucada pela dor, não foi capaz de convencer o marido da inocência desta. O pai de Amal, que nunca se dera bem com as filhas, ficou abalado pelo acontecido, mas achou que os rapazes só tinham feito o que qualquer macho faria nas mesmas circunstâncias. Pesaroso, concluiu que havia que castigar a filha pela vergonha que trouxera ao seu nome. O irmão de Amal, receoso de um castigo severo por consumir droga, não tomou nenhuma iniciativa para limpar o nome da irmã.

Os mutawas proporcionaram ao pai apoio moral na decisão inabalável que tomou, enchendo de louvores pela sua convicção religiosa.

A rapariga morreria naquele dia.

Consumida por emoções de pena e temor, mal ouvi as exclamações incessantes da enfermeira inglesa. Senti a minha felicidade diminuir consideravelmente ao pensar na inocência da jovem e nos esforços infrutíferos da mãe para a salvar de uma morte cruel. Eu própria nunca testemunhara um apedrejamento, mas Ornar fizera-o três vezes e deliciava-se a descrever-nos o destino que aguardava as mulheres fracas que não guardavam zelosamente a sua honra, tão prezada pelos homens. Lembrei-me da descrição vívida de Ornar, que ficara gravada na minha memória.

Tinha eu doze anos quando certa mulher, que vivia numa das aldeias vizinhas próximas de Riade, fora acusada de adultério. Condenaram-na a morrer por apedrejamento.

Ornar e um motorista de um vizinho nosso resolveram ir assistir ao espectáculo.

A vasta multidão começara a formar-se desde manhã cedo. Estava agitada e ansiosa por ver quem se portara tão vergonhosamente. Ornar contou que, precisamente quando

já todos começavam a ficar enfurecidos de impaciência sob o sol escaldante, chegou um carro da polícia, de dentro do qual tiraram rudemente uma jovem mulher com cerca de vinte e cinco anos. Afirmou que era muito bonita, do género daquelas que desafiam as leis de Deus. Amarraram as mãos à mulher. A cabeça pendia para a frente. Um homem leu à multidão, em jeito de comunicação oficial, o crime de que era acusada. Utilizaram um farrapo para a amordaçar, prendendo-lhe, em seguida, um capuz preto à cabeça.

Obrigaram-na a ajoelhar-se. O carrasco, um homem corpulento, açoitou-a cinquenta vezes nas costas.

Chegou um camião carregado de pedras, que foram empilhadas num monte enorme.

O homem que lera o crime informou a multidão de que a execução podia começar.

Ornar disse que o grupo de pessoas, na sua maioria homens, correu para as pedras e começou a atirá-las à mulher. A culpada não tardou a ficar prostrada no chão e o seu corpo contorceu-se espasmodicamente. Ornar disse que as pedras continuaram a embater no seu

corpo por tempo indeterminado. De vez em quando havia uma interrupção, na altura em que o médico ia verificar o pulso da mulher. Cerca de duas horas depois, o médico declarou, finalmente, a mulher morta e o apedrejamento cessou.

A enfermeira inglesa interrompeu o triste fio dos meus pensamentos ao voltar a entrar nos meus aposentos tomada de grande agitação. A polícia e os mutawas estavam a levar a rapariga para a execução. Disse-me que se me colocasse no umbral da porta, poderia ver o rosto pois não ia velada. Ouvi grande agitação no corredor. Prendi rapidamente o meu véu em torno do rosto. Os meus pés impeliram o meu corpo para a frente sem reflexão ou intenção.

A condenada tinha, no meio dos guardas altos e austeros que a levavam para cumprir o seu destino, um aspecto frágil e infantil. Encostara o queixo ao peito e assim era difícil ver a sua expressão. No entanto, percebi que era uma jovem bonita, uma jovem que se teria transformado numa grande beleza se lhe tivessem dado a oportunidade de crescer. Apavorada, olhou fugidamente para o mar de rostos que a mirava com grande curiosidade.

Vi que se sentia profundamente aterrorizada. Não estava presente ninguém de família para a acompanhar à sua sepultura, apenas desconhecidos que a levavam para a mais tenebrosa das viagens.

Voltei para a minha suite. Agarrei ternamente no meu bebé e reflecti, aliviada, no alívio que sentia por ele não pertencer ao sexo fraco. Fixei, maravilhada, o olhar no rosto minúsculo. Apoiaria ele o sistema que tão duro era para a sua mãe e irmãs, fortalecendo, portanto? Considerarei a possibilidade de, na minha terra, todos os bebés do sexo feminino serem exterminados à nascença. Talvez a nossa ausência amenizasse a atitude inflexível dos nossos homens. Estremeci e no meu cérebro formouse uma dúvida: como poderiam as mães proteger as filhas das leis daquela terra?

Os olhos da decidida enfermeira inglesa estavam manejados de lágrimas. Fungou e perguntou por que razão eu, uma princesa, não intervira naquela loucura. Respondilhe que não estava nas minhas mãos ajudar a condenada; na minha terra, as mulheres não têm voz activa, nem mesmo as que pertencem à família real. Cheia de mágoa, disse à enfermeira que a rapariga não só morreria à hora marcada como a sua morte seria horrenda e a sua passagem por esta vida não ficaria registada. Pensei, amargamente, naqueles que eram os verdadeiros culpados e continuavam livres, alheios à morte trágica que tinham provocado.

Karim chegou com um rosto alegre. Organizara o nosso regresso ao palácio como se se tratasse de um plano de guerra. Escoltas policiais facilitaram a nossa passagem através do trânsito intenso da cidade de Riade em crescimento. Quando relatei o incidente no hospital, Karim mandou-me calar. Não desejava ouvir falar em tristezas quando levava o filho nos braços, rumo ao seu destino de príncipe numa terra que amparava e acarinhava os da sua estirpe.

Os meus sentimentos pelo meu marido ressentiram-se ao ver a indiferença com que reagia

ao destino de uma jovem inferior. Suspirei profundamente e sentime só e receosa do que as minhas futuras filhas pudessem vir a enfrentar nos anos vindouros.

A MORTE DE UM REI

O ano de 1975 deixou-me más recordações, período simultaneamente de grande felicidade e tristeza desencorajante para a minha família e o meu país.

Abdullah, o meu adorado filho, celebrou o segundo aniversário rodeado por aqueles que o amavam. Os nossos aviões particulares trouxeram um pequeno circo de França para a festa. O circo ficou uma semana no palácio do pai de Karim.

Sara e Asad tinham sobrevivido ao seu namoro ousado e encontravam-se agora casados e muito felizes, aguardando a chegada do seu primeiro filho. Asad, entusiasmado pela chegada do primogénito, fora de avião até Paris e esvaziara três enormes lojas de roupas de bebé. Nurah, a sua incrédula mãe, dizia a quantos a escutavam que o filho perdera a cabeça. Envolvida em tão grande amor, Sara, a minha irmã de há tanto sofredora, resplandecia, finalmente, de felicidade.

Ali estava a estudar nos Estados Unidos e deixara de se meter nos assuntos respeitantes às suas irmãs. Pregou um susto de morte ao pai ao anunciá-lhe que estava

apaixonado por uma americana da classe trabalhadora, mas, para grande alívio deste, tudo não passou de fogo de vista e em breve chegou notícia de que preferia uma esposa saudita. Descobrimos, mais tarde, que a mulher atirara um candelabro à cabeça de Ali quando este se mostrara beligerante e autoritário diante da sua recusa em obedecer.

À medida que os anos de esforços do rei Façal e de sua esposa Iffat em prol da educação e liberdade da mulher iam obtendo êxito, nós, os casais sauditas modernos, íamos desfrutando do subtil abrandamento das severas restrições que vigoravam sobre as mulheres.

A par da nossa educação surgiu uma determinação em mudar o nosso país. Já havia mulheres que não tapavam o rosto, pondo de parte o véu e enfrentando corajosamente os religiosos que se atreviam a provocá-las. Ainda cobriam a cabeça e usavam

abaayas, no entanto a determinação desse pequeno número transmitia esperança a todas nós. As que pertenciam à família real não podiam gozar de tal liberdade; quem mostrava maior bravura era a classe média. Estavam agora a abrir escolas públicas para mulheres sem que tal originasse demonstrações de repúdio por parte dos mutawas.

Estávamos certas de que a educação feminina acabaria por nos conduzir à igualdade.

Infelizmente, a punição das mulheres pela morte ainda ocorria entre os fundamentalistas conservadores. Um passo de cada vez, lembrávamos melancolicamente umas às outras.

De repente, Karim e eu tornámonos donos, num espaço de seis meses, de quatro novas casas. O nosso novo palácio em Riade ficara, finalmente, pronto. Karim achou que o crescimento do filho beneficiaria enormemente se a criança respirasse as frescas

brisas marítimas, de modo que adquirimos uma nova villa à beira do mar, em Gidá.

O meu pai possuía um espaçoso apartamento em Londres, apenas a quatro ruas do Harrods, e punha a propriedade, sem regatear, à disposição dos filhos que estivessem interessados. Como as minhas outras irmãs e respectivos maridos já tinham os seus próprios apartamentos em Londres, e Sara e Asad estavam prestes a comprar um em Veneza, Karim e eu aproveitámos, de bom grado, a oportunidade de termos de arranjar casa naquela cidade colorida tão do agrado dos Árabes. E por fim, como prenda especial pelo nosso terceiro aniversário de casamento e por tê-lo presenteado com um varão, Karim comprou-me uma linda villa no Cairo.

Quando Abdullah nascera, o joalheiro da família fora de avião de Riade a Paris para escolher uma colecção de diamantes, rubis e esmeraldas para ornamentar sete conjuntos individuais de colar, pulseira e brincos. Escusado será dizer que me sentia ricamente compensada por fazer o que fora da minha vontade.

Karim e eu, sempre que era possível, deslocávamonos a Gidá. Por sorte, a nossa villa estava situada num recanto privilegiado que era frequentado pela família real.

Jogávamos gamão ao mesmo tempo que observávamos o nosso filho, que, rodeado pelas criadas filipinas, chapinhava nas tépidas águas azuladas cheias de peixes exóticos.

Até nós, mulheres, podíamos nadar, embora conservássemos as abaayas vestidas até a água nos chegar ao pescoço. Uma das criadas iama buscar, recebendo-a de uma das minhas mãos, podendo então eu nadar e deleitarme sem entraves dentro de água. Eu era o mais livre que é possível ser-se na Arábia Saudita.

Estavase no fim de Março, um mês já não muito quente do ano, portanto já não ficávamos muito tempo fora de casa depois do sol do meiodia. Mandeí as criadas buscar

o nosso bebé sorridente e daremlhe banho no chuveiro de água quente portátil, feito por encomenda. Ficámos a vê-lo gorgolejar e agitar as perninhas rechonchudas. Os nossos sorrisos deixavam transparecer o orgulho que sentíamos. Karim apertou-me a mão e disse-me que se sentia culpado por sentir tanta felicidade. Mais tarde, acusei-o de ter atraído o azar ao expressar alto o seu bemestar na vida.

A maioria dos árabes acredita no mauolhado; nunca apregoamos a nossa felicidade ou a beleza dos nossos filhos. É muito possível que algum espírito maligno esteja à escuta e nos roube o objecto da nossa alegria ou nos cause um desgosto, levandonos um ente querido. Para manterem esses espíritos maus à distância, os nossos bebés usam contas azuis presas às roupas. Por muito esclarecidos que fôssemos, o nosso filho não fugia à regra.

Momentos mais tarde, recordo com horror que vi Asad vir ter connosco a correr, gritandonos:

O rei Faiçal morreu! Foi assassinado por um membro da família!

Aparvalhados e trémulos, deixámonos ficar sentados a ouvir o relato dos poucos pormenores que ficara a conhecer através de um primo real.

Na origem da morte do nosso tio estava um diferendo sobre a abertura de um canal de televisão, ocorrido cerca de dez anos antes. O rei Faiçal estivera sempre firmemente a favor do processo de modernização da nossa terra atrasada. Karim disse que o ouvira observar, certa vez, que quer nós, Sauditas, gostássemos ou não, ele iria levarnos de empurrão até ao século xx.

Os problemas que enfrentava com os cidadãos extremamente religiosos residiam na manutenção de situações vergonhosas encontradas pelo nosso primeiro monarca e pai de Faiçal, Abdul Aziz. Esses religiosos insurgiram-se violentamente contra a abertura da primeira estação de rádio e Abdul Aziz ultrapassou as objecções ordenando a leitura do Alcorão. Os religiosos não puderam encontrar defeitos de maior naquele método rápido de pregação da palavra de Deus. Anos mais tarde, quando o rei Faiçal quis oferecer estações televisivas ao nosso povo, também ele, tal como acontecera com seu pai, encontrou forte oposição por parte da Ulemá (os xeques religiosos).

Tragicamente, houve membros da família real que se juntaram a estes protestos e, em Setembro de 1965, ainda eu era criança, um dos nossos primos foi morto a tiro pela polícia enquanto liderava uma manifestação contra uma estação de televisão situada a alguns quilómetros de Riade. O príncipe renegado, seguido dos apoiantes, invadira a estação. O episódio terminara numa batalha campal com a polícia, durante a qual fora morto. Tinham passado cerca de dez anos, no entanto o ódio fervilhara no irmão mais novo desse príncipe até o levar a retaliar, matando o rei, seu tio, a tiro.

Karim e Asad partiram para Riade de avião. Sara e eu, juntamente com outras primas da família real, reunimo-nos num dos palácios murados da família. Todas pranteámos e gritámos a nossa dor umas às outras. Eram poucas as primas que não gostavam do rei Faiçal, pois este representava a nossa única hipótese de alcançarmos a mudança e a liberdade. Somente ele dispunha do prestígio, tanto junto dos religiosos como das facções reais da nossa terra, para promover a transformação social. Uma vez ouviu dizer que apesar de haver papéis distintos para o homem e para a mulher, tal como Deus mandava, nenhum deles devia sobrepor-se ao outro com supremacia inquestionável.

Declarou, em voz tranquila, que não seria completamente feliz até cada cidadão da sua terra, tanto homem como mulher, ser senhor do seu próprio destino. Acreditava

que a nossa causa só evoluiria através da educação, pois era a nossa ignorância que nos mantinha, sem dúvida, no obscurantismo. O certo é que, depois do rei Faiçal, nunca mais nenhum governante defendeu tanto a nossa causa. Olhando em retrospectiva, a nossa curta mas decidida ascensão rumo à liberdade principiou a resvalar a partir da altura em que as balas da falsidade, disparadas por um membro da própria família, destruíram a sua vida.

Cada um de nós sente raiva e ódio pela família de onde saiu uma pessoa como o nosso primo Faiçal ibn Musaid, o carrasco das nossas esperanças e sonhos. Uma das nossas primas gritou que o próprio pai do assassino não era bom da cabeça. Ele, que nascera numa posição de proeminência no esquema da realeza saudita, sendo meioirmão do próprio rei Faiçal, fugira a qualquer contacto com os membros da família e com a

responsabilidade do trono. Um dos filhos fora um fanático, sujeitando-se à morte para impedir a inocente instalação de uma estação televisiva, e outro assassinara o nosso bemamado e respeitado rei Faïçal.

Nenhuma dor poderia ser pior do que a perspectiva da Arábia Saudita não dispor da sua sabedoria ponderada para nos guiar. Eu nunca testemunhara, antes ou depois, tão profunda tristeza nacional. Era como se toda a nossa terra e o seu povo tivesse mergulhado em agonia. O melhor chefe que a nossa família tinha para dar fora abatido por um dos nossos.

Três dias mais tarde, a filha de Sara surpreendeu a mãe nascendo de pés. A pequena Fadila, assim lhe chamou a mãe, juntouse a uma nação de luto. A nossa dor era tão profunda que a recuperação foi morosa, no entanto a chegada da pequena Fabíola veio animarnos e trazernos uma mensagem de alegria.

Sara, receosa pelo futuro da filha, convenceu Asad a assinar um documento em como a filha teria a liberdade de se casar com quem entendesse, sem a interferência da família. Sara tivera um pesadelo horrível onde ela e o marido morriam num acidente de avião, deixando a filha a ser criada segundo os moldes rígidos da nossa geração. Sara, olhando firmemente Asad nos olhos, declarou que preferia matar a filha a

vê-la casada com um homem perverso. Asad, ainda profundamente apaixonado pela mulher, reconfortou-a, assinando o documento e depositando uma conta num banco suíço, no valor de um milhão de dólares, em nome da filha. A filha de Sara disporia de meios legais e financeiros para fugir aos seus pesadelos pessoais em caso de necessidade.

Ali regressou dos Estados Unidos para as férias do Verão, mostrandose ainda mais detestável, se possível, do que eu me recordava. Fez questão em nos relatar as suas escapadelas com mulheres americanas e anunciou que, realmente, era verdade, todas elas não passavam de prostitutas!

Quando Karim o interrompeu dizendo que conhecera muitas de elevada moral em Washington, Ali riuse e sugeriu que as coisas tinham mudado muito. Declarou que as mulheres que conhecera em bares tomavam a iniciativa e propunham sexo antes de ele ter a oportunidade de tocar no assunto. Karim retorquiu-lhe que aí é que estava a diferença: se uma mulher estava sozinha num bar era porque, provavelmente, andava em busca de um encontro efêmero ou de uma noite bem passada. Afinal de contas, na

América as mulheres eram livres, tal como os homens. Aconselhou Ali a frequentar a igreja ou acontecimentos culturais, onde ficaria surpreendido com a conduta de quem pertencia ao sexo feminino. Ali manteve-se inabalável. Afirmou que pusera à prova a moral de mulheres pertencentes a vários estratos sociais na América e não lhe restavam dúvidas de que todas elas eram prostitutas.

à semelhança da maioria dos muçulmanos, Ali jamais veria ou compreenderia os costumes e tradições de outra religião ou terra. O único conhecimento que a maioria dos árabes tem da sociedade americana chega-lhes através do conteúdo de filmes de baixo nível e

espectáculos televisivos de má qualidade. Ainda mais importante, os homens sauditas viajam sozinhos. A forte reclusão a que estão sujeitos na sua terra em relação às companhias femininas, leva-os a interessarem-se unicamente pelas mulheres estrangeiras. Tristemente, procuram apenas a companhia de mulheres que trabalham em bares como strippers ou prostitutas. Este panorama estreito distorce a sua

opinião sobre a moralidade no Ocidente. Como a maioria das mulheres sauditas não viaja, acreditam nas histórias relatadas pelos maridos e irmãos. Consequentemente, a maioria dos árabes está piamente convencido de que quase todas as mulheres do Ocidente são promíscuas.

É certo que o meu irmão possuía uma certa beleza exótica que devia atrair muito o sexo oposto, mas eu não tinha a menor dúvida de que nem todas as mulheres da América eram prostitutas! Disse a Karim que estava ansiosa por viajar com Ali. Como seria divertido ficar atrás dele a segurar num cartaz que dissesse: ESTE HOMEM DESDENHATE E

DESPREZATE SECRETAMENTE! SE LHE DISSERES “SIM”, ELE DIRÁ AO MUNDO QUE ÉS UMA PROSTITUTA!

Antes de Ali regressar aos Estados Unidos, informou o nosso pai de que estava pronto para arranjar a sua primeira esposa. A vida sem sexo era monótona, disse, e gostaria de ter uma mulher à sua disposição sempre que viesse passar férias a Riade. E o que era ainda mais importante, era tempo de ele, Ali, ter um filho varão, já que, sem eles, um homem não tem valor na Arábia Saudita e é escarnecido por todos os que o conhecem.

A sua nova esposa não poderia viver com ele nos Estados Unidos, evidentemente, ficando antes na villa do pai, cuidadosamente guardada por Omar e os outros criados. Ali declarou que queria ter liberdade para desfrutar da moral permissiva da América. A única exigência que fazia à sua mulher além da virgindade, claro era

que fosse jovem, não além dos dezassete anos, excepcionalmente bonita e obediente.

Passadas duas semanas, Ali estava noivo de uma prima real; o casamento foi marcado para Dezembro, altura em que disporia do mês de intervalo que separa cada período lectivo.

Ao observar Ali, davame por muito feliz por ter casado com um homem como Karim. O meu marido estava, sem dúvida, muito longe da perfeição, mas Ali era um machão saudita típico. Ter alguém assim como marido era uma cruz muito pesada na vida.

Antes de Ali voltar dos Estados Unidos, a minha família reuniu-se nos jardins da nossa villa em Gidá. Certa noite, os homens beberam de mais e tornaram-se conversadores. Depois do jantar, veio à baila a questão de as mulheres deverem, ou não, guiar automóveis. Karim e Asad foram da mesma opinião que eu e Sara em como esse costume idiota, sem a menor razão de ser no islamismo, devia mudar. Apontámos o exemplo

das mulheres que pilotavam aviões nas nações industrializadas, enquanto, no nosso país, nem os automóveis podiam dirigir! Muitas famílias sauditas não podiam darse ao luxo

de ter mais de um motorista, portanto em que situação ficavam quando queriam deslocar-se? Que aconteceria se houvesse uma emergência médica na folga do motorista?

Os

homens sauditas tinham tão fraca opinião sobre as capacidades das suas mulheres que

preferiam pôr rapazes de doze e treze anos ao volante (o que é comum na Arábia Saudita) do que mulheres adultas?

Ali, o nosso pai e Ahmed achavam o assunto, só por si, de loucos. Ali declarou que homens e mulheres marcariam encontros amorosos no deserto! Ahmed preocupavase com a falta de visibilidade que o véu provocava. O nosso pai trouxe à baila a possibilidade de acidentes de automóvel e a vulnerabilidade das mulheres na rua enquanto aguardavam a chegada do agente de trânsito. Dito isto, olhou à sua volta à espera de ver os genros concordarem com ele em como uma mulher ao volante de um automóvel poria em perigo não só a sua vida como também a dos outros, porém estes estavam demasiado ocupados a preparar bebidas ou a ir à casa de banho.

Por fim, Ali, como se tivesse tido uma ideia luminosa que poria fim à discussão, a seu favor, declarou que, como as mulheres eram mais influenciáveis que os homens, imitariam a juventude da nossa terra, que ultrapassava os limites de velocidade nas nossas ruas. Naturalmente, estariam apenas preocupadas em imitálos, pelo que o índice de acidentes, cada vez mais elevado, aumentaria ainda mais.

Como o meu irmão ainda conseguia enfurecerme! Ali tinha a ilusão enganadora de que eu deixara os meus impulsos juvenis para trás, mas o seu ar convencido despertou o meu mau gênio. Para surpresa de todos, saltei sobre Ali, agarreilhe no cabelo e comecei a puxálo o mais fortemente que pude. Foi preciso Karim e o meu pai para me fazerem largálo. As minhas irmãs riram a bom rir, enquanto os respectivos maridos me fitavam com um misto de espanto e receio.

No dia seguinte, o meu irmão tentou fazer as pazes comigo antes da partida para a América. O meu ódio era tão inquebrantável que manobrei propositadamente a conversa de modo a fazêlo incidir no casamento e na mania que os homens tinham em que as mulheres fossem virgens, apesar de eles experimentarem o maior número possível delas.

Ali encarou as minhas palavras com seriedade e citou o Alcorão com a intenção de me esclarecer sobre a necessidade absoluta da virgindade nas mulheres.

Foi sem dificuldade que voltei a ser a velha Sultana dos muitos truques. Abanei a cabeça com tristeza e suspirei fundo. Ali quis saber o que se passava comigo. Respondilhe que, daquela vez, ele me convencera. Concordava com ele em como todas as mulheres deviam chegar virgens ao casamento. Acrescentei, com uma malícia oculta de que ele não se apercebeu, que a natureza das jovens da nossa sociedade mudara tanto que era muito difícil encontrar uma virgem autêntica entre elas. Ao ver o olhar interrogativo de Ali expliquei que, de facto, as mulheres raramente se portavam mal enquanto estavam na Arábia Saudita, pois para que quereriam elas arriscar a vida? Mas quando viajavam, asseverei, procuravam parceiros sexuais e ofereciam a desconhecidos o seu bem mais precioso.

Ali ficou enraivecido com a ideia de algum homem que não ele, um saudita, desflorar uma virgem saudita! Perguntou-me, preso de grande agitação, onde colhera eu tal informação. Compondo uma expressão implorante, supliquei ao meu irmão que não

contasse a nossa conversa, pois de certeza o pai e Karim ficariam escandalizados. Mas admiti perante ele que eram informações que nós, mulheres, trocávamos, sendo certo que as virgens tendiam a escassear na nossa terra!

Ali franziu os lábios imerso nos seus pensamentos. Perguntou-me o que essas raparigas faziam na noite de núpcias; é que, se não houvesse sangue, a noiva ficaria desgraçada e seria devolvida ao pai. Na Arábia, os lençóis ensanguentados ainda são orgulhosamente entregues à sogra da noiva, para que esta possa mostrar às amigas e parentes que uma mulher honrada e pura acabou de entrar para a sua família.

Inclinei-me para mais perto e contei a Ali que a maioria das mulheres mandava reconstruir os hímenes cirurgicamente. Acrescentei que quase todas as jovens entregavam a sua virgindade repetidas vezes a homens que nem sequer desconfiavam do logro. Era fácil e simples enganar um homem. Na Europa havia muitos médicos que executavam a operação com perícia e havia até alguns que eram conhecidos, na Arábia Saudita, por fazê-lo.

Depois, para completo horror de Ali, segredilhe que, se por acaso uma rapariga não tinha tempo de fazer a cirurgia antes do casamento, não custava nada enfiar um fígado de borrego dentro de si antes do acto sexual. O marido não daria pela diferença.

O que descorava era um fígado de borrego, não a sua esposa!

O meu egocêntrico irmão passou a ser atormentado por um novo temor. Telefonou imediatamente para um médico seu amigo. Vio empalidecer ao ouvir o amigo confirmar que essas operações eram possíveis. Quanto ao fígado de borrego, nunca ouvira falar de tal, mas parecia ser um esquema viável que as mulheres imorais acabariam por descobrir mais tarde ou mais cedo.

Nitidamente perturbado, Ali voltou à villa duas vezes naquele dia, pedindome conselho sobre o melhor processo de se resguardar contra tal traição. Disselhe que não havia maneira, a não ser que ele mantivesse a sua nova noiva debaixo de olho noite e dia desde o seu nascimento. Ele, Ali, teria apenas de aceitar a possibilidade de aquela que fosse desposar poder ter fraquezas e ter cometido erros na sua juventude.

Foi um Ali preocupado e desanimado que regressou aos Estados Unidos.

Quando contei a minha partida a Karim, Sara e Asad, a minha irmã mal pôde conter o seu regozijo. Karim e Asad trocaram olhares preocupados e olharam de relance para as suas mulheres com novos pensamentos a cruzarem-lhes a mente.

O casamento de Ali teve lugar na data marcada. A sua jovem noiva era dolorosamente bonita. Como a lamentava... Mas Sara e eu rimos a bom rir ao reparar no ar preocupadíssimo de Ali. Mais tarde, o meu marido repreende-me pela maldade quando

Ali lhe confessou que ele, Ali, tinha agora pavor do acto sexual. E se fosse enganado?

Nunca saberia ao certo e seria obrigado a viver na dúvida em relação à mulher e às outras que se lhe seguissem.

O pior pesadelo possível para um homem saudita é não ser o primeiro com a mulher desposada. Se se trata de uma prostituta, não há vergonha, mas a sua esposa representa

o nome da sua família, dálhe os seus filhos. A simples ideia de poder ser enganado era mais do que o meu irmão conseguia suportar.

Admiti prontamente ao meu marido que tivera momentos de maldade e reconheci, sem hesitação, que teria de responder pelos meus pecados no dia do Juízo Final. No entanto, na noite de núpcias de Ali sorri com uma satisfação jamais sentida. Descobrira e explorara o maior dos seus receios.

O QUARTO DA MULHER

A mão de Nura tremia ao pegar no Alcorão, o nosso livro sagrado. Apontou-me um versículo. Com emoção crescente, li a passagem em voz alta:

“Se as vossas mulheres cometerem a acção infame, chamai de entre vós quatro testemunhas contra elas. Se os depoimentos forem realmente contra elas, fechaías em casa até que a morte as leve ou que Deus lhes conceda algum meio de salvação. “

Olhei para Nura e, a seguir, para as minhas outras irmãs, uma a uma. O meu olhar deteve-se no rosto crispado de Tahani. Toda a esperança estava perdida para a sua amiga Samira.

Sara, normalmente calada, falou:

Ninguém pode ajudá-la. Foi o próprio Profeta a determinar esta forma de punição.

Não pude conter a minha ira e declarei:

Samira não foi culpada de lascívia, e não existem quatro testemunhas de nenhum crime de Hudud (crimes contra Deus)! Ela apaixonou-se simplesmente por um ocidental! Os homens da nossa terra determinaram que, para eles, é permissível terem ligações amorosas com uma mulher estrangeira, uma mulher de outra religião, mas nós, mulheres, estamos proibidas de fazê-lo! É algo insano! Esta lei, a sua interpretação, é feita por homens e para homens!

Nura tentou acalmarme, mas eu estava preparada para lutar tanto quanto possível contra a inaceitável tirania agora centrada numa pessoa de quem nós todos gostávamos, Sanúra.

Na véspera, Samira fora condenada, pelos homens da sua família e da sua religião, a ficar fechada num quarto escuro até a morte a levar. Samira tinha vinte e dois anos.

O fim demoraria a chegar a uma pessoa tão jovem e saudável. Que crime cometera? Enquanto estivera a estudar em Londres, conhecera e apaixonara-se por um homem que não professava a mesma religião que ela. Nós, mulheres

sauditas, somos ensinadas, desde tenra idade, que é pecado uma muçulmana apaixonar-se por alguém de outra religião. Isto porque a fé dos seus filhos não pode ser garantida se o marido for cristão ou judeu. Como a última palavra, na família do Médio Oriente, cabe ao marido, as crianças correriam o risco de crescer dentro do cristianismo ou do judaísmo; a esposa e mãe não poderia opor-se.

A todo o muçulmano é ensinado que o islamismo é a derradeira mensagem de Alá à humanidade, sendo, portanto, uma fé superior a todas as outras. Os muçulmanos não são autorizados a ser educados sob a protecção reconhecida de não muçulmanos nem devem permitir que tal ligação se desenvolva. E, no entanto, muitos homens sauditas casam com mulheres de outras fés, sem que o facto tenha repercussões. Somente as mulheres sauditas pagam o preço supremo pela sua associação com um herege. Os

estudiosos da nossa religião dizem que a união de muçulmanos com mulheres de qualquer outra fé é permitida, pois os filhos são educados dentro da crença superior do pai.

Bastou-me pensar na injustiça de tudo aquilo para gritar de raiva. As minhas irmãs e eu compreendíamos que, a partir dali, cada degrau da vida de Samira conduziria, um a um, a uma enorme tragédia. E nós, as suas amigas de infância, nada podíamos fazer para a salvar.

Samira fora a maior amiga de Tahani desde os oito anos. Era filha única; a mãe tivera um cancro nos ovários e, apesar de se curar, soube que não poderia ter mais filhos.

Surpreendentemente, o pai de Samira não se divorciara da esposa, agora estéril, como seria costume entre a maioria dos homens sauditas.

As minhas irmãs e eu conhecêramos mulheres que, atacadas de doenças graves, haviam sido postas de lado pelos maridos. O estigma social do divórcio é severo e o trauma financeiro e emocional é arrasador para as mulheres. Se os filhos de uma mulher divorciada já passaram a fase de lactação, também podem ser-lhe retirados. Se a divorciada tiver

sorte, terá pais extremos que a acolherão em casa ou um filho mais velho que lhe dará abrigo. Sem uma família que a apoie, porém, está condenada, pois, na minha terra, nenhuma mulher sozinha ou divorciada pode viver só. Existem lares, apoiados pelo Estado, destinados, especificamente, a estas mulheres, porém a vida é muito triste e cada instante cruel. As poucas divorciadas que voltam a casar têm sorte, pois ou são muito belas ou possuem grande fortuna. Como tudo o mais na sociedade saudita, o falhanço do casamento e a culpa do divórcio é atribuída à mulher.

A mãe de Samira fora uma das afortunadas. O marido amava-a sinceramente e não pensara em pô-la de lado na altura em que mais necessitava de amparo. Nem sequer tomara uma segunda esposa que lhe desse filhos varões. O pai de Samira é um homem considerado estranho na nossa sociedade.

Samira e Tahani eram grandes amigas. E, como Sara e eu tínhamos mais ou menos a mesma idade de Tahani, também brincávamos com Samira. Nós três invejávamos esta em muitos aspectos, pois o pai adorava a filha única. Ele, ao contrário da maioria dos sauditas da sua geração, tinha uma mente moderna e prometera à filha mantê-la livre dos antiquados costumes que vigoravam na nossa terra em relação às mulheres.

Samira sentira a nossa dor perante as óbvias falhas do nosso pai. Mantiverase, em todas as crises, apaixonadamente firme pela nossa causa. Os olhos encheram-se de lágrimas ao recordar como chorara no casamento de Sara. Agarrarase ao meu pescoço e murmurara, num gemido, que Sara morreria sob a tirania da servidão! E agora era ela, Samira, a ficar prisioneira na mais escura das prisões, onde até os criados estavam proibidos de lhe falar ao empurrarem-lhe as refeições através de uma abertura especial feita na base da porta única. Samira nunca mais poderia ouvir o som da voz humana. No

seu mundo escutaria apenas o som da própria respiração.

O pensamento era intolerável. Voltei-me para Sara e alvitrei uma interferência da parte de

Karim e Asad. Tahani ergueu os olhos, expectante. Sara sacudiu lentamente a cabeça, respondendo que não. Asad já se informara; nem o tio de Samira nem o exmarido suspenderiam o duro castigo que representava a escuridão e o silêncio até à morte. Tratavase de uma questão entre a família e o seu Deus.

No ano em que me casei, Samira já tinha o seu futuro determinado com grande cuidado. Desejava, desde muito nova e estranhamente, tornar-se engenheira. Nunca nenhuma saudita tirara tal curso, já que éramos orientadas para carreiras consideradas mais adequadas ao sexo feminino: pediatria, ensino ou assistência social a mulheres e a crianças.

Além disso, as estudantes sauditas estão proibidas de ter professores do sexo masculino, o que levava o pai de Samira a contratar uma tutora londrina para a filha. Depois de anos de concentração e esforço a estudar em casa, Samira fora aceite num instituto técnico em Londres. O pai, cheio de orgulho com a beleza e inteligência da filha, acompanhara-a, mais à esposa, àquela cidade.

Os pais de Samira instalaram-na em casa própria. Contrataram duas criadas indianas e uma secretária egípcia para viverem com a filha. Despediram-se desta e regressaram a

Riade. Claro, ninguém imaginava que nunca mais voltariam a ver-se. Os meses passaram e, como era esperado, Samira obteve resultados brilhantes nos estudos.

Durante o seu quarto mês de permanência em Londres, Samira conheceu Larry, estudante da Califórnia. Os opostos atraem-se, como se diz, pois Larry era alto, musculoso e louro, um californiano de espírito livre, enquanto Samira era exótica, esguia e limitada pelas confusões criadas pelos nossos homens opressivos.

Escreveu a Tahani a dizer que o amor a entristecia porque sabia que estava proibida de casar com um cristão. Larry era um católico que nunca concordaria em se converter à fé muçulmana, processo que ajudaria a resolver a sua situação.

Passado um mês, Tahani recebeu uma segunda carta, esta ainda mais desesperada que a anterior; Samira e Larry não conseguiam viver um sem o outro. Ela iria morar

com ele enquanto estivesse em Londres e depois, mais tarde, escapulir-se-iam para os Estados Unidos, onde casariam. Nessa altura, dizia Samira, seus pais poderiam comprar uma casa próxima da filha, na América. Tinha a certeza de que os laços familiares estreitos que os uniam não se ressentiriam. Mas seria forçada a abdicar da nacionalidade saudita. Nunca mais a veríamos no nosso país, pois sabia que jamais poderia voltar à nossa terra depois do escândalo que era o seu casamento com um herege.

Tragicamente, os pais de Samira nunca souberam do dilema em que a filha se encontrava, pois ambos morreram instantaneamente, mais o motorista, quando um camião cisterna cheio de água veio embater num dos lados do automóvel em que atravessavam uma movimentada rua em Riade.

No mundo árabe, quando o chefe da família (sempre um homem) morre, o controlo dos negócios dos membros da família sobrevivente é assumido pelo irmão mais velho.

Com a morte do pai de Samira, o seu guardião passou a ser o irmão mais velho do pai. Nunca dois homens da mesma família tiveram tão poucas semelhanças um com o outro. Enquanto o pai de Samira era liberal e bondoso, o seu irmão era conservador e severo. Profundamente religioso, expressara muitas vezes o seu desacordo perante a independência da sobrinha. Escandalizado, deixara de falar ao pai de Samira desde o dia em que esta fora estudar para Londres.

Completamente contrário à educação das raparigas, achava melhor que estas casassem, bem novinhas, com homens com muitos mais anos e sabedoria. Desposara, recentemente, uma menina de treze anos. Esta começara a ser menstruada poucos meses antes e era filha de um homem da idade dele.

O tio de Samira era pai de quatro filhas e três filhos. As raparigas tinham sido cautelosamente casadas ao primeiro sinal de puberdade. Pouca escolaridade tinham além das

artes femininas da cozinha e da costura, embora soubessem ler muito bem, a fim de poderem recitar o Alcorão.

No dia a seguir à morte dos pais de Samira, esta recebeu um segundo choque. Seu tio, agora o chefe da família, ordenavalhe que juntasse as suas coisas e regressasse imediatamente a Riade.

O temor do realismo brutal da vida sob as ordens do tio levou Samira a encherse de coragem e a mergulhar irracionalmente no desconhecido. Samira e Larry fugiram juntos para a Califórnia, o que veio a provar ser um erro cometido pela jovem.

A desobediência descarada da sobrinha enfureceu o novo guardião de Samira. Nessa altura ainda desconhecia a existência do amante estrangeiro. ‘Não conseguia entender o capricho da rapariga, pois, até então, nunca conhecera membros do sexo feminino rebeldes.

Ao chegar o fim do mês sem saber do paradeiro de Samira, o tio calculou que tivesse morrido e que o seu corpo estivesse a decompor-se numa terra pagã. A sua busca intensificouse sem resultados, até que, por fim, perante a insistência do filho mais velho, desistiu e recorreu aos serviços de uma agência particular de detectives para descobrir o paradeiro da filha única de seu irmão.

Certa manhã, bem cedo, o tirânico tio de Samira chegou à villa de Taliani a estrebuchar de raiva, brandindo o relatório da agência na mão crispada. Exigiu que a minha irmã, confidente de Samira, revelasse o local onde se acoitavam a “sobrinha herege e o seu amante pagão”!

Tahani, descrevendo a cena de olhos esbugalhados, ficara estupefacta com tamanha ira. O homem bateu com o punho nas paredes da casa; gritou a Alá a pedir que o ajudasse a acabar com a sobrinha; jurou ferozmente punir o amante herege. Amaldiçoou o dia em que a filha do irmão nasceu. Rezou em voz alta a Deus para que cumulasse a sua sobrinha pagã de calamidades. Declarou que esta arruinara a honra da família por muitas gerações.

Isolada como estava noutro país, Samira desconhecia que o tio, num esforço incessante

para a localizar, confiscava agora o correio que esta dirigia a todos os membros da família. Ameaçando uma punição impiedosa a quem escondesse algum contacto com a sobrinha, intimidou a família. A rapariga acabaria, certamente, por desejar comunicar

com os do seu sangue; quando a “grande pecadora”, como designava Samira, fraquejasse, não escaparia à sua vigilância. Só precisava de esperar.

Entretanto, na Califórnia, o amor de Larry por Samira começou a fraquejar e esta sentiu-se sem rumo. A indiferença que o amante começara a dedicarlhe deixava-a completamente desesperada; telefonou a Taliani confessandolhe o seu grande temor e incerteza em relação ao futuro. Que deveria fazer? Dispunha de poucos fundos e ainda de menos amigos na sua nova terra. Se não casasse com Larry não poderia permanecer na

América. Habbib, se bem que permitisse a amizade de Taliani com Samira, negou o pedido que a mulher lhe fez para mandar dinheiro a Samira.

Vendo que já só lhe restavam alguns milhares de dólares no banco, Samira, num acto de desespero, telefonou à sua tia preferida, a irmã mais nova do pai. A tia, com medo do poder do irmão, informou-o obedientemente da chamada da sobrinha. Notificado das dificuldades desta, o tio planeou cuidadosamente a sua captura e retorno à sua influência.

Samira foi atraída ao Cairo com a promessa de uma reinserção pacífica na família que abandonara. Enviaram-lhe dinheiro para as passagens. Samira telefonou a Tahani e desabafou, em lágrimas, que não lhe restava outra hipótese. O amor de Larry terminara e não lhe via vontade de a ajudar financeiramente. Ainda não dispunha do seu diploma, portanto não podia empregarse. Não tinha dinheiro. Telefonara para as embaixadas sauditas em Washington e Londres. O pessoal mostrara-se indiferente. Depois de explicar a sua situação, aconselharam-na, secamente, a voltar para junto da família. Era impossível fugir à realidade: tinha de regressar à Arábia Saudita.

Samira disse a Tahani que esperava, receosamente, que as tias estivessem a falar verdade, pois haviam-lhe jurado que o irmão abrandara e acabara por concordar que prosseguisse o seu curso em Londres. Talvez, afinal de contas, o tio tratasse a única filha do irmão com bondade. Tahani, certa de que a raiva do tio não diminuiria, foi incapaz de lhe aconselhar cautela, pois via claramente a futilidade da posição de Samira.

Samira foi recebida no Cairo por duas tias e dois primos. Aquietaram-lhe a apreensão falando do seu regresso a Londres, uma vez reparado o seu afastamento da família.

Samira, feliz, concluiu que estava tudo bem.

Regressou a Riade.

Tahani, ao ver que o esperado telefonema de Samira não chegava, entrou na mais profunda depressão. Por fim, ligou aos parentes da amiga, que a informaram de que esta

estava com uma pequena febre e não se sentia suficientemente bem para falar com as amigas. Asseguraram-lhe que Samira lhe telefonaria mal se recompusesse.

Na segunda semana após o seu regresso, uma das tias de Samira cedeu às súplicas de Tahani, informando-a de que fora combinado um casamento e que Samira desejava que

Tahani não voltasse a contactá-la, pois o futuro marido não olhava com bons olhos as

amigas de infância da nova esposa.

Samira conseguiu, finalmente, comunicar com Tahani. Contoulhe que, mal vira o tio, as suas esperanças tinham ruído de imediato. Ele aguardara o encontro cheio de raiva, raiva esta que atingira o seu ápice na presença da sobrinha “herege”.

Desde a noite do seu regresso que Samira não podia sair do seu quarto, aguardando o veredicto do tio. Nenhum dos membros da família se atreveu a erguer a voz para protestar contra aquele tratamento cruel. Segredou a Tahani que lhe haviam arranjado um enlace adequado; dali a um mês estaria casada. A ideia aterrorizava Samira, pois a sua relação com Larry fora de profundo amor: já não era virgem.

Não conseguimos descobrir muitos pormenores acerca do casamento, pois ninguém além da família de Samira, fora convidado. Tínhamos a certeza de que não era uma união feliz. Soubemos que o noivo estava na casa dos cinquenta e que Samira seria a terceira esposa.

Mais tarde, Habbib foi esclarecido por um dos primos de Samira. Contoulhe que, na noite de núpcias, a jovem lutara com tal força e determinação com o marido que este mal sobrevivera à posse do que lhe pertencia. O esposo, contarmos, era baixo, gordo e pouco musculoso. Claro que houvera perda de sangue, mas sim por parte do marido; a peleja feroz mal lhe dera tempo para verificar a virgindade da mulher.

Quando Taliani interrogou a tia de Samira, que já se arrependera de ter ajudado a armar a ratoeira à sobrinha, soube que, no princípio, o marido apreciara a mulher felina

com quem casara. Os seus insultos e a corajosa defensiva pouco tinham feito para o fazer desistir de a conquistar pela força. Mas, à medida que o tempo foi passando, o homem fartouse dos violentos gestos de desdém de Samira e começou a sentir-se arrependido por ter acolhido aquela mulher sob o seu tecto.

Samira confessara à tia que, na sua perturbação, se tornara ousada e gritara na cara bochechuda do marido que não podia amar alguém como ele. Ela, Samira, conhecera as carícias de um verdadeiro homem, um homem de força. Troçou da perícia do marido na cama, comparando, cruelmente, ao seu americano alto e belo.

O marido divorciouse de Samira sem cerimónia, deixando-a à porta do tio. Irado, disselhe que aquela família não tinha honra e levarao, enganadoramente, a desposar uma mulher que já não era pura. Falou, com grandes pormenores, da “vergonha” que fora Samira ir para o leito conjugal com lembranças de outro homem na mente. Possesso de fúria, o tio procurou orientação nas páginas do Alcorão; depressa encontrou versículos que cimentaram a sua decisão em dar um fim a quem desgraçara o nome da família. O exmarido, ainda irritado pelos insultos dirigidos à sua virilidade, fortaleceu essa decisão badalando aos quatro ventos a falta de honra que reinava na casa do tio de Samira, situação que só se alteraria se administrassem uma punição severa à rapariga.

Habbib informou Taliani da triste notícia de que Samira fora condenada ao “quarto da mulher”, uma punição particularmente cruel. Tinham-lhe preparado um quarto especial no sótão da villa do tio. Tratavase de uma cela desprovida de janelas, assim preparada para

manter Samira presa no seu interior. As janelas foram tapadas com blocos de cimento. As paredes foram isoladas para não deixarem passar os gritos que a prisioneira pudesse soltar. Colocaram uma porta especial, onde uma fenda deixava passar apenas os alimentos. Fizeram um orifício no chão para a saída dos detritos orgânicos.

A curiosidade dos trabalhadores estrangeiros foi satisfeita com a explicação de que se tratava de um membro da família que sofrera danos cerebrais num acidente, por isso receavam que pudesse atentar contra a sua vida ou a de outrem.

As minhas irmãs e eu reunímonos para consolar Tahani, que sofria profundamente com o encarceramento da sua grande amiga. Cada uma de nós lamentava-se juntamente com Samira, pois esta era uma de nós, uma mulher saudita sem possibilidade de recorrer contra a injustiça.

Enquanto eu engendrava, interminavelmente, esquemas de fuga, as minhas irmãs mais velhas viam a situação com maior clareza. Já tinham ouvido histórias de outras mulheres e sabiam que não havia esperança de arrancar Samira ao isolamento da sua vida condenada.

Passei muitas noites sem dormir; consumia-me sentimentos de desespero e a incapacidade de agir. Também eu ouvira rumores acerca de outras mulheres punidas com o quarto da mulher, mas nunca tivera uma imagem mental da realidade do uivo dilacerante e angustiado de alguém conhecido, uma mulher que personificara a vida e a esperança da nossa terra, uma mulher que vivia agora no meio da escuridão total, sem ver ou ouvir algo que servisse de suporte à sua vida.

Uma noite acordei com a impressão de ter tido um pesadelo. Estrebuchava, tentando libertar-me de algo que me sufocava, percebendo então que o pesadelo era real: aqueles que conheciam Samira e sabiam que nada poderia livrá-la dos tormentos da sua clausura e isolamento totais, jamais teriam alívio. Veio-me à mente a pergunta que nunca tinha respôsta: que poder na Terra poderia restituí-lhe a liberdade? Ao erguer os olhos para o céu da noite, no deserto refulgente de estrelas, vim obrigada a concluir que não havia nenhum.

SEGUNDA ESPOSA

Terça-feira, dia 28 de Agosto de 1980, é um dia que jamais esquecerei; Karim e eu acabáramos de regressar a Riade, vindos de Taif, uma estância fresca na montanha. Eu preguiçava no sofá, enquanto uma das criadas filipinas me massajava os pés. Os nossos três filhos encontravam-se num acampamento em Dubai, nos Emirados, e eu, sem eles, sentia-me entediada.

Ao dar uma vista de olhos pela pilha de jornais acumulada durante os nossos dois meses de ausência, a minha atenção foi atraída por uma notícia que sobressaía na primeira página do número mais recente. Um dos meus parentes, o governador de Asir, o príncipe Khaled al Faiçal, tomara, recentemente, medidas para diminuir os custos crescentes do casamento na sua província, limitando o montante do dote que o noivo tinha

de pagar para adquirir uma noiva na sua área.

O príncipe estabelecera um limite de 25000 reais sauditas como o máximo que os pais da noiva podiam pedir ao noivo pela mão da filha. O artigo salientava que a directiva fora bem aceite pelos homens solteiros interessados, pois em 1980 o preço médio das noivas rondava os 100000 reais sauditas. Daí que muitos jovens da Arábia Saudita não pudessem dar-se ao luxo de comprar uma esposa.

Li o artigo à criada filipina, mas esta pouco ligou, pois tinha mais com que se preocupar do que com a condição da mulher saudita que era comprada e vendida. O que preocupava profundamente a maioria dos filipinos resumia-se à mera sobrevivência. Achávamos a nós, mulheres sauditas, criaturas cheias de sorte por não termos nada que fazer e dispormos de grandes somas de dinheiro para gastar conforme nos apetecesse.

Como mãe de duas filhas, pouco me importava o preço a que as noivas estavam na altura, pois, quando chegasse a altura de elas se casarem, o preço nupcial pouco nos importaria. Karim e eu éramos extremamente ricos, portanto o dinheiro não entrava nas minhas preocupações do dia-a-dia. No entanto, via uma tendência retrógrada nos homens da nossa família. No seio dos nossos lares, falavam eloquentemente na liberdade

da mulher, mas, nas directivas legais que eles próprios escreviam, continuavam a exercer grande pressão no status quo e mantinham-nos firmemente reprimidas no primitivismo.

Somente a supressão total dos dotes teria satisfeito a minha ânsia. Quantos anos seriam precisos para nós, mulheres, deixarmos de ser compradas e vendidas como mercadoria?

Andava agitada e começava a sentir-me enervada, pois todas as minhas irmãs, com excepção de Sara, se encontravam ainda no estrangeiro. A mais querida de todas aproximava-se do fim da sua quarta gravidez e dormia agora durante a maior parte do dia.

A minha vida, tão bem planeada quando jovem, não se concretizara como eu imaginara. Em vez disso, acomodara-me numa rotina muito semelhante à das minhas irmãs e de outras princesas reais de quem era amiga.

Como eram os criados que davam a primeira refeição do dia às crianças e organizavam o seu programa, geralmente eu dormia até ao meio-dia. Depois de mordiscar umas frutas frescas, tomava um prolongado banho de imersão. Terminada a minha toilette, ia ter com Karim ou, se este tivesse que fazer, com as minhas irmãs, para um almoço tardio. Depois da refeição ficávamos a conversar e a ler, após o que Karim e eu dormíamos uma pequena sesta. A seguir, o meu marido ia até ao escritório ou visitar alguns primos reais, enquanto eu passava algumas horas com as crianças.

Ao fim da tarde ia a festas femininas e, por volta das oito ou nove horas da noite, já estava de regresso ao nosso palácio. Karim e eu fazíamos questão em jantar com as crianças, a fim de nos inteirarmos das suas actividades do dia. À noite íamos quase sempre a uma festa, pois fazíamos parte de um grupo muito seleccionado em que os casais conviviam. Normalmente éramos todos da família real, mas de vez em quando incluíamos no

nosso círculo íntimo estrangeiros de nomeada, ministros de outros países e famílias de negociantes sauditas abastados. Nós, os da nova geração, ao ver que as nossas liberdades sociais se faziam tardar, decidíamos tomá-las pela força. Sabíamos que os grupos religiosos ferviam de raiva perante os nossos convívios mistos, no entanto abstinham-se de pressionar o nosso venerado rei Khaled.

As mulheres vestiam-se com garridice para essas ocasiões sociais pois dispúnhamos de raras ocasiões para exibirmos as nossas jóias e vestidos. Karim e eu ficávamos, muitas vezes, até às duas e três da manhã. A nossa rotina só se alterava, de uma maneira geral, quando saíamos do país.

A eterna pergunta persegui-me: não haveria nada mais do que aquilo?

Eu já não podia negar os factos: eu, a temperamental Sultana, tornara-me uma mulher saudita vulgar, chata e indiferente, com os seus dias ocupados por assuntos de pouca ou nenhuma importância. Detestava a minha vida ociosa e cheia de luxo, mas não sabia bem que passos dar para alterar a minha situação entediante.

Terminada a relaxante massagem aos pés, apeteceu-me passear pelos jardins. Quando os planeámos, eu tomara como ponto de referência os adoráveis jardins de Nura.

Nada me proporcionava mais prazer do que deambular pela sombra refrescante da pequena floresta tão vigorosamente regada e tratada pela equipa de doze trabalhadores do Sri Lanka. Vivíamos no meio de um dos desertos mais áridos do mundo, no entanto as nossas casas estavam rodeadas por jardins verdes e luxuriantes. Graças às intermináveis somas de dinheiro despendidas na fatura de água trazida dos portos marítimos por camiões próprios, assegurando assim quatro regas diárias, nós, os sauditas abastados, conseguíamos

escapar às inflexíveis areias vermelhas que esperavam a mais pequena oportunidade para invadir as nossas cidades e apagar a nossa memória da face da Terra. O deserto acabaria, a seu tempo, por ganhar, mas de momento éramos nós os senhores da nossa terra.

Detiveme a descansar um pouco no mirante especialmente construído para Malia, a nossa filha mais velha, que em breve faria cinco anos. Era uma sonhadora e passava muitas horas do dia escondida no meio da construção coberta de trepadeiras, a fazer jogos complicados com amigas imaginárias. Lembrava muito eu própria naquela idade. Felizmente, Malia não partilhava da personalidade revolucionária da mãe, pois desfrutava do amor do pai e não precisava de se rebelar.

Toquei nas flores que pendiam sobre o canto preferido de Malia, que deixara uma variedade de brinquedos amontoados a esmo. Sorri e reflecti, admirada, na diferença que existia entre o carácter dela e o da irmã mais nova, que, com três anos, era uma criança amante da perfeição, muito à semelhança da tia Sara.

Pensar nos meus filhos fez-me voltar a depressão, poderosa e inabalável. Lembrei-me de agradecer a Deus pelo meu filho e duas filhas saudáveis, mas lembrar a impossibilidade de ter mais filhos trouxe-me lágrimas aos olhos.

No ano anterior, durante o exame de rotina no Hospital Especializado e Centro de Pesquisa Rei Faïçal, tinham-me diagnosticado um cancro na mama. Karim e eu ficámos em estado de choque, pois pensávamos que as doenças só aconteciam aos idosos. Eu fora saudável toda a vida e dera à luz os meus dois últimos filhos com facilidade. Os médicos estavam agora certos de que eu ficara livre de células cancerígenas, no entanto aconselharam-me a nunca mais engravidar.

Como medida de precaução contra a possibilidade de o desejo de mais crianças se sobrepor ao bom senso, Karim e eu decidimos que me iria submeter a uma esterilização.

Sentira tanto medo de não viver o suficiente para ver os meus três filhos crescer que, na altura, pouco me preocupei por ter uma família tão pequena. Na Arábia Saudita, uma mulher raramente deixa de produzir filhos; a idade acaba com a aflição de dar à luz, nada mais.

O som da voz de Karim interrompeu os meus pensamentos intensos e agitados. Vio atravessar o relvado denso com as suas passadas rápidas. Tínhamos tido muitas discussões no ano anterior, pois as nossas vidas pareciam ter ficado sob grande tensão por causa da minha doença. Tomei a decisão súbita de voltar a ser a velha Sultana, a rapariga que costumava fazer rir o marido com grande gosto e abandono. As suas pernas compridas e musculosas, delineadas pelo tecido esticado da sua thobe, fizeram-me sorrir. A sua visão ainda alegrava o meu coração.

Quando se aproximou, reparei que vinha preocupado. Pensei em várias possibilidades, pois conhecia os estados de espírito do meu marido; ele levaria algum tempo até revelar o que o ralava. Fiz-lhe sinal, com a mão, para que se sentasse ao meu lado. Queria que ficassemos o mais perto que os nossos costumes rígidos permitissem, o que significava os nossos membros tocarem-se através da roupa, desde que ninguém visse.

Karim desiludiu-me ao sentar-se no canto mais afastado do mirante. Não me retribuiu o sorriso de boasvindas. Acontecera algum mal às crianças! Pus-me de pé num salto e perguntei-lhe quais eram as más notícias que trazia. Pareceu surpreendido por eu ter

previsto problemas. Foi então que Karim proferiu palavras que eu jamais esperara, nem em sonhos, ouvir do meu marido.

Sultana, há uns meses atrás tomei uma decisão, uma decisão muito difícil. Não discuti o assunto contigo por causa da tua doença.

Assenti com a cabeça, incerta quanto ao que me esperava, embora as suas palavras me tivessem aterrorizado.

Sultana, tu és e serás sempre a única mulher, esposa, no meu coração.

Continuava sem entender a mensagem que o meu marido queria fazer-me chegar, mas uma coisa era certa: as suas palavras destinavam-se a prepararme para notícias que

não seriam do meu agrado. Senti um torpor subir-me ao rosto; tinha a certeza de que não queria que ele revelasse a mudança que em breve eu teria de enfrentar.

Sultana, eu sou um homem que pode darse ao luxo de ter muitos filhos. Desejo dez, vinte, tantos quantos Deus quiser dar-me.

Fez uma pausa que pareceu durar uma eternidade. Temerosa, sustive a respiração.

Sultana, vou desposar outra mulher. Como segunda esposa, terá por função dar-me filhos. Não desejo mais nada dela além de filhos. O meu amor será sempre teu.

O martelar do sangue na minha cabeça não me permitia ouvir mais nenhum som.

Sentia-me aprisionada numa realidade sombria em que não acreditava. Nunca, nunca me passara pela cabeça tal possibilidade.

Karim aguardava a minha reacção. A princípio, não fui capaz de me mexer. Por fim, recomecei a respirar entrecortada e violentamente. O significado da declaração de Karim penetrou lentamente na minha mente e ganhou vida; quando as forças me voltaram, só fui capaz de lhe responder com um arroubo de paixão que nos atirou aos dois para o meio do chão.

A intensidade da minha dor não podia exprimir-se em palavras. Precisava de ouvir Karim implorar por misericórdia, enquanto lhe cravava as unhas no rosto, lhe desferia pontapés nas virilhas e tentava, desesperadamente, matar o meu marido.

Karim esforçou-se por se levantar, mas a súbita loucura que me acometera derame uma enorme força física. Para me imobilizar, Karim viu-se obrigado a prender-me ao chão, sentando-se sobre o meu corpo.

Os meus gritos perfuraram o ar. Os nomes que chamei ao meu marido fizeram com que os criados, que, entretanto, tinham ocorrido, parassem estarecidos. Cuspi no rosto de Karim, qual criatura selvagem, vendo que ficava cada vez mais estupefacto diante da fúria que desencadeara. Por fim, os criados, receando o que testemunhavam, fugiram para diversos pontos e esconderam-se em edifícios e atrás de arbustos.

A certa altura, a minha raiva esgotou-se. Senti cair sobre mim uma calma mortal.

Tomara uma resolução. Disse a Karim que queria o divórcio; jamais me submeteria à

humilhação de o ver arranjar uma segunda esposa. Karim replicou que o divórcio estaria fora de questão, a não ser que eu preferisse abdicar dos meus filhos, deixando-os aos cuidados da sua segunda mulher. Nunca permitiria que saíssem de sua casa.

Imaginei rapidamente a vida que me esperava. Karim, muito longe da dignidade e civismo de um homem civilizado, a tomar esposa atrás de esposa. A maioria dos homens e mulheres tinha noção dos limites que podia suportar. E eu não possuía, em termos filosóficos, estrutura para tolerar semelhante devassidão.

Karim podia dar as desculpas que quisesse, mas eu compreendia as implicações do facto de arranjar uma segunda esposa. Não era o desejo de filhos que estava por trás. Era uma questão primitiva. Estávamos casados há oito anos; o que ele pretendia era um novo incentivo sexual. Saltava à vista que o meu marido estava farto de comer o mesmo prato todos os dias e procurava uma presa nova e exótica para o seu paladar.

Pensar que Karim me imaginara suficientemente indiferente para aceitar a sua explicação bem urdida, enfurece-me ainda mais. Sim, eu aceitaria o que Deus me destinasse, mas isso não abrangia o meu marido terreno. Ordenei ao meu marido que nunca mais me aparecesse pela frente. Naquele dia abstermei-me de o matar.

Senti, pela primeira vez, uma sensação de desgosto pelo meu marido. A sua sabedoria e bondade não passavam de fachada; no íntimo, era ardiloso e egoísta. Deitaram-se ao seu lado durante oito anos, no entanto, de repente, pareciam um perfeito desconhecido. Pedilhe que desaparecesse da minha vista. Enristeci-me ao verificar que, afinal de contas, não passava do invólucro de um homem com muito pouco que o recomendasse.

Vio afastar-se, de cabeça baixa e ombros descaídos. Como era possível amá-lo menos naquele momento do que há uma hora atrás? Mas, de facto, o fluxo do meu amor diminuía. Eu tivera o carácter de Karim em alta estima, considerando-o muito acima dos outros homens da nossa sociedade. No entanto, e tristemente, não passava, no fundo, de um indivíduo como todos os outros.

Era certo que vivêramos um ano cheio de dificuldades. Sim, o casamento demonstrara ser restritivo e irritante. Desfrutáramos sete anos de imensos prazeres e sofrêramos apenas um de perturbações e evolução. Fora talvez essa a razão pela qual o meu companheiro se deixara dominar, insidiosamente, pela perspectiva de alegrias renovadas e de uma mulher mais nova e menos complicada.

E o pior de tudo é que fora capaz de chantajar a mãe dos seus filhos. Apresentaram-me, descaradamente, a possibilidade sinistra de a sua segunda esposa determinar a felicidade dos meus preciosos filhos. Esse aspecto manter-me-ia atenta à realidade do meu mundo dominado por homens.

Pensei no meu marido com mágoa, ao mesmo tempo que ia congeminando um plano na minha cabeça. Ele já não estava bem lembrado do temperamento da mulher com quem casara. Karim teria muita dificuldade em me ultrapassar para conseguir a posse dos

meus filhos.

FUGA

Ao contrário dos maridos sauditas, Karim mantinha os passaportes e a documentação da sua família ao alcance da esposa. Eu já era perita em imitar a sua assinatura.

O seu selo pessoal estava guardado em cima da sua secretária, no gabinete que tinha em casa.

Quando me recompus e voltei para casa, Karim já não se via por ali. O que significava que, além do mais, era cobarde. Eu tinha a certeza de que ficaria no palácio do pai uma noite ou duas.

De repente lembrei-me de Nurah. Espumei de raiva só de pensar no prazer que a minha sina iria dar à minha sogra. O mais provável era já ter escolhido a segunda esposa para o filho mais velho. Até ali ainda não reflectira sobre a identidade da nova mulher, mas era possível que se tratasse de alguma jovem prima real, pois quem é da realeza tende a casar dentro do seu círculo.

Preparei calmamente uma mala de viagem e retirei as centenas de milhares de dólares que tínhamos guardado num cofre secreto. À semelhança da maioria dos príncipes,

Karim tinha planos para a possibilidade de haver algum surto de fervor revolucionário no país, ocorrência que se verifica muitas vezes em terras governadas por monarquias.

Conversáramos sobre o seu plano para comprar as nossas vidas no caso de a maioria fraca alguma vez se sobrepor à minoria poderosa. Rezei maquiavelicamente para que a nossa minoria xiita da Província Leste se sobrepusesse aos nossos chefes sunitas; imaginar a cabeça de Karim espetada num poste abriu um sorriso no meu semblante taciturno.

Depois de emalar a minha riqueza em jóias numa maleta de viagem, não tive a menor dificuldade em preparar os meus papéis. Finalmente, fiquei pronta.

Não podia confiar em nenhuma das minhas irmãs, pois podiam contar aos maridos. E como os homens são unidos, Karim seria imediatamente informado.

Telefonei à criada em quem mais confiava, pois tinha acerteza que seria a primeira a quem Karim interrogaria, e dissilhe que ia passar uns dias a Gidá e que, se o meu marido lhe perguntasse, era favor informá-lo do facto.

Telefonei ao piloto da família meu preferido e avisei-o de que queria partir imediatamente para Gidá, portanto que se apressasse a ir ao meu encontro no aeroporto. Telefonei aos meus criados no palácio de Gidá e informei-os de que ficaria na cidade, em casa de uma amiga, mas que talvez passasse por lá de visita. Se Karim ligasse para falar comigo, deviam dizer-lhe que me encontrava em casa de uma amiga e lhe retribuiria a chamada assim que pudesse.

As minhas manobras ardilosas destinavam-se a manter Karim alheio, tanto tempo quanto possível, aos meus verdadeiros planos de viagem.

Enquanto seguia para o aeroporto, observei, curiosa, o trânsito que enchia as ruas de Riade, naquela tarde de quinta-feira. A nossa cidade transbordava de trabalhadores

estrangeiros, pois nós, Sauditas, não nos dispúnhamos a executar trabalhos manuais. Um dia, os desprivilegiados cansar-se-iam do nosso tratamento humilhante, e as nossas carcaças seriam disputadas pelas matilhas de cães selvagens que deambulavam pelas nossas cidades.

Quando o piloto americano avistou a sombra negra que era eu a caminhar na sua direcção, sorriu e acenou-me com a mão. Levaram-me em muitas viagens e faziam-me lembrar os pilotos afáveis e abertos que, no tempo em que a minha mãe era viva, nos haviam transportado, para junto de Sara. A recordação encheu-me de saudades da minha querida mãe.

Assim que entrei no aparelho, informei o piloto de que os nossos planos tinham sido alterados, pois uma das crianças adoecera em Dubai e eu acabara de receber um telefonema de Karim a aconselhar-me a que fosse antes ter com a nossa filha em vez de seguir para Gidá. Ele, Karim, seguiria para junto de mim caso fosse uma verdadeira emergência.

Foi com a maior das facilidades que menti ao piloto dizendolhe que nós, claro, imaginávamos que a nossa filha mais nova estava, simplesmente, com saudades de casa e que a minha presença acalmá-la-ia. Rime ao dizer que já se encontravam ausentes há três semanas, demasiado tempo, sem dúvida, para a mais pequena.

O piloto alterou os seus planos de voo sem fazer mais perguntas. Estava ao serviço da nossa família há muitos anos e sabia que éramos um casal feliz. Não tinha razão para duvidar das minhas ordens.

Quando chegámos a Dubai, disse ao piloto que se instalasse no hotel do costume: o Sheraton, de Dubai. No dia seguinte, ou depois, telefonarlhe-ia a informá-lo dos meus planos. Disselhe que se considerasse de folga, pois Karim dissera que não precisaria dele nem do avião por vários dias. Tínhamos três jactos Lear, dos quais um estava sempre a postos para ser utilizado por Karim.

As crianças ficaram delirantes ao ver a mãe, pela qual não esperavam. O director inglês do acampamento de Verão abanou a cabeça compreensivamente quando lhe disse que tinham a avó doente. Voltariam comigo para Riade naquela mesma noite. Apressouse a ir ao seu escritório buscar os passaportes.

Ao despedir-me do homem com um aperto de mão, observei que não conseguia localizar os criados que haviam acompanhado as crianças até Dubai. Ninguém atendera quando lhes ligara para o quarto; imaginava que estariam a tomar a sua refeição. Certamente ele não se importaria de lhes telefonar na manhã seguinte a avisar que tinham o piloto Joel à sua espera no Sheraton, de Dubai, pois não? Deveriam ir imediatamente

ao encontro do piloto, entregandolhe aquele bilhete. Dito isto, passei ao director um sobrescrito dirigido ao piloto americano. Dentro ia um papel onde lhe pedia desculpa por ter sido tão falsa com ele; acrescentava uma nota dirigida a Karim, onde descrevia a minha duplicidade com o piloto. Eu

sabia que Karim teria um acesso de raiva com o homem, mas que, depois de considerar as circunstâncias, lhe passaria. Joel, o piloto, era um dos favoritos de Karim. Não perderia o

seu emprego de certeza.

As crianças e eu subimos para a limusina que nos aguardava e seguimos imediatamente para o aeroporto. Dali a uma hora sairia um avião para Londres. Eu recorreria às mentiras que fossem necessárias para conseguir quatro lugares nesse voo.

Afinal, não precisei de ofender ainda mais Deus com mentiras. O voo ia quase vazio; a maioria das pessoas estava de regresso ao golfo vindo o Verão quente, não de partida.

As crianças iam sonolentas e fizeram poucas perguntas. Disselhes que teriam uma surpresa à sua espera no final da viagem.

Enquanto os meus filhos dormiam, folheei nervosamente uma revista. Não vi nada do que continha; reflectia cuidadosamente no próximo passo a dar. O resto da minha vida dependeria do que acontecesse nas semanas seguintes. A pouco e pouco, comecei a dar-me conta de que havia alguém a olhar fixamente para mim. Teria a minha fuga de Karim sido descoberta?

Olhei para o outro lado da coxia. Uma mulher árabe, com cerca de trinta anos, não tirava os olhos de mim. Tinha no colo uma menina de três ou quatro anos de idade, adormecida. Fiquei aliviada ao ver que se tratava de uma mulher, e mãe, pois os homens sauditas nunca poriam uma pessoa assim ao seu serviço. Como o seu olhar coruscante me intrigava, levantei-me, dei a volta ao carrinho com que estavam a servir e sentei-me no lugar vazio ao seu lado. Perguntei-lhe se estava com algum problema ou se eu a teria ofendido de alguma maneira.

O rosto de granito da mulher ganhou subitamente vida e quase cuspiu as palavras com que me respondeu:

Eu estava no aeroporto quando a vi chegar mais à sua família. Olhou com desprezo para os meus filhos. Praticamente passou por cima de mim e da minha filha ao chegar ao balcão dos bilhetes!

Fitou-me com os olhos negros a brilhar de raiva, salientando a minha nacionalidade no insulto que, a seguir, me dirigiu:

Vocês, os Sauditas, pensam que podem comprar o mundo!

O meu dia acidentado deixara-me esvaída de energias; quando rompi a chorar, surpreendime ainda mais a mim mesma do que à mulher. Deilhe uma palmadinha amigável no ombro por entre soluços e pedi-lhe desculpa. Estava a viver uma grande tragédia na minha vida e apanhar aquele avião fora da maior importância. Voltei para o meu lugar com as lágrimas a escorrerem-me pelo rosto.

A mulher era de natureza bondosa, pois não foi capaz de se manter longe de mim depois da minha demonstração emotiva. Colocou cuidadosamente a filha no banco e ajoelhou-se na coxia, ao meu lado.

Fiquei hirta e afastei-me, mas ela conseguiu aproximar o seu rosto do meu e disse:

Por favor, perdoe-me. Também eu tive uma grande tragédia. Se lhe contar o que aconteceu à minha filha na sua terra, provavelmente às mãos dos seus conterrâneos, compreenderá a

minha amargura.

Depois de ter absorvido mais horrores do que a maioria das pessoas suporta numa vida inteira, não tinha vontade de mergulhar em mais uma imagem de injustiça. Incapaz de confiar na minha voz, murmurei: “Lamento”. A mulher pareceu compreender que eu estava à beira de um ataque de histeria e voltou para o seu lugar.

No entanto, não estava disposta a abster-se de me contar o que de tão horrível lhe acontecera, de modo que, antes de o avião chegar ao destino, tomei conhecimento da causa do seu desespero. Depois de ouvir a sua história, fiquei ainda mais revoltada contra a degenerada sociedade patriarcal que põe em perigo todas as mulheres, incluindo as crianças, que se atrevem a pisar o solo da Arábia Saudita, não importa a sua nacionalidade.

Widad, assim se chamava a mulher, era do Líbano. A persistência da lamentável guerra civil naquele pequeno país, outrora tão belo, levava a que a Arábia Saudita e os Estados do golfo estivessem a transbordar de libaneses em busca de trabalho. O marido de Widad fora um dos felizardos a arranjar emprego como executivo numa das muitas empresas florescentes em Riade. Depois de um começo auspicioso, sentira-se suficientemente seguro para mandar vir a mulher e a filha para viverem na capital do deserto.

Widad gostara da vida em Riade. A guerra no Líbano anulava qualquer desejo de regressar aos bombardeamentos intermináveis e à chacina dos inocentes que ali decorria.

Instalouse alegremente numa terra muito diferente daquela que conhecia. Alugaram uma villa espaçosa, compraram mobília e retomaram a vida em comum. Widad ficara muito impressionada com a ausência de crime no nosso país. Os castigos severos administrados aos culpados faziam com que poucos criminosos se atrevessem a prevaricar na

Arábia Saudita, pois os ladrões ficavam sem as mãos e os violadores sem a cabeça.

A tranquilidade sentida levava a descurar a segurança da filha pequena em relação a desconhecidos.

Dois meses antes, Widad dera uma pequena festa para um grupo de amigas. Tal como acontece com as mulheres sauditas, as estrangeiras também pouco têm com que se entreter no meu país. Widad serviu refrescos e as suas convidadas jogaram às cartas.

Duas delas tinham trazido os filhos, de modo que a menina de Widad esteve muito entretida no jardim.

Depois de a última convidada se retirar, Widad ajudou as suas duas criadas indianas a arrumar a casa antes da chegada do marido. O telefone tocou e Widad ficou de conversa mais tempo do que imaginara. Ao olhar pela janela, reparou que já estava completamente escuro. Chamou uma das criadas para que fosse buscar a menina.

Ninguém encontrou a filha de Widad em parte alguma. Depois de investigarem freneticamente, a convidada a sair por último lembrou-se de que vira a menina sentada no passeio, agarrada a uma boneca. O marido de Widad chegou a casa e iniciou-se uma

busca pela vizinhança. Ninguém vira a criança.

Depois de semanas a procurá-la, Widad e o marido só puderam concluir que a sua única filha fora raptada e, muito provavelmente, assassinada. Perdida toda a esperança de reencontrar a criança, Widad descobriu que não era capaz de continuar a viver na sua villa em Riade. Regressou ao seio da sua família, no Líbano dilacerado pela guerra.

O marido permaneceu na mesma villa, continuando a trabalhar para sustentar a família.

Dez dias depois de Widad chegar a Beirute, bateram violentamente à porta do seu apartamento. Cheia de medo devido às recentes lutas da milícia no seu quarteirão, fez de conta que não estava ninguém em casa, até ouvir a voz de um vizinho a gritarlhe que tinha notícias do marido em Riade.

O vizinho acabara de receber um telefonema do marido de Widad. A ligação fora interrompida, mas não antes de ele tomar nota de um recado que pareceu inverosímil a Widad. Esta deveria apanhar um barco para Chipre e, aí chegada, dirigir-se imediatamente à Embaixada saudita naquele país. O visto para reentrar na Arábia Saudita estava à sua espera. Deveria regressar a Riade o mais depressa possível. A filha encontrava-se viva! Voltara para casa.

Foram necessários três longos dias para o barco a levar de Juniali, no Líbano, para Larnaca, em Chipre, e para o seu visto ser carimbado, seguindo-se, então, a viagem de avião para Riade. Quando chegou a esta cidade, inteirouse da verdade espantosa sobre o paradeiro da criança.

Assim que o marido de Widad recuperou do choque recebido ao chegar à villa e encontrar a filha há tanto desaparecida, parada em frente do portão, levou-a a uma clínica médica para indagar se fora violada, pois esse era o seu maior receio. Depois de um exame minucioso, a descoberta foi arrepiante. O médico contou ao atónito pai que a filha não fora molestada sexualmente, mas, em contrapartida, havia sido submetida, recentemente, a uma operação cirúrgica. A filha de Widad fora utilizada como dadora de um

rim, disselhe o médico. A cicatriz da criança não fechara bem e a ferida infectara com a sujidade.

As especulações no seio do corpo médico que examinou a criança foram as mais variadas, pois levantaram-se muitas dúvidas em relação ao tipo sanguíneo do dador e ao processo cirúrgico. Era improvável que a criança tivesse sido operada na Arábia Saudita, pois na altura não era cirurgia que se fizesse no país.

Quando a polícia investigou, alvitram que a criança fora levada para a Índia por um saudita rico com um filho a precisar de um transplante renal. Era possível que essa pessoa tivesse raptado mais de uma criança, para depois escolher a mais adequada. Ninguém podia determinar os acontecimentos que haviam antecipado a cirurgia, pois a menina só se recordava de um carro preto muito comprido e de um lenço a cheirar muito mal que um homem grandalhão tinha na mão. Acordara com dores fortes. Isolada num

quarto com uma enfermeira que não sabia falar árabe, não vira outras pessoas. No dia da sua libertação, vendaram-na, andou muito tempo de carro até, a certa altura, a deixarem à porta de casa.

Quem raptara a menina era indiscutivelmente rico, pois quando o pai saltara do carro e correria a abraçar a filha, encontraras agarrada a um saco contendo vinte mil dólares em dinheiro, juntamente com muitas peças de joalharia cara.

Como não podia deixar de ser, Widad desprezava a minha terra e as riquezas petrolíferas que tinham levado as pessoas a achar que o dinheiro ultrapassava todos os obstáculos da vida. Retiravam partes sagradas de crianças inocentes e deixavam dinheiro para neutralizar a ira dos ofendidos! Widad, ao ver o meu ar de completa incredulidade perante a

sua história, apressouse a ir buscar a filha adormecida e exibiu a longa cicatriz avermelhada que mostrava, claramente, a baixeza moral a que alguns homens são capazes de descer.

Só fui capaz de sacudir a cabeça de horror.

Widad fitou a filha adormecida com imenso amor; o seu reaparecimento fora um perfeito milagre. As palavras com que Widad se despediu de mim apagaram o pouco orgulho que eu ainda tinha pela minha nacionalidade:

A senhora, na sua qualidade de mulher saudita, goza da minha simpatia. O breve período que vivi no seu país permitiu-me ver como vivem. É claro que o dinheiro facilitou a vossa vida, mas um povo como o saudita não durará. Fez uma pequena pausa de reflexão antes de continuar: Apesar de ser verdade que o desespero financeiro leva estrangeiros até à Arábia Saudita, continuam a ser odiados por quantos vos conhecem.

A última vez que vi Widad no aeroporto de Londres, esta ia firmemente agarrada à sua preciosa filha. Depois de ir às consultas médicas marcadas naquela capital para a menina, Widad estava mais disposta a arriscarse aos bombardeamentos dos inimigos dos Libaneses do que a sujeitarse à hipocrisia e à perversidade inconcebível dos habitantes da minha terra, os Sauditas. Eu e as crianças passámos a noite em Londres. Atravessámos o Canal da Mancha e

chegámos a França no dia seguinte. Daí, fomos de comboio até Zurique. Deixei os meus filhos num hotel durante algumas horas, enquanto fui ao banco levantar todo o dinheiro da conta do meu filho. Com mais de seis milhões de dólares na mão, sentime segura.

Aluguei carro e motorista para nos levar a Genebra; daí voltámos para Londres de avião e, depois, seguimos para as ilhas do canal. Aí chegada, deposei o meu dinheiro numa conta em meu nome e guardei o que tirara do cofre de Riade para as nossas despesas. Em seguida, seguimos para Roma, onde contratei outro motorista para nos levar de volta a Paris.

Nessa cidade, contratei uma governanta, um motorista e um segurança a tempo inteiro. Em seguida, aluguei uma villa nos arredores de Paris sob um nome falso. Depois de uma pista tão complicada, estava certa de que Karim jamais nos encontraria.

Um mês mais tarde, deixei as crianças ao cuidado da governanta e fui até Francoforte de avião. Aí, entrei num banco e disse que era de Dubai e desejava fazer um depósito avultado. Escoltaram-me até ao gabinete do gerente do banco e recebi tratamento deferencial. Retirei uma grande quantia de dinheiro de dentro da minha mala e coloqueia em cima da secretária do homem.

Enquanto este olhava, embasbacado, para o dinheiro, perguntei se podia fazer um telefonema para o meu marido, que se encontrava em negócios na Arábia Saudita. Como era evidente, eu estava disposta a pagar a chamada, de modo que meti uma nota de quinhentos dólares na mão do sujeito. O gerente levantouse apressadamente e quase bateu com os calcanhares ao dizerme que levasse o tempo que entendesse. Declarou que estaria três gabinetes mais adiante no corredor, se precisasse dele, e fechou a porta.

Telefonei para Sara. Sabia que naquela altura já devia ter tido o bebé e era muito provável que estivesse em casa. Suspirei de alívio quando uma das criadas atendeu e disse que sim, que a senhora estava em casa.

Sara gritou de alívio ao ouvir a minha voz. Perguntei-lhe rapidamente se tinha os telefones sob escuta, ao que me respondeu que não estava bem certa. Acrescentou, falando muito depressa, que Karim estava fora de si de preocupação. Descobrira o meu rasto entre Dubai e Londres, mas perdera todos os indícios a partir desse ponto. Contara o

sucedido à família e estava verdadeiramente arrependido. Nada mais desejava além do meu regresso e do das crianças a casa. Karim dizia que precisávamos de falar.

Pedi a Sara que transmitisse ao meu marido um recado breve. Queria que soubesse que o achava desprezível. Nunca mais nos veria. Além disso, eu tomara medidas para

mudar a minha cidadania e a dos meus filhos. Assim que me encontrasse sob a protecção de outro país, avisaria as minhas irmãs do meu paradeiro, mas Karim nunca deveria

conhecê-lo. E, para ralar ainda mais Karim, pedi à minha irmã que lhe dissesse que Abdullah, o seu filho, não queria voltar a ver o pai.

Dito isto, deitei a questão de Karim para trás das costas. Soube, encantada, que Sara tivera outro rapaz e que o resto da família se encontrava bem de saúde. Contou-me que

o pai e Ali estavam furiosos e insistiam para que eu regressasse a Riade e me submetesse a todos os desejos de Karim, como era meu dever. Eu não esperara nada de diferente daquelas duas pessoas do meu próprio sangue.

Sara esforçou-se por me acalmar e perguntou-me se não seria melhor aceitar uma outra esposa em vez de viver como uma refugiada. Perguntei-lhe se alguma vez lhe passara pela cabeça semelhante combinação com Asad. O seu silêncio foi a minha resposta.

Terminada a chamada, enfiei novamente o dinheiro dentro da mala e escapulime do banco sem voltar a ver o prestimoso gerente. Senti uma ponta de remorso pela minha

partida, no entanto sabia que não podia arriscarme a fazer a chamada de uma cabina, pois a telefonista poderia perfeitamente denunciar o país de origem da chamada através

de escutas ligadas a Karim.

Profundamente embrenhada nas palavras de Sara, senti um sorriso abrir-se no meu rosto. O meu plano estava a resultar. Mas achava melhor Karim sofrer uma agonia adicional. Precisaria de algum tempo para reconhecer que eu nunca aceitaria a existência de múltiplas esposas, fosse qual fosse o preço a pagar.

Na realidade, as crianças desconheciam por completo o drama por que as nossas vidas estavam a passar. Eu contarlhes uma história convincente, segundo a qual os negócios do pai o tinham obrigado a ficar no Oriente durante muitos meses. Em vez de permanecermos em Riade e aborrecermonos, ele achara que gostaríamos de uma temporada em França, na província. Abdullah mostrou-se admirado por não receber telefonemas do pai, mas eu mantiveo ocupado com os seus estudos e numerosas diversões sociais. As mentes jovens adaptam-se muito melhor do que se imagina. As nossas duas filhas ainda eram bebés e incapazes de considerar circunstâncias lúgubres. Tinham passado a sua vida a viajar; o único elo em falta era a presença do pai e eu fazia os possíveis por compensá-las.

Consolavame a mim própria reflectindo nas alternativas. A vida para os meus filhos em Riade, com os pais em discussão permanente, era inaceitável, na minha maneira de ver. A vida sem a sua mãe seria antinatural, pois se Karim trouxesse outra mulher para as nossas vidas, o assassinio do meu marido era uma possibilidade muito real. De que serviria eu aos meus filhos sem cabeça, já que de certeza me separariam do corpo se lhes matasse o pai! Lembreime, por momentos, da lâmina afiada da espada do carrasco e estremeci com a perspectiva de, um dia, vir a sentir a sua frieza. Sabia que a minha sorte era pertencer à realeza, pois eu, tal como Ali há muitos anos atrás, conseguiria ultrapassar situações legais e éticas complicadas sem a interferência dos religiosos. Não tivesse eu sangue real e o apedrejamento poria fim à minha vida por tais acções. Mas nós, os da realeza, mantemos os nossos escândalos guardados dentro das nossas paredes; ninguém fora da minha família tomaria conhecimento do meu crime. Somente Karim poderia exigir a minha morte, e fossem quais fossem as minhas acções, eu tinha a certeza de que o meu marido não teria estômago para pedir o meu sangue.

Telefonava a Sara uma vez por mês. Durante esta prolongada ausência da minha família e do meu país, os meus dias e as minhas noites eram agitados. Mas eu sabia que iria vencer: a minha determinação e paciência acabariam por alterar a intenção de Karim atravancar a nossa vida com outras esposas.

Cinco meses depois da minha partida, concordei em falar com Karim ao telefone.

Fui até Londres para fazer a chamada. A nossa conversa convenceu-me de que ele estava desesperado para nos voltar a ver, a mim e aos filhos. Entraríamos agora na segunda fase da minha ratoeira cuidadosamente urdida.

Combinámos encontrarmos em Veneza no fimdesemana seguinte. O meu marido ficou de boca aberta ao verme acompanhada por quatro enormes seguranças alemães, Disselhe que já não confiava na sua palavra; ele poderia ter contratado bandidos para me raptarem e levar para Riade, a fim de aí me submeter à injustiça com que o nosso sistema legal trata

as esposas desobedientes! Começou a ficar vermelho! Praguejou, corando de vergonha. Calculei que fosse a raiva de se ver impossibilitado de controlar a mulher.

O nosso impasse terminou com um compromisso. Eu só voltaria para Riade se Karim assinasse um documento a declarar que, enquanto estivéssemos casados, ele não arranjaría outra esposa. Se quebrasse a promessa, eu obtería o divórcio, a custódia dos meus filhos e metade da sua fortuna. Além disso, ficaria com o dinheiro retirado da conta do nosso filho na Suíça. Karim, reporia os fundos de Abdullah. Depositaria, igualmente, um milhão de dólares no nome de cada uma das filhas, numa conta de um banco suíço. Eu

ficaria com os nossos passaportes e com documentos actualizados que me permitiriam viajar sem restrições.

Disse a Karim. que, depois de ele assinar os papéis necessários, eu permaneceria na Europa com os filhos durante mais um mês. Tomara consciência da minha determinação, portanto talvez o desejo de me ter de volta se dissipasse após reflexão. Não estava interessada em tocar a mesma canção duas vezes. As minhas palavras, proferidas com uma dureza que ele raras vezes me ouvira, fizeramno estremecer.

Acompanhei Karim até ao aeroporto. O meu marido não era um homem feliz. E eu afasteime menos satisfeita do que imaginara, depois de a maior jogada da minha vida resultar numa vitória tão retumbante. Descobrira que obrigar um homem a fazer o que está certo proporciona muito pouca alegria.

Um mês depois telefonei a Karim. para me inteirar da sua decisão. Confessou que eu era a sua força, a sua vida. Queria a sua família de volta, que tudo ficasse como dantes.

Retorqui asperamente que ele não podia esperar que, depois de ter ferido o nosso amor com o punhal frio da indiferença, a nossa relação prosseguisse sem mácula. Fizéramos parte do número de casais mais afortunados, pois dispuséramos de amor, família e riqueza sem limites. Ele é que deitara tudo a perder, não eu.

Regressei a Riade. O meu marido aguardavame, de lábios trémulos e com um sorriso hesitante. Abdullah e as minhas filhas correram alegremente para o pai mal o viram.

A pouco e pouco fui ficando mais feliz por ver a reacção dos meus filhos.

Descobri que era uma desconhecida indiferente e infeliz em minha casa. Passara por demasiadas vicissitudes para poder voltar a ser a Sultana de há um ano atrás. Precisava de um objectivo real, de um desafio. Resolvi retomar os estudos. No meu país havia agora novas faculdades para mulheres. Descobriria a normalidade da vida e deixaria para trás a rotina néscia de uma princesa real.

No que dizia respeito a Karim, eu só esperava que o tempo apagasse as más recordações que o seu comportamento deixara. Eu passara por uma transição, na luta para salvar o meu casamento da presença estranha de outra mulher. Karim fora a figura suprema na minha vida até debilitar a nossa união ao proporme arranjar uma nova esposa. Uma

parte substancial do nosso amor ficara destruído. Naquele momento pouco mais era do que o pai dos meus filhos.

Karim e eu deitámos mão à reconstrução do nosso ninho e a providenciar aos nossos filhos

a tranquilidade que tanto valorizávamos para as nossas crianças. Afirmou-me que lhe custava muito a perda do nosso amor. Tentou, esforçadamente, redimir-se aos meus olhos. Disse que se eu continuasse a julgar o seu comportamento passado, nós e as crianças talvez perdêssemos a alegria do nosso futuro. Eu mal respondi, no entanto sabia que era verdade.

O trauma da nossa guerra pessoal fora ultrapassado, mas o gosto da paz estava longe de ser doce. Eu reflectia muitas vezes nas cicatrizes emocionais que contraíra num espaço de tempo tão curto. Tristemente, todas as minhas feridas tinham sido abertas por homens. Daí que não me sentisse capaz de nutrir grande estima por um elemento que fosse do sexo oposto.

A GRANDE ESPERANÇA BRANCA

De repente, estava-se em Agosto de 1990.

Decorria uma festa esplendorosa na nossa villa, em Gidá, quando nos chegou a notícia aterradora de que dois dos nossos vizinhos travavam uma luta de morte num país minúsculo que ficava mesmo no outro lado da fronteira: o Kuwait. Karim e eu recebíamos vinte convidados do nosso círculo exclusivo quando a notícia foi gritada do alto da escadaria pelo nosso filho, Abdullah, que estivera a ouvir a BBC nas ondas curtas do seu rádio. Depois de um silêncio prolongado e gélido, gerouse um burburinho de incredulidade na sala.

Poucos sauditas, mesmo os membros da realza envolvidos em negociações entre o Kuwait e o Iraque, tinham acreditado verdadeiramente que Saddam Flussein invadissem o Kuwait. Karim estivera presente na conferência realizada em Gidá que, naquele mesmo dia, 1 de Agosto de 1990, terminara num empate forçado. O príncipe coroado do Kuwait, o xeque Saud AIAbdullah AISalem AISabah, acabara de chegar ao Kuwait, trazendo consigo a esperança de que a guerra seria evitada.

Quando o nosso filho nos gritou que as tropas tinham acabado de invadir a Cidade do Kuwait, a gravidade do ataque não deixou dúvidas. Perguntei a mim mesma se a enorme família dos AISabah escaparia com vida. Como mãe, os meus pensamentos foram para as crianças inocentes.

Reparei no rosto de Karim por entre a multidão: sob o semblante calmo, estava furioso. Os Iraquianos não tinham cumprido a palavra dada; os líderes do nosso Governo tinham, portanto, minimizado o perigo. Os seus olhos castanhos tinham um brilho que me causou um arrepio pela espinha. Eu sabia que ele, assim como outros AISaud presentes, não tardaria a retirar-se para uma conferência de família apressadamente convocada.

Ouvira, muitas vezes, Karim falar do barbarismo do regime Baath no Iraque. Afirmara, frequentemente, que os Iraquianos eram agressivos por índole e propensos à violência na sua vida privada. Achava que talvez fosse essa a explicação para a aquiescência nacional perante a brutal polícia do Estado.

Eu própria pouco sabia da verdadeira política da área, pois os noticiários sauditas são profundamente censurados, e os nossos homens pouco revelam da sua actividade política às esposas. Mas a opinião de Karim era justificada por uma história que eu ouvira a um iraquiano. Fazia já vários anos, numa altura em que Karim, Asad, Sara e eu jantávamos fora, em Londres, que ouvíramos um nosso conhecido iraquiano vangloriar-se de ter morto o pai devido a um problema de dinheiro.

O filho mandara ao pai o que ganhara com um investimento em Paris. O pai, viúvo, apaixonara-se por uma aldeã e gastara o dinheiro do filho em prendas caras para a amante. Quando o filho voltara ao Iraque de visita, descobrira que o seu dinheiro fora esbanjado. Não ficou com dúvidas quanto ao que fazer, ou seja, matar o pai a tiro.

Karim protestara violentamente contra o inacreditável acto. O iraquiano ficara surpreendido com a indignação e incredulidade do meu marido e respondera: “Mas ele gastou o meu dinheiro! Era meu!” No parecer do homem, tivera um motivo plausível para matar o pai.

O seu acto foi de tal maneira impensável e repulsivo a Karim que este, abandonando os seus modos habitualmente afáveis, deu um pulo em direcção ao indivíduo e ordenoulhe que saísse da nossa mesa. O iraquiano apressouse a obedecer. Karim murmurou que aquele tipo de atitude era vulgar no Iraque, no entanto tinha grande dificuldade em compreender aquela aceitação social em relação ao assassinio do próprio pai.

Karim, à semelhança de todos os homens sauditas, venerava o seu pai e mostravalhe grande respeito. Nem lhe passaria pela cabeça erguerlhe a voz ou, mesmo, voltarlhe as costas. Eu vira, em muitas ocasiões, Karim sair às arrecuas da sala onde estava o pai.

Eu, tal como muitas árabes, lamento admitir, fumo muito, no entanto, nunca me permitiram que o fizesse em frente do pai de Karim.

Karim, como membro de uma monarquia antiga, interessavase verdadeiramente pelos movimentos do Médio Oriente que tinham derrubado reis do seu trono. A história árabe mostra que houve reis depostos sem cerimónia e que uma boa série deles terminou com o corpo crivado de balas. Karim, na sua qualidade de membro da realeza, receava a possibilidade de a agitação afectar a nossa vida.

Além disso, tal como a maioria dos árabes, Karim sentia grande vergonha diante do espectáculo interminável das lutas fratricidas entre muçulmanos. Nós, a grande maioria dos sauditas, depuséramos as armas quando o nosso país abandonara a sua condição de terra de tribos para se tornar um reino unido. O derramamento de sangue não é o processo que os nossos homens escolhem para combater o inimigo; consideram a compra da vitória um método mais civilizado.

Contudo, naquele momento, as nossas vidas estavam alteradas com a insanidade do drama da guerra autêntica. Enquanto os nossos homens se apressavam a recorrer aos recursos determinantes da diplomacia, nós, mulheres, pedíamos a Abdullah que trouxesse o rádio para a sala de estar. As notícias eram esparsas, mas pareciam ir de mal a pior

para os infelizes Kuwaitianos. Antes de nos retirarmos, soubemos que aquele país se encontrava ocupado e que o nosso estava a ser invadido por milhares de refugiados de guerra. Nós, Sauditas, sentíamonos fora de perigo e não pensávamos na nossa segurança pessoal ou no perigo que a situação representava para o nosso país.

A semana seguinte abalaria a confiança nos nossos pontos de vista. à medida que os soldados de Saddam se acercavam das nossas fronteiras, começaram a correr boatos de que o déspota tencionava matar dois coelhos de uma só cajadada!

Torrentes de sauditas juntaramse aos kuwaitianos no êxodo da zona leste do nosso país. Recebemos telefonemas desvairados de membros da família, nervosos, relatando que Riade estava enxameada de milhares de pessoas em pânico. Não tardou que muitos sauditas achassem que Riade deixara de ser segura. Os aviões e as estradas estavam

atravancados. No nosso tranquilo país reinava agora o caos completo.

Sara e eu ficámos entusiasmadas ao sabermos que as mulheres kuwaitianas, que podiam conduzir e andar de rosto descoberto, guiavam nas nossas estradas, rumo às ruas da nossa capital. Nenhum ocidental poderá sequer imaginar a amálgama das nossas

emoções. Uma tempestade desabava sobre nós, e ainda que a nossa satisfação também tivesse uma componente de espanto, não deixávamos, ao mesmo tempo, de morrer de inveja por as nossas irmãs árabes conduzirem automóveis e exporem o rosto na nossa terra! Estariam os aspectos essenciais da nossa vida, o véu e os costumes sauditas, a ser agora considerados apenas um empecilho que podia ser facilmente posto de lado no calor da refrega? A vida fora fácil para aquelas mulheres kuwaitianas, em total contraste com o pesado fardo machista que nós fôramos obrigadas a suportar. Ardíamos de inveja. Apesar de termos pena daquelas mulheres que tinham perdido o seu país, os lares e pessoas amadas, impávamos nitidamente de ressentimento perante quem expusera o ridículo da nossa situação puritana. Como ansiávamos pelos direitos que elas assumiam

com tanta facilidade!

Os boatos eram constantes naqueles dias obscuros de Agosto. Quando Karim me contou que o último era verdadeiro, ou seja, o nosso rei concordara em receber tropas estrangeiras no nosso país, apercebi-me de que as nossas vidas nunca mais voltariam a ser como dantes.

Com a chegada das tropas americanas, os sonhos feministas mais ambiciosos ressurgiram com toda a força. Nenhum saudita imaginara jamais ver mulheres em uniforme

militar a defender o último bastião do domínio machista que é a Arábia Saudita. Era impensável! Os nossos religiosos estavam consternados e vociferavam contra a vinda do mal para a nossa terra.

Nunca será possível quantificar o abalo que a nossa vida sofreu. Nenhum terramoto nos teria desestabilizado mais.

Embora eu estivesse satisfeita com o desenrolar dos acontecimentos e sentisse que as mudanças eram benéficas, muitas sauditas estrebuchavam de desprezo. Havia aquelas, que eu considerava tolas, que receavam a possibilidade de as estrangeiras lhes roubarem os maridos! Imagino que se tratasse de um perigo real, pois a maioria das mulheres do meu país encara as deslocções dos maridos a outros países com ansiedade, poucas acreditando que ficarão imunes às tentações louras do Ocidente. Muitas das minhas amigas

reconfortavam-se com a ideia de que somente uma prostituta ou uma mulher com muito pouca autoestima é que consideraria a degradação de partilhar a cama com desconhecidos. As sauditas segredavam entre si que as americanas só iam para a tropa para servirem os homens e mantê-los sexualmente satisfeitos.

As nossas emoções estavam em conflito diante daquelas supermulheres que se deslocavam de um lado para o outro, completamente à vontade num país que não era o seu.

Pouco sabíamos das mulheressoldados americanas, pois os nossos censores cortavam todas as notícias que chegassem à Arábia Saudita sobre mulheres que fossem senhoras do

seu próprio destino. E durante as nossas pouco frequentes viagens ao estrangeiro, os nossos caminhos levavam-nos até aos centros comerciais, não às bases militares. Quando Asad trouxe a Sara exemplares de revistas e jornais americanos e europeus, ficámos atónitas ao ver que as mulheres-soldados eram bastante atraentes. Muitas eram mães. A liberdade de que gozavam escapava à nossa capacidade de entendimento. Os nossos modestos objectivos englobavam apenas a exposição do rosto, guiar e trabalhar. A nossa terra acolhia agora elementos do nosso sexo perfeitamente preparados para enfrentar homens em batalha.

Nós, mulheres árabes, vivíamos num turbilhão emocional. Por um lado, odiávamos todas as mulheres estrangeiras, tanto kuwaitianas como americanas, que estavam na nossa terra, por outro, as primeiras alertavam-nos com a demonstração de desafio aos séculos de tradição de supremacia masculina. Ainda que conservadoras, as primeiras não tinham sucumbido completamente ao hábito social insensato do domínio machista.

No entanto, os momentos de ciúme tanto apareciam como desapareciam ao apercebermos-nos de que, com a sua atitude, tinham, de certa forma, elevado o estatuto de todas as mulheres muçulmanas, enquanto nós, sauditas, pouco mais fizéramos para melhorar a nossa vida do que queixar-nos. Onde errámos? Como tinham elas conseguido desembaraçar-se do véu e obter, ao mesmo tempo, liberdade para guiar?

Sentíamos a agonia da inveja, no entanto também nos extasiávamos. Confusas com os acontecimentos que nos cercavam, nós, mulheres, reuníamos diariamente para analisar profundamente a mudança de atitudes e o súbito despertar universal para a condição da mulher saudita. No passado, poucas mulheres se tinham atrevido a exprimir o seu desejo por uma reforma na Arábia Saudita islâmica, pois a esperança

de êxito era muito diminuta e as penalidades imensamente severas para quem punha o status quo em causa. Afinal de contas, o nosso país é o berço do islamismo: nós, Sauditas, somos os “guardiões da fé”. Para disfarçarmos a vergonha que sentíamos pela repressão a que nos submetemos, falámos orgulhosamente às irmãs kuwaitianas da nossa herança única: nós, mulheres sauditas, erguemos bem alto os símbolos da fé

muçulmana em todo o mundo. Até que, de repente, as mulheres sauditas da classe média quebraram as algemas. Enfrentaram os fundamentalistas de cabeça erguida e pediram ao mundo que, quando restituíssem a liberdade aos Kuwaitianos sitiados, também as libertassem!

Sara fez-me tremer ao entrar no palácio a gritar. Só me ocorreu que poderiam ser as armas químicas a invadir o ar que os meus filhos respiravam! Teria algum avião inimigo, repleto de explosivos químicos, escapado ao radar de detecção das forças que guardavam a nossa terra? Fiquei imóvel, sustendo a respiração, indecisa quanto ao que fazer ou para onde ir. O mais certo era cair no chão a qualquer momento, ficando a estrebuchar até morrer. Amaldiçoei-me a mim mesma! Devia ter obedecido ao desejo de Karim e levado os meus filhos para Londres, para longe da possibilidade de uma morte lenta e dolorosa para aqueles que carregara no meu ventre.

As palavras de Sara acabaram por penetrar no meu medo e as novidades que me deu

foram uma grande alegria para mim. Asad acabara de lhe telefonar a dizer que havia mulheres sauditas, sim, sauditas, a guiar automóveis pelas ruas de Riade!

Soltei exclamações de alegria. Abraceime a Sara e, juntas, pulámos e dançámos.

A minha filha mais nova começou a choramingar de receio ao entrar no quarto e ver a mãe e a tia a rolarem pelo chão aos gritos. Tranquilinei-a, abraçando-a e assegurando-lhe que todo aquele disparate se devia ao facto de termos recebido uma grande alegria.

As minhas orações tinham sido atendidas. A presença americana iria alterar maravilhosamente a nossa vida!

Karim entrou intempestivamente pela porta, com ar de poucos amigos. Queria saber qual o motivo daquela agitação, pois os nossos gritos chegavam ao jardim.

Então ele não sabia? As mulheres tinham derrubado a primeira das barreiras intransponíveis reclamavam o seu direito de guiar! A resposta de Karim moderou a nossa reacção. Eu conhecia a sua opinião sobre a matéria: a nossa religião não faz qualquer referência a tal assunto, diria. Ele, tal como tantos outros homens sauditas, sempre achara absurdo as mulheres não poderem guiar.

Mas foi então que o meu marido disse o impensável, em tom cansado.

- Tratase exactamente do tipo de acção que não queríamos que vocês, as mulheres, emprendessem! Temos combatido os fanáticos pelas concessões mais insignificantes.

O seu maior receio é que as nossas decisões levem as mulheres a querer mais privilégios.

- O que é mais importante para ti, Sultana: ter soldados a proteger a nossa vida da ameaça iraquiana ou escolher esta altura para guiar?

Estava furiosa com Karim. Ouvirao protestar, muitas vezes, contra os costumes idiotas que aprisionam as mulheres sauditas em suas casas. Mas naquele momento o seu medo dos religiosos fazia prevalecer a sua cobardia. Como eu gostaria de ter casado com um guerreiro, um homem que tivesse ideais elevados como objectivo na vida...

Malhumorada, repliquei que nós, mulheres, não podíamos ser “pedintes com condições”. Que luxo seria escolhermos o lugar e a altura certas! Tínhamos de aproveitar as oportunidades mais ínfimas que nos aparecessem. Aquele momento também era o nosso e Karim devia ficar do nosso lado. Certamente, o trono não ruiria por terra pelo simples facto de mulheres guiarem pelas nossas ruas!

Era uma altura em que Karim se sentia furioso com todas as mulheres, dizendome asperamente que aquele incidente faria a causa feminina retroceder décadas. Declarounos que a nossa alegria transformar-se-ia em tristeza quando presenciássemos o castigo dado às prevaricadoras. Esse dia chegaria, afirmounos, mas não naquele momento. As suas palavras ficaram a pairar no ar depois de se retirar. Falara um homem!

Karim tiraranos o nosso pequeno momento de prazer. Soprei como um gato assim que voltou costas e Sara mal conseguiu conter um sorriso. Não deu a menor importância às palavras de Karim. Lembrou-me que os homens da nossa família falavam dos direitos da

mulher com simpatia, mas, na realidade, pouco diferiam dos extremistas. Todos os homens gostavam de exercer autoridade absoluta sobre as mulheres, Caso contrário, teríamos já visto um aligeirar do nosso pesado fardo. Se os nossos maridos e pai, que pertenciam à família real que governava aquela terra, não podiam ajudarnos, quem podia?

Os Americanos! exclamei com um sorriso. Os Americanos!

As palavras de Karim revelaram-se verdadeiras. As quarenta e sete corajosas mulheres, que se manifestaram pelo fim da interdição de guiar para o sexo feminino, tornaram-se o bode expiatório de todas as queixas possíveis que os mutawas tinham. Eram mulheres da classe média, mulheres que eram professoras de outras ou estudantes as nossas intelectuais. A sua bravura deitou por terra a sua vida confiscaram-lhes os passaportes, perderam o emprego e as famílias foram molestadas.

Sara e eu andávamos a fazer compras numa alameda local quando ouvimos jovens estudantes da religião incitar homens sauditas contra aquelas mulheres, afirmando que eram mulheres de vício e viviam da prostituição. Tinham sido denunciadas na mesquita por homens que sabiam o que diziam! A minha irmã e eu ficámos mais um bocado em frente da montra da loja, ouvindo os jovens declarar, alto e bom som, que as tentações trazidas do Ocidente deitariam por terra a honra de todos os sauditas!

Tinha vontade de ir ter com aquelas mulheres, de partilhar a sua glória. Ao apresentar a ideia a Karim, a sua reacção violenta cerceou a possibilidade. Ameaçou fechar-me em casa se tentasse cometer tal ultraje. Nesse momento odiei o meu marido, pois sabia que seria capaz de cumprir o prometido. Encher-se repentinamente de medo tanto pelo nosso país como pelo caos que nós, mulheres, poderíamos desencadear no seio da família real.

Alguns dias depois, voltei a reunir a minha coragem e tentei saber do paradeiro das corajosas mulheres. Regressei à zona de comércio. Ao avistar grupos de homens reunidos em círculo, disse ao meu motorista filipino que fosse ter com eles a dizer

que era muçulmano (havia alguns filipinos muçulmanos na Arábia Saudita) e pedisse um papel com os números de telefone das “mulheres caídas”. Deveria afirmar que desejava telefonar aos seus pais ou maridos a protestar pelo comportamento das filhas ou esposas.

Voltou com o papel. Proibio de contar o sucedido a Karim. Felizmente, ao contrário dos criados árabes, os filipinos tendem a evitar os nossos conflitos familiares e não denunciam as nossas pequenas liberdades aos maridos.

O papel tinha uma lista de trinta nomes e os respectivos números de telefone. A minha mão tremeu ao ligar o primeiro número. Em semanas de tentativas constantes, somente três números atenderam. Dissesse eu o que dissesse, afirmaram que era engano.

A perseguição às famílias fora tão insistente que estas preferiam negar ou não atender as chamadas.

Ali, antes de sair do país, veio visitarnos. Ele e a família de quatro mulheres e nove filhos seguiam para Paris, onde permaneceriam algumas semanas. O meu irmão afirmava que

queria combater os Iraquianos, mas estava cheio de responsabilidades comerciais, as quais, vendo bem, eram bem mais importantes para o nosso país do que mais um homem de uniforme. Ele, Ali, devia cumprir o seu dever e sair da Arábia Saudita.

Eu sabia que o meu irmão iria esperar em segurança que a guerra terminasse. Naquele dia não estava com disposição de o confrontar com a sua cobardia; limitei-me a sorrir e a desejá-lhe boa viagem.

O assunto derivou para as mulheres que se tinham colocado ao volante de um automóvel quando o meu irmão tocou manhosamente no tema, contando que uma delas fora morta pelo pai por ter envergonhado a família. O progenitor achava que, executando a filha, os religiosos fanáticos deixariam de importunar mais o resto da família. Na verdade, Ali chegou mesmo a sorrir. Como eu detestava aquele meu irmão... Ele e uma terra que mantinha as mulheres subjugadas mereciam-se bem. Combateria até ao fim para que as mulheres jamais tivessem os seus direitos, pois um homem como ele ficaria aterrorizado diante de uma mulher de força e carácter.

Quando interroguei Karim, este declarou desconhecer o incidente, mas aconselhou-me a não pensar nele. Observou que não se admirava, pois as famílias das mulheres agitadoras também sofriam. Presunçosamente, observou: “Eu bem te avisei”,

recordandome o que previra no dia da manifestação. Eu tinha a sensação de que me enganara com a conversa que, no passado, tivera sobre a libertação das mulheres, pois naquele momento a sua maneira de pensar pouco mais progressista era que a de Ali.

Não haveria um único homem, no meu país, que desejasse ver as mulheres livres das suas algemas?

O boato da morte da jovem foi tão bem guardado na nossa terra que, ainda hoje, não foi confirmado nem negado; paira sobre nós, mulheres, como uma ameaça velada do derradeiro sacrifício que aguarda aquelas que têm coragem.

A guerra que tanto temíamos chegou e partiu. Os nossos homens combateram e morreram, mas eu soube, através de Karim, que muitos dos nossos soldados não tinham lutado com bravura. De facto, os aliados tinham achado necessário inventar

táticas para assegurarem que nós, os Árabes, não ficássemos ofendidos quando a verdade sobre o comportamento dos nossos combatentes fosse revelada. O meu marido corou ao contar que os sauditas, em vez de correrem para o inimigo, faziam-no

sentido inverso. O nosso único orgulho militar reduziu-se aos pilotos, que actuaram honrosamente.

Asad foi de opinião que não nos devíamos envergonhar perante a constatação mas sim sentir alívio. Um espírito militar aguerrido representaria um perigo para nós mesmos; o trono não conseguiria sobreviver a uma máquina militar bem oleada. No mundo árabe, uma força militar competente derruba monarquias, pois, na realidade, o povo deseja ter uma voz na vida política da sua terra. A nossa família assistira a esses acontecimentos, de modo que preferira manter uma organização dirigida por homens desprovidos de espírito bélico. Não há dúvida de que a nossa família é astuta e mantém, propositadamente, o

soldado saudita desleixado e longe do seu melhor.

No final das contas, os acontecimentos relacionados com a guerra serviram para derrubar a nossa confiança na lendária mudança social da mulher da Arábia Saudita.

A contenda, que atraiu a atenção de todo o mundo para os males da nossa sociedade, terminou demasiado depressa. O poder cada vez menor de Saddam, o nosso inimigo, desviou o interesse do nosso empenho e transferiu os rumores de promessas de ajuda para as condições aflitivas dos Curdos, que definhavam nas montanhas cobertas de neve.

Terminada a guerra, os nossos homens puseram-se a rezar com grande diligência, pois tinham sido salvos da ameaça de exércitos invasores e de mulheres livres.

Quem poderá dizer qual dos dois perigos os afligiu mais?

Epílogo

O som persistente que inunda de alegria o coração de todo o muçulmano encheu o ar. Os fiéis estavam a ser chamados à oração: “Deus é grande, não existem outros deuses senão Ele; e Maomé foi o Seu Profeta. Vinde orar, vinde orar; Deus é grande; não existem outros deuses senão Ele.”

Era a hora do crepúsculo. O enorme círculo amarelo que era o Sol desaparecia lentamente por trás da linha do horizonte. Para os fiéis muçulmanos, chegara a altura da quarta oração do dia.

Eu deixei-me ficar na varanda do meu quarto e vi o meu marido e filho saírem dos terrenos do palácio e encaminharem-se, de mãos dadas, para a mesquita. Reparei que muitos homens se reuniam, saudandose uns aos outros com espírito fraterno.

Vieram-me à memória as recordações turbulentas da minha infância e vime de novo menina, afastada do amor exclusivo do meu pai por Ali, o seu filho precioso. Tinham passado quase trinta anos e, no entanto, nada mudara. A minha vida tornarase um círculo completo.

O meu pai e Ali, Karim e Abdullah, ontem, hoje e amanhã, práticas imorais passavam de pai para filho. Homens que eu amava, homens que eu odiava, deixando um legado vergonhoso na sua forma de tratar a mulher. Os meus olhos acompanharam os movimentos dos meus entes mais queridos; o meu marido e o meu filho entraram na mesquita de mãos dadas, sem mim. Sentime a criatura mais solitária que alguma vez existira.

POSFÁCIO

Terminada a Guerra do Golfo de 1991, gerouse um desejo universal de paz para o turbulento Médio Oriente. Inúmeras propostas de chefes de muitas nações foram apresentadas aos que detinham o poder, num esforço para colocar um ponto final na violência incessante que reinava nesta parte do mundo.

Para além de desejarem a paz, muitos dos que se preocupavam com o Médio Oriente e as suas gentes ansiavam por mudanças nas velhas tradições que, apesar de não terem bases religiosas, servem para subjugar as mulheres árabes aos caprichos dos homens, sob cuja autoridade se encontram ou que as desposam. Enquanto a realidade da paz duradoura ganha força nas movimentações diplomáticas do presidente George Bush, o ilusório sonho de liberdade da mulher esmorece na Arábia Saudita. Os homens ocidentais que detêm o poder estão pouco interessados em erguer a bandeira da liberdade por quem não dispõe de prestígio político, ou seja, as mulheres.

A Guerra do Golfo para libertar o Kuwait acabou por, também, se tornar uma guerra de conflitos nitidamente crescentes entre os homens e as mulheres da Arábia. Onde as mulheres viram a esperança de mudanças sociais, os homens sentiram o perigo de qualquer alteração numa sociedade que pouco difere daquela que se tem mantido desde há dois séculos. Maridos, pais e filhos não se prestaram a desafiar as forças religiosas radicais em prol dos direitos da mulher. A causa da liberdade para a mulher na Arábia perdeu o fulgor no recuo a que se viu obrigada por parte dos religiosos extremistas, pois a chegada de tropas estrangeiras desencadeara o seu poder. A promessa de endurecimento dos religiosos espalhou o medo em todo o país. Tristemente, em 1992, Sultana, juntamente com

outras mulheres sauditas, foi forçada a recuar para as trincheiras do passado.

Surpreendentemente, os ricos e poderosos são agora, pela primeira vez, alvo da polícia religiosa e sofrem buscas e detenções tal qual os outros sauditas. Os cidadãos vulgares, em vez de se preocuparem com a perda de liberdade de todos os cidadãos, riem deliciosamente perante a ideia de os membros da realeza e os ricos serem vítimas da mesma vigilância feroz dos mutawas, que eles conheceram desde sempre. Liberdade para guiar, para não usar véu ou para viajar sem permissão são sonhos perdidos no meio de preocupações mais importantes para a vida, como é o caso da ameaça crescente de extremistas religiosos regionais. Quem sabe quando voltará a surgir, para as mulheres da Arábia, outra oportunidade com tão grande potencial para mudanças sociais como uma guerra?

Enquanto as sociedades modernas se esforçam por melhorar as condições de vida de todos os povos, há mulheres, por esse mundo fora, que continuam a fazer face a uma autêntica ameaça de tortura ou morte sob o domínio primitivo do sexo masculino. As costuras do manto da escravatura feminina são cosidas com a linha forte da vontade masculina em se apegar ao seu domínio histórico sobre as mulheres.

Na Primavera de 1983, conheci uma mulher saudita que transformou definitivamente a minha vida. Os leitores conhecem-na sob o nome de Sultana. A nossa simpatia mútua e o desejo de amizade floresceu, pois tornámonos amigas quase no mesmo instante.

A paixão que Sultana nutria pela vida e a sua espantosa capacidade mental alterou a minha incorrecta percepção ocidental sobre as “mulheres de preto” que, na altura, via como uma espécie insondável da raça humana.

Eu, na minha qualidade de americana a viver num bairro saudita desde 1978, conhecera e convivera com muitas mulheres sauditas. Porém todas exibiam, perante os meus olhos estrangeiros, a mesma máscara obscura de derrota. A vida, para a opulenta classe de comerciantes ou para a família real das cidades a que pertenciam, era demasiado confortável para alterar o equilíbrio precário das suas vidas. As aldeãs beduínas suportavam a sua vida intolerável com surpreendente dignidade. Na verdade, depois de me conhecerem, condoíam-se de quem, como eu, era “obrigada” a aventurar-se naquele mundo cruel sem a protecção ou orientação de um homem “Haram. [que pena!]”, diziam elas, dandome palmadinhas afectuosas no ombro e exprimindo o seu pesar por alguém como eu. A realidade da sua condição escondia-se por trás de um desprezo ou comiseração aparentes.

Sultana expôs-me à raiva vociferante que raiava o desespero na mente de muitas mulheres sauditas escondidas por trás do véu. Esta nova perspectiva convenceu-me de que as mulheres sauditas pouca influência tinham na cultura saudita, pelo contrário, esta é que as criara.

No Outono de 1988, Sultana veio ter comigo e perguntou-me se eu, sua amiga, queria escrever a história da sua vida. Achava que muitos dos aspectos ligados à sua jovem vida e à das outras mulheres sauditas suas conhecidas precisavam de ser mudados. Mas o meu bom senso prevaleceu. Exprime as minhas dúvidas sobre as vantagens que ela retiraria de um empreendimento tão arriscado. Vieram-me à ideia outros pensamentos relacionados com os meus interesses pessoais, de modo que apresentei desculpas válidas para o meu pacifismo: adorava o Médio Oriente; as minhas maiores amigas estavam ali; conhecia muitas mulheres sauditas felizes.

As minhas dúvidas e rejeição eram infundáveis, pois eu própria me cansara do criticismo constante dos jornalistas ocidentais da terra a que naquela altura já chamava de minha. O isolamento dos muçulmanos derivava, indiscutivelmente, de constantes relatos negativos da imprensa mundial. Já havia grande abundância de artigos e livros a censurar o Médio Oriente e eu não desejava aderir à moda do “desprezo pelos Árabes” manifestado pelos que, normalmente, retiravam grandes benesses do poder económico da terra farta em petróleo.

Disse a Sultana:

Não, não desejo condenar.

O meu desejo era mostrar os Árabes à luz favorável do entendimento, salientar a sua delicadeza, hospitalidade e generosidade.

Sultana, a princesa feminista, obrigou os meus olhos a pousarem na verdade nua e crua. Ainda que haja muitos aspectos positivos na Arábia Saudita, a vida não poderá ser celebrada, nesta sociedade, até a mulher ter a liberdade de viver sem temor. Sultana salientou o óbvio:

Jean, como mulher, tens as lealdades trocadas!

Sultana não era capaz de encarar a derrota. Continuou a falar da realidade que era a exploração de quem pertencia ao seu sexo. Era uma mulher mais válida do que eu. Não hesitava em arriscar a pele pela causa que defendia.

Tal como na história da sua vida, Sultana ultrapassou todos os obstáculos, incluindo a minha relutância teimosa. Depois de tomar a decisão tortuosa de colaborar com ela na narração da história da sua vida, percebi, no meu íntimo, que não poderia ter agido de outra maneira. O Ocidente cristão e o Oriente islâmico estão unidos por um elo capaz de se sobrepor ao medo que senti na concretização deste empreendimento. Este livro não poderia deixar de ser escrito.

Foram sacrificadas muitas pessoas ao escreverse este livro: paz de espírito em relação à segurança de Sultana e da sua família; receio pelos seus amigos que ainda vivem na Arábia Saudita e ignoram a existência deste livro; mas, acima de tudo, a perda da amizade, apoio e companheirismo de Sultana, a pessoa que me incitou e inspirou com o seu espírito combativo. A triste realidade aponta para que, assim que este livro for publicado, os nossos caminhos se afastem definitivamente. A minha amiga mais querida ficará presa na escuridão do silêncio, longe de mim. Devo acrescentar que esta decisão foi tomada de comum acordo. Revelar a nossa ligação representaria um castigo muito severo para muitas pessoas e, acima de todas, Sultana.

Na última vez em que nos encontrámos, decorria o mês de Agosto de 1991, a minha alegria foi ensombrada por uma sensação de futilidade perversa, ao mesmo tempo que me maravilhava com a onda de optimismo de Sultana. Sentiase alegremente esperançada em relação ao desfecho da nossa diligência e declarou que preferia morrer a viver subjugada. As suas palavras fortaleceram-me para a tempestade que se avizinhava: Só quando estas ocorrências desprezíveis vierem a público é que alguém poderá receber ajuda. Este livro assemelhase aos primeiros passos de um bebé que nunca seria capaz de correr sem aquela primeira tentativa corajosa para se pôr de pé sozinho. Jean, tu e eu atearemos a primeira chama da fogueira. Diz-me, como pode o mundo vir ajudarnos se não ouvir o nosso pedido de socorro? Estou firmemente convencida de que este é o começo da transformação para as mulheres do meu país.

Passei muitos anos da minha vida adulta no Médio Oriente. Durante três anos li e reli os apontamentos e diários de Sultana. Reunime clandestinamente com ela em muitas das maiores capitais do mundo. Mostreilhe o manuscrito final, que ela leu com o maior deleite e dor. A minha amiga, depois de terminar a última frase deste livro, começou a chorar. Quando se recompôs, disse que eu captara perfeitamente o seu espírito e as experiências da sua vida como se tivesse estado ao seu lado; como, na verdade, estive

durante muitos anos. Pediume então que preenchesse os espaços em branco da sua vida que não foram referidos nos seus diários. Aqui está o que Sultana deseja que saibam:

O pai de Sultana ainda é vivo. Mantém quatro esposas e quatro palácios nas suas cidades favoritas, espalhadas pelo mundo. As suas esposas mais jovens deram-lhe uma prole numerosa, que ainda é jovem. Infelizmente, o seu relacionamento com Sultana

não foi amenizado pelos anos. Raramente visita alguma das filhas, porém orgulhase imensamente dos seus filhos e netos.

Ali não chegou a amadurecer e os seus hábitos continuam a ser mais ou menos os mesmos de uma criança mimada. A sua crueldade inata reservava ele para as filhas, a quem trata como viu o pai lidar com as irmãs. Presentemente, Ali tem quatro esposas e inúmeras amantes. Há pouco tempo, foi punido pelo rei, por excessiva corrupção, mas não foi tomada nenhuma medida para atenuar a sua conduta.

Sara e Asad mantêm a sua beatitude conjugal. Nesta altura são pais de cinco crianças cheias de vida. Quem sabe se a previsão de seis filhos feita por Huda virá a concretizarse... Somente Sara, de todas as irmãs, conhece a existência deste livro.

As restantes irmãs de Sultana e suas famílias estão bem.

Omar morreu num acidente de automóvel, na estrada para Darriman. A família que tinha no Egipto está a cargo do pai de Sultana.

O pai de Randa adquiriu uma villa no Sul da França, onde esta vive durante a maior parte do ano. Não voltou a casar depois de se ter divorciado do pai de Sultana. Na família corre o boato de que terá um amante francês, mas ninguém tem a certeza.

Sultana nunca mais ouviu falar de Wafa. Imaginaa numa aldeia, rodeada de uma prole numerosa e levando uma vida que as jovens cultas da Arábia Saudita detestam.

Marci voltou para as Filipinas e concretizou a ambição da sua vida, tal como Sultana previra que aconteceria. Trabalhou algum tempo em Riade, como enfermeira, mas certa

vez escreveu a Sultana a dizer-lhe que tencionava aceitar um trabalho no Kuwait. As restrições na Arábia Saudita eram demasiado severas para suportar, afirmou. Depois disso, Sultana nunca mais teve notícias da antiga empregada. Espera sinceramente que não tenha sido violada ou morta durante a invasão do Kuwait, como aconteceu a tantas mulheres bonitas.

Huda morreu faz anos. Foi enterrada nas areias da Arábia, bem longe da sua terra natal, o Sudão.

E o mais triste de tudo: Samira continua presa no quarto da mulher. Taliani soube, há dois anos atrás, que enlouqueceu. Os criados relataram que gritara durante dias a fio

até, por fim, começar a tagarelar de maneira ininteligível. De vez em quando ouvem-na soluçar, mas, como o tabuleiro volta vazio todos os dias, depreendem que ainda está viva. A família assevera que a jovem será libertada assim que o velho da família morrer, mas este ainda se encontra de boa saúde. Seja como for, não se crê que a liberdade venha já a beneficiar Samira.

Sultana recebeu o seu diploma de Filosofia há dois anos. Não exerce a profissão, mas

afirma que os conhecimentos que adquiriu lhe proporcionaram uma tranquilidade interior e uma sensação de unidade com o mundo. Descobriu, nos seus estudos, que muitos outros povos sobreviveram a graves injustiças. Verificou que o progresso humano é, de facto, lento; no entanto, os espíritos corajosos continuam a fazer força para que as questões avancem no bom sentido e sentese orgulhosa por ser um deles.

Karim e Sultana mantêm uma relação baseada no hábito e no amor que ambos nutrem pelos filhos, mas Sultana lamenta que o amor que sentiam um pelo outro nunca mais tenha revivido após o incidente da segunda esposa.

Há seis anos, Sultana contraiu uma doença venérea. Depois de muitos problemas, Karim admitiu que participara numa aventura semanal de sexo com desconhecidas. Todas as semanas, vários príncipes de estirpe mais elevada mandam um avião a Paris buscar prostitutas para uma viagem até à Arábia Saudita. Uma madame que lá está escolhe as raparigas mais bonitas que, vindas de todo o mundo, exercem esse seu ofício em França.

Todas as terçasfeiras metemse num avião rumo à Arábia; na segunda-feira seguinte regressam, esgotadas, pelo mesmo meio de transporte. Karim falou de palácios especiais, situados nas principais cidades da Arábia Saudita, que albergam até uma centena de prostitutas. A maioria dos príncipes mais importantes da Arábia Saudita são convidados a participar e a escolher livremente qualquer das mulheres. Para estes homens, as mulheres continuam a ser objectos de prazer ou um veículo para fazer filhos varões.

Depois do susto apanhado com a doença, Karim prometeu evitar os encontros semanais, mas Sultana afirma saber que ele dificilmente resiste a tais prevaricações e que continua a entregar-se a elas despudoradamente. Do amor maravilhoso que tiveram um pelo outro, no passado, já só resta a recordação. Sultana diz que, pelo bem das filhas, continuará junto do marido e manterá a sua luta.

Diz, ainda, que a maior tristeza que tem na vida continua a ser o facto de ver os vultos negros das duas filhas jovens, agora envoltas no manto e no véu que, depois de tantos anos de rebelião, ainda subjagam toda uma nova geração de mulheres na Arábia Saudita. Como sempre, o papel da mulher continua a ser determinado por costumes primitivos.

A presença das tropas americanas que, durante a Guerra do Golfo, tanta esperança de liberdade trouxe a Sultana, só fortaleceu ainda mais os mutawas, que agora se vangloriam de controlar o monarca.

Sultana pediume que dissesse o seguinte ao leitor: o seu espírito desafiador continua a rebelarse através das páginas deste livro, no entanto a sua revolta deve ser secreta porque, embora fosse pessoa para suportar todas as agruras da vida, não se sente capaz de encarar a possibilidade de perder os seus preciosos filhos. Quem sabe que punição

não cairia sobre quem se atreve a contar a verdade acerca da vida escondida das mulheres na terra dos dois santuários mais sagrados do islamismo?

O destino de Sultana formouse em Janeiro de 1902, quando seu avô, Abdul Aziz, se bateu e reconquistou as terras da Arábia Saudita. Nasceu uma dinastia. A princesa Sultana AISaud permanecerá ao lado do seu marido, o príncipe Karim AISaud, na casa real dos AISaud do reino da Arábia Saudita.

APÊNDICE A, O ALCORÃO' E AS MULHERES

O Alcorão é o livro sagrado do islamismo. Composto por cento e catorze Suras, ou capítulos, este livro determina a conduta que deve ser seguida pelo povo que segue a fé muçulmana. Os muçulmanos crêem que o Alcorão é a palavra de Deus tal como foi revelada ao profeta Maomé pelo anjo Gabriel. Maomé teve as suas visões quando se encontrava nas cidades de Meca e Medina, localizadas no território que hoje conhecemos como a Arábia Saudita. Foi em Meca que o Profeta nasceu e é em Medina que está o seu túmulo. Daí que estas sejam as cidades mais sagradas para os muçulmanos. Os infiéis ou “pagãos” não podem entrar dentro do perímetro da cidade. Poucos ocidentais se apercebem do poder supremo e inquestionável que as palavras do profeta Maomé têm para os

muçulmanos. Todos os aspectos da sua vida são orientados pelo Alcorão, tido como sagrado pelos muçulmanos. Embora haja muitos ocidentais educados no cristianismo que não

aceitam a existência de um ser superior, é raro o muçulmano que não se agarre firmemente a uma fé inabalável no Deus de Maomé.

No mundo muçulmano da Arábia Saudita, não existe a separação entre Igreja e Estado como vemos no Ocidente. A religião islâmica é a lei suprema.

Durante os dez anos em que vivi em Riade, na Arábia Saudita, pedi a uma amiga íntima saudita que me traduzisse e explicasse determinados versículos do Alcorão. Depois de reparar na discriminação total dos sexos que o islamismo determina, interessei-me, em particular, nos que restringem o comportamento da mulher.

‘ Todas as citações do Alcorão foram retiradas da edição da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa, 1980, numa tradução directa do árabe de José Pedro Machado. (N. do E.)

Como esses versículos me foram traduzidos no contexto de conversas pessoais, poderão detectarse algumas discrepâncias menores entre a minha interpretação e a dos estudiosos do Alcorão. No entanto, tendo em vista o facto de o Alcorão ser considerado “intraduzível”, e existir grande controvérsia em relação a muitas traduções inglesas, é com confiança que revelo os versículos que se seguem sobre a questão da mulher, que me foram directamente lidos da versão árabe do Alcorão.

TEMA

As relações sexuais durante o Ramadão, altura em que todo o bom muçulmano jejua e se abstém de prazeres durante as horas do dia.

Versículo do Alcorão:

Sura 11, 183

Praticai desde então jejum completo até à noite e não deveis coabitar com elas quando estiverdes recolhidos nas mesquitas. Eis os preceitos de Deus, de que não vos aproximareis [para transgredir! Assim apresenta Deus os seus prodígios aos homens, para que eles sejam piedosos.

TEMA

O casamento de muçulmanos com infiéis. O Alcorão determina o mesmo conjunto de regras tanto para homens como para mulheres, mas esta lei só se aplica às mulheres.

Muitos homens sauditas desposam mulheres cristãs, mas as sauditas estão estritamente proibidas de casar com quem não for muçulmano.

Versículo do Alcorão:

Sura II, 220

Não desposareis mulheres politeistas, enquanto não aceitarem a unidade de Deus. Uma escrava crente vale mais que uma mulher [livre], mesmo que esta vos agrade mais. Não dareis aos politeistas as mulheres da vossa família como esposas. Um escravo crente vale mais que um politeísta [livre], mesmo que este vos agrade mais.

TEMA

As relações sexuais durante a menstruação da mulher, as quais são rigorosamente proibidas.

Versículo do Alcorão:

Sura II, 222

Hãode interrogarte sobre as regras das mulheres. Respondelhes: “Isso é um inconveniente”; separaivos então das vossas mulheres durante o tempo das regras e não deveis unirvos de novo a elas senão quando estiverem purificadas, tal como Deus vos ordenou.

TEMA

Depois de um homem se divorciar de uma mulher, deve certificarse de que não a deixou grávida. Se a mulher for ter um filho seu, o marido deverá cuidar dela.

Versículo do Alcorão:

Sura II, 228

As repudiadas aguardarão que decorram três períodos de regras antes de voltarem a casar e não lhes é permitido ocultar o que Deus criou nas suas entranhas, se crerem em Deus e no Dia Derradeiro. É mais justo que os maridos as retomem quando se encontram em tal estado, se desejarem a reconciliação; elas, então, devem proceder com os próprios maridos como estes agiram com elas, com honestidade. Mas os maridos conservam sobre elas graus de superioridade. Deus é poderoso e sábio.

TEMA

Depois de um homem se divorciar de uma mulher, pode voltar a casar com ela se esta casou e se divorciou de outro homem depois disso. Se ele se divorciar dela uma segunda vez, fica proibido de voltar a desposá-la.

Versículos do Alcorão:

Sura II, 229

O repúdio faz-se duas vezes. Conservareis a mulher com humanidade e repudiá-la-eis com generosidade.

Sura II, 230

Se alguém repudia a sua esposa não a poderá retomar depois sem que ela tenha casado com outro marido e que este, por sua vez, a tenha também repudiado.

Sura II, 242

Às repudiadas é devido mantimento honesto, o que é dever dos tementes a Deus.

TEMA

O versículo seguinte fala do número de mulheres que um homem pode desposar e dos dotes que lhes são devidos.

Versículo do Alcorão:

Rim9 TV '@

Se receais não ser justo com os órfãos, desposai então duas, ou três, ou quatro, de entre

as mulheres que vos agradarem. Se continuais a recear não serdes justos, desposai uma só ou o que possuírem as vossas mãos direitas; isto vos ajudará a não vos afastardes da justiça. Dai às mulheres os seus dotes, como dom espontâneo; se, porém, lhes apetecer cedervos voluntariamente uma parte, gozaia com alegria e saúde.

TEMA

A herança para as crianças é explicado em baixo. Os filhos varões devem receber o dobro das filhas.

Versículo do Alcorão:

Sura IV, 12

Deus ordenavos, quando se fizer a partilha dos vossos bens pelos vossos filhos, que cada rapaz receba as partes de duas raparigas.

TEMA

São dadas instruções concretas sobre a atitude a ter em relação a mulheres que infrinjam a lei contra os crimes sexuais. Um segundo versículo fala da acção a ser empreendida contra os homens nas mesmas circunstâncias.

Versículos do Alcorão:

Sura IV, 19

Se as vossas mulheres cometerem a acção infame, chamai de entre vós quatro testemunhas contra elas: se os depoimentos forem realmente contra elas, fechaiais em casa até que a morte as leve ou que Deus lhes conceda algum meio de salvação.

Sura IV, 20

Se dois dos vossos homens cometerem a acção infame, castigamos a ambos; mas se eles se arrependem e se corrigirem, deixaí-os tranquilos, porque Deus é benigno e misericordioso.

TEMA

O Alcorão determina concretamente quais as mulheres que os homens estão proibidos de desposar.

Versículos do Alcorão:

Sura IV, 26

Não deveis casar com as mulheres que forem esposas dos vossos pais, excepto se se tratar de caso já consumado. É uma torpeza, é uma coisa abominável e um mau costume.

Sura IV, 27

Ficavos proibido casar com as vossas mães, com vossas filhas, com vossas irmãs, com vossas tias paternas e maternas, com as filhas dos vossos irmãos e as filhas das vossas irmãs, com vossas amas, vossas irmãs de leite, com as mães das vossas mulheres, com as vossas enteadas que forem entregues à vossa tutoria e nascidas de mulheres com quem haveis coabitado. Mas, se haveis coabitado com estas, não há nenhum crime em casar com aquelas. Não deveis também casar com as mulheres dos vossos filhos, gerados por vós, nem deveis unirvos ao mesmo tempo a duas irmãs, a não ser que se trate de caso já resolvido. Deus será indulgente e misericordioso.

Sura IV, 28

Não deveis também casar com mulheres casadas, excepto com as que estão nas vossas mãos direitas.

TEMA

Um muçulmano não pode ir fazer as suas orações a Deus se tocou numa mulher. Há um versículo especial, aconselhando no que deve fazer, caso tenha estado com uma mulher mas não dispusesse de água para se lavar.

Versículo do Alcorão:

Sura IV, 46

[[... ou terdes estado com mulheres, esfregai a cara e as mãos com areia fina, se não houver água. Deus é indulgente e misericordioso.

TEMA

Crimes sexuais contra Deus. Está reservado um código severo para quem comete tais actos.

Sura XXIV, 2

à fornicadora e ao fornicador dareis cem chicotadas a cada um. Que em nome da religião de Deus a compaixão não vos detenha, se creis em Deus e no Dia Derradeiro.

Sura XXIV, 3

O fornicador só desposará uma fornicadora ou uma idólatra e a fornicadora só desposará um fornicador ou um idólatra. Isso é interdito aos crentes.

TEMA

A acusação de fornicação ou adultério é tão grave que é necessário apresentar quatro testemunhas.

Versículo do Alcorão:

Sura XXIV, 4

Os que acusam mulheres honestas, sem quatro testemunhas, serão castigados com oitenta chicotadas e não mais admitíreis o seu depoimento, pois são perversos

TEMA

Se um homem acusar a esposa de adultério ou fornicação e não tiver testemunhas que corroborem as suas alegações, terá de jurar, em nome de Deus, que falou verdade.

Versículos do Alcorão:

Sura XXIV, 6

Os que acusarem as suas mulheres e que só eles se apresentarem como testemunhas terão de jurar quatro vezes perante Deus que dizem a verdade.

Sura XXIV, 7

E ainda a quinta vez a invocar para si a maldição de Deus, se mentirem.

TEMA

Na Arábia Saudita, as muçulmanas cobrem o rosto ou sujeitam-se a ser molestadas pelos religiosos. A discriminação sexual é absoluta em todos os aspectos da vida.

Versículo do Alcorão:

Sura XXIV, 31

Dize às crentes que baixem os olhos e observem a continência, que só deixem ver objectos exteriores, que cubram os seus com véus, que só mostrem o seus ornamentos a seus maridos ou a seus pais, ou aos pais de seus maridos, a seus filhos ou aos filhos de seus maridos, a seus irmãos ou aos filhos de seus irmãos, aos filhos de suas irmãs, ou às suas mulheres, ou aos escravos ou servos varões sem desejos [carnais], ou às crianças que ainda não distingam os órgãos sexuais da mulher.

TEMA

O Alcorão diz que a mulher já mais idosa pode pôr de parte as suas peças de roupa exteriores (véu, abaaya). O certo é que na Arábia, as mulheres andam sempre veladas, independentemente da idade.

Versículo do Alcorão:

Sura XXIV, 59

As mulheres que já não podem [conceber] e que já não esperam casar, podem, sem inconveniente, tirar os véus, sem que, no entanto, mostrem os seus ornamentos, mas sempre será melhor absteremse disso. Deus ouve e sabe tudo.

APENDICE B, AS LEIS DA ARÁBIA SAUDITA

O Código Penal da Arábia Saudita adere aos rigorosos preceitos do islamismo. A palavra “islamismo” significa “Submissão à vontade de Deus”. O conceito mais importante

do islamismo é a Shari’a, ou o “caminho”, que engloba todos os aspectos da vida determinados por Deus. Todos os adeptos da religião islâmica devem conduzir a vida de acordo com os valores tradicionais estabelecidos por Maomé, o profeta de Deus, que nasceu em Meca em 570 depois de Cristo e morreu em Medina em 632 depois de Cristo.

A maioria dos ocidentais tem dificuldade em compreender a completa e total submissão dos muçulmanos às leis do Alcorão em todos os aspectos da vida, no seu diaadia.

O Alcorão, juntamente com as tradições estabelecidas por Maomé, constitui a Lei na Arábia Saudita.

Quando vivi na Arábia Saudita, uma vez pedi a um destacado estudioso do islamismo, que era advogado, que descrevesse a aplicação da justiça na Arábia Saudita com base nos ensinamentos do Profeta. A explicação que me deu ajudou-me a perceber melhor a lei saudita.

Segue-se parte do relatório que me fez por escrito e que acho poder interessar ao leitor:

1. A Shari’a baseia-se em quatro fontes principais: o Alcorão, que tem milhares de versos religiosos revelados por Deus através de Maomé, o Seu profeta; o Sunna, constituído pelas tradições que o Profeta transmitiu mas que não estão registadas no Alcorão; o Ijma, que reúne as percepções da Ulemá, ou estudiosos da religião; e o Qiyas, que é um método através do qual juristas conhecidos concordam relativamente a novos princípios, legais.
2. O rei da Arábia Saudita não está isento das regras estabelecidos pela Shari’a.
3. O sistema judicial é complicado, mas se houver um julgamento e for apresentado recurso, aquele será revisto pelo tribunal de apelação. Este tribunal, que, normalmente, é composto por três membros, aumentará para cinco se a pena impuser a morte ou a mutilação. É ao rei que cabe a última palavra e a possibilidade de perdão.
4. Os crimes classificam-se em três divisões: Hudud, Tazir e Quisas. Os crimes de Hudud são aqueles que são denunciados por Deus; o castigo é referido no Alcorão. Os crimes de Tazir são punidos por determinação da autoridade com essa função. Os crimes de Qisas conferem à vítima o direito de retaliar.

CRIMES DE HUDUD)

Os crimes de Hudud incluem o roubo, a ingestão de bebidas alcoólicas, a difamação do islamismo, a fornicação e o adultério.

As pessoas acusadas de roubo serão punidas com o pagamento de multas, prisão ou amputação da mão direita. (A esquerda segue o mesmo destino se a direita já o tiver sido.)

As pessoas dadas como culpadas de beber, vender ou comprar bebidas alcoólicas, consumir drogas sob qualquer forma, são punidas com uma pena de oitenta chicotadas.

As pessoas culpadas de difamação do islamismo são condenadas de acordo com as circunstâncias. A dureza da pena depende do facto de serem muçulmanas ou não.

As pessoas culpadas de fornicação são flageladas. Os homens são de pé, as mulheres sentadas. Os rostos, cabeças e órgãos vitais dos culpados são protegidos. Normalmente são quarenta chicotadas, porém este número varia consoante as circunstâncias.

O adultério é o mais grave dos crimes. Se a parte culpada for casada, ele ou ela recebe a pena de morte por apedrejamento, decapitação ou tiro. O método habitual de execução é o apedrejamento. Este crime deve ser provado através da confissão ou de quatro testemunhas oculares do acto.

CRIMES DE TAZIR

Os crimes de Tazir assemelham-se aos crimes menores na América. Não existe castigo predeterminado, no entanto todas as pessoas são julgadas individualmente e a sua punição depende da gravidade do crime e do arrependimento demonstrado pelo réu.

CRIMES DE QISAS

Se uma pessoa for considerada culpada de crimes contra uma vítima ou sua família, a família ultrajada tem o direito de retaliar. A condenação é decidida pela família em privado, e o castigo é levado a cabo igualmente em particular.

Se houver um assassinio, a família tem o direito de matar o assassino da mesma maneira que o seu ente querido foi morto ou através de qualquer outro método escolhido.

Se um membro da família for morto acidentalmente (como, por exemplo, num acidente de automóvel), a família do falecido pode receber “dinheiro de sangue”. Outrora, era com os camelos que se pagava essa obrigação. Hoje em dia, a moeda de troca é o dinheiro. Há somas estipuladas para as várias circunstâncias: o pagamento pode ir dos 120000 aos 300000 reais sauditas. Se a vítima for mulher, a soma é metade da estabelecida para um homem.

Se uma pessoa mutilar alguma parte do corpo de outra, a família da vítima pode fazer o mesmo ao culpado.

QUEM PODE TESTEMUNHAR EM PROCESSOS CRIMINAIS

A testemunha deve ser sã de espírito, de idade adulta e muçulmana. Os não muçulmanos poderão não testemunhar em tribunais criminais. As mulheres não deverão testemunhar, excepto se se tratar de uma questão pessoal que não ocorreu na presença de homens. Na verdade, o testemunho de uma mulher não é considerado como um facto mas sim como uma conjectura. O tribunal poderá decidir sobre a validade do testemunho, dependendo das circunstâncias.

POR QUE RAZÃO AS MULHERES ESTÃO PROIBIDAS DE TESTEMUNHAR EM PROCESSOS CRIMINAIS

São quatro as razões que impedem os tribunais sauditas de considerarem válido o testemunho das mulheres:

1. As mulheres são muito mais emotivas que os homens e, por isso, distorcerão o seu testemunho.
2. As mulheres não participam na vida pública, portanto não serão capazes de compreender o que observam.
3. As mulheres são completamente dominadas pelos homens, estes considerados superiores pela graça de Deus; consequentemente, as mulheres prestarão testemunho consoante o que o último homem lhes disser.
4. As mulheres são esquecidas e o seu testemunho não pode ser considerado flável.

APENDICE C, GLOSSÁRIO

O significado destas palavras árabes, expressões e lugares tem sido explicado, de uma maneira geral, à medida que aparecem no texto.

Abaaya Túnica comprida e preta que as mulheres da Arábia Saudita usam por cima da roupa.

Abu Dhabi Cidade localizada nos Emirados Árabes Unidos.

Alcorão Livro sagrado do islamismo, que contém as palavras de Deus tal como foram transmitidas ao profeta Maomé.

Al Saud A família que governa o reino da Arábia Saudita.

Asir O nome tradicional dado à zona sudoeste da Arábia Saudita.

Baath Movimento político iniciado na Síria e propagado ao Iraque. A sua doutrina

centrase na unidade árabe.

Bahrein País formado por uma ilha que está ligada à Arábia Saudita por uma estrada.

Beduíno Os árabes originários, um povo nómada do deserto.

Buda Filósofo indiano que fundou o budismo.

Constantinopla A antiga capital da Turquia e do Império Otomano, a actual Istambul.

Curdos Grupo étnico e linguística que perfaz 18% da população do Iraque. Nacionalista, aspirando a um território próprio, este grupo de pessoas continua a baterse pela autonomia curda.

Damman A cidade da Arábia Saudita onde o petróleo apareceu pela primeira vez.

Darliyyad A cidade velha de Riade.

Dubai Cidade situada nos Emirados Árabes Unidos.

Ghutra O “toucado” que os árabes usam na cabeça.

Gidá Linda cidade da Arábia Saudita situada nas margens do mar Vermelho. Gidá é famosa pela população expatriada que nada e mergulha nas suas águas límpidas.

Raj A peregrinação, um dos cinco pilares do islamismo. A jornada a Meca é a grande ambição de todos os muçulmanos. Todos a devem realizar, caso tenham posses para tal.

Halawa Cerimónia em que todos os pêlos do corpo são removidos.

Haram Expressão que significa “pena” ou “simpatia”.

Harrods Grande armazém em Londres, frequentado por muitos árabes abastados.

Hejaz Designação tradicional da zona oeste da Arábia. Gidá, localizada à beira do mar Vermelho, encontra-se na área de Hejaz.

Hommous Prato árabe feito com grãodebico, normalmente servido sobre um bocado de pão de pita.

Hudud Crimes graves denunciados por Deus no Alcorão.

ibn Significa “filho de” (Khalid ibn Faiçal, filho de Faiçal).

Umen País situado no canto sudoeste da península Arábica. A mãodeobra da Arábia Saudita foi constituída, na sua grande maioria, por iemenitas. O facto de o Governo do Iémen ter permanecido leal a Saddam Hussein durante a Guerra do Golfo, levou a que a maioria dos trabalhadores iemenitas fosse expulsa do reino.

Igaal Cordão negro usado no topo do “toucado” dos Árabes.

fima Percepções que os estudiosos do islamismo retiram do Alcorão.

Jerusalém A terceira cidade mais sagrada do islamismo, presentemente sob o controlo dos Israelitas.

Kutab Método de ensino em grupo, habitualmente utilizado na Arábia Saudita antes da implantação do sistema educativo para raparigas.

Laban @IBebida refrescante, semelhante ao leite, muito apreciada no Médio Oriente.

Malaz Quarteirão residencial em Riade, famoso pelos sauditas ricos que nele vivem.

Manama Capital do Bahreín, um paísilha ligado à Arábia Saudita por uma estrada.

Meca A cidade mais sagrada do islamismo, onde Deus revelou a sua vontade ao profeta Maomé. É para ela que, todos os anos, convergem milhares de peregrinos muçulmanos.

Medina A segunda cidade mais sagrada do islamismo, designada “a cidade do Profeta” e onde este foi enterrado.

Mena House Hotel muito conhecido no Cairo, frequentado por turistas.

Mismaak A fortaleza, em Riade, que o clã Rashid utilizou na batalha de 1902 e que regressou às mãos dos AISaud.

Mutawa A polícia religiosa do islamismo.

Najd Nome tradicional da Arábia Central. É nesta região que se situa a cidade de Riade. Os habitantes são conhecidos, de um modo geral, pelo seu comportamento conservador. Os membros da família AISaud são Naydis.

Nasiriyah Zona residencial em Riade, habitada por membros da família real e sauditas excepcionalmente ricos.

Qisas O método de acordo de novos princípios legais no islamismo.

Ramadão Mês islâmico do jejum, em que muçulmanos de todo o mundo celebram a dádiva do Alcorão ao homem por Deus.

Real O real saudita é a moeda de troca da Arábia Saudita.

Riade Capital da Arábia Saudita.

Rub alKhali O grande deserto que ocupa o canto sudoeste da Arábia Saudita.

Sharila A lei de Deus para aqueles que professam o islamismo.

Souq Mercado local ou bazar.

Sunita O ramo ortodoxo majoritário do islamismo. A Arábia Saudita é 95% sunita.

Sunna As tradições do islamismo tal como foram transmitidas pelo profeta Maomé.

Suras Os capítulos do Alcorão. Ao todo são cento e catorze Suras.

Taif Estância nas montanhas da Arábia Saudita, situada perto de Meca.

Tazir Crimes de má conduta dentro da lei islâmica.

Thobe Vestimenta comprida, parecida com uma camisa, usada pelos Sauditas. A tradição manda que a thobe seja feita de algodão branco, mas durante os meses frios do Inverno é frequente usarem-na num tecido mais grosso e com uma tonalidade mais escura. (Assim que os filhos varões aprendem a andar, vestem-lhes thobes e pequenos “toucados” idênticos aos dos pais.)

Ulemá Estudiosos da religião islâmica que regulam a vida religiosa na Arábia Saudita.

Mita Ramo do islamismo que se destacou da maioria sunita devido à questão do sucessor do profeta Maomé.

APENDICE D, CRONOLOGIA

570 d.C. O profeta Maomé nasce em Meca, na Arábia Saudita.

610 O profeta Maomé tem uma visão onde Deus o declara Seu mensageiro. Nasce o islamismo.

622 O profeta Maomé escapa a uma multidão enfurecido em Meca e foge para Medina. Esta fuga passou a ser conhecida como “a Hégira”, a grande crise na missão de Maomé na Terra. O calendário muçulmano principia nessa data e tem o nome de Hégira em honra dessa viagem.

632 O profeta Maomé morre em Medina.

650 Os conselhos do profeta Maomé são reunidos e escritos. Este livro, conhecido pelo Alcorão, onde está registada a palavra de Deus tal como a transmitiu a Maomé, é a bíblia sagrada dos muçulmanos.

1446 O primeiro AISaud documentado, antepassado de Sultana, abandona a vida nómada do deserto e instalase em Dar’iyad (antiga Riade).

1744 Mohammed AISaud faz uma aliança com Mohammed AIWahhab, um professor que procede a uma interpretação rigorosa do Alcorão. As forças combinadas de um guerreiro e de um intelectual dão origem a um sistema rígido de punição para as pessoas.

18021806 Filhos de Mohammed AISaud e de Mohammed AIWahhab, inspirados pelos ensinamentos do Alcorão, atacam e capturam Meca e Medina. Inabaláveis, chacinam toda a população masculina de Taif, uma povoação a norte de Meca. Com esta vitória, a maior parte da Arábia unese sob uma única autoridade.

18431865 Os AISaud estendem a sua autoridade para sul, até Omã.

1876 Nasce Abdul Aziz ibn Saud, avô de Sultana e fundador do reino.

1887 A cidade de Riade é capturada pelos Rashid.

1891 O clã AISaud foge de Riade para o Rub alKhalí.

18931894 O clã AISaud marcha através do deserto, em direcção ao Kuwait.

Setembro de 1901 Abdul Aziz, então com vinte e cinco anos de idade, sai do Kuwait em direcção a Riade, juntamente com os seus guerreiros.

Janeiro de 1902 Abdul Aziz e os seus homens conquistam Riade. Começa a nova dinastia AISaud.

1915 Abdul Aziz AISaud faz um acordo com o Governo britânico, passando a receber cinco mil libras mensais para combater os Turcos.

1926 Nasce o pai de Sultana.

1932 Unificação dos dois reinos: Hejaz e Nayd. Sob a designação de Arábia Saudita, tornase o décimo segundo maior país do mundo.

1933 Nasce Fadila, mãe de Sultana.

Maio de 1933 A América ganha concessões (em detrimento dos Ingleses) para explorar o petróleo na Arábia Saudita.

1934 A Arábia Saudita entra em guerra com o Iémen; a paz é assinada um mês depois.

15 de Maio de 1934 Em retaliação pela guerra com o lémen, o rei Abdul Aziz é atacado por três iemenitas, armados de punhais, numa mesquita de Meca. Saud, o seu filho mais velho, atirase para a frente do pai e é ferido em vez deste.

20 de Março de 1938 É descoberto petróleo em Damman, na Arábia Saudita.

1939 A guerra na Europa incrementou a exploração petrolífera.

1944 A extracção de petróleo no reino sobe a oito mil barris por ano.

14 de Fevereiro de 1945 O presidente Roosevelt encontrase com o rei Abdul Aziz a bordo do USS Quincy.

17 de Fevereiro de 1945 Winston Churchill, primeiro-ministro da Grã-Bretanha, encontra-se com o rei Abdul Aziz a bordo do USS Quincy.

1946 A exploração petrolífera expande-se até aos sessenta mil barris por ano.

Dezembro de 1946 Os pais de Sultana casam em Riade, Arábia Saudita.

14 de Maio de 1948 É criado o Estado de Israel.

14 de Maio de 1948 Começa a primeira guerra israelo-árabe.

1948 Nasce a Rádio Meca, a primeira estação de rádio no reino, apesar da feroz oposição da Ulemá (polícia religiosa).

1952 O rei Abdul Aziz proíbe a importação de bebidas alcoólicas para os infiéis.

Novembro de 1953 O rei Abdul Aziz, avô de Sultana, morre com setenta e sete anos.

Novembro de 1953 O filho mais velho do falecido rei, Saud, de cinquenta e um anos, sobe ao trono. Faïçal, seu meio-irmão, torna-se príncipe herdeiro.

1956 Sultana nasce na família de Al-Saud, sendo a décima filha de seus pais.

Março de 1958 Com o reino a atravessar grave crise financeira, o príncipe herdeiro Faïçal assume o controlo administrativo do Governo.

Dezembro de 1960 O rei Saud afasta o irmão dos assuntos administrativos e assume o controlo do Governo.

1962 A escravatura é abolida no reino da Arábia Saudita. A maioria dos escravos continua a viver com as famílias de que eram propriedade.

1963 Abre a primeira escola feminina; os fanáticos religiosos desencadeiam um motim.

3 de Novembro de 1964 O rei Saud abdica e abandona o reino, partindo para Beirute.

Faiçal é eleito rei e Khaled, seu meioirmão, príncipe herdeiro.

1965 Apesar dos protestos, a primeira estação de televisão é inaugurada em Riade.

Setembro de 1965 O príncipe Khaled ibn Musaid, sobrinho do rei Faiçal, é abatido enquanto lidera uma manifestação armada contra a abertura da estação televisiva.

Junho de 1967 Tem início a Guerra dos Seis Dias entre Israel e os seus vizinhos árabes. A Arábia Saudita envia forças.

Fevereiro de 1969 O exrei deposto, Saud ibn Abdul Aziz, morre em Atenas, Grécia, depois de gastar mais de quinze milhões de dólares em cada ano do seu exílio.

6 de Outubro de 1973 Em Outubro de 1973, novo conflito entre Israel e os árabes. A Arábia Saudita envia tropas.

20 de Outubro de 1973 Furioso com o auxílio militar prestado pela América a Israel, o rei Faiçal anuncia uma guerra santa e um embargo petrolífero contra aquele país.

25 de Março de 1975 O rei Faiçal é assassinado pelo sobrinho, o príncipe Faiçal ibn Musaid, irmão do príncipe que foi abatido a tiro no decorrer de um motim em 1965.

25 de Março de 1975 O príncipe herdeiro Khaled é nomeado rei. Falid, seu meioirmão, passa a ser o novo príncipe herdeiro.

1977 O rei Khaled emite um decreto governamental em que proíbe as mulheres de se deslocarem ao estrangeiro sem serem acompanhadas por um membro da família do sexo masculino. Segue-se uma segunda ordem que as proíbe de irem para fora do país estudar. Ambos os decretos resultam do incidente internacional da princesa Misha'il, que foi publicamente executada depois de conhecer e apaixonar-se por outro estudante saudita, na Universidade Americana no Líbano. O seu amado foi decepado.

Novembro de 1979 A grande mesquita de Meca é atacada. Os manifestantes queixam-se de que, no reino, as mulheres trabalham fora dos seus lares. Nos meses seguintes, as liberdades das mulheres são restringidas, reagindo assim o Governo ao receio do crescente descontentamento fundamentalista.

Junho de 1982 O rei Khaled morre com um ataque cardíaco. Falid, seu meioirmão, ocupa o seu lugar; Abdullah, seu meioirmão, é nomeado príncipe herdeiro.

5 de Agosto de 1990 O Kuwait é invadido pelo Iraque. As Forças Aliadas Ocidentais reúnem-se aos exércitos árabes na Arábia Saudita para rechaçar o exército de Saddam.

1991 Os mutawas reagem com medo e hostilidade à presença de mulheressoldados. O aumento da pressão obriga o Governo saudita a aumentar as restrições sobre a população feminina de todas as nacionalidades, enquanto as facções religiosas retomam uma interpretação rigorosa do Alcorão.

FIM

Sumário

[A VIDA DE UMA PRINCESA ÁRABE](#)

[Agradecimentos:](#)

[FACTOS NACIONAIS](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[Infância](#)

[FAMÍLIA](#)

[A MINHA IRMA SARA](#)

[DIVÓRCIO](#)

[A VIAGEM](#)

[FIM DA JORNADA](#)

[AMIGAS](#)

[MULHERES ESTRANGEIRAS](#)

[O CASAMENTO](#)

[VIDA DE CASADA](#)

[Nascimento](#)

[SEGREDOS TENEBROSOS](#)

[A MORTE DE UM REI](#)

[O QUARTO DA MULHER](#)

[SEGUNDA ESPOSA](#)

[FUGA](#)

[A GRANDE ESPERANÇA BRANCA](#)

[Epílogo](#)

[POSFÁCIO](#)

[APÊNDICE A, O ALCORÃO' E AS MULHERES](#)

[APENDICE B, AS LEIS DA ARÁBIA SAUDITA](#)

[APENDICE C, GLOSSÁRIO](#)

[APENDICE D, CRONOLOGIA](#)